



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**ANTONINO CEZAR LEITE LOBATO**

**CAPITAL INTELECTUAL VERSUS CAPITAL CULTURAL  
CIENTÍFICO NO CAMPO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Belém-Pará**

**2015**

**ANTONINO CEZAR LEITE LOBATO**

**CAPITAL INTELECTUAL VERSUS CAPITAL CULTURAL  
CIENTÍFICO NO CAMPO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tese Doutoral apresentada na Linha de Pesquisa Educação: Currículo, Epistemologia e História do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para o título de Doutor em Educação, construída sob a orientação do professor Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa.

**Belém-Pará  
2015**

## **FICHA CATOLOGRÁFICA**

**Lobato, Antonino Cezar Leite, 1962-**

Capital intelectual versus capital cultural  
científico no campo acadêmico da educação física /  
Antonino Cezar Leite Lobato. - 2015.

**Orientador: Paulo Sérgio de Almeida Corrêa.**

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do  
Pará, Instituto de Ciências da Educação,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém,  
2015.

1. Educação física - Brasil (Pós-graduação).
2. Teoria do conhecimento. 3. Pesquisadores -  
Brasil. I. Título.

CDD 22. ed. 796.070981

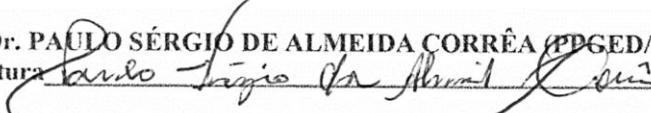
Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

**ANTONINO CEZAR LEITE LOBATO**


**CAPITAL INTELECTUAL VERSUS CAPITAL CULTURAL  
CIENTÍFICO NO CAMPO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Banca Examinadora**

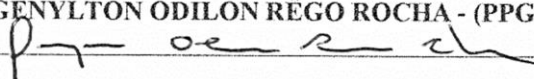
Prof. Dr. PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA CORRÊA (PPGED/ICED/UFPA) – Presidente

Assinatura 


Prof. Dr. CARLOS JORGE PAIXÃO (PPGED/ICED/UFPA) - Examinador

Assinatura 

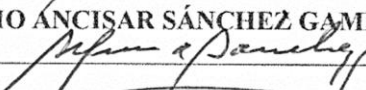
Prof. Dr. GENYLTON ODILON RÊGO ROCHA - (PPGED/ICED/UFPA) – Examinador

Assinatura 

Prof. Dr. EMMANUEL RIBEIRO CUNHA – (UEPA) – Examinador

Assinatura 

Prof. Dr. SILVIO ANCISAR SÁNCHEZ GAMBOA – (UNICAMP) – Examinador

Assinatura 

**Belém-Pará  
2015**

A meus pais (*in memoriam*) Almerindo e  
Antonina, aos meus filhos(a):Mayana,  
Lorrayne, Tony, Gabriel e Rafael

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, bem como a equipe medica que cuidou de mim, no hospital Beneficência Portuguesa por mais uma chance de viver e poder concluir esta tese.

Ao professor Dr. Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, pela sua perfeita condução neste processo de orientação. Um exemplo de competência e profissionalismo que muito contribuiu participando de todas as fases da pesquisa com sugestões, direcionamentos e encaminhamentos que permitiram a conclusão da mesma.

Ao professor Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha pela sua acolhida no programa no momento inicial, como também pelas suas contribuições na banca. Agradeço aos demais membros da banca prof. Dr. Carlos Paixão (UFPA), pelas arguições e contribuições com fontes que utilizei no texto. Emanuel Ribeiro (UEPA) pela minuciosa revisão do texto com contribuições relevantes para a tese e particularmente ao professor Silvio Gamboa, com quem dialogo bastante na tese e que muito contribuiu com suas indicações e fontes para a revisão final do trabalho.

Aos colegas da turma 2011, particularmente, ao Sergio Bandeira amigo, parceiro e irmão. Dario Azevedo, pelo apoio e incentivo neste processo de construção da tese. A Vilma pelo apoio e incentivo.

Ao governo do ex-Território do Amapá pela concessão de licença para o curso. A Universidade Federal do Pará-PPGED, pela oportunidade de proporcionar esta formação.

As mães dos meus filhos (a): Socorro, Cássia, e Cimei.

A dona Ivanilde, Aderbal, Anália que sempre foram o meu porto seguro nas idas a Macapá e agora no meu retorno pela acolhida. Ao Adervan, pelo apoio no retorno e reinstalação em Macapá. As minhas irmãs e irmãos: Ray, Graça, Ana, Luciana, Luci, José, Mario pelo apoio e incentivo em mais esta etapa da minha formação.

Ao Roberto Picanço amigo e irmão. A amiga Edilene (Amapá) pelo apoio e compreensão nos momentos da revisão final. Aos meus filhos e filhas: Mayana, Lorryne, Gabriel, Tony e Rafael, pelos momentos de ausência, mas que são a fonte da minha energia e que dão sentido a minha vida.

A Eterlene pelo apoio e força na reta final.

## UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Gostaria de me apresentar, ousando utilizar um dos desafios que Bourdieu apresenta e que sempre que vejo alguém se referir, caminha justamente no sentido oposto do que ele indica. A questão do lugar de onde falo. O lugar que Bourdieu se refere não é apenas a condição de classe, conceito que abandona parcialmente. Mas a sua posição enquanto agente no Campo em que você atua. Então vou destacar sinteticamente, nesta linha, três campos de atuação: o de professor, o de militante político e partidário e o de pesquisador, embora os três estejam interrelacionados de acordo com a noção de Campo.

No Campo de professor, venho atuando, nos vários níveis de ensino, da educação básica a superior ao longo de 30 anos de trabalho no estado do Amapá, na cidade de Macapá. Neste espaço social, atuei nas diversas posições apresentadas no debate desta pesquisa. Tanto na subárea biodinâmica, como treinador, e técnico desportivo, como na sociocultural, com ênfase na Educação Física Escolar. Influenciado fortemente pelas questões políticas e ideológicas, tenho me posicionado defendendo as posições da subárea sociocultural. Após esta pesquisa considero, concordando com Mauro Betti, que esta dicotomia precisa ser superada, entretanto, os referenciais que permitem esta superação ainda estão em construção. Durante as disputas no campo sempre defendi as mudanças nas concepções hegemônicas.

Atualmente não estou mais convencido desta posição diante da crise da ciência moderna.

Enquanto militante sindical e partidário, atuei com dirigente no Sindicato dos Trabalhadores em Educação na década de 1990, e como presidente do diretório estadual do partido dos trabalhadores (2001-2005). Considerava que as disputas que travava no âmbito pedagógico seriam decididas no âmbito político e partidário. Participei da construção de um projeto nacional que agora vejo estar encerrando um ciclo, diante da crise ética, institucional e política que se apresenta no País. Diante deste quadro a pesquisa me permitiu um olhar para o Campo político de maneira diferenciada de quando estava atuando ativamente.

Como pesquisador, após o ritual de obtenção do título de (Doutor) capital intelectual que tanto trato na pesquisa, em um Campo em construção não vou me ater por ser o objeto da tese. Entretanto, considero que todo o *habitus* que adquiri com

professor e militante, foi reconstruído, reificado com esta tese e espero poder a partir das experiências que tive realizar mais pesquisas sobre este tema que confesso foi de fundamental importância para a minha realização enquanto ser humano, para poder enfrentar os desafios que se apresenta na construção do Campo acadêmico da Educação Física.

A reflexão que trago hoje nesta tese sobre a relação do capital intelectual e científico, foi demarcada, pelo *habitus* adquirido nas minhas atuações políticas e acadêmicas em vários fóruns que atuei e participo, no sentido de refletir sobre a área. As dificuldades de implantação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, em um Estado que não possuía a formação inicial. A carência, inexistência de mestres e doutores na região Norte. A maioria dos mestres e doutores obteve a sua formação em outros lugares e instituições. Em outros campos como a educação que, em meu caso, é o programa que está oportunizando a consolidação da minha formação.

Tenho ao longo da minha formação no mestrado e doutorado produzido artigos em periódicos e eventos da área. Nos anos do mestrado publiquei mais que no doutorado. Tendo um total de 12 artigos, publicados em periódicos e eventos, disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/2963709398492735>.



## MEU ENCONTRO COM BOURDIEU

Este autor que no Campo da educação era conhecido pelos estudos de Saviani como um reprodutivista. Depois, classificado como funcionalista, por utilizar Durkheim. Em seguida considerado um pós-moderno, por combinar vários autores. Confesso que tinha certo preconceito com as suas formulações. No Campo da Educação Física sempre era citado por Bracht, Betti. Estes alegavam dificuldade de situar este autor.

Ao me debruçar com a sua teoria, foi um impacto muito grande. Apesar de durante os 30 anos de minha carreira docente ter me dedicado bastante aos estudos de epistemologia, ministrando a disciplina metodologia científica em diversos cursos de graduação e especialização. Isto é, não era um neófito nos estudos da filosofia da ciência. Entretanto diante da obra de Bourdieu, confesso que senti certa dificuldade de compreensão.

As indicações que utilizei no projeto com a teoria do Campo, a obra os usos sociais da ciência, escritos da educação. Não me permitiram uma compreensão geral do pensamento do autor. Então decidi revisar demais obras disponíveis e acessíveis. Mas foi a partir de “Coisas ditas” (2004), que passei a entender melhor o seu pensamento. Todo o meu preconceito da minha tradição marxista estruturalista a sua formulação foi se dissipando. Hoje eu reconheço que, para os objetivos da minha tese este foi um autor que ajudou a pensar as questões que formulei, sem a angústia teleológica que trazia ainda no mestrado de analisar, criticar e prescrever.

Então percebi, por que este autor é um dos mais lidos atualmente e as suas formulações teóricas são utilizadas nos mais diversos campos do conhecimento. Não para responder todas as questões, mas para possibilitar outras formas de compreensão além dos modelos clássicos de ciência, sem sair do campo da modernidade, com a noção de Campo e demais construções que dão suporte a esta noção como capital social, cultural, capital simbólico, *habitus* e poder simbólico.

## RESUMO

A finalidade desta pesquisa visou analisar o cenário epistemológico no qual se configura o Campo Científico da Área de Educação Física no Brasil a partir da produção acadêmica oriunda dos Programas de Pós-Graduação. Como se configura e caracteriza o capital intelectual e científico na produção acadêmica oriunda do campo da Educação Física no Brasil? De que maneira a qualificação de alto nível das quais se investem os docentes da educação superior titulados com mestrado e doutorado constitui um capital intelectual capaz de gerar e consolidar a produção de capital cultural científico no Campo da área de Educação Física? Como este fenômeno se metamorfoseia nas estratégias e disputas pela produtividade intelectual entre os agentes que compõem o corpo docente que atua no Campo Científico dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física classificados pela CAPES com as notas 3, 4, 5 e 6? De que forma o capital intelectual adquirido com a formação de alto nível se transfigura em capital cultural científico capaz de potencializar a geração de conhecimento nesse Campo? O estudo se pautou na análise bibliográfica e documental com fundamentação teórica na noção de Campo proposta por Pierre Bourdieu. Elegi como período histórico para análise do objeto de estudo o intervalo de 2003-2013. Os resultados apontam que o Campo da Educação Física não se reduz a reprodução de determinações externas, da ciência, da tecnologia e da produtividade implícita na atual política da pós-graduação, mas nas disputas internas do Campo, no papel dos agentes e na relativa autonomia de subcampos, nas disputas epistemológicas entre a produção dos agentes dos subcampos biodinâmica (70%) e sociocultural (30%). Nesta disputa têm prevalecido os modelos clássicos de ciência reinventados com as novas tecnologias na obtenção de dados objetivos, mensuráveis pelo impacto de sua citação e que reforçam as posições dos agentes que atuam nesta lógica de ciência. O avanço no Campo é o resultado de estratégias utilizadas pelos agentes, para obtenção de poder simbólico. As mais utilizadas são participação em rede de pesquisadores e a coautoria em artigos publicados em periódicos. As menos acionadas são a participação em entidades científicas, o estágio pós-doutoral e a participação em liderança de grupos de pesquisa. A produção de capital científico se deu de forma oscilante, assimétrica e em alguns casos não ocorreu. A formação de capital intelectual não garante que esta se converta em capital científico, pois mesmo com a sua redução, o capital científico aumentou. A relação entre a produção de capital intelectual e científico se dá de forma excludente. A ênfase que se adota é quase exclusiva na produtividade internacional, em outros casos ocorre produção internacional reduzida, mas com significativa produção nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Campo acadêmico. Capital intelectual. Capital científico. Educação Física.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the epistemological setting in which to set up the Scientific Field of Physical Education area in Brazil from the academic production from the Graduate Programs. How to setup and features the intellectual and scientific capital in the academic production from the field of Physical Education in Brazil? How high-level qualification of which are invested teachers of higher education titrated with masters and doctorate is an intellectual capital able to generate and consolidate the production of scientific cultural capital in the Field of Physical Education area? As this phenomenon is transformed into strategies and disputes over intellectual productivity among agents that make up the faculty that operates in Scientific Field of Graduate Programs in Physical Education classified by CAPES with grades 3, 4, 5 and 6? How intellectual capital acquired with the high-level training is transformed into scientific cultural capital can enhance the generation of knowledge in this field? The study was based on bibliographical and documentary analysis with theoretical foundations in the field of concept proposed by Pierre Bourdieu. I have chosen as a historical period for the object of study analysis the 2003-2013 interval. The results show that the field of physical education is not limited to reproduction of external determinations, science, technology and the implicit productivity in the current post-graduation policy but in domestic disputes do Campo, in the role of agents and the relative autonomy subfields, the epistemological disputes between production agents of biodynamic subfields (70%) and sociocultural (30%). In this dispute have prevailed classical models of science reinvented with new technologies in obtaining objective data, measured by the impact of your quote and reinforce the positions of the workers involved in this science of logic. The breakthrough in the field is the result of strategies used by agents, to obtain symbolic power. The most used are participating in the network of researchers and co-authoring articles published in journals. Less driven are participation in scientific bodies, post-doctoral training and participation in leading research groups. The production of scientific capital occurred oscillating, asymmetrically and in some instances did not occur. The formation of intellectual capital does not guarantee that it become a scientific capital, because even with the reduction, the scientific capital increased. The relationship between the production of intellectual and scientific capital takes place in an exclusive way. The emphasis that is adopted is almost unique in international productivity, in other chaos occurs reduced international production, but with significant domestic production.

**KEY WORDS:** Academic field. Intellectual capital. Scientific capital. Physical education

## RESUMEN

La finalidad de esta investigación objetivo analizar el espacio epistemológico en el que configura el campo científico del área de Educación Física en Brasil a partir de la producción académica de los programas de posgrado. ¿Cómo se configura y caracteriza el capital intelectual y científico en la producción académica en el campo de la Educación Física en Brasil? ¿Cómo la cualificación de alto nivel de los cuales se invisten los docentes de enseñanza superior con titulación de maestría y doctorado constituye un *capital intelectual* capaz de generar y consolidar la producción de *capital cultural científico* en el campo del área de Educación Física? Cómo este fenómeno sufre metamorfosis en las estrategias y las disputas sobre la productividad intelectual entre los agentes que componen la facultad que opera en el Campo Científico de Programas de Posgrado en Educación Física clasificados por la CAPES con notas 3, 4, 5 y 6 ?Cómo el *capital intelectual* adquirido con la formación de alto nivel se transforma en *capital cultural científico* puede mejorar la generación de conocimiento en este campo? El estudio se basó en el análisis bibliográfico y documental con fundamento teórico en el campo de concepto propuesto por Pierre Bourdieu. He elegido como un período histórico para estudiar objeto de análisis el intervalo 2003-2013. Los resultados demuestran que el campo de la educación física no se limita a la reproducción de las determinaciones externas, la ciencia, la tecnología y la productividad implícito en la política de postgrado actual, pero en disputas domésticas del Campo, en el papel de los agentes y la autonomía relativa de subcampos, las disputas epistemológicas entre agentes productivos de subcampos biodinámicos (70%) y socioculturales (30%). En esta diferencia han prevalecido los modelos clásicos de la ciencia reinventados con las nuevas tecnologías en la obtención de datos objetivos, medidas por el impacto de su presupuesto y reforzar la posición de los trabajadores que participan en esta ciencia de la lógica. El avance en el campo es el resultado de las estrategias utilizadas por agentes, para obtener poder simbólico. Las más utilizadas están participando en la red de investigadores y como coautores en artículos publicados en revistas. Las menores accionadas son la participación en los organismos científicos, la formación posdoctoral y la participación como líderes en grupos de investigación. La producción de capital científico se produjo oscilante, asimétricamente y en algunos casos no se produjo. La formación de capital intelectual no garantiza que se convierta en una capital científico, porque incluso con la reducción, el capital científico aumentó. La relación entre la producción de capital intelectual y científica se lleva a cabo de manera exclusiva. El énfasis que se ha adoptado es casi único en la productividad internacional, en otros casos se observa la producción internacional reducida, pero la producción nacional es significativa.

**PALABRAS CLAVE:** Ámbito académico. Capital intelectual. Capital científico. Educación Física.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição dos pesquisadores do campo da educação física dos trabalhos revisados .....	48
<b>Gráfico 2:</b> Percentuais dos pesquisadores dos trabalhos analisados do campo por gênero sexual.....	48
<b>Gráfico 3:</b> Quantidade de trabalho por ano de publicação .....	48
<b>Gráfico 4:</b> Pesquisadores por região .....	50
<b>Gráfico 5:</b> Cursos de pós-graduação em Educação Física recomendados pela Capes (1998-2000).....	89
<b>Gráfico 6:</b> Programas de mestrado e doutorado recomendados pela capes, em percentuais.....	90
<b>Gráfico 7:</b> Percentual de capital intelectual por instituição investigada.....	104
<b>Gráfico 8:</b> Quantidade de mestres, doutores e docentes por instituição.....	104
<b>Gráfico 9:</b> Aumento do número de doutores por programa e triênio.....	105
<b>Gráfico 10:</b> Capital intelectual dos programas em comparação ao número de docentes .....	106
<b>Gráfico 11:</b> Capital científico dos programas em sua produção em periódicos nacionais e internacionais.....	108
<b>Gráfico 12:</b> Capital científico dos programas em sua produção em periódicos nacionais e internacionais (2004-2006) .....	109
<b>Gráfico 13:</b> Apresentação geral dos indicadores (2003-2013).....	118
<b>Gráfico 14:</b> Percentual de participação em rede de pesquisadores dos programas investigados .....	122
<b>Gráfico 15:</b> Participação de docentes em entidades científicas.....	125
<b>Gráfico 16:</b> Percentual de docentes com estágio pós-doutoral do total por instituição 2003-2013.....	127
<b>Gráfico 17:</b> Percentual de artigos científicos em autoria e coautoria por instituição 2003-2013 .....	129
<b>Gráfico 18:</b> Percentual de artigos científicos em autoria e coautoria por instituição 2004-2009 .....	131
<b>Gráfico 19:</b> Percentual de atuação em projetos de pesquisa (2003-2013).....	133

<b>Gráfico 20:</b> Percentual de docentes que coordenam e lideram grupos de pesquisa ...	135
<b>Gráfico 21:</b> Produção capital científico por instituição.....	147
<b>Gráfico 22:</b> Percentual de presença de todos os indicadores por instituição.....	148

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro1:</b> Relação de cursos recomendados e reconhecidos.....	40
<b>Quadro2:</b> Programas de pós-graduação em educação física escolhidos para estudo....	41
<b>Quadro 3:</b> Cursos recomendados nos anos pela CAPES (1998-2000) .....	88
<b>Quadro 4:</b> Programas com mestrado e doutorado recomendados pela Capes (2013). .....	89
<b>Quadro 5:</b> Programas de mestrados reconhecidos pela capes (2013) .....	91
<b>Quadro 6:</b> Formação de mestres 1992-2003 UNICAMP/UFRGS.....	98
<b>Quadro 7:</b> Formação de doutores 1992-2003 USP/UNICAMP .....	98
<b>Quadro 8:</b> Formação de capital intelectual nos programas (2004-2006).....	101
<b>Quadro 9:</b> Capital intelectual de todos os programas (2007-2009) .....	102
<b>Quadro 10:</b> Produção de capital intelectual nos programas investigados com mestrado e doutorado (2004-2006) .....	103
<b>Quadro 11:</b> Produção de capital intelectual nos programas investigados com mestrado e doutorado (2007-2009) .....	105
<b>Quadro 12:</b> Capital intelectual e científico dos programas investigados 2004-2006...107	
<b>Quadro 13:</b> Capital intelectual e científico dos programas investigados 2007-2009...110	
<b>Quadro 14:</b> Apresentação geral dos indicadores 2003-2013.....	117
<b>Quadro 15:</b> Apresentação geral dos indicadores 2004-2009.....	119
<b>Quadro 16:</b> Docentes que atuam em rede de pesquisadores.....	121
<b>Quadro 17:</b> Participação dos docentes em entidades científicas.....	124
<b>Quadro 18:</b> Docentes dom estágio pós-doutoral 2003-1013 .....	126
<b>Quadro 19:</b> Docentes pós-doutores 2004-2009 .....	127
<b>Quadro 20:</b> Artigos em coautoria 2003-2013.....	128
<b>Quadro 21:</b> Artigos em coautoria 2004-2009 .....	130
<b>Quadro 22:</b> Projeto de pesquisa 2003-2013 .....	132
<b>Quadro 23:</b> Liderança em grupos de pesquisa .....	134
<b>Quadro 24:</b> Artigos e projetos de pesquisa.....	136
<b>Quadro 25:</b> Produção das teses por área de concentração 2003-1012 .....	144
<b>Quadro 26:</b> Produção do campo por área de concentração.....	144
<b>Quadro 27:</b> Teses defendidas por ano/instituição (2003-2012).....	146

<b>Quadro 28:</b> Quantidade produção de capital científico/instituição e pesquisador 2003-2012.....	147
<b>Quadro 29:</b> Percentual de presença e ausência de pesquisadores em projetos de pesquisa e grupo de pesquisa.....	149
<b>Quadro 30:</b> Produção de projeto por instituição e media por pesquisador.....	150
<b>Quadro 31:</b> Presença e ausência de pesquisadores em projetos de pesquisa e Grupo de pesquisa .....	150
<b>Quadro 32:</b> Produção de projeto de pesquisa 2003-2012 .....	151
<b>Quadro 33:</b> Presença e ausência de pesquisadores do campo em publicação de livros e capítulos de livros.....	152
<b>Quadro 34:</b> Percentual de presença e ausência de pesquisadores/instituição.....	152
<b>Quadro 35:</b> Produção de livros e capítulos de livros .....	153
<b>Quadro 36:</b> Presença e ausência de pesquisadores em artigos e trabalhos completos em anais de congressos .....	154
<b>Quadro 37:</b> Percentual de presença e ausência de artigos e trabalhos completos em anais de congressos .....	154
<b>Quadro 38:</b> Produção de artigos em periódicos e trabalhos completos em anais de congressos .....	155
<b>Quadro 39:</b> Percentual de produção de artigos por faixa de produção .....	156
<b>Quadro 40:</b> Presença e ausência em consultoria .....	157
<b>Quadro 41:</b> Percentual de presença e ausência em consultoria.....	158
<b>Quadro 42:</b> Artigos que tratam do campo da Educação Física no Brasil.	



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ALGED:** Asociación Latino-americana de Gerencia Deportiva;

**ABRAGESP:** Associação Brasileira de Gestão do Esporte

**AP:** Amapá

**ASSOBREFIR:** Associação Brasileira de Fisioterapia Cardiorrespiratória e Fisioterapia em Terapia Intensiva;

**BMH:** Biodinâmica do movimento humano;

**CAPES:** Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior

**CBCE:** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

**CONBRACE:** Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte

**CONICE:** Congresso Internacional de Ciências do Esporte

**EE:** Estudos do Esporte;

**EFA:** Educação Física Adaptada;

**EFS:** Educação Física e Sociedade;

**EUA:** Estados Unidos da América

**FLAE:** Foro Mercosur Latino-americano de Educación Física, Deporte y Recreación;

**MHCE:** Movimento Humano cultura e educação

**MHSP:** Movimento Humano saúde e performance

**NEPEC:** Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Currículo

**PMH:** Pedagogia do movimento humano;

**SBH:** Sociedade Brasileira de Hipertensão;

**SBMH:** Sociedade Brasileira de Motricidade Humana;

**UDESC:** Universidade Estadual de Santa Catarina

**UCB:** Universidade Católica de Brasília

**UNB:** Universidade de Brasília

**UEL:** Universidade Estadual de Londrina

**UEPEL:** Universidade Estadual de Pelotas

**UEPE:** Universidade Estadual de Pernambuco

**UFMG:** Universidade Federal de Minas Gerais

**UFPA:** Universidade Federal do Pará

**UFRGS:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFPR:** Universidade Federal do Paraná  
**UFSC:** Universidade Federal de Santa Catarina  
**USP:** Universidade de São Paulo  
**UNICAMP:** Universidade Estadual de Campinas  
**UFRN:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
**UFG:** Universidade Gama Filho  
**UFAM:** Universidade Federal do Amazonas  
**UFMT:** Universidade Federal do Mato Grosso  
**UFTM:** Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
**UFG:** Universidade Federal de Goiás  
**UFRJ:** Universidade Federal do Rio de Janeiro  
**UFSM:** Universidade Federal de Santa Maria  
**UFU:** Universidade Federal de Uberlândia  
**UFV:** Universidade Federal de Viçosa  
**UNESP:** Universidade Estadual Paulista  
**UNIMEP:** Universidade Metodista de Piracicaba  
**UNIP:** Universidade de São Paulo  
**PPGED:** Programa de Pós-Graduação em Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPITULO II: A PRODUÇÃO DO CAPITAL INTELECTUAL E CIENTÍFICO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....</b>	<b>48</b>
2.1. Cenário da pós-graduação no Brasil.....	54
2.2. A produção de capital intelectual e científico no Brasil.....	59
2.3. O cenário do campo epistemológico da Educação Física no Brasil.....	66
<b>CAPÍTULO III: A PRODUÇÃO TEÓRICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....</b>	<b>84</b>
3.1. As diversas denominações dos programas de pós-graduação.....	87
3.2. A produção teórica dos programas de pós-graduação segundo estudos realizados.....	94
3.3. A produção de capital intelectual dos programas até 2003.....	98
3.4. A produção de capital intelectual e científico dos programas segundo relatórios trienais.....	101
<b>CAPITULO IV: O CAPITAL INTELECTUAL DOCENTE SEGUNDO A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E LIDERANÇA EM GRUPOS DE PESQUISA.....</b>	<b>116</b>
4.1 A disposição dos agentes em campo.....	119
4.2 Redes de pesquisadores.....	122
4.3 Participações em associações científicas.....	125
4.4 Estágios pós-doutoral.....	127
4.5 Artigos em coautoria.....	130
4.6 Projetos de pesquisa.....	133
4.7 Lideranças em grupos de pesquisa.....	135
4.8 Artigos e projetos.....	138
4.9 Qualidade da produção.....	139
<b>CAPITULO V: PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA, DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS COMO EXPRESSÕES DO CAPITAL INTELECTUAL E O CAPITAL CULTURAL CIENTÍFICO.....</b>	<b>142</b>
5.1- A constituição do campo na produção de capital intelectual e científico.....	145
5.2- Projetos de pesquisa e grupo de pesquisa.....	151
5.3- Publicação de livro e capítulos de livros.....	153
5.4- Relação entre artigos científicos e publicações em anais de congressos.....	156
5.5- Assessoria e consultoria.....	159
5.6- As transformações de capital intelectual em capital científico.....	160
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>175</b>

<b>ANEXO A:</b> Quadro 42: Artigos que tratam do campo da Educação Física no Brasil.....	183
<b>ANEXO B:</b> Lista dos docentes investigados e respectivos lattes .....	186
<b>ANEXO C:</b> Lista dos discentes investigados: instituição atual e ano conclusão doutorado, endereço do lattes .....	195

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere na temática da produção do conhecimento na Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Este Campo Acadêmico-Científico vem se constituindo e consolidando principalmente a partir da criação e expansão dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em contexto brasileiro. A intenção foi analisar a relação entre a formação na Pós-Graduação - que chamo de capital intelectual - e na produção do conhecimento após esta formação - que denomino, na linha de Bourdieu, de capital científico.

Os debates que demandaram esta temática decorrem da crise de identidade da Educação Física na década de 1980, quando foi questionada em seu papel social e surgiram os primeiros estudos que denunciaram as finalidades dessa área. Deste modo na década de 1990 ocorreu um amplo debate de novos temas centrados na produção do conhecimento, no objeto de estudo, no estatuto científico com característica de uma crise epistemológica, conforme evidenciaram Bracht (1993, 2006, 2007) e Sánchez Gamboa (2010).

No início dos anos 2000, diante da crise da ciência moderna no contexto da pós-modernidade<sup>1</sup> e do pós-estruturalismo<sup>2</sup>, emergiram novos temas que passaram a circular no debate epistemológico, tendo o corpo em suas relações com a ética, estética, poder, linguagem se desdobrando como atualidade discursiva, relacionando-se com novos paradigmas como o cibernético-informacional, de matriz molecular - digital produzindo nova percepção do corpo, da vida, compondo a nova agenda de formação, reflexão e produção de conhecimento (SÁNCHEZ GAMBOA, 2010).

Nesta temática da produção do conhecimento no Brasil, se tem tratado, das tendências epistemológicas da produção científica. Nesta linha, a análise sobre os paradigmas presentes na produção do conhecimento nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física, se tornou objeto de pesquisa e se encontra em expansão, principalmente nos estudos de Sánchez Gamboa (2010) e nos trabalhos apresentado no

---

<sup>1</sup>No contexto da pós-modernidade, as grandes narrativas, o sujeito moderno, a ciência clássica e os ideais iluministas da modernidade são questionados, desencadeando uma crise paradigmática em todos os níveis de compreensão do ser - humano. Na condição Pós-moderna a diferença é o centro na cultura da incerteza e indeterminação (LYOTARD, 1979).

<sup>2</sup> O pós-estruturalismo valoriza os jogos de linguagem e a realidade como um texto. Nesta perspectiva o conceito de diferença vem substituir o de desigualdade da modernidade (SILVA, 1999).

em Congressos Brasileiros das Ciências do Esporte – CONBRACES<sup>3</sup> e colóquios do GT epistemologia. Refletindo e aprofundando estudos presentes nas temáticas apontadas inicialmente por Faria Junior (1986), que analisou a produção da Educação Física no Brasil, Canfield (1988), Carmo (1987) e Gaya (1987) e que se desdobraram nas produções dos primeiros mestrados e doutorados no Brasil, analisados por Silva (1990, 1997, 2000) e Sánchez Gamboa (2010).

Além destes estudos de caracterização da área, a partir da última década vem ocorrendo fértil debate, por meio de ensaios ou em balanços gerais realizados no campo sobre os desafios da Pós-Graduação, seus avanços e principais entraves. Nestes se destacam, os possíveis riscos da expansão dos programas, diante das exigências da produção do conhecimento, segundo os modelos avaliativos adotados pela CAPES, conforme estudos de Gaya (2010), Tani (1998, 2000), Bracht (1993, 2006, 2007), Kokubun (2003, 2006), Lovisolo (2003, 2007), Dacosta (2003), Sacardo (2007), e Rosa (2010).

As dificuldades enfrentadas pelos Programas para atingir os padrões QUALIS<sup>4</sup> fixados pela CAPES. A falta de uma unidade epistemológica para a área, bem como os objetivos da Pós-Graduação que segundo Kokubun (2003), devem priorizar a pesquisa e não o ensino. Estes são alguns dos dilemas que permeiam o Campo da Educação Física.

Esta indicação reacende o debate sobre os objetivos iniciais da Pós-Graduação na sua implantação, que consistiam em qualificar os docentes, para atuarem na graduação, devido ao surgimento de inúmeros cursos de graduação em Educação Física. Na medida em que, os estudos existentes<sup>5</sup> apontam que houve o crescimento dos programas e das exigências da produtividade, que a produção de capital científico no Campo da Educação Física, não apresenta a mesma elevação do capital intelectual, com a formação de inúmeros mestres e doutores.

---

<sup>3</sup>VII CONBRACE - 1991Uberlândia/MG- Produção e veiculação do conhecimento na Educação Física Esporte e Lazer no Brasil: análise crítica e perspectivas, VIII CONBRACE 1993- Belém-PA- Que ciência é essa? XIX CONBRACE - 1995- Vitória –ES- Interdisciplinaridade, Ciência e Pedagogia XVII CONBRACE & IV CONICE – 2011 – Porto Alegre/RS – Ciência e Lazer& Compromisso Social: Implicações na/da Educação Física.

<sup>4</sup>Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES, para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Este processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de dados. Como resultado disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelo programa de pós-graduação para divulgação de sua produção (PORTAL CAPES-QUALIS-PERÍODICOS 2013). ([Http://www.capes.gov.br/.](http://www.capes.gov.br/))

<sup>5</sup>TANI (2000,2007), KOKUBUN (2003,2006)

Esta produção do conhecimento na Educação Física no Brasil através das políticas de Pós-graduação em seus Planos Nacionais<sup>6</sup> trouxe do modelo americano os princípios de eficiência e produtividade. Este, após 50 anos, foi consolidado de fato no programa de avaliação da CAPES instituído no ano de 1998. O qual tem promovido controvérsias, entre os pesquisadores das áreas: da educação e particularmente da Educação Física.

O debate na seara da Pós-Graduação tem apresentado o Campo, com um objeto. Este necessita ser controlado, por mecanismos externos de avaliação para que atinja a produção consolidada segundo os critérios de produtividade instalados pela CAPES a partir do ano de 1998. Isto ocorre através da coleta de dados, avaliação dos indicadores de análise. Onde se detectam problemas e se prescrevem soluções, para a correção dos mesmos, nos ideais do modelo de ciência alemão e americano implantados por meio dos Planos Nacionais de Pós-Graduação<sup>7</sup>. Nestes se destacam os objetivos alcançados, no modelo de desenvolvimento científico e tecnológico.

Por outro lado, a busca de caracterizar as tendências epistemológicas do Campo, tem demonstrado grande contribuição no sentido de identificar temáticas e pressupostos paradigmáticos. Demonstrando que, o paradigma empírico analítico, ainda se encontra hegemônico. Contudo em disputa com os referenciais fenomenológicos e dialéticos. Tratando o campo como um objeto determinado pelo contexto histórico e econômico, que evidencia o quanto os interesses externos apresentam um fator decisivo no sentido de estabelecer regras do jogo. Reforçando um modelo de ciência hegemônico pelo imperialismo cultural científico americano<sup>8</sup> e o seu modelo de certificação da economia transportado para a ciência.

---

<sup>6</sup>A institucionalização da Pós-Graduação no Brasil: o primeiro decênio da Capes.1951-1961(GOUVEA,2012). A gestão da pós-graduação no Brasil através de seus planos nacionais: o desafio dos gestores dos cursos. (FRANÇA, 2012) O sistema CAPES de avaliação da pós-graduação: área da educação à grande área das ciências humanas (HORTA e MORAES,2005).

<sup>7</sup>O IPNPG (1975-1979), foi criado com o objetivo de institucionalizar e consolidar o sistema garantindo financiamento e padrão de qualidade. II PNPG (1982-1985), seu objetivo foi a expansão da capacitação doente. III PNPG (1986-1989) tinha como meta o desenvolvimento da pesquisa e a integração da pós-graduação ao sistema nacional de ciência e tecnologia. IV PNPG. (1997-...) Plano que iniciou, mas devido a crises econômicas não foi publicado. V PNPG (2005-2010), objetivo, fortalecimento da base científica e tecnológica para formação de quadros para mercados não acadêmicos (HOSTINS, 2006).

<sup>8</sup>Na construção da noção de campo, Bourdieu se posiciona denunciando as formas de controle e dominação das universidades dos EUA em relação às européias (BOURDIEU, 2003).

Tanto no campo científico quanto no campo das relações de classe não existem instâncias que legitimam as instâncias de legitimidade; as reivindicações de legitimidade tiram sua legitimidade da força relativa dos grupos cujos interesses elas exprimem: à medida que a própria definição dos critérios de julgamento dos princípios de hierarquização estão em jogo na luta, ninguém é bom juiz porque não há juiz que não seja, ao mesmo tempo, juiz e parte interessada (BOURDIEU, 2003, p.13).

As reflexões do renomado autor me fizeram pensar sobre o modelo de ciência construído no Brasil e que implica na produção científica das diversas áreas. Particularmente na Educação Física, em um modelo de avaliação que nos submete não só aos padrões internacionais, mas por um modelo de ciência hegemônico pelas universidades dos EUA.

Ao analisar historicamente a produção científica no Brasil, Sánchez Gamboa (2010). Identificou que, este modelo privilegiava a Pós-Graduação. Na medida em que para se promover a pesquisa, há necessidade de ser um mestre ou doutor. Isto é, capacidade de deter capital intelectual e capital cultural científico que, dependendo dos interesses e das regras, pode resultar na manutenção ou transformação do Campo. Entretanto, o autor questiona a relevância social desta formação quando se trata da pertinência da qualidade e quantidade desta produção, especialmente ao indagar:

Será que a abundante produção de dissertações e teses tendo como objetivo primeiro a titulação acadêmica tem gerado conhecimento para atender as necessidades de compreender os graves problemas sociais e educacionais do país e o avanço do conhecimento nas diferentes áreas do saber? (SÁNCHEZ GAMBOA, 2010, p.122).

Tal pergunta tem seu enunciado esclarecido pelo próprio autor, ao destacar as regras postas em jogo no Campo científico no Brasil:

É possível constatar que a falta desta qualidade relacionada com a real contribuição no diagnóstico e solução dos problemas deve-se não a falta de dedicação ou ao pouco tempo aos estudos de pós-graduação, mas sim ao desgaste com as formalidades acadêmicas, que dão prioridade ao preenchimento de requisitos visando a titulação, dentro do ‘credencialismo’ que vigora nas instituições de ensino superior, credencialismo que acentua-se, ainda mais, com a Nova Lei de Diretrizes e Bases da educação que exige na composição de um terço, do corpo docente das Universidades. O compromisso com o conhecimento científico é sacrificado em prol da titulação do credencialismo, do cumprimento de prazos e do formalismo acadêmico (SÁNCHEZ GAMBOA, 2010, p.123).

Esta questão é elucidada não apenas nesta assertiva, mas na vasta produção desse autor. Nesta são elencados os problemas da estrutura da Pós-Graduação, a questão da mudança dos modelos de áreas de concentração e linhas de pesquisa, os problemas



da inter-relação ensino e pesquisa, os retornos as questões problemas levantados, além das questões de mérito epistemológico.

A Pós-Graduação em Educação, mesmo em seu paradoxo com os demais níveis do sistema de ensino brasileiro, mergulhados em dificuldades sócio econômicas, tem sido um dos componentes que mais logrou êxito. Com a relevância social de formar recursos humanos qualificados visando o exercício da docência no ensino superior. Preparando pesquisadores para contribuir no desenvolvimento científico e tecnológico (TANI, 2000).

Neste contexto, mesmo diante dos vários desequilíbrios regionais, foi instalado no Brasil o novo modelo de avaliação da Pós-Graduação, que modificou o antigo classificado em letras A, B, C, D. Para outro, configurado por meio de notas que se hierarquizam entre 1 a 7. Classificação de periódicos, no modelo QUALIS-CAPES, com exigência de publicação da produção científica. À época, houve grande preocupação sobre como os Campos não consolidados - como era o caso da área de Educação Física - se comportariam, já que as áreas de maior tradição atingiriam facilmente, as metas estabelecidas (TANI, 2000).

A implantação deste modelo exigiu investimentos no capital intelectual do corpo docente vinculado aos Programas de Pós-Graduação. Agora, não bastava ostentar ser detentor de título acadêmico, alcançado com a formação de mestre ou doutor (capital intelectual. Posto que o trabalho nesse nicho demanda investimentos em capital científico. Isto é, depende da consolidação dos Grupos de Pesquisa e da produção do conhecimento, na área específica em que se dá essa atuação profissional, segundo a perspectiva analítica de Tani (2000, p.83).

Tem sido exigido atualmente um perfil docente mais qualificado que evidencie uma produção intelectual significativa e regular coerente com a área de concentração do programa. O envolvimento histórico com a área também tem sido valorizado para evitar-se a improvisação de recursos humanos recrutados indiscriminadamente de outras áreas.

Associado a esta exigência, estava a constatação, da heterogeneidade entre professores, que produziam muito e aqueles com baixo capital cultural científico. Os primeiros, geralmente eram chamados para funções administrativas. Tal situação refletia no tipo de divulgação da produção, sob a forma de livros e capítulos de livro, com a falta de artigos originais. Demonstrando a fragilidade da produção proveniente das

linhas de pesquisa, correspondiam a fatores, que indicavam para a não expansão da Pós-Graduação devido à perda de sua qualidade (TANI, 2000).

Logo, se instalou no meio acadêmico, a exigência de que a Pós-Graduação precisava formar não apenas pesquisadores com acúmulos sucessivos de capital intelectual, porém com capital científico materializado (além das próprias dissertações e teses, mas não exclusivamente nelas) nas produções disponibilizadas para acesso, por meio dos diversos veículos de publicação.

Os trabalhos de Silva (1990, 1997, 2000), apresentam grande contribuição à área, quando investiga em sua dissertação a produção científica dos primeiros mestrados em Educação Física. Nesse estudo, apresentou o quadro de que as pesquisas em Educação Física eram em sua maioria pertencentes à matriz empírico-analítica. Posteriormente, quando formulou sua tese de doutorado denominada, “Pesquisa em Educação Física: determinações históricas e implicações epistemológicas” ampliou sua análise mostrando os contextos econômicos e políticos em que determinam a Pós-Graduação e o modelo de ciência implantado no Brasil. Principalmente nos governos militares, dos acordos internacionais, nos quais importaram também os métodos científicos. A autora pesquisando outros programas e a produção do conhecimento ampliando para as teses e não apenas dissertações do estudo anterior apontam lentas mudanças nas abordagens. Sugere que, para se compreender tal dinâmica não se pode perder de vista o momento histórico das influências.

Entretanto Rosa (2010), analisando a produção acadêmico científica no Brasil, “aponta para o cenário, no qual o campo da EF sofre forte influência das disciplinas da biologia e da saúde” (p.158). Reforçando o que a tradição dos estudos nesta linha, tem demonstrado. Que as abordagens em paradigmas biologicistas, continuam prevalecendo, em áreas consolidadas pela ciência, mas com o surgimento de outros campos do conhecimento, pois:

Apesar da prevalência de estudos com base biológica e médica na pesquisa em EF, verifica-se, também, a presença de estudos com base não biológica e médica, ou seja, fundamentados por outros campos de conhecimento. Considerando a perspectiva de Bourdieu, a ainda incipiente inserção de outras disciplinas pode ser um indicativo de ruptura com o histórico paradigma biológico do campo de EF e corroborar sua característica multifacetada. (ROSA, 2010, p.164)

Souza (2009), analisando abordagens e temática do programa de pós-graduação em Educação Física da UNICAMP, ratifica estes dados. Mostrando que a abordagem

empírico analítica se encontra em 54% das teses e dissertações, seguido das abordagens fenomenológicas 31%, e as abordagens crítico dialéticas e pós-modernas em percentuais menores 8% e 4% respectivamente. O que segundo a autora, reforça a disputa nas abordagens biologicistas e as abordagens das humanidades, de pesquisas quantitativas e qualitativas. Estas devem ser superadas, seguindo as indicações de Sanchez Gamboa.<sup>9</sup>

Molina et al (2006), realizando uma reflexão sobre a produção no Campo, da Educação Física, investigou matrizes epistemológicas de pesquisadores, com bolsa produtividade. Aponta que, no financiamento das pesquisas via CNPq, tem prevalecido o que ele denomina de ciências duras, ligadas ao paradigma empírico- analítico, ratificando estudos de Silva (1997): empírico-analítico 55,55 % fenomenológico-hermenêutico 37,77%, crítico - dialético - 6,68%.

Frizo (2010), investigando o programa de pós-graduação em ciência da Motricidade Humana (PPGCMH/UFRGS), em uma continuidade dos estudos de Molina, seguindo referenciais de Gamboa, apresenta dados, a partir de um estudo sobre as pesquisas (teses e dissertações) desenvolvidas no período de 2000 até 2009. Observou que, a predominância teórico metodológica nos estudos analisados, recaiu no enfoque empírico analítico (73%), seguido da perspectiva fenomenológica hermenêutica (23%) e da crítico dialética (4%).

Entretanto o estudo de Chaves Gamboa (2005), analisando a produção científica do nordeste de 1982 a 2004. Indica que, em relação às abordagens, a crítico-dialética é a que representa a maior utilização 46%. Seguida da fenomenológica 34% e a empírico-analítica 16%. Segundo a autora, este fato ocorre pela inexistência de programas de Educação Física, na região no período e a maioria da formação, ter ocorrido em programas de educação, serviço social e sociologia.

Coutinho et al (2012), analisando a produção do conhecimento da Educação Física brasileira sobre o cotidiano escolar em relação aos programas de pós-graduação e

---

<sup>9</sup>Nesta polemica entre pesquisas qualitativas e quantitativas, Souza (2009) concorda com Sánchez Gamboa(2010) “quando defende que a escolha da pesquisa não pode ser reduzida apenas à opção dentre duas técnicas. Esse dualismo entre o quantitativo e o qualitativo pode limitar a riqueza da descoberta do conhecimento novo a opções que apenas fazem referência à utilização de técnicas de coleta e tratamento de dados, ou mais identificadas com análises estatísticas, ou mais identificadas com análise de conteúdo.(...), as técnicas devem estar articuladas com os métodos, com os referenciais teóricos, com as abordagens epistemológicas e com os pressupostos ontológicos e gnosiológicos, que estão implícitos em toda pesquisa científica”(p.188).

à produção de teses e dissertações, quanto às bases teóricas e metodológicas destacam que:

(...) os estudos sobre a Educação Física escolar se diferenciam quando comparados aos do campo da Educação Física de modo geral, pois essa linha de pesquisa apresenta um acréscimo no número de investigações de cunho qualitativo, correspondendo a mais de 80% dos estudos encontrados. (COUTINHO et al, 2012, p. 511)

Desse modo, o referido autor constatou que, mesmo com o crescimento dos estudos qualitativos, há uma predominância de linhas de pesquisa ligadas à atividade física e à saúde nos programas de pós-graduação. Assim como, a presença de outras temáticas, como o cotidiano escolar. Demonstrando e conquistando novos caminhos epistemológicos, no Campo da Educação Física.

Estes estudos demonstram que, o debate epistemológico, sobre o Campo da Educação Física tem avançado e está se configurando. Principalmente a partir da produção científica da área, dos referenciais teórico-metodológicos mais utilizadas, do avanço de referenciais críticos e de novas formas de compreensão da ciência. Contudo, esses, não enfatizam as implicações que verberam da obtenção do capital intelectual e sua transmutação em capital cultural científico, nas disputas no interior do Campo, conforme se demonstrado na construção desta Tese Doutoral.

A noção de Campo de Bourdieu tem sido utilizada em alguns destes trabalhos. Entretanto, ainda não foi realizada na área da Educação Física, a análise da constituição do Campo a partir dos seus agentes. Utilizando as categorias presentes na teoria de Campo de Bourdieu. Por mais que se indique que o Campo vai ser utilizado como mediador para fugir da lógica determinista ou da ciência pura não é o que tem se destacado. Essas têm sido utilizadas tematicamente e não como categorias de análise. Isto é, o Campo ainda não havia sido analisado, a partir da relação de seus elementos constitutivos. Aos diversos tipos de capital simbólico e cultural presentes nesta constituição. Na atuação dos agentes, bem como em suas estratégias de interesse e da autonomia em relação às regras externas.

Diante deste contexto analítico, formulei as seguintes indagações que subsidiaram a composição da escrita desta Tese Doutoral: 1) Como se configura e caracteriza o capital intelectual e científico na produção acadêmica oriunda do campo da Educação Física no Brasil? 2) De que maneira a qualificação de alto nível das quais se investem os docentes da educação superior titulados com mestrado e doutorado

constitui um capital intelectual capaz de gerar e consolidar a produção de capital cultural científico no Campo da área de Educação Física? 3) Como este fenômeno se metamorfoseia nas estratégias e disputas pela produtividade intelectual entre os sujeitos que compõem o corpo docente que atua no Campo Científico dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física classificados pela CAPES com as notas 3, 4, 5 e 6? 4) De que forma o capital intelectual adquirido com a formação de alto nível se transfigura em capital cultural científico capaz de potencializar a geração de conhecimento nesse Campo?

A tese que proponho se expressa no seguinte enunciado: Em que pese ser recente e ter se intensificado a partir do ano de 2000, a construção do Campo da Educação Física nos Programas de Pós-Graduação, a produção de capital intelectual tem se expandido, porém, entre os Programas classificados pela CAPES com as notas 3, 4, 5 e 6, essa dinâmica se perfaz em meio à crise epistemológica e de forma assimétrica em termos da geração de capital cultural científico, ou seja, a formação de alto nível, não garante que o pesquisador realize e contribua na produção do conhecimento para a sua área e esta não se produz de maneira uniforme. Logo, este fenômeno desencadeia a formação das zonas de tensões entre o capital intelectual e o capital cultural científico, uma vez que seus agentes passam a adotar diferentes estratégias para se projetar no campo acadêmico por meio da produção que conseguem aglutinar, nos diferentes interstícios de aplicação das avaliações trienais e amparados nas regras instituídas.

Em função dos problemas de pesquisa e da Tese conjecturada nessa investigação, foram concebidos os seguintes Objetivos ao estudo: Analisar o cenário epistemológico no qual se configura o Campo Científico da Área de Educação Física no Brasil a partir da produção acadêmica oriunda dos Programas de Pós-Graduação a ela inerentes. A partir deste objetivo geral se destacam especificamente: 1) Perscrutar sobre a configuração e características apresentadas pelo capital intelectual e científico originário da produção acadêmica que circula no campo da Educação Física no Brasil. 2) Analisar a produção e a importância estratégica do capital intelectual do qual se apoderam os docentes no processo de geração de capital cultural científico por meio da produção de conhecimento; 3) Identificar e analisar as estratégias adotadas visando projetar no campo científico os membros do corpo docente vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Educação Física classificados pela CAPES com as notas 3,4, 5 e 6; 4) Analisar as metamorfoses do capital intelectual do corpo discente, a fim de que

este se converta em capital cultural científico com repercussões na produção de conhecimento nesse Campo.

A partir de agora passarei a descrever os percursos e as opções teóricas e metodológicas adotados para a construção do objeto estudo e discussão dos dados apresentando neste momento de uma forma geral, retomando em cada capítulo a descrição dos passos metodológicos da pesquisa na forma como foi elaborada.

Ocupei-me nesta pesquisa da análise acerca da produção científica da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil, na abordagem do Campo científico adotada por Bourdieu (1983, 2004, 2009). Muito utilizada nas temáticas relacionadas ao esporte, mas pouco explorada no debate epistemológico. Para compreender a produção da área em sua relação com a formação na pós-graduação ou capital intelectual e a produção durante e após este preparo, o que denomino de capital científico.

Neste sentido enfatizei as implicações que verberam na obtenção do capital intelectual e sua transmutação em capital cultural científico nas disputas no interior do Campo, a partir dos interesses, das estratégias, da posição dos agentes. Bem como dos tipos de capital simbólico que se apresentam, nas relações objetivas do mesmo. Discutindo como este Campo se constituiu no transcurso intersticial dos ciclos de avaliações efetivados pela CAPES entre os anos de 2003-2013 e demonstrado neste relatório de pesquisa da Tese Doutoral.

A categoria teoria do Campo científico está interrelacionada, com noções apresentadas por Bourdieu (*habitus*<sup>10</sup>, capital cultural, capital científico, capital simbólico, poder simbólico) e a noção de capital intelectual, foram as opções teórico-metodológicas que utilizei para refletir e analisar a constituição do Campo da Educação Física diante da problemática apontada.

As formulações teóricas que Bourdieu elaborou, não são de fácil apresentação, em virtude de terem sido construídas ao longo de suas pesquisas e aperfeiçoadas ao longo do processo, com foi o caso da noção de Campo e de capitais.

Uma obra que mesmo os seus críticos, reconhecem a sua amplitude, na medida em que ele transita em vários campos teóricos, que vão desde a sociologia (Weber, Marx, Durkheim, Mauss, Elias, Mannheim e Goffman), fenomenologia (Husserl,

---

<sup>10</sup>Os agentes sociais não conduzidos pelo campo de forma passiva têm disposições adquiridas que chamo de **habitus**, isto é “maneiras de ser permanentes, duráveis que podem, em particular, levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo”. (BOURDIEU, 2004, p.28).

Heidegger, Merleau-Ponty), filosofia linguística (Wittgenstein e Austin) e a epistemologia neoKantiana (Bachelar, Cassirer, Panofsky e Lévi-Strauss) (VANDENBERGHE, 1999).

Antes de apresentar as características da formulação do Campo científico, vou apresentar sucintamente, a noção de capital e poder que vai nortear este conceito de Campo que é o capital cultural, capital social, capital simbólico e poder simbólico.

Bourdieu ao longo de seus estudos percebeu que, o conceito de capital econômico, não conseguia explicar a relação entre o nível sócio econômico e os resultados educacionais. O que o fez construir o conceito de outras formas de capital, tais como: capital social, cultural e simbólico. De acordo com as necessidades metodológicas do estudo, os conceitos de capital cultural e simbólico, foram o ponto de partida para a construção das categorias de capital intelectual e científico utilizadas na problematização e objetivos da pesquisa.

O capital cultural surge da hipótese de compreender o sucesso escolar para além das análises funcionalistas derivadas do capital humano relacionando o desempenho escolar com a distribuição do capital cultural entre as diferentes classe ou frações de classe. Ampliando a visão da escola não apenas como um aparelho de reprodução, determinada pelo contexto econômico. Avançando na visão de que o sucesso escolar depende não apenas do dom inatista. Inserindo no debate o capital social<sup>11</sup> e cultural, que as classes e frações de classes incorporam, herdada e reificam no processo de construção do *habitus* de acordo com as relações objetivas. Como também um Campo de disputas, que pode possibilitar a conservação ou a transformação das estruturas do Campo das instituições educacionais. Tendo o campo cultural como um espaço dessas lutas, pelos diversos tipos de capital e poder simbólico que vão derivar desta noção de capital cultural (BOURDIEU, 2007).

Capital cultural segundo Bourdieu (2007), pode se apresentar de três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado: o primeiro, ligado ao corpo e a sua incorporação exige uma inculcação e assimilação e depende do agente e dele se torna indissociável. Depende do capital cultural acumulado pela família e as condições que

---

<sup>11</sup> Capital social: “é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de relacionamento e de interconhecimento, ou em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.(BOURDIEU, 2007, p. 67)

esta terá para investir no acúmulo deste capital que irá incidir na forma objetivada. Então aparece a distinção e as desigualdades de oportunizar esses investimentos, que irão incidir no êxito na obtenção do mesmo. (...) “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa” um habitus” (...) (Bourdieu, 2007, p.75). Apresenta uma elevada dissimulação em relação ao capital econômico. Por isso tem a predisposição de funcionar como capital simbólico pelo seu (des) conhecimento (BOURDIEU, 2007).

No segundo se apresenta como bens de consumo duráveis – livros, instrumentos, máquinas, quadros, discos, esculturas etc., dependente do capital econômico para sua apropriação material. Entretanto apresenta uma interrelação com o capital incorporado para sua apropriação simbólica.

O capital cultural objetivado apresenta-se com todas as aparências de um universo autônomo e coerente que, apesar de ser o produto da ação histórica, tem suas leis transcendentais às vontades individuais, e que - como bem mostra o exemplo da língua- permanece irreduzível, por isso mesmo àquilo que cada agente ou mesmo o conjunto de agentes pode se apropriar (ou seja, ao capital cultural incorporado) (BOURDIEU, 2007, p. 78)

Isto é, para ser ativo, material e simbolicamente, deve ser utilizado, apreciado e estudado e requer que haja um capital incorporado que possibilite essa utilização seja utilizada nas disputas que ocorrem nos campos de produção cultural (Bourdieu, 2007), e “para além desses, no campo das classes sociais onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto incorporado” (BOURDIEU, 2007, p.78).

O terceiro é o reconhecimento institucional do capital cultural de um agente. Uma objetivação do capital cultural, que produz uma relativa autonomia em relação ao seu portador, como também ao real capital cultural que ele possui, em certo momento histórico. (Bourdieu, 2007). Isto é, esta certificação é um reconhecimento oficial da competência cultural, mas isto não indica o real acúmulo desse capital cultural.

Basta pensar no concurso que, a partir do continuum das diferenças infinitesimais duráveis e brutais do tudo ou nada como aquela que separa o último aprovado do primeiro reprovado, e institui uma diferença de essência entre a competência estatutariamente reconhecida e garantida e o simples capital, constantemente intimado a demonstrar o seu valor. (BOURDIEU, 2007, p.78).

Ao ocorrer este reconhecimento institucional do capital cultural, este permite a sua conversão em capital econômico que pode ser trocado no mercado de trabalho. Isso



aumenta as estratégias da explosão escolar e busca de diplomas, pelas possibilidades de oportunidades de lucros das diferentes espécies de capital cultural (BOURDIEU, 2007).

A noção de capital intelectual e científico que utilizei foi ancorada nos conceitos de capital cultural, Campo científico, *habitus*, poder simbólico propostos por Bourdieu (2004, 2007, 2009). Capital intelectual, nessa perspectiva é uma espécie de capital cultural, que é outorgado e certificado na academia e nos programas de pós-graduação da área, como reconhecimento, pelo capital cultural científico produzido (dissertações e teses). Ele deriva do capital cultural incorporado, nos anos iniciais de socialização ainda na família e se consolida e é reconhecido na forma de capital cultural institucionalizado, na forma de obtenção do título de mestre ou doutor.

Existe em disputa no campo, outra noção de capital intelectual, que vem se constituindo a partir das políticas de pós-graduação e do atual cenário de produtividade de maneira diversa do que será utilizado para análise. Para analisar essa formulação é necessário refletir sobre o interesse que esta formação de alto nível despertou. A necessidade de sua inserção nas políticas nacionais da pós-graduação.

Os interesses que nortearam esta formação vêm associados ao modelo de ciência utilizado, que será demonstrado ao longo da pesquisa e em todos os fragmentos da tese. Apresento sucintamente neste momento, para demonstrar a distinção da forma com abordei na realização da análise da pesquisa ancorado em Bourdieu.

A formação de capital intelectual no Brasil se tornou preocupação durante as primeiras fases da pós-graduação brasileira. Principalmente após os diagnósticos dos governos militares. A área da Educação Física foi identificada com uma aquela em que a pesquisa científica era quase inexistente. Este fato foi atribuído à carência de pesquisadores na área. O que levou o governo a realizar convênio com os Estados Unidos e enviar pesquisadores para se qualificarem nas universidades americanas para depois, na segunda fase, implantar os programas de pós-graduação no Brasil (BRACHT, 2007).

A ideia central norteadora do modelo americano, inspirado no modelo alemão, expressa no Parecer<sup>12</sup> que implanta a Pós-Graduação no Brasil, consistia em associar a produção do conhecimento científico com a produção de tecnologia. Para isto era

---

<sup>12</sup>Parecer 977/65, institui as diretrizes gerais da pós-graduação brasileira, para atender basicamente a três razões fundamentais, a expansão do ensino superior, desenvolvimento da pesquisa, preparação de alto nível para atender necessidades do desenvolvimento nacional.

necessária uma formação de alto nível, já que o ensino de graduação se revelava insuficiente para alcançar o aprimoramento do capital intelectual dos recursos humanos.

Estas intenções eram norteadas em estudos da relação economia e educação, da ideologia da educação como investimento, já amplamente denunciados na década de 1980 pelos estudos marxistas. Grande contribuição de parte dessa crítica adveio dos estudos realizados por Frigotto (2006) e Pires (2005). Estes contribuíram para refletir sobre aspectos ideológicos implicados na teoria do capital humano e o uso instrumental da ciência, hoje reconfigurado no conceito de capital intelectual<sup>13</sup>. Seguindo esta lógica, diante do mercado competitivo, “tem se tornado o principal recurso contínuo para o desenvolvimento das organizações” (CARDOSO, 2011, p.8).

Este conceito reificado na denominada sociedade do conhecimento que antes era considerado na relação macro com a economia e hoje em uma dimensão micro. Traz em seu princípio, a ideologia da educação como investimento visando à obtenção do lucro. Para os agentes sociais que atuam nesta lógica, os interesses na disputa no campo científico visam obter reconhecimento dos pares pela titulação e a produtividade científica exigida para se manter no campo acadêmico. Levando a uma legitimação das regras impostas e a manutenção do jogo a partir dos interesses externos em que o papel da ciência se converte em arquétipo de poder, conforme ressaltou Corrêa (2010).

Entretanto a noção de capital intelectual, que utilizei se afasta dessas formulações, que se inserem na lógica da ciência e tecnologia, derivadas do capital humano reificada com a sociedade do conhecimento. Como este é o discurso corrente nos planos de pós-graduação. Apresento para dialogar com esta posição e mostrar um olhar diferenciado na construção deste conceito ao longo deste relatório de pesquisa.

O capital intelectual na linha de Bourdieu está relacionado com o capital científico em uma conexão de interdependência. A titulação do mestre é considerada um processo inicial de formação do pesquisador que irá se consolidar no doutorado. Entretanto para ser um pesquisador qualificado e produtivo, liderando grupo de pesquisa e consolidando produção no seu campo é necessário um período para que o

---

<sup>13</sup>Capital Intelectual nesta abordagem é a soma de conhecimentos de todos de uma empresa, o que lhe proporciona vantagem competitiva. Ao contrário dos ativos, com os quais os empresários e capitalistas estão familiarizados- propriedades, equipamentos, dinheiro, constitui a matéria intelectual: conhecimento, informação, propriedade intelectual, experiência que pode ser utilizada para gerar riqueza (STEWART, 1998, p.13).

mesmo - nas disputas de poder simbólico na obtenção de capital científico - obtenha reconhecimento dos seus pares.

O capital científico também é um tipo de capital cultural que passa pelo capital intelectual (a produção científica inicia desde a formação), porém, ocorre com maior incidência após esta formação - quando o pesquisador é reconhecido e inicia a sua produção científica - para os que seguem a carreira acadêmica. A partir daí vai se intensificar a disputa por capital simbólico no campo científico. O capital científico, segundo Bourdieu, é uma das formas de capital simbólico na busca de reconhecimento científico (BOURDIEU, 2004).

A noção de poder também atravessa a lógica de combinação de várias teorias sociológicas de autores que aparentemente são incompatíveis (Durkheim, Weber, Marx), que Bourdieu vai se basear para construir essa noção de poder. Tratando o mesmo como uma produção, uma relação, pois para Bourdieu o real é relacional.

O poder simbólico é um poder invisível, subordinado, poder de fazer crer, fazer ver, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido com a força, só exerce se for reconhecido (não arbitrário). É uma forma transfigurada de outras formas de poder, que se dá em uma relação entre, os que exercem o poder e os que estão subordinados a ela em forma de violência simbólica nos campos de produção. São transformação das diferentes espécies de capital em capital simbólico (BOURDIEU, 2009).

Este poder de convencimento e aceitação dos valores dos interesses vai nortear as disputas no campo científico compreendido como um lugar em que estas disputas de capital simbólico<sup>14</sup>, ocorrem. Com a característica de possuir regras próprias, que vão ser mediadas pelo *habitus* científico, que os agentes vão adquirindo em suas práticas científicas, de acordo com suas posições e estratégias de atuação. Capital simbólico (aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social). No campo científico, é a busca de reconhecimento, na escolha dos objetos de pesquisa, no interesse por determinadas áreas. Tendo em comum a busca de capital científico que é uma forma de capital simbólico (BOURDIEU, 2009).

Estas construções teóricas de Bourdieu, como advertidas pelo próprio autor, devem ser compreendidas não de forma isolada, mas em sua interdependência e inter-relação, no interior do sistema teórico que constituem, nunca isoladamente

---

<sup>14</sup>Conceito capital simbólico na obra de Bourdieu em alguns momentos se confunde com o de poder simbólico (BOURDIEU, 2009).

(Campo, capitais, *habitus*). Agora vou me deter na noção de Campo científico em suas características principais.

Segundo Bourdieu “todas as produções culturais, a filosofia, a história, a ciência, a arte a literatura, etc., são objeto de análise com pretensões científicas” (Bourdieu, 2004, p.19). Existe a história destes Campos, que se apresentam em antagonismo nas interpretações internalistas, ou internas e externalistas ou externas. Nas proposições internalistas, principalmente na literatura e na filosofia, que sustenta que, basta ler os textos para compreender, “o texto é o alfa e o ômega e nada mais há para ser conhecido que se trate de um texto filosófico, de um código jurídico ou de um poema a não ser a letra do texto” (Bourdieu, 2004, p.19). Essas análises, que centram no texto autonomizado, segundo ele floresceu na França com a semiologia e cresce em vários outros lugares, no que se denomina pós-modernismo.

Em relação à ciência se encontram as mesmas oposições. A noção de ciência é apresentada, na forma que ele denomina também de interpretações internalistas. Representadas pela tradição da história das ciências, da história da filosofia, que “descreve o processo de perpetuação da ciência com uma espécie de partenogênese, a ciência engendrando-se a si própria, fora de qualquer intervenção no mundo social” (Bourdieu, 2004, p.20). Esta possibilidade levaria a análise da ciência pura, deslocadas das necessidades sociais.

Nessa perspectiva de análise da ciência sob a lógica interna, corre-se o risco de voltar à filosofia idealista, a “*ciência pura*”, que descreve o processo de perpetuação da ciência dissociada do mundo social como se tivesse sido criada por si própria. (...) Por outro lado, ao analisar a ciência apenas pelas suas determinações externas, sujeitas às demandas políticas e econômicas, corremos o risco de tratar a ciência como “*ciência escrava*”. (BOURDIEU, 2004, p.21. grifos nossos)

Por outro lado, ele também tenta se afastar das interpretações externalistas, citando o estruturalismo marxista - apesar de se manter no campo estruturalista - em suas determinações mecânicas e econômicas que levaria para o que denomina de, “ciência escrava”, sujeitas as demandas sociais. Neste caso aponta que, o campo científico - não mais “a” ciência em si - é um “mundo social e como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social que o envolve” (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Nesta perspectiva de análise do campo não existe “a” ciência de forma isolada em sua imanência ou determinada pelo contexto social, mas, um conjunto de práticas

científicas, que ocorrem no campo e são mediadas pelas disputas de capital intelectual e científico. Assim como, pelo poder simbólico que é obtido através da mesma. Diante dos interesses e a autonomia e que este Campo apresenta.

Nesta perspectiva de análise da concepção de ciência, como conjunto de práticas científicas. Destaca o lugar, que o pesquisador enquanto agente vai ocupar, nas disputas que ocorrem no Campo científico:

Uma autêntica ciência da ciência só pode constituir-se com a condição de recusar radicalmente a oposição abstrata (que se encontra também na história da arte, por exemplo) entre uma análise imanente ou interna, que caberia mais propriamente a epistemologia e que restituiria a lógica segundo a qual a ciência engendra os seus próprios problemas e uma análise externa, que relacionaria esses problemas às condições sociais do seu aparecimento; e o campo científico enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, uma função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência do sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas. (BOURDIEU, 2003, p.126).

Então para fugir dessas interpretações internalistas ou internas da ciência, bem como das externalistas ou externas. Como também não se situando no campo do discurso textual autonomizado, que Bourdieu cria a noção de Campo, pois segundo ele:

(...) para compreender uma produção cultural (literatura, ciência, etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual desta produção, tampouco ao contexto social (...). Minha hipótese consiste em supor que entre estes dois polos muito distanciados, onde se supõe que um pouco imprudentemente que a ligação possa se fazer existe um universo intermediário que chamo de campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece as leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20).

Então a partir desta noção de Campo, a ciência é vista, como um campo de produção, um conjunto de práticas científicas. Em que os agentes e não sujeitos ou indivíduos, das noções deterministas e subjetivistas, são inseridos no processo em uma relação ativa, na produção dessas práticas científicas. Estas serão norteadas, pelos seus *habitus* científicos e das posições em disputas de poder científico, que os mesmo ocupam neste universo, de acordo com as suas leis internas.

Para uma área em construção como a Educação Física, esta noção é fundamental para a análise da constituição deste Campo. Nos dilemas apresentados, no debate da pós-graduação. Nas disputas entre os agentes que vão nortear os modelos de ciências

presentes e as regras internas do Campo que vão se constituindo a partir das regras externas.

A construção do conceito de Campo, segundo Bourdieu, foi adotada para mostrar, que o Campo científico, representa um espaço social como outro qualquer, com suas relações de força, lutas e estratégias, interesses e lucros, mas que assume formas específicas.

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, é o espaço de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nesta luta é o monopólio da autoridade científica, definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos o monopólio da competência científica, compreendida como capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 2003, p.122).

O Campo científico é o lugar onde ocorre a disputa por capital intelectual e científico entre os agentes, de acordo com as posições e estratégias assumidas pelos mesmos em busca de poder simbólico.

Em uma analogia com a disputa de um jogo que pode parecer simples e lógico, a diferença quando se trata do Campo científico é que as regras instituídas estão elas próprias postas em disputa e dependem dos interesses que envolvem no mesmo sujeito, de um lado, o capital intelectual e de outro, o capital cultural científico, bem como as posições funcionais e estratégias que são mobilizadas ante as formas institucionais existentes, que é o caso dos Programas de Pós-Graduação da área de Educação Física. Nas palavras de Bourdieu.

Os agentes sociais estão inseridos nas estruturas e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem delas próprias, em grande parte, dessas posições nos limites de suas disposições. Estas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a transformação e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição nos limites de suas disposições (isto é de sua trajetória social, de sua origem social) que são mais ou menos apropriadas à sua posição. (2004, p.29).

Estas formas estão marcadas pelo interesse, que se estabelece na disputa entre os agentes, pelo grau de autonomia do campo, pela interação entre o político e o

epistemológico, e nas transfigurações do capital social<sup>15</sup> em capital cultural, capital cultural científico nos processos de sua reconfiguração.

Essas regras dependem do poder de refração, do interesse e podem ensejar - dependendo do estágio em que o Campo se encontre - uma relativa autonomia em relação às regras externas. Nem se situando no polo oposto da subjetividade e da filosofia do sujeito, quanto vai buscar o papel dos agentes nessas relações internas do campo.

Estas formulações estão enfocadas no referencial teórico metodológico utilizado, atendendo os princípios do pensamento relacional e da vigilância epistemológica. Essa referência será retomada e em cada capítulo de acordo com necessidade que a análise exigiu para os dados da pesquisa.

A análise desenvolvida se situou na perspectiva epistemológica de estudos que se caracterizam pela análise da produção do conhecimento, denominados de ciência da ciência.

Seguindo esta lógica a epistemologia é entendida não como, na tradição da filosofia, com os estudos da teoria do conhecimento e da lógica. Tratando a ciência como um objeto a ser alvo de reflexão, mas como um processo um devir uma produção que foi construída em sintonia com as demandas que o objeto exigiu nas relações objetivas da construção do campo da Educação Física (JAPIASSU, 1975).

Nesta linha o real não é um objeto estático a ser desvelado, mas uma relação que se estabelece na construção do Campo científico, nas dimensões políticas, culturais, sociais e epistemológicas que disputam posições na área de incidência de meu foco de investigação.

Deste modo não demarquei categorias de análise antecipadas para serem testadas no objeto, mas elegi pontos de partida a partir dos marcos apresentados. Estes, foram objeto de reflexão e análise, no momento da realização da pesquisa. As categorias foram sendo construídas a partir dos dados obtidos durante a investigação.

Assim a análise se centrou, seguindo os objetivos propostos, na constituição do Campo nos programas investigados a partir da relação entre o capital intelectual e científico. Considerando a atuação dos agentes neste processo no referido Campo. Então o estudo se caracterizou em uma análise da constituição do Campo a partir de sua

---

<sup>15</sup> Segundo Bourdieu (2003, p.127) a luta pela autoridade científica é uma espécie de capital social, que pode ser reconvertido em outras espécies de capital, dependendo das características dos produtores e da autonomia do campo científico.

produção científica de acordos como o papel dos agentes e suas posições na constituição deste Campo, portanto nas suas relações objetivas.

Este Campo da Educação Física não foi analisado em sua totalidade,<sup>16</sup> mas em uma pequena, porém representativa amostra dos programas da área. Esta permitiu a obtenção dos dados que estavam em questão, de acordo como os objetivos da pesquisa.

Neste sentido, o objeto de estudo incidiu na relação estabelecida entre o capital intelectual e o capital científico no Campo acadêmico da área de Educação Física no Brasil. Isto é na análise da produção científica dos docentes e discentes dos programas investigados, como também em suas atuações em busca de produtividade e reconhecimento. A posição que os mesmos ocupam no Campo de acordo com as suas estratégias de atuação em função da forma que se posicionam diante das regras externas e internas existentes em seus programas.

Deste modo, realizei uma análise acerca da produção científica de quatro programas de Pós-Graduação em Educação Física (USP, UNICAMP, UFRGS e UDESC). Verificando a constituição deste Campo em sua relação com a formação na pós-graduação ou capital intelectual e a produção durante e após este preparo, o que denomino capital científico.

O cenário da criação do objeto de estudo que será tratado no capítulo II, foi a consolidação da pós-graduação no Brasil, a partir de novos marcos regulatórios, implantados em 1998. As mudanças das políticas nacionais, que privilegiava a formação do pesquisador-professor. Ampliação dos programas no eixo Sul-Sudeste e o crescimento paulatino da pós-graduação em Educação Física nas regiões Nordeste e Centro Oeste. Bem como a inexistência de programas no Norte do país. Disputa dos agentes e produção do capital científico, em um campo relativamente novo, em formação e consolidação. Em busca de referenciais teórico-metodológicas que auxiliem a resolver os dilemas apresentados à área no embate entre as ciências da natureza, ciências humanas e novas abordagens teórico-metodológicas.

O percurso para criação deste objeto decorreu do processo de mudança de orientação, com a substituição do tema e objetos em construção, mas que perpassa parte das minhas experiências como membro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Nos debates ocorridos na construção do Campo da Educação Física, dos quais

---

<sup>16</sup>Exceção do capítulo III em que houve a necessidade de se caracterizar o campo em todos os programas através de estudos realizados, na denominação dos programas e na formação de capital intelectual em um período anterior a 2003 para comparar com o período proposto 2003-2013.



participei ativamente,<sup>17</sup> nos momentos da crise de identidade e epistemológica instaurada no Campo da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990.

Inquietações como representante de uma entidade científica (CBCE-AP) na dificuldade de encontrar sócios pesquisadores com produção para socialização em eventos. Produzir conhecimento no Norte, fora dos Programas de Pós-Graduação, igualmente aguçaram minha curiosidade para estudar a temática proposta nesta Tese.

A produção de artigos para as disciplinas<sup>18</sup> em tentativas de se construir o estado do conhecimento na exploração de temáticas, assim como os debates epistemológicos na turma de doutorado em educação do PPGED-UFGPA que me inquietaram sobre crise da ciência e dos temas apresentados pós-modernismo<sup>19</sup> e pós-estruturalismo onde a própria epistemologia foi questionada em seu estatuto. No exercício da função de professor na graduação e em especializações. Onde a pesquisa é tratada apenas como técnica de ensino, por falta de grupos de pesquisas, de doutores para atender as exigências institucionais cobradas nas avaliações dos cursos. Esses fatores contribuíram com o amadurecimento das inquietações, que discuti à luz do debate envolvendo o Campo da Educação Física e a produção do conhecimento que se construiu nos últimos anos no Brasil.

Então foi realizado a partir dos critérios definidos, um recorte nos programas de pós-graduação da área em apenas quatro programas, selecionados. Entretanto em alguns momentos quando se discutiu as denominações dos programas se apresentou uma panorâmica do campo em todos os programas, para uma caracterização do mesmo em suas denominações a partir dos mesmos.

---

<sup>17</sup>I Seminário Amapaense de Políticas Públicas para a Educação Física, Esporte e Lazer, 1999. (Seminário) Coordenador Geral do Evento. XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. (Congresso) Apresentação Oral no(a) IX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1995. (Congresso) História da Educação Física no Amapá na década de 80. Apresentação (Outras Formas) no(a)II Seminário Amapaense de Pesquisa, 1991. (Seminário) Coordenador de trabalho de grupo/Painelista. I Congresso Amapaense de Profissionais em Educação Física, 1991. (Congresso) VII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1991. (Congresso) I Congresso de Educação Física, 1991. (Congresso) I Seminário Amapaense de Pesquisa, 1990. (Seminário) Conferencista no(a) III Seminário Amapaense de Educação Física, 1989. (Seminário) A busca de novos rumos para a Educação Física. V Congresso Brasileiro de Profissionais em Educação Física, 1989. (Congresso)I Conferência Brasileira do Esporte na Escola, 1989. (Simpósio) V Conferência Brasileira de Educação, 1988. (Congresso).

<sup>18</sup>Disciplinas: Seminário de tese I: “O estado do conhecimento sobre a produção do tema formação inicial em Educação Física”, Perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa em currículo e formação de professores: “O currículo em Educação Física e a formação profissional”.

<sup>19</sup> Para uma crítica ao pós-modernismo e o pós-estruturalismo, ver EAGLETON “Depois da Teoria”, (2005), WOOD e FOSTER, “Em defesa da História: marxismo e pós-modernismo” (1997).

Em 2013 a relação de Cursos e Programas da área de Educação Física recomendados e reconhecidos com a conceituação aplicada pela CAPES, apresentou: 2 programas com nota 6 (Educação Física (USP-SP) e Ciência da Motricidade (UNESP/RC-SP)); a nota 5 é exibida por 3 programas (Ciências do Movimento Humano (UFRGS-RS), Educação Física (UFPR-PR), Educação Física (UFSC-SC)); existem 7 com nota 4 (Ciência do Esporte (UFMG-MG), Ciência do Movimento Humano (UNICSUL-SP), Educação Física (UCB-DF), Educação Física (UGF-RJ), Educação Física (UNICAMP-SP), Educação Física (USJT-SP), e Educação Física (UEL-PR), e 15 programas com a nota 3 mestrado acadêmico e 1 com nota 3 de mestrado profissional de um total de 30 programas demonstrado no quadro abaixo:

**QUADRO1:RELAÇÃO DE CURSOS RECOMENDADOS E RECONHECIDOS**

GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS DA SAÚDE						
ÁREA: EDUCAÇÃO FÍSICA						
PROGRAMA	IES	UF	NOTA			
			M	D	F	
CIÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA	UNIVERSO	RJ	3	-	-	
CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE	UNESP/RC	SP	6	6	-	
CIÊNCIAS DO ESPORTE	UFMG	MG	4	4	-	
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO	<b>UFRGS</b>	<b>RS</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	-	
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO	<b>UDESC</b>	<b>SC</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	-	
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO	UNICSUL	SP	4	4	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UNB	DF	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UCB	DF	4	4	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFES	ES	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFV	MG	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFTM	MG	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFMT	MT	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFPR	PR	5	5	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFRJ	RJ	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UGF	RJ	4	4	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFRN	RN	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFSM	RS	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFPEL	RS	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UFSC	SC	5	5	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	FUFSE	SE	3	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	<b>USP</b>	<b>SP</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	<b>UNICAMP</b>	<b>SP</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	UNIMEP	SP	4	-	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA	USJT	SP	4	4	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA - UEL - UEM	UEL	PR	4	4	-	
EDUCAÇÃO FÍSICA FESP - UPE - UFPP	FESP/UPE	PE	3	-	-	
EXERCÍCIO FÍSICO NA PROMOÇÃO DA SAUDE	UNOPAR	PR	-	-	3	
FONOAUDIOLOGIA	UNESP/MAR	SP	3	-	-	
REABILITAÇÃO E DESEMPENHO FUNCIONAL	USP/RP	SP	4	4	-	
TERAPIA OCUPACIONAL	UFSCAR	SP	3	-	-	

**Fonte:** <http://www.capes.gov.br/cursos-recomendados>. Acesso em: 20/01/2013

Legenda: M - Mestrado Acadêmico; D – Doutorado; F - Mestrado Profissional; M/D - Mestrado Acadêmico/Doutorado

\* Nota Avaliação Trienal 2007

A amostragem selecionada, delimitou a 4 Programas de Pós-Graduação em Educação Física. Um de nota 6 (USP), outro de nota 5 (UFRGS), um de nota 4 (UNICAMP), e um classificado com a nota 3 (UDESC-SC).

O critério inicial foi que as instituições apresentassem características comuns de pertencerem à esfera pública e que, nos dados da última certificação concedida aos mesmos na última avaliação realizada pela Capes relativa ao triênio 2007-2009, apresentassem as notas: 3, 4, 5 e 6. No caso não foi aplicada nenhuma nota 7 (sete).

**QUADRO 2: PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLHIDOS PARA ESTUDO**

<b>Instituição</b>	<b>Programa</b>	<b>Mestrado</b>	<b>Doutorado</b>	<b>Ano de início</b>
USP-SP	Educação Física	X	X	1977/1989
UNICAMP-SP	Educação Física	X	X	1988/1999
UFRGS-RS	Ciências do Movimento Humano	X	X	1989/1999
UDESC-SC	Ciências do Movimento Humano	X	X	1997/2009

**Fonte:** [http://www.capes.gov.br/produção bibliográfica distribuída segundo a estratificação Qualis, teses e dissertações defendidas e números de docentes permanentes, triênio 2007-09, e nota final da avaliação 2010](http://www.capes.gov.br/produção_bibliográfica_distribuída_segundo_a_estratificação_Qualis_teses_e_dissertações_defendidas_e_números_de_docentes_permanentes_triênio_2007-09_e_nota_final_da_avaliação_2010). Acesso em: 04/02/2013.

Outro critério, para a seleção, foi o tempo de funcionamento a partir da criação e consolidação dos Programas selecionados. No caso do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da USP, este é o mais antigo, com mestrado criado em 1977 e doutorado em 1989. Na UNICAMP, o mestrado surgiu em 1988 e doutorado em 1993, portanto, também se encontra consolidado. A UFRGS teve seu mestrado inaugurado em 1989 e doutorado no ano de 1999, dos três é o mais recente, mas já conseguiu atingir a nota 5, considerada de excelência nacional. Com a sua primeira turma formada em 2003. A UDESC-SC, por sua vez, conta com os níveis de mestrado e doutorado, tendo sido criado em 1997 e 2009 respectivamente. Logo, em processo de consolidação.

Esta foi, a delimitação do campo para análise, embora no capítulo II, a partir dos estudos revisados se apresente os demais programas do campo. Para identificar momentos históricos de crescimento e as disputas que ocorreram nas denominações dos programas a formação de capital intelectual.

O período proposto para estudo da produção se justifica, por ter sido o momento, que coincide com a consolidação, dos novos critérios de avaliação no modelo QUALIS-CAPES. Tendo como periodização de início o ano de 2003. Esse foi o momento de

análise, da formação de capital intelectual acadêmico oriundo dos Programas. O ano de 2013, por sua vez, foi o termo final do período histórico do objeto de estudo. Durante a vigência de três ciclos de avaliações trienais, aplicadas aos Programas de Pós-Graduação. Com algumas modificações, destacadas em cada capítulo da tese.

As fontes históricas foram assim analisadas: no primeiro momento enfatizei a revisão da produção do conhecimento nas teses e dissertações a partir do banco de dados da CAPES nos últimos 10 anos. A fim de complementar a construção do estado do conhecimento no campo da Pós-Graduação em Educação Física, identificando as principais temáticas tratadas e seus referenciais teórico-metodológicos.

Com relação ao segundo momento, realizei a revisão da produção do conhecimento no campo da Pós-Graduação na área de Educação Física. Assumindo por referência alguns dos principais periódicos, tais como: Revista do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE); Revista Movimento (UFRGS), e a Revista Brasileira de Educação Física (USP).

O terceiro passo envolveu as fontes relacionadas aos Relatórios Anuais e Trienais de Avaliação da CAPES, documentos de área, 1998-2009, cadernos de indicadores, em suas planilhas nos anos de 2003-2009. Com o intuito, de perceber a relação entre o capital intelectual e o capital cultural científico.

O quarto momento, incidiu na análise dos Currículos do corpo docente permanente, dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física eleitos para estudo, disponibilizados na Plataforma Lattes no sítio <http://www.cnpq.br>. Por meio das quais foi examinado o capital intelectual dos docentes, mediante análise do perfil de formação profissional/acadêmica obtida a partir do mestrado e doutorado. Bem como as suas estratégias de projeção no Campo, a partir dos seguintes indicadores: rede de pesquisadores, participação em associações científicas, estágio pós-doutoral, artigos completos publicados em periódicos, projetos de pesquisa e liderança em grupo de pesquisa.

O quinto momento incidiu na análise dos Currículos do corpo discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física eleitos para estudo, disponibilizados na Plataforma Lattes no sítio <http://www.cnpq.br>. Por meio das quais, foi examinado o capital científico, durante e depois da obtenção *do* capital intelectual dos mesmos. Mediante análise, das metamorfoses do capital intelectual produzidas. Com o intuito de que este se converta em capital cultural científico, a partir dos seguintes indicadores:

projetos de pesquisa, produção de livros, capítulos de livros, artigos científicos, trabalhos completos publicados em anais de congresso e consultorias e assessorias.

As fontes foram catalogadas em oito eixos: 1) Artigos sobre a pós-graduação. Abordam, especificamente a avaliação da produção na Pós-Graduação, avaliando os seus entraves, produção do conhecimento, identificando pressupostos epistemológicos de Programas e de Regiões. 2) Artigos sobre campo acadêmico-científico. Exploram a temática da Educação Física em suas relações com a ciência, apresentando posições não consensuais e tratando da produção do conhecimento da área, assim como de temas em que as questões epistemológicas se encontram presentes e os dilemas da Pós-Graduação são tratados de forma secundária. 3) Artigos sobre a produção em periódicos. Destacam-se por balanços sobre a produção que circula em revistas, principalmente do CBCE, ao longo dos seus 34 anos de existência, como também forjam representações envolvendo o debate epistemológico dos pressupostos característicos dessas produções. 4) Teses que tratam da temática a partir do banco de teses da Capes e do Nuteses. 5) Livros que tratam dos referenciais teóricos que abordam o tema. 6) Relatórios de avaliação trienais, relatórios de avaliação da área, caderno de indicadores. 7) Currículo Lattes dos docentes e discentes dos programas escolhidos. 8) Teses e dissertações produzidas no período proposto nos programas.

A justificativa da pesquisa, que ora apresento, se pautou em destacar as relevâncias da mesma nos seguintes aspectos: pessoal, institucional e científico. Na dimensão pessoal, destaco a importância que a pesquisa trouxe para mim no processo de construção e consolidação da mesma. Na institucional procuro apontar a importância para a instituição e o grupo de pesquisa que pertencço e a científica para indicar onde a tese se insere e avança no debate sobre a referida temática e o objeto de estudo.

Do ponto de vista da relevância pessoal, esta se apresenta primeiro por consolidar minha formação como pesquisador. Contribuir com o reconhecimento perante os meus pares por um capital tanto intelectual quanto científico. Prosseguir na produção visando a consolidação acadêmica dos programas existentes, lutando para implantar uma Pós-Graduação em Educação Física no Norte, uma vez que só recentemente o Nordeste conseguiu, na UEPB (2007) e na UFRN (2011), respectivamente.

Em relação à relevância institucional, a pesquisa pode se tornar uma contribuição original para refletir sobre a produção do capital intelectual e do capital

cultural científico nos Programas de Pós-Graduação, buscando o fortalecimento do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Estimulando a produção e socialização do conhecimento não apenas na lógica da produtividade consolidada<sup>20</sup> em nosso país. Em novas dimensões nas quais se repense os papéis dos agentes que disputam posições no Campo Científico da Educação Física em suas integrações com o ensino e a extensão.

Adicionalmente à relevância institucional, a pesquisa incidirá no fortalecimento da Linha de Pesquisa Educação: Currículo, Epistemologia e História, da qual faço parte no PPGED-UFGA. Assim como na produção, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Currículo- NEPEC, liderado pelo Orientador da investigação em tela.

Quanto à relevância científica, destaco a contribuição no debate epistemológico sobre o Campo científico na área da Educação Física – enquanto campo acadêmico científico em constituição. Diante do cenário epistemológico da pós-graduação brasileira – não utilizo posições deterministas que apontam para a ciência em uma lógica que parafraseando Bourdieu, leva a uma ciência escrava. Como também não me restrinjo às formulações que se situam, na lógica interna da ciência, discutindo apenas seus pressupostos epistemológicos. Utilizei a “lógica” do Campo a partir dos seus elementos constitutivos. Principalmente do papel, posição, atuação e produção dos agentes. Isto possibilitou visualizar, a partir destes marcos e da definição do objeto o estágio em que se encontram as disputas no Campo.

A contribuição no debate sobre produtividade na Pós-Graduação na área da Educação Física no Brasil, discutida a partir do entendimento, da relação entre capital intelectual e capital científico. Demonstro as práticas científicas predominantes, que se projetam em face das novas regras do jogo institucional a que são submetidos os programas avaliados. Aponto os campos e subcampos que mais se fortalecem, diante das regras internas do campo e as dificuldades de participarem dessa disputa. Assim como apresento dados que fundamentam, ratificam e coincidem com recente posição do fórum nacional de pós-graduação da subárea sociocultural e pedagógica. Demonstrando que dos programas investigados 70% se encontram na perspectiva biodinâmica do movimento humano e 30 % se encontram na perspectiva sociocultural.

---

<sup>20</sup> Muitas têm sido as críticas ao modelo de formação de pesquisadores e de produção do conhecimento nos cursos de graduação e pós-graduação que se fundamenta na lógica de um produtivismo que privilegia a prática de uma ciência alienada (GAYÁ, 2006, p.200).

Outro destaque da relevância científica foi o de apresentar, o estágio atual que o Campo se encontra em relação a sua autonomia. Destaco que muito do que se tem comemorado como produtivismo é o resultado das estratégias utilizadas pelos agentes em busca de projeção. O que tem ocorrido em decorrência dessas estratégias, nos programas bem pontuados. Com a produção científica (capital científico) ser considerada uma prioridade. Em detrimento da formação (capital intelectual). Essa última além de ser uma necessidade, principalmente na formação de doutores é um dos critérios de avaliação dos programas.

Nesta relação, ressalto a partir dos dados obtidos que a produção de capital científico está indissociada da formação do capital intelectual. No entanto, esta, não se dá de forma mecânica e automática. Depende da posição que os agentes adotam nas disputas e no processo da obtenção de capital científico. Esse processo vem desde a sua formação e se consagra de acordo como os tipos de capital científico produzidos. Assim como no estágio em que o Campo da Educação Física investigado, se encontra.

Este relatório de pesquisa está organizado em cinco capítulos, sendo a introdução considerada capítulo um - de acordo como as normas da instituição (UFPA) - momento em que apresento a forma como o trabalho foi construído e nos demais capítulos expressos os fragmentos do texto do relatório de pesquisa da tese constituída. Na introdução abordo o tema, objetivos, problema, apresentando a tese, os procedimentos teórico-metodológicos, bem como a justificativa da pesquisa.

No capítulo II trato da produção de capital intelectual e científico no Campo da pós-graduação da Educação Física no Brasil. A partir do cenário e das fases de produção de capital intelectual, da pós-graduação no Brasil para adentrar na área da Educação Física e na construção do Campo acadêmico e profissional. Nos dilemas epistemológicos da área e dos pressupostos norteadores da produção de capital intelectual a partir da revisão de trabalhos selecionados. Apresento neste capítulo, o cenário Epistemológico da produção do capital intelectual e científico no Campo da Educação Física no Brasil. Abordando as questões do cenário da pós-graduação no Brasil para identificar a lógica das regras externas e a tentativa de inserir neste cenário o campo epistemológico da Educação Física no debate sobre o Campo acadêmico e profissional.

No capítulo III, exploro a produção teórica no Campo da Educação Física nos programas de pós-graduação da área e mais especificamente dos programas

investigados. A produção geral dos programas foi revisada a partir da produção bibliográfica. Tive também como referência os relatórios trienais e relatórios de área dos dois últimos triênios disponíveis 2004-2006 e 2007-2009. Seguindo a lógica da teoria de Bourdieu, tratei mais das questões internas da pós-graduação em sua relação com as regras externas, procurando refletir a relação do capital intelectual e capital científico na lógica da produtividade dos programas da UNICAMP, UFRGS e USP. Sobre a UDESC-SC, não encontrei nenhuma produção bibliográfica sobre o programa, por isso a sua produção será vista apenas pelos relatórios citados.

No capítulo IV, examino as estratégias adotadas para projetar os membros do corpo docente vinculado aos programas inspecionados em busca da autoridade científica no campo de imersão. Descrevo analiticamente a constituição deste Campo a partir do papel dos agentes em relação às estratégias utilizadas para projeção no campo em busca de capital intelectual e científico.

No capítulo V, trato da produção bibliográfica dos discentes que tiveram suas teses defendidas como expressões do capital intelectual e o capital cultural científico, identificando as principais temáticas investigadas e suas relações com as áreas de concentração e linhas de pesquisa, bem como as metamorfoses e as produções científicas presentes no processo de formação do capital intelectual transformado em capital científico após esta formação.

Nas conclusões apresento os argumentos finais decorrentes do processo de produção do conhecimento consubstanciado no texto deste relatório de pesquisa de tese doutoral.



## CAPITULO II

### A PRODUÇÃO DO CAPITAL INTELECTUAL E CIENTÍFICO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

O objetivo deste capítulo consistiu em perscrutar sobre a configuração e características apresentadas pelo capital intelectual e científico originário da produção acadêmica que circula no campo da Educação Física no Brasil.

As reflexões que desenvolvi nesta parte da tese tiveram seu lastro no seguinte problema de pesquisa: Como se configura e caracteriza o capital intelectual e científico na produção acadêmica oriunda do campo da Educação Física no Brasil?

Para refletir sobre esta questão, no percurso metodológico inicial, inspecionei o banco de teses da Capes ([www.capes.br/qserviços/bancodeteses](http://www.capes.br/qserviços/bancodeteses)), nos resumos disponíveis, usando o descritor “a produção do conhecimento na pós-graduação em Educação Física”. Em seguida, examinei um conjunto de textos veiculados no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, de 1978 a 2013. Posteriormente, realizei a captura, leitura e análise dos trabalhos citados nos artigos selecionados (1993-2013) nos seguintes periódicos: Revista Movimento (UFRGS), Revista pensar a Prática (UFG), Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP). Além de livros que foram organizados com a publicação dos artigos.<sup>21</sup>

Priorizei não só os artigos que tratavam das questões da pós-graduação de forma central, mas também aqueles que de forma secundária se referiam à construção do Campo na Educação Física, além dos artigos sobre a produção de periódicos. Entre os trabalhos que tratam do Campo da Educação Física, foram investigadas, diversas produções, conforme quadro: 30, “Artigos que tratam do campo da Educação Física no Brasil” disponível nos anexo A.

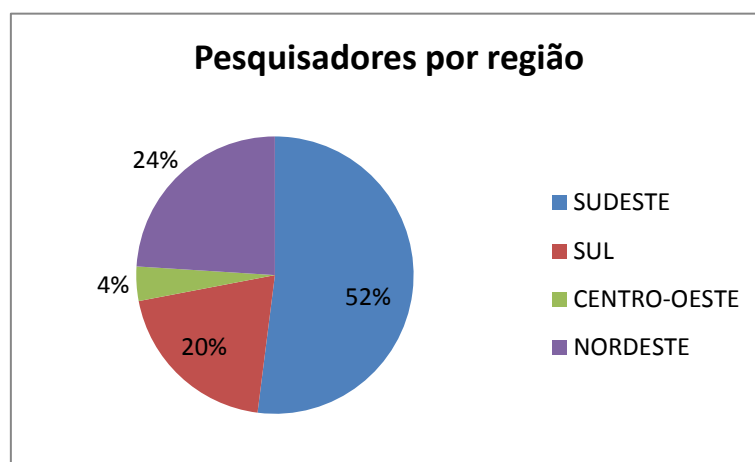
A maioria dos pesquisadores (a), citados nos artigos analisados, pertence à região Sudeste que, como será demonstrado, apresenta o maior número de programas para a área. Entretanto merece destaque, no debate desta temática, a segunda região com maior número de pesquisadores utilizados serem do Nordeste. Região em que a pós-graduação vem em processo de construção com autorização dois mestrados recém-

---

<sup>21</sup>Bianchette e Sguissard (2009), Bracht (2007), Gamboa (2010), Carvalho e Assbú (2007).

criados, superando a região sul, que possui uma tradição de pesquisa na área (1993-2011).

**GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS PESQUISADORES DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS TRABALHOS REVISADOS.**

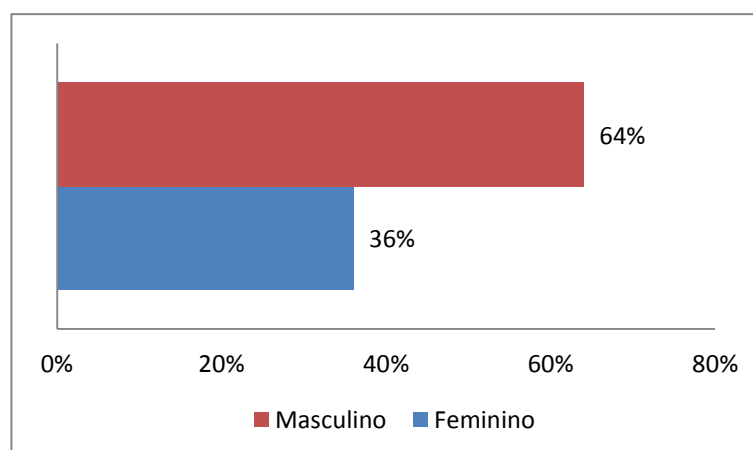


Fonte: Própria pesquisa.

No Nordeste mesmo com programas recém-criados na área, os (a) pesquisadores do Campo vem realizando sua formação e produzindo conhecimento na área em programas de outras regiões do país ou no exterior e vem, em programas de pós-graduação em Educação Chaves (2010). Isto ocorreu com a criação de linha de pesquisa específica para a Educação Física nos programas de educação, como na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN) antes da criação do mestrado em Educação Física e ainda acontecem nos demais programas do Nordeste.

A maioria dos (a) pesquisadores (a) é do gênero masculino. Este hegemoniza a produção, mas com considerável participação do feminino, que vem se destacando neste debate e tem produções significativas para a construção do Campo, em disputa de posição.

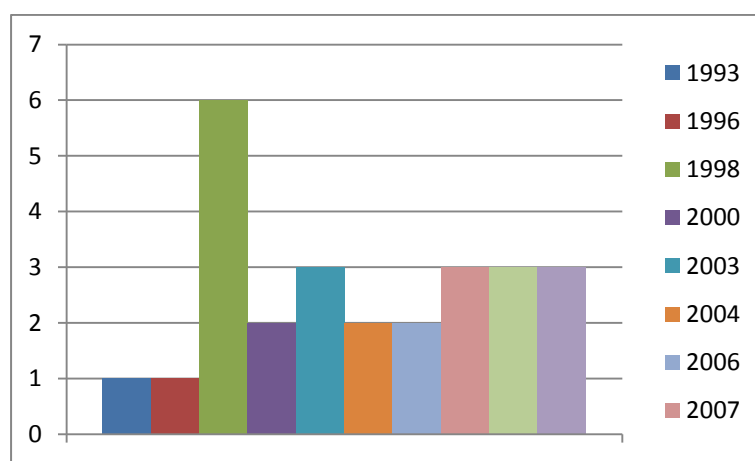
**GRAFICO 2: PERCENTUAIS DOS PESQUISADORES DOS TRABALHOS ANALISADOS DO CAMPO POR GÊNERO SEXUAL**



**Fonte:** Própria pesquisa

As publicações sobre esta temática se destacam, a partir de 1993, no VIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - CONBRACE, realizado em Belém (PA), com o tema “Que ciência é esta?”. Auge da disputa das propostas que transformariam a Educação Física em ciência. Em 1998, com publicação da edição especial dos 20 anos do CBCE. Novamente este debate veio à tona, em balanços da pós-graduação da área, a partir do ano de 2000, com destaque para os balanços realizados em 2003, que foram objeto de questionamentos sobre produtividade da área. Com a manifestação de diversos pesquisadores refletindo sobre esta temática durante a primeira década dos anos 2000.

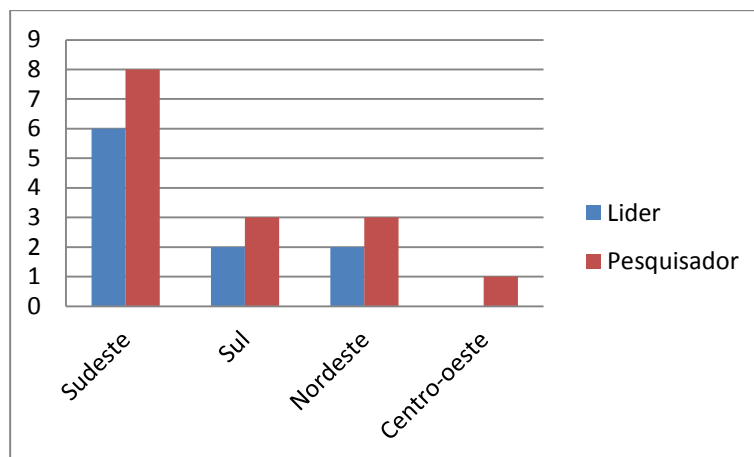
**GRAFICO 3: QUANTIDADE DE ARTIGOS QUE TRATAM DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA POR ANO DE PUBLICAÇÃO**



**Fonte:** Própria pesquisa

Os protagonistas deste debate, sobre ciência e epistemologia na Educação Física, possuem larga experiência na área liderando, grupos de pesquisa em suas instituições. Com a região Sudeste apresentando o maior número de grupos de pesquisa e de liderança nestes espaços de produção científica. Os pesquisadores do Nordeste novamente vêm disputar posições com os da região sul com uma posição de destaque principalmente em relação ao Centro-oeste. A região Norte não apresentou produção na área. Este fato demonstra que, o Nordeste, mesmo sendo uma região em que os programas de Educação Física, estão surgindo muito recentemente, existe grupos de pesquisadores em formação e produzindo no Campo.

**GRAFICO 4: PESQUISADORES POR REGIÃO**



Fonte: Própria pesquisa

Durante o processo de apropriação e construção do objeto na análise dos artigos. Senti a necessidade de averiguar novas fontes que ainda não haviam sido levantadas e inspecionadas relativas aos dilemas da pós-graduação no Brasil no contexto da avaliação. Assim, acessei no site da capes as publicações da Revista Brasileira de Pós-Graduação - RBPG, com artigos da área e sobre a produtividade e avaliação. Com a intenção de acumular elementos analíticos e argumentativos para ampliar minha compreensão do objeto de pesquisa.

Dentre os autores selecionados: Horta (2009), Moraes (2009), Kuenzer (2009), Bianchetti (2009) e Sguisardi (2009), embora tratando de abordagens teóricas diversas, muitos deles, convergiram sobre a questão dos objetivos da pós-graduação, as demandas epistemológicas da área, a resistência aos novos critérios que na educação foi marcante e ao encontro de algumas questões levantadas no campo da Educação Física.

Além destes autores, no intuito de subsidiar elementos para a apropriação do objeto da pesquisa, coletei e averigui artigos sobre a produção de capital intelectual na pós-graduação brasileira. Assim, verificar a posição do Brasil em relação aos demais países. Neste caso o estudo de Marchelli (2005) “Formação de doutores no Brasil e no mundo” foi selecionado.

A pós-graduação brasileira se apresenta como um dos sistemas que vem ao longo dos anos se consolidando e ganhando destaque internacional em sua produção. Este sistema vem seguindo a lógica do desenvolvimento científico e tecnológico. A partir do final da década de 1990 este modelo se consolidou através de controle e

avaliação dos programas segundo critérios de produtividade e certificação diante das regras externas e internas estabelecidas neste cenário.

O Campo da Educação Física, vem se situar neste cenário da pós-graduação no Brasil, nos critérios de produtividade<sup>22</sup> que as regras externas exigem para uma área em constituição. Um dos dilemas da área é sua localização enquanto Campo do conhecimento. Na discussão sobre a área que ela pertence, ciências naturais, representada pelo subcampo da biodinâmica ou se as ciências humanas e sociais que se apresenta nos subcampos: sociocultural e pedagógica. Outro dilema é na formulação da Educação Física, como um Campo acadêmico-científico e não apenas profissional como preponderou na sua construção antes da vigência do Sistema Nacional de Pós-Graduação - SNPG, no Brasil.

Desse modo, essa área tem se constituído um Campo de disputas na produção do conhecimento, que se situa em diversos domínios de conhecimento como o científico, o filosófico e artístico. Em relação ao Campo acadêmico científico, está a busca de um estatuto epistemológico, que legitime a Educação Física como ciência. Nesta disputa tem ocorrido: ora como um saber aplicado - que nos diálogos com as demais ciências se instrumentaliza - ora como apêndice das demais ciências Tani (1998, 2000), Sergio (1989), Gaya (1994). Como também na formulação em construção na trilha da educação que propõe situar a Educação Física na perspectiva das ciências da ação. Bracht (2007), Gamboa (2010). A ciência vista não apenas nos ideais de racionalidade técnica da modernidade, mas nos limites das teorias críticas, nas novas possibilidades das construções pós-modernas e pós-estruturalistas, nos estudos culturais, na história das disciplinas escolares, nos estudos da cultura escolar.

Entretanto há a presença dos intelectuais Bracht (1993, 1997), Betti (1996, 2004), Lovisolo (1995), que defendem a Educação Física como um campo acadêmico científico-profissional - não concordando com dicotomia – mas defendem que a Educação Física não seja considerada uma ciência, e sim como uma prática social que necessita buscar fundamentos não apenas dos conhecimentos científicos, como também filosóficos, artísticos, culturais para auxiliar as diversas possibilidades de sua integração enquanto disciplina essencial na construção dos currículos escolares.

---

<sup>22</sup>Critérios definidos para avaliação dos programas, quantidade de publicações no modelo QUALIS-CAPES.

Para compreender e situar o debate sobre a relação entre a formação que ocorre nos programas (capital intelectual) e a produção do conhecimento científico (capital científico) que é construída durante a partir desta formação. É necessário analisar a partir da noção de Campo científico, como transcorreram neste cenário epistemológico, as disputas em torno da construção do conhecimento. As tensões estabelecidas, as regras, o interesse e as concepções de ciência, que se fortalecem neste cenário de produtividade a partir da produção científica da área.

Neste debate, a teoria do Campo científico, apresenta grande contribuição, no sentido de permitir analisar: os interesses que são apresentados a partir das determinações externas expressas nos planos e políticas de pós-graduação, com o interesse a partir das regras internas do campo. Esses vão ser norteadas pelo estagio que o Campo se apresenta em relação a sua autonomia. Nas disputas que ocorrem no Campo em busca de reconhecimento na escolha dos objetos, métodos, capital simbólico que aparece nas práticas científicas realizadas, pois:

(...) Se jamais escapa as imposições do macrocosmo, ele dispõe em relação a este de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. E uma das grandes questões que surgirão a propósito dos campos (ou sub campos) científicos será acerca do grau de autonomia que eles usufruem. Uma das diferenças relativamente simples mas nem sempre fácil de medir, de quantificar, entre os diferentes campos científicos, isso que se chamam as disciplinas, estará de fato, em seu grau de autonomia.(...).Um dos problemas conexos, será evidentemente, o de saber qual a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem, créditos, ordem instrução, contratos, e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia, isto é, quais os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas”.( BOURDIEU, 2004, p. 21)

Deste modo é importante analisar a pós-graduação brasileira e particularmente o Campo da Educação Física, não apenas pelos “resultados” e avanços que “a” ciência tem conseguido, mas pelos interesses que tem norteados a concentração dos agentes em considerar importantes determinados problemas da área. Como o caso da produtividade, enquanto outros dilemas são secundarizados. O papel dos agentes, que estão à frente das burocracias científicas e que disputam as suas posições de reconhecimento dos campos científicos que defendem:

Aqueles que estão à frente das grandes burocracias científicas só poderão impor sua vitória como sendo uma vitória da ciência se forem capazes de impor uma definição de ciência que suponha que a boa maneira de fazer ciência implica a utilização de serviços de uma grande burocracia científica, provida de créditos, de equipamentos técnicos poderosos, de uma mão-de-obra abundante. Assim, eles constituem em metodologia universal e eterna a prática de sondagens com amplas amostragens, as operações de análise estatística dos dados e formalização dos resultados, instaurando, como medida de toda prática científica, o padrão mais favorável às suas capacidades intelectuais e institucionais (BOURDIEU, 1983, p. 3)

Então o mito da ciência universal, neutra, “desinteressada”, defendida através da ciência internacional, dos interesses de desenvolver “capital intelectual” para promover o desenvolvimento na lógica da ciência e tecnologia, não se sustenta no momento em que os interesses internos demonstram o que está em disputa. Os campos que mais se fortalecem, as regiões que são mais beneficiadas, os subcampos que estão sendo enfraquecidos e papel que os agentes adotam de acordo como estagio que o Campo apresenta.

O capítulo se organiza com a seguinte disposição. Inicialmente apresento uma visão panorâmica da pós-graduação no Brasil, dos seus princípios e pressupostos que se situam na lógica da ciência e tecnologia e a qualificação para a docência do ensino superior em suas fases de formação de capital intelectual. Em seguida discorri sobre a produção de capital intelectual e científico que tem ocorrido no Brasil, demonstrando como o país se encontra no cenário nacional e internacional. No terceiro momento apresento o cenário epistemológico do Campo da Educação Física, as disputas estabelecidas no processo de construção do campo e finalizo com as conclusões parciais.

## **2.1 O cenário da Pós-Graduação no Brasil**

Ao perscrutar a produção do conhecimento no Campo da Educação Física no Brasil, descrevo o cenário geral da pós-graduação, em que está inserido. A posição que este Campo apresenta, em relação a sua produção de capital intelectual e científico. Este se constrói não apenas pelo determinismo externo nem na lógica interna da ciência. Mas também em relações objetivas que dependem da posição e papel dos agentes no Campo,

bem como da autonomia do mesmo em relação às regras externas que precisam ser analisados nas suas tensões, resistências e adaptações.

Aspectos de uma extrema complexidade que no atual momento de mensuração e objetivação do conhecimento científico visto como um produto, não suficientemente explorado em avaliações quantitativas. Apresentam programas, com diversas matrizes epistemológicas, em uma avaliação da qualidade de forma indireta. Isto pode levar a definição de certas políticas para a pós-graduação, principalmente das ciências humanas e sociais, em uma lógica incompatível com as suas especificidades e necessidades de produção (BETTI, 2004); (LOVISOLO, 2007); (BRACHT, 2006).

Esta avaliação indireta se dá a partir de 1998, com a internacionalização da produção, quando os programas são avaliados pela publicação da produção docente em periódicos internacionais indexados em bases internacionais. A forma indireta se dá, no momento em que, a qualidade da produção, é avaliada segundo os critérios de impacto na produção indexada nas bases do Journal of Citation (JCR) publicada pelo ISI (Instituto of Scientific Information). Pela falta de consenso entre os fatores de impacto de outras bases (MEDLINE, ERIC, Psichinfo, sciELO e LILACS). Isto é o que está sendo avaliado é o periódico em que foi publicado o artigo e não o mérito do artigo em si. Pois se parte do pressuposto que se o artigo aceito é em um periódico que possui um fator de impacto estabelecido no banco de dados utilizado, o artigo é de qualidade. O que leva a conclusão de que os programas que não conseguem atingir as metas de publicação internacional (A) do modelo QUALLIS- CAPES - que pode ocorrer em virtude de não haver consenso nas formulações de ciências no campo da Educação Física - não tenham “produtividade” e “qualidade”, na produção e, portanto, recebam uma avaliação que não ultrapassa o patamar nacional. (CARVALHO; MANOEL, 2011).

Este debate será retomado nos capítulos III, IV e V na denominação dos programas e nas disputas nas áreas de concentração. Considerando a formação de capital intelectual e científico, as estratégias utilizadas, a relação entre capital intelectual e científico. Demonstrando as concepções de ciência que mais se fortalecem neste modelo e que vem se consolidando em detrimentos dos que produzem em logicas de ciência que não conseguem participar desta disputa - em virtude dos tipos de produção que estes periódicos internacionais privilegiam e aceitam publicação - bem como o estágio em que o Campo se encontra em relação a sua autonomia a estas regras.



A partir dos estudos revisados, formei a convicção de que a produção do conhecimento através da formação de capital intelectual e de capital científico no Brasil apresenta três grandes fases: a primeira, quando a formação era feita exclusivamente no exterior, em universidade da Europa e depois nos Estados Unidos. A segunda com a reforma universitária, criação da pós-graduação no Brasil quando os institutos e núcleos do antigo modelo de cátedra foram substituídos pela gestão departamental e por um sistema segundo o modelo americano de másters e doctors. A terceira a partir de 1998, seguindo as grandes reformas educacionais, com o objetivo de formar pesquisadores que integrem a produção internacional segundo os princípios de produtividade estabelecidos no sistema QUALIS/CAPES.

O cenário de criação da primeira fase da pós-graduação no Brasil não se pode esquecer de que foi em um Estado burocrático autoritário:

O que conduziu os intelectuais e cientistas da esquerda a uma coexistência conflituosa com os militares da direita. Ambos compartilhavam as crenças no nacionalismo e nos poderes da ciência e da tecnologia. No entanto, divergiam quanto às estratégias políticas para atingi-las. (HOSTINS, 2006. p.134)

Nas disputas de concepção de universidade e modelo de ciência, a expansão imperialista foi marcante, pela relação estreita com o poder nacional, com acordos internacionais com os EUA, assessoria externa e a própria reforma universitária de 1968 condicionou um modelo de pós-graduação, que privilegiou a formação do pesquisador, não universalizou o ensino superior, abrindo espaço para o atendimento privado.

Assim em vários sentidos, o progresso do ensino de pós-graduação no Brasil pode ser entendido como a escolha de um modelo que, também em vários sentidos sacrificou os estudos superiores públicos de graduação, e possivelmente o próprio ensino básico privilegiando a aplicação dos recursos no ensino superior (LOVISOLO, 1998, p.14).

Segundo este autor, ao comparar o ensino superior em nosso país, com os países como Argentina e o México - que praticamente universalizaram o ensino superior - o Brasil optou por um caminho inverso de abrir espaço para que o ensino privado atendesse a maioria da demanda, valorizando a pesquisa na pós-graduação e privilegiando este sistema de ensino. A concepção de universidade adotada ignorou propostas como a de Ortega y Gasset, que não reduz a universidade a pesquisa e a produção de conhecimento na linha da C&T, mas abre possibilidades para a cultura, redimensionando seu papel institucional.

A produção de conhecimento científico no Brasil, diferente de nossos países vizinhos na América Latina. Seguiu um caminho, situando a pesquisa bem como o seu lugar institucional, em novo patamar de ensino que foi a pós-graduação. Nas disputas que se estabeleciam em meados do século 20. Após a superação do modelo de cátedra, e a criação dos departamentos, as pós-graduações foram criadas com o objetivo de capacitar os docentes para o ensino e, por conseguinte visando a melhoria da qualidade do ensino. Como também para a produção do conhecimento no ideal do desenvolvimento científico e tecnológico que norteava o modelo implantado no Brasil. Primeiro a partir da formação dos mestres e doutores no EUA e na Europa, depois com a implantação do modelo americano de pós-graduação (LOVISOLO, 1998, 2003).

Apresento este fato para refletir, como a demanda de capital intelectual e capital científico, representou um interesse do Governo brasileiro. Um consenso entre as forças políticas divergentes, em um cenário econômico do antigo modelo fordista taylorista, de produção em série e escalas. Um sistema de pós-graduação, inicialmente sem muito controle e regulação e que após 50 anos se consolida em outro cenário de demandas, internacionais de reformas. Visando atender as novas relações de trabalho, mas seguindo a mesma lógica: o “desenvolvimento” do país pela ciência e tecnologia (C&T).

Por outro lado nas questões internas das universidades, o cenário apresentava o ensino superior em expansão e uma grande demanda de docentes com titulação para atuar nesse nível. Assim como uma escassez de recursos humanos qualificados para atuar em grandes projetos desenvolvimentistas que surgiam no país. Atualmente em algumas regiões a oferta de mestres e doutores está atendendo a demanda enquanto em outras a carência ainda é muito grande com no Norte e Nordeste.

Na segunda fase ocorre a expansão do campo da pós-graduação através da implantação dos três primeiros planos nacionais de pós-graduação de 1975 a 1989. Um período da transição de modelos econômicos, crises internacionais e dos governos ditatoriais e democráticos, com o ideário neoliberal sendo construído como a saída para a crise do Estado de Bem Estar Social. A ciência e a tecnologia vêm novamente, neste cenário, se fortalecer e merecer uma atenção em paradigmas emergentes de alta tecnologia e crise da ciência moderna. Neste caso se observou uma redução da formação de capital intelectual no exterior, que começa a se intensificar com a oferta da formação no Brasil.

Até o ano de 1985, mais de 40% dos doutores brasileiros tinham obtido seu título em instituições estrangeiras. Em anos recentes, verificou-se uma evolução significativa do número de titulações emitidas no próprio País, em decorrência da política de expansão e descentralização da oferta de cursos na década de 90, cujo número cresceu de 503 para 864 (68%), evoluindo a demanda por matrículas de 11.952 para 33.004 alunos (176%). A política que deu prioridade à formação de doutores no País alcançou plenamente seus objetivos, de forma que, na década de 90, apenas um de cada cinco títulos foi obtido no exterior (MARCHELLI, 2005, p.9).

Com a expansão e oferta dos cursos de mestrado e doutorado no Brasil, a cada década o sistema aumentava significativamente. Com a formação não só de capital intelectual, mas de capital científico. Tendo na década de noventa o seu ápice, com a integração do Brasil, como demonstrarei, no cenário internacional de produção do conhecimento.

A terceira fase se encontra demarcada pelo cenário atual e apresenta um período de incertezas, perplexidades e desafios que se instalam no mundo globalizado em meio a mais uma crise econômica. Em paralelo, a velocidade das mudanças, através das novas tecnologias de informação, se intensificou.

Estas transformações tecnológicas impuseram novas relações de produção e exigiram competências diferenciadas para o mercado. Ao currículo, foram atribuídos estes novos desafios em que a questão estratégica é o papel que cabe ao pesquisador desempenhar. Essas mudanças iniciaram com a questão da qualidade total e agora estão ligadas com as competências. Desejando formar um novo indivíduo que atenda às exigências do sistema capitalista em seu novo ciclo. Isto se dará pelo desenvolvimento das competências e as atitudes implícitas que podem ser desveladas pelo currículo oculto. Caberá a escola a certificação destas competências que a sociedade exige (RAMOS, 2006).

Nesse cenário de crise econômica, se questionam valores e saberes e se desenvolvem vários setores. A ciência tradicional não consegue explicar e dar soluções para os problemas atuais. Gerando uma crise nos paradigmas clássicos e nas relações de causalidade e de determinações.

O discurso de alguns agentes, presentes no debates da pós-graduação<sup>23</sup>. É que estamos em plena denominada sociedade do conhecimento, onde o saber, não apenas o científico é valorizado, para a formação de um novo homem que aprenda a aprender, seja crítico, valorize a diversidade e a diferença e seja criativo para o mercado.

---

<sup>23</sup>Plano de pós-graduação 2011-2020(CAPES).

## 2.2- A produção de capital intelectual e científico no Brasil

É neste cenário que se apresenta a pós-graduação brasileira pela Coordenação de Pessoal do Ensino Superior-CAPES, que fiscaliza, regula e controla a produção do conhecimento e produção de capital intelectual e científico no Brasil. Certificando os programas e os pesquisadores mediante critérios de avaliação anual e no ciclo de dois anos e depois de três anos.

Consolida um órgão com política de Estado e não de governo (Sguissard, 2009). Com poderes de ordenação de despesa, que limita a autonomia das universidades. Com o “consentimento” (violência simbólica nas disputas no campo), dos pares ou exclusão do sistema. Fortemente controlado por mecanismos de coerção (descredenciamento de curso, ausência de fomento dentre outros) que se constitui atualmente a CAPES (MORAES, 1999).

As avaliações têm demonstrado que o Brasil avançou muito seu sistema de pós-graduação. Apesar de estar abaixo dos denominados países desenvolvidos e emergentes. A formação de alto nível. Isto é, de capital intelectual, tem conseguido taxas de crescimento exitosas diante da gestão no modelo QUALIS/CAPES. Os dados apresentados segundo a lógica da ciência e tecnologia e informação, cientometria e infometria apresentou o Brasil em 2003. Ano básico da pesquisa em tela, com um índice de 4,6 doutores por 100 mil habitantes. Este índice é ainda muito inferior aos países desenvolvidos. Alemanha: 30, EUA: 14, como os países, França:17, Reino Unido:24, Coreia:10 para cada 100 mil habitantes.

Segundo Michelli (2005), mesmo o Brasil estando muito abaixo dos países da Europa, Estados Unidos e os emergentes, seu desempenho de 1990 a 2001, em taxa de crescimento anual, segundo o índice por habitantes, foi muito maior que os países citados. A título de exemplo, o Brasil tituló em 1990 1.206 doutores, para uma população de 147.954.000 habitantes, com taxa de crescimento de 0,82% . Em 2001, o número de titulados foi de 6.042 doutores para uma população de 172.389.000 habitantes. Uma taxa de crescimento de 3,5% no ano de 2011 e de 14,23 na década analisada. Taxa superada apenas pela Coreia e Japão.

Os indicadores utilizados no presente trabalho mostram que o Brasil não está na retaguarda das nações desenvolvidas no que se refere à formação de doutores, como muitos acreditam. As comparações entre o número de doutores formados por cem mil habitantes em diversos países da Europa, Estados Unidos e alguns países da Ásia, como o Japão e a Coreia do Sul, mostram um significativo crescimento relativo para o Brasil ao longo da última década (MARCHELLI, 2005, p.27).

Ainda de acordo com Marchelli (2005, p.10) baseado em Carneiro Jr. e Lourenço, em relação às grandes áreas da pós-graduação brasileira. A de ciências da saúde, na qual está situada o Campo da Educação Física. Foi a que mais formou doutores de 1990 a 2001, (7.422 doutores formados). Isto significa que a maior produção de capital intelectual no Brasil é proveniente dessa área.

Destaco o cuidado ao utilizar este índice de número de doutores por 100 habitantes. Esta média nacional pode ofuscar a ausência de programas em algumas regiões. Tendo em vista que em alguns Estados como os da região Sudeste e Sul, a taxa de doutores por habitantes é muito maior que a média de 4,6 /100 mil de 2003, enquanto que em outros é quase inexistente como no caso dos estados da região Norte, que não possui programa na área.

Na região Centro Oeste existe apenas um programa no Campo da Educação Física. No Nordeste até 2007 não existiam programas e só recentemente, foram criados os primeiros mestrados em Educação Física na região. No Norte, como não existe programas nesse Campo, os profissionais vão para programas em outras Unidades da Federação, ao exterior ou buscam nos programas em outras áreas para realizar a sua formação.

Além deste problema quando se analisa os investimentos nos demais programas estes resultados também obscurecem as enormes distorções regionais em um modelo que privilegia as regiões Sul e Sudeste. Principalmente no período de 1995 a 2001, onde houve um recrudescimento dos investimentos na área por decisões governamentais e as regiões Norte e Nordeste foram as mais penalizadas com o desmonte do fomento à pesquisa e a qualificação de pesquisadores (CORRÊA, 2006).

A este resultado se acrescenta a política de avaliação no Brasil, criada pela CAPES. Inicialmente por persuasão, cooptação dos pares como avaliadores, via entidades científicas criadas (ANPED) - está aperfeiçoando gradativamente o modelo.

Segundo os estudos<sup>24</sup>, a maioria dos pesquisadores em áreas consolidadas e que não tiveram problemas epistemológicos com os modelos avaliativos adotados não questionam este processo de avaliação.

Neste período ocorreu a inversão na lógica dos objetivos que preconizavam a pós-graduação desde os primeiros planos nacionais ancorados no parecer 977/65. Este já trazia o ideal de desenvolvimento nacional via ciência e tecnologia, mas não tinha ainda os instrumentos necessários para o controle e fiscalização. Até as mudanças das regras de avaliação da produção científica em 1998, um dos objetivos da pós-graduação brasileira - muito questionados em sua eficiência - era a de formação de professores pesquisadores para atuar na graduação. Com vistas à melhoria do ensino além de formação de quadros de cientistas que promovessem o desenvolvimento do país. A partir do novo modelo se instaura o objetivo de formar o pesquisador que seja produtivo e que ensine. No dizer de Moraes (1999) uma mudança paradigmática da formação de professores para a formação de pesquisadores.

Este processo não ocorre de maneira consensual e foi fortemente demarcado principalmente pelas áreas que pela sua especificidade não admitiram e não concordam com os critérios adotados. Alegam que eles não se coadunam com o desenvolvimento de áreas ou subáreas em construção.

Mesmo com um movimento de relativa insatisfação com os critérios de avaliação. Principalmente da área da educação e no campo da Educação Física dos pesquisadores que se afinam com abordagens que se aproximam das ciências humanas. Os estudos levantados e analisados por Horta (2009) apontam que a maioria dos consultados, apoia e defende as regras externas estabelecidas. O que me faz refletir na linha de Bourdieu, que os agentes estão se posicionando para conservação das estruturas.

A pós-graduação em Educação Física integra o sistema nacional de pós-graduação implantado na década de 1960. Atualmente se apresenta no cenário de relativa calma, ou de estabilidade, em relação às regras instituídas pelo sistema a partir de 1998. Estas regras que trazem a lógica da produção do conhecimento como um produto a ser quantificado, indexado, aferido o seu impacto e certificado com uma nota que pode ser um conceito para o produtor NBR6 ou para a produção em níveis de 1 a 7 para os programas. Hegemonizou-se diante dos grandes avanços apresentados nos

---

<sup>24</sup>HORTA (2009).

estudos sobre o crescimento quantitativo e a inserção internacional do Brasil na produção do conhecimento ou de capital científico.

Um controle que se “naturalizou” hegemonicamente na maioria dos programas que foram formados dentro de um modelo de ciência que se “aprende” a não questionar, a se adaptar, a aperfeiçoar “criticamente” os modelos de avaliação. Nele a produção que não se enquadra no modelo internacional - tem dificuldades de publicação conseqüentemente não pode ser avaliada indiretamente - não contribui para a elevação de índices internacionais.

Esta posição apresentada por estudos da pós-graduação e legitimada pela CAPES não é consensual. Nem para os estudos deterministas com base nos aspectos políticos e econômicos, quanto aos que tratam pela lógica da ciência global e da sociedade do conhecimento. Como exemplo, apresento sucintamente as críticas ao modelo de ciência adotado no Brasil diante dessas duas formulações.

A questão do aumento da produtividade e da formação do capital intelectual, de mestres e doutores no Brasil - no contexto internacional de disputa tecnológica - não significa que estejamos produzindo ciência e tecnologia. Isto pode ser observado no registro de patentes, ainda nos situa em uma posição de dependência e de fornecimento de pesquisadores e de pesquisas para os países que estão avançados neste campo. Eles se apropriam do nosso conhecimento registrando as patentes de conhecimento produzidos em nosso País (ORIQUES, 2011).

Esta questão é agravada pelo modelo adotado no Brasil para estas avaliações e regras de produtividade - baseado na produção de periódicos Qualis - que possuem o controle pelos Estados Unidos, nas bases de dados (“internacionais”). A ciência é considerada sendo internacional e globalizada. Neste cenário a produção tem como consenso os índices e impactos das denominadas revistas internacionais classificadas como A. Estas são convertidas em alvo da produção para estas regras externas estabelecidas (ORIQUES, 2011).

Segundo Oriques (2011), não existem revistas internacionais, elas são nacionais e refletem políticas nacionais de ciência de tecnologia. Quando publicamos nas mesmas para sermos bem avaliados nos programas. Estamos em uma relação de subserviência e na lógica da inovação e não da produção de ciência. Um exemplo citado pelo autor são os países como China e Rússia, que não têm suas revistas indexadas e produção de impactos. No entanto estes países têm uma grande produtividade científica nacional e

principalmente a China na dianteira do crescimento econômico mundial. Isso demonstra o quanto às disputas de ciência e tecnologia não são harmônicas e baseadas em uma ciência internacional. Esse fato pode levar a uma avaliação equivocada de qualidade considerando a publicação em periódicos indexados em bancos de dados internacionais<sup>25</sup>.

A crítica de Oriques (2011) tem a sua contribuição no sentido ratificar no debate, crítica a internacionalização da ciência e o imperialismo cultural americano já apontada por Bourdieu<sup>26</sup>. A questão a considerar a ciência apenas nesta lógica do determinismo externo, que pode levar ao entendimento da mesma, ser considerada, um instrumento de dominação e controle, das demandas socioeconômicas. Como o estruturalismo marxista já denunciou, desconsiderando os agentes, as suas posições, estratégias que podem levar a certas resistências ou adaptações ao modelo.

Outra crítica que se apresenta - dentro do mesmo modelo dos planos de pós-graduação e dos agentes que defendem a noção da sociedade do conhecimento e da ciência internacional - aponta problemas na gestão do modelo e os riscos do uso excessivo da estratégia da coautoria, da avaliação e do produtivismo.

Ramos e Velho (2013), apontam que o modelo da política científica em vigor no Brasil não se coaduna com o atual estágio do sistema global de ciência segundo os paradigmas emergentes - como o conceito de modo 2 da produção do conhecimento - que refere-se a sistemas de pesquisa altamente interativos e socialmente distribuídos. Neste novo modelo, há a necessidade de se treinar mão de obra globalmente competente, estimular a mobilidade internacional. Criar condições para o desenvolvimento de pesquisa internacionalmente competitiva e conectar seus sistemas nacionais de pesquisas às redes globais de conhecimento.

O exame da produção acadêmica igualmente demonstrou que estes autores fazem uma crítica ao procedimento de coautoria. Revelando as fragilidades deste procedimento como instrumento avaliativo de produção de conhecimento, cuja ênfase se transmuta no produtivismo acadêmico.

---

<sup>25</sup>CARVALHO; MONOEL (2011) baseados em GARFIELD (1994) - criador dos indicadores bibliométricos - apontam que o “uso indiscriminado desses fatores de impacto pode gerar distorções na avaliação de muitas áreas, geralmente relacionadas às ciências sociais e humanas; na educação física não é diferente”.

<sup>26</sup>“Sobre as Artimanhas da Razão imperialista” (NOGUEIRA ; CATANI, (2007).



Não é possível manter o foco exclusivamente na produção e publicação acadêmica, sob o risco de esvaziar o planejamento e promoção de atividades vitais de formação e geração de conhecimento que não se relacionam diretamente com os indicadores de desempenho aceitos pelo sistema. Por exemplo, a formação de futuros pesquisadores para atuar na economia baseada no conhecimento não pode prescindir da inserção nas redes científicas globais, e isso depende do desenvolvimento de capital humano de C&T (científico, cultural e social) que se dá no curso do doutorado. Integram tal capital conhecimentos especializados avançados, habilidades artesanais e *know-how*, o conhecimento tácito, habilidades gerenciais, além da constituição da rede de contatos com pesquisadores seniores, docentes e atores extra científicos, tais como agentes de fomento e a indústria, e ativos simbólicos, como prestígio (RAMOS e VELHO, p.238, 2013).

Essa crítica vem apenas para aperfeiçoar o modelo e apresenta a lógica de que caso os novos modelo de gestão da ciência forem utilizados a ciência irá se desenvolver e atingir novos índices de produtividade. Sem entrar no mérito dos problemas das áreas, mais uma vez anulando os agentes que vão necessitar de prescrições externas ainda que seja na lógica da sociedade do conhecimento para que a ciência possa avançar. Tem o mérito de analisar estratégia de coautoria. Mesmo citando Bourdieu, apresentam a noção de ciência pura e não de práticas científicas, influenciadas pelas lutas e regras internas do campo.

Ao tratar a ciência como um Campo de produção de práticas científicas, posso ter outro olhar, que não se restringe a lógica da determinista. Avança no sentido de analisar o Campo em suas regras internas. As quais sofrem influência das determinações externas, mas que apresentam especificidades, de acordo com o estágio em que o Campo se encontra. Considerando os interesses em disputa, o seu poder de refração. Permitindo uma análise do Campo em outras dimensões. Não relegando o agente a ser um mero portador das estruturas, mas a sua posição proativa na construção deste Campo. Pois este depende das suas estratégias de atuação que possibilita um jogo neste Campo.

Na perspectiva, não se nega a grande influência das determinações externas. Elas são vistas em sua inter-relação com as questões internas. Considerando o papel dos agentes. A busca de legitimidade através das disputas por capital intelectual e científico. Vem apresentar novas possibilidades analíticas para compreensão e análise do campo. As ponderações anunciadas por Bourdieu me fazem pensar sobre o modelo de ciência construído no Brasil.

Esta análise aplicada na produção científica das diversas áreas, e particularmente na Educação Física. Aponta que essas regras do atual modelo de

avaliação nos submetem. Não só aos padrões internacionais, mas por um modelo de ciência nacional hegemônico pelas universidades dos EUA. Na lógica do Campo essas práticas científicas que não são apenas “produto” das determinações externas e das políticas dos planos de pós-graduação da CAPES. Estas são o resultado da atuação dos agentes nas comissões de avaliação como representante da área. Como os coordenadores dos programas bem como dos docentes que dirigem grupos de pesquisa e dos discentes que são formados neste processo. Enfim, as práticas científicas, não estão fora das disputas de capital científico, do interesse na construção dos objetos e relevância dos mesmos e decididas pelos pesquisadores que podem atender interesses externos ou internos, porém, em disputas de capital simbólico. Esse poder que é reconhecido na construção e consolidação dos diversos campos e subcampo da pós-graduação brasileira.

A busca de um melhor desempenho de avaliação leva a disputas entre os programas não apenas por uma melhor pontuação. Mas também por recursos para a pesquisa. Como a pontuação, classificação por nota dos programas é meritocrática. Os recursos através das bolsas de pesquisa vão se ampliando na medida em que os conceitos vão se elevando. Isto significa que a disputa não se restringe ao capital científico, para ser produtivo e reconhecido, mas para garantir aumento de financiamentos para os programas que conseguem atender as exigências do modelo.

As oportunidades de formação de capital intelectual não estão apenas concentradas nas regiões Sul e Sudeste. Como também o volume de recursos que são disponibilizados para esta formação. Pois a falta de produtividade, produção intelectual, enfim o não atendimento das exigências da avaliação resulta em uma limitação nos recursos para pesquisa. Mesmo nestas regiões, que se encontram a maioria dos programas e das condições que se apresentam, a meta dos programas que ainda não atingiram o patamar nacional de nota 5, é se manter na nota 3 ou 4 que possuem, pois não conseguem condições de participarem da segunda disputa (internacionalização).

Neste caso as regras estão postas, todos são convidados a jogar, mas nem todos podem participar deste jogo que fica restrito, aos denominados “centros de excelência”, que acabam concentrando a maioria dos recursos, em uma lógica que prioriza os

“melhores” e deixa os que estão realmente necessitando de recursos para pesquisa ter que realizar a mesma sem contar com condições mínimas de financiamento<sup>27</sup>.

### 2.3 O cenário epistemológico no campo da Educação Física.

Diante do cenário exposto, dos dilemas que a pós-graduação apresenta, nas exigências de produtividade, existem questões que provocam impacto em um Campo recente e sem uma autonomia como a Educação Física. Isto leva os subcampos que estão em posições confortáveis a se renderem momentaneamente a elas. Essas questões precisam ser analisadas diante das disputas que ocorrem no Campo e com já se viu, na pós-graduação brasileira, não se reduz a produtividade, mas também contempla, financiamento, formação de pesquisadores, produção científica, a própria disputa entre os programas nas disputas por poder simbólico:

(...) é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2009, p.9)

Ao analisar o debate concernente à produção do conhecimento em Educação Física, convém situar que a produção de capital intelectual e científico - formas de poder simbólico- nos programas, a partir dos pressupostos epistemológicos que norteiam não só a formação, mas a sua produção, trazem explícita ou implicitamente - como um dos dilemas do campo ou subcampos, o debate de onde situar a Educação Física enquanto área de conhecimento. A divergência está, se esta pertence ao campo das ciências biológicas ou naturais ou no campo das ciências humanas e sociais.

Este tema tem pautado o debate na pós-graduação, pois a localização pelos órgãos de fomento (CAPES, CNPq) do Campo da Educação Física é na área da saúde. Isso ocorre em grande parte, pelos subcampos que tem produção que apresenta relação estreita com as ciências naturais, na clássica formulação de ciência básica e aplicada. Esta decisão fortaleceu as áreas de concentração e linhas que orbitam nesta lógica e deixou enfraquecidos os que defendem áreas e linhas mais próximas das ciências

---

<sup>27</sup>Esta pesquisa foi realizada sem financiamento por ser o PPGED, nota 4, possuir limitado numero de bolsas e por questões internas da UFPA, que não concede bolsa para quem tem vínculo empregatício.

humanas. Além também de ignorar os pesquisadores que buscam novos caminhos do pós-modernismo e pós-estruturalismo que não se enquadram nesta dicotomia.

Além do fato de que a área da Educação Física, desde a criação dos programas de pós-graduação, capitaneados pela USP, sempre esteve associada aos pressupostos biológicos, da saúde, aptidão física, depois a performance esportiva, qualidade de vida. Enfim, interesses que tem fortalecido temas que tem demandado a construção de objetos e pesquisas no subcampo denominado biodinâmica do movimento. Este se encontra hegemônico na produção do conhecimento no Brasil e inserido no cenário internacional. (Gamboa, et al, 2011).

Os debates nesta disputa de posições já foram demais calorosos nos eventos científicos da área que o momento político propiciava no que Bracht (2007), denominava de sobreposição do político ao acadêmico. Segundo as deliberações do fórum de pós-graduação em 2006, existem posições que foram pactuadas momentaneamente, como existem disputas latentes que estão ainda para ser alvo das estratégias e papel dos agentes envolvidos, então, firmou-se por consenso que:

A Educação Física é uma área de produção de conhecimentos e intervenção, na qual o desenvolvimento da pesquisa no campo é de natureza multidisciplinar. Assim, a área pode estar vinculada tanto às ciências da saúde quanto às ciências humanas e sociais (FORUM DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2006).

Esta posição do fórum que foi estratégica para uma proposta ainda em construção para que a Educação Física pudesse ser avaliada em outras áreas. Segundo o próprio fórum, poderia enfraquecer o Campo como também apresentar dificuldades para os que vêm juntos com as demais subáreas da área 21-Capes<sup>28</sup>, almejando a meta da internacionalização da produção.

Com a consolidação dos subcampos na disputa foi criado o fórum da área sociocultural e pedagógica - que considero um grande avanço no sentido de debater as especificidades dos subcampos.

No documento do fórum da subárea sócio cultural e pedagógica: “cenários de um descompasso da pós-graduação em Educação Física e demandas encaminhadas a CAPES”, apresenta - diante do grande avanço do número de programas, (31 em 2013) -

---

<sup>28</sup>A área da Educação Física-Área21 é constituída por Programas de Pós-graduação (PPG), que envolvem quatro áreas profissionais distintas a saber: Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

a proposta de a Educação Física sair da área 21 (saúde) e constituir área própria, como a Nutrição, que atingiu a independência com apenas 26 programas.

Outro destaque, apresentado pelo referido fórum, é apresentar dados significativos sobre os impactos que o modelo avaliativo tem provocado. Inclusive demonstrando a redução da produção científica das subáreas sociocultural e pedagógica, diante dos critérios estabelecidos nos modelos de avaliação.

A hegemonia da subárea denominada biodinâmica constitui é ratificada. O documento aponta que essa subárea (biodinâmica) possui 70 % da produção científica, enquanto as subáreas: sociocultural e pedagógica apresentam 30%. Este resultado da análise de todos os programas é similar ao resultado dos dados obtidos na pesquisa em tela. Retornarei a eles no debate quando forem apresentados nos capítulos seguintes. Com a ponderação de que considere, a partir dos dados analisados, apenas dois grandes subcampos, biodinâmica e sociocultural. Pois a pedagógica nos programas investigados, está tanto na, sociocultural, como na biodinâmica, no interior das linhas, com predomínio na sociocultural, mas não uma totalidade nesse subcampo.

Em outras palavras não é apenas a denominação da área de concentração que define a disputa. Ela as vezes ocorre no interior das linhas de pesquisa das áreas com nas linhas de pesquisa dos grupos, além é claro dos projetos, como ocorre com o desenvolvimento motor dentro da pedagógica e da biodinâmica na USP.

Existem disputas que ocorrem em outros campos como o da educação, da sociologia, antropologia. Nestes os docentes buscam novos referenciais, para compreensão dos dilemas da Educação Física e que tem realizado uma produção significativa, demonstrada principalmente nos estudos de Chaves (2010) sobre a produção do Nordeste.

O fórum de pesquisadores das subáreas (sociocultural e pedagógica) apresenta também várias propostas nos critérios de avaliação tanto dos periódicos, dos livros, de detalhamento das áreas no Campo e propõe um amplo diálogo com os pesquisadores dos demais subcampos. Isto mostra um grande avanço na posição de 2006 que apresentava uma proposta conjunta dos subcampos da área. Esta posição do fórum das subáreas sócio cultural e pedagógica tem uma proposta bem consistente para minimizar os impactos que o atual modelo apresenta para as áreas que não se enquadram nos padrões de ciência internacionais.

Reconheço a pertinência e a grande contribuição não apenas destes agentes, assim como os demais dentro de cada subcampo. Entretanto a ciência compreendida em si mesma com já apontado por Bourdieu na lógica da ciência pura, em relação à validade dos seus métodos não permite uma análise do Campo para além das abstrações teóricas e formulações. Estas, mesmo sendo pertinentes de acordo com os campos teóricos utilizados não permite compreender o campo científico, pois ela anula o papel dos agentes e a disputas que ocorrem no mesmo.

Então compreendendo o Campo, como um conjunto de práticas científicas. Então percebo que, cada subcampo defende e produz de acordo com a sua lógica de “ciência” e vem disputando posições de destaque e prestígio na escolha dos objetos e métodos que possibilitam em conjunto com as suas estratégias uma melhor projeção campo. Deste modo não existe a possibilidade de um acordo em “colégios invisíveis” de pesquisadores de subcampos diferenciados. Cada grupo de agentes vai lutar e disputar para fortalecer o seu subcampo e ignorar os demais, em suas produções como se não existissem.

Como neste momento o subcampo denominado biodinâmica está confortável na área 21, acho difícil seus agentes, aceitarem constituir nova área. Mesmo por que esta constituição pode trazer uma redução no seu espaço de produção. Mas concordo que, se esta formulação prosperar, as novas regras internas podem levar a novas possibilidades de crescimento das subáreas sociocultural e pedagógica, minimizando os impactos do da localização do Campo e dos critérios de avaliação vigentes.

Ainda assim é importante resgatar sinteticamente como este cenário epistemológico foi construído não para através de o passado explicar o presente, mas para identificar os interesses que estiveram presentes e que tem logrado êxito nas disputas por poder simbólico. Isto é, os objetos não são definidos apenas pelos contextos ou pelo avanço interno da ciência, mas pelos agentes em suas ações estratégicas na construção dos mesmos e que será demonstrado ao longo deste relatório de pesquisa.

Esse subcampo denominado de biodinâmica do movimento humano tem demonstrado que ao longo da construção do Campo, que seus agentes têm prevalecido com suas posições e estratégias e se encontram confortáveis no atual modelo de regras externas e internas em um processo de reconhecimento do seu capital intelectual e científico na disputa do poder simbólico.

O debate na construção do Campo tem ocorrido com atraso, pois quando se propôs discutir a Educação Física como ciência, a ciência moderna estava sendo questionada. Quando se pretendeu construir um paradigma a partir das ciências humanas estas, estavam em crise e em busca de novos referenciais que às sustentassem.

As construções teóricas fundacionais com os seus conceitos e definições dos objetos criados pela ciência moderna em posições deterministas, causais e subjetivistas, em suas diversas manifestações não conseguem dar respostas às complexidades e os desafios que se apresentam as demandas do próprio Campo científico.

Nos limites desta seção apresento uma visão panorâmica da constituição do Campo neste dilema de localização da área relacionando a construção epistemológica do mesmo. Então, mostro sucintamente estes interesse em disputa que tem norteado a construção do Campo e as posições e as subáreas que tem se fortalecido nas disputas de capital intelectual e científico na luta por poder simbólico.

O interesse que tem norteado esta disputa de posição entre as áreas da ciência para sua localização em um campo ou outro, é intensificado na década de 1990. Quando o sistema de avaliação (CAPES) valoriza as questões relativas a caracterização da acadêmica dos programas. Analisando a coerência, consistência e atualização das áreas de concentração, linhas de pesquisa, projetos em andamento que vem sendo aperfeiçoado a cada triênio. Em virtude dos programas apresentarem grande diferença entre eles o que era considerado a falta de identidade epistemológica da área (CARVALHO e MANOEL, 2011).

Isto levou os agentes a valorizar o debate epistemológico e definir posições, como os que defendem a Educação Física associada à área da saúde e, portanto aos pressupostos das ciências naturais - tendo o paradigma biofisiológico predominante – como consenso em formulações das áreas de concentração que utilizam este modelo em seus programas. Por outro lado os agentes que caminham em linhas que se aproximam das humanidades, as denominações: sociocultural e pedagógica foi o consenso possível.

Segundo Bracht (2007), o debate epistemológico no Campo é recente e apresenta as seguintes fases: a primeira de identificar as áreas e temas, em que ocorria a pesquisa em Educação Física. Em um segundo momento na busca de um estatuto epistemológico, uma identidade para a área. Em um terceiro momento que se caracteriza pela análise dos pressupostos teórico e metodológicos da produção. Estes momentos apesar de terem predominado em décadas diferenciadas. Tem sido retomados e

combinados: debate de área e métodos mais pesquisados e identificação das concepções de ciências presentes e em alguns casos propor ou não novas formulações de ciência.

No primeiro momento a questão era saber onde mais se pesquisava em Educação Física, se destacam os trabalhos de Faria Jr (1986) e Gaya (1987). Este trabalhos tem o mérito de indicar o interesse temático que prevalecia no campo em construção - que como foi apontado - estava centrado nas temáticas relativas às perspectivas bio-fisiológica nos variados temas tendo com eixos a saúde e a performance.

Esses interesses temáticos - relacionados aos interesses externos- já foram bastante explorados nas abordagens críticas que apontaram a crise da Educação Física na década de 1980. O papel que a mesma desempenhou no projeto da modernidade, ideais de higiene, eugenia quanto o seu conteúdo era a ginástica. Depois quando o esporte se integra ou se confunde com o próprio termo Educação Física, a performance vem ser o interesse da pesquisa. Em disputa com os interesses da educação, antropologia e sociologia em suas vertentes críticas (fenomenologia e dialética). Representados pelas subáreas denominadas sociocultural e pedagógica.

Os argumentos dessas formulações foram apresentados principalmente nos trabalhos historiográficos, buscando compreender o momento atual a partir da constituição do Campo como uma atividade e depois como uma disciplina escolar.

Estes apontam que a Educação Física desde a antiguidade foi considerada um saber prático, como um meio de educar o corpo e o espírito através de exercícios físicos. Isto é como uma prática, que além dos ideais educativos - ainda que não sistematizados - também se relacionava com funções terapêuticas, guerreiras, competitivas e ritualísticas.

No projeto de modernidade, ancorado pela racionalidade científica, influenciado pelo dualismo cartesianismo<sup>29</sup>, esta “prática” ganhou novos contornos e a preocupação com o espírito - no afastamento da filosofia, do pensamento metafísico - perdeu a disputa para os objetivos mais restritos ao corpo, visando a higiene, a eugenia, disciplina<sup>30</sup>, visando à promoção da saúde, ganhando destaque à luz do conhecimento

---

<sup>29</sup>Influência de Rene Descartes, principalmente com a obra **O discurso do método**, onde propôs que o sujeito é separado em duas parte: *res cogitans* (alma/mente) e *res extensa* (corpo).

<sup>30</sup>Aqui se destaca a instituição militar que em seus projetos nacionalistas foi um agente que participou ativamente no desenvolvimento e fortalecimento da Educação Física tendo o viés disciplinar uma de suas características.



das ciências biológicas, através da ginástica, uma atividade<sup>31</sup> que cuidasse do “físico” (corpo), enquanto a “mente” era objeto das demais disciplinas.

A legitimação da Educação Física era garantida pelo conhecimento médico, pedagógico e militar, baseados nas ciências biológicas em suas prescrições para com os cuidados como corpo, nos temas higienistas e eugênicos, não precisando se encarregar de garantir sua cientificidade (BRACHT, 2007). Isto é o Campo enquanto área acadêmica científica, não existia ainda. Entretanto havia um esforço muito grande de intelectuais que defendiam a importância da Educação Física e buscavam em outros campos os fundamentos para os seus argumentos.

Existem indicadores que os intelectuais que pensaram a Educação Física, neste período, trouxeram, pensaram a EF em outros campos, ou seja, o campo da EF não dispunha de meios para teorizar sua prática. De qualquer forma o discurso, a teorização neste campo emergente era até a década de 60 marcadamente pedagógico (BRACHT, 2007, p.18).

Na disputa que se apresentava inicialmente a Educação Física, estava atrelada mais às ciências biológicas, aos ideais de saúde e cuidado do corpo - com pressupostos epistemológicos baseados no método positivista que predominava e atualmente ainda predomina - a perspectiva educacional, com paradigmas emergentes na época como o escolanovismo, novas propostas pedagógicas do ensino centrado no aluno, se tornaram hegemônicas no período, entretanto surgem os interesses de um “agente” que nortearia os rumos da construção do Campo no início da pós-graduação no Brasil, qual seja, o fenômeno esportivo (BRACHT, 2007).

Na década de 1970 se transforma em interesse dos governos, após se constatar a falta de pesquisas na área da medicina esportiva. Grandes esforços foram feitos no sentido de se incentivar a pós-graduação na área, investimentos em laboratórios e equipamentos. Assim como a criação de uma nova entidade científica, sediada no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) (BRACHT, 2007).

Foi neste cenário que se permitiu garantir a Educação Física nas Universidades, surgindo o interesse de formação de capital intelectual para um novo agente, que pudesse produzir conhecimento, fosse detentor de capital científico com o objetivo da melhoria da performance esportiva. A Educação Física passou a ser parte do sistema esportivo. A pós-graduação foi criada, e a formação de alto nível foi vista como um

---

<sup>31</sup>A Educação Física no Brasil para muitos ainda é considerada uma “atividade prática”, só foi considerada uma disciplina, um componente curricular, a partir da última LDB 9694/96 (CASTELLANI FILHO, 1988)

meio de qualificação profissional dos docentes, que atuariam na formação profissional realizada na graduação e que formariam o licenciado em Educação Física e o técnico desportivo.

A produção acadêmica volta-se para o fenômeno esportivo. É a importância social e política desse fenômeno que faz parecer legítimo o investimento em ciência neste campo. Por sua vez, aqueles que atuam no campo ou tem interfaces com ele privilegiam o tema do esporte porque é ele que oferece as melhores possibilidades de acumulação de capital simbólico por via de seu tratamento científico. (BRACHT, 2007, p. 20)

Isto refletia no exercício da atividade profissional que era vista como um fazer prático a princípio conformado pelo ideal pedagógico carregado dos conhecimentos das ciências naturais que no dizer de Bracht (2007), gradativamente teve seu viés pedagógico superado pelo cientificismo instrumentalizado pelo esporte nas subáreas que foram surgindo para uma aplicação do conhecimento das ciências básicas.

Com a grande expansão do ensino superior na área surgiram novos interesses sociais, de cuidados com o corpo e diversificam-se as áreas de atuação profissional. Estas provocam mudanças curriculares, ampliam e substituem a formação do técnico desportivo para a formação do bacharel em Educação Física.

O fenômeno esportivo traz a demanda do cientificismo para a Educação Física - que foi um movimento ocorrido em todo o mundo e no Brasil com atraso - problematizando se a Educação Física era uma ciência ou uma disciplina acadêmica. A partir daí o discurso humanista perde a disputa de posição para o do cientificismo, norteado pelas Ciências do Esporte (influência alemã) ou Ciências do Movimento Humano, influência dos EUA (BRACHT, 2007).

Nesse caso, predominaria o segundo momento pela busca de uma identidade epistemológica, para fundamentar e consolidar a Educação Física como um campo acadêmico científico, como ciência. Inicia o debate propriamente epistemológico. Mesmo que tenha ficado restrito aos métodos e concepções de ciência. Isto é na lógica da ciência pura.

Então diversas construções que se lançam em busca de reconhecimento: Ciências do esporte, Ciências do movimento humano, Ciência do movimento humano, ciências da motricidade humana, Ciência da motricidade humana, Ciências da ação (em construção).

Na busca de um estatuto epistemológico, surgiram propostas que situam a Educação Física como ciência do esporte, ciência aplicada derivada das ciências mãe,

como sociologia do esporte, psicologia do esporte. Ciência de aplicação como subárea da Ciência mãe, Fisiologia do exercício, Antropometria, Biomecânica, Cienantropometria, Cinesiologia.

Entretanto há aqueles que não concordam em transformar a Educação Física em ciência aplicada, subáreas ou nova ciência, mas a defendem como uma prática social que necessita de conhecimentos científicos, mas também filosóficos éticos e estéticos para a sua efetivação. Estas disputas na construção do campo podem assim ser sintetizadas:

a) Tentativa de delimitação de um campo acadêmico que teorize a prática pedagógica que tematiza manifestações da cultura corporal de movimento, ou seja o teorizar aí estaria voltado para construção de uma teoria da EF, entendida enquanto uma prática pedagógica; b) tentativa de construir um campo interdisciplinar a partir da Ciências do Esporte, que em alguns casos (Gaya, 1994), reivindica um Ciência do esporte voltada para as necessidades da prática esportiva; c) a tentativa de construção de uma nova ciência, a ciência da motricidade humana (BRACHT, 2007, p.25).

Apesar de concordar com Bracht, nesta tentativa de síntese das posições em disputa é necessário destacar que, mesmo em cada posição apresentada, não há consenso entre estas formulações, tanto nas propostas científicas quanto nas propostas da Educação Física enquanto prática pedagógica.

Além da disputa dos agentes em reconhecer um estatuto científico nos ideais da modernidade na clássica polarização entre as ciências naturais e humanas. Surgem novos agentes com propostas ou discursos pós-modernos e pós-estruturalista para disputar posições. Estas não se enquadram nas classificações de ciência básica e aplicada ciências humanas ou naturais. Pois o debate que começou com a interdisciplinaridade para superar o positivismo, caminhou para a multi, transdisciplinaridade não apenas de disciplinas, mas de áreas e métodos.

Então na Educação Física a formação de capital intelectual. Isto é, de formação de alto nível como produtor de conhecimento no Campo, é um interesse muito recente. Pois seguindo a tradição de saber fazer e depois de uma profissão - foi fundamentada como uma área de aplicação. Os conhecimentos produzidos neste Campo trazem a marca da instrumentalização e os pressupostos epistemológicos de outras áreas em disputa. Esta perdura no Campo sob qual área a Educação Física pertence se à área da sua “origem”, que seriam as ciências naturais - com forte influência bio-fisiológica. Ou nas ciências humanas e sociais que pela influência marcante da “educação” física vai

lhe posicionar mais próximo da psicologia, sociologia, antropologia e da própria educação.

Entretanto quando a formação de capital intelectual no Campo da Educação Física vai ocorrer não apenas nos programas da área e começa a dialogar com os programas de Educação, Antropologia, Sociologia e demais subcampos das ciências sociais. Surgem outras possibilidades de se discutir a Educação Física que não se restringem aos pressupostos das ciências naturais. As ciências humanas que tem contribuído significativamente na construção de objetos temáticos e de pressupostos teóricos metodológicos, hoje também se encontra em estágio bastante avançado os subcampos denominados sócio cultural e pedagógico.

Tratar o pedagógico só a partir das ciências humanas também é problemático, pois este tem a disputa de outros referenciais. Pois como já aponte, apesar de nesta pesquisa, o considerar como parte do sócio cultural, constatei que em alguns programas dessa subárea (pedagógica) existem linhas de pesquisa que tratam esta temática com os mesmos pressupostos das ciências naturais dentro das áreas da biodinâmica (desenvolvimento motor).

No momento que se apresenta principalmente impulsionados pelos mega eventos no Brasil, jogos Pan-Americanos e Olímpicos. As temáticas que ganham mais destaque nas disputas de financiamentos nos programas - na construção de objetos de pesquisa que sejam considerados relevantes para os interesses que se apresentam - está associada à lógica produtivista. O subcampo da biodinâmica tem sido o mais privilegiado, não apenas pelos interesses externos, mas pela lógica interna do campo, e pelo *habitus* científico de seus agentes, que tem logrado mais êxito e reconhecimento nas disputas de poder simbólico.

Enquanto os agentes que discutem temáticas socioculturais e pedagógicas se encontram em um cenário desfavorável em relação aos interesses de se construir uma potência olímpica - que já foi intenso no final dos anos 1980 das lutas por mudanças nos Pais - com relativo avanço nos balanços da área apresentados. Hoje se encontra em refluxo diante das dificuldades de produção no atual modelo de avaliação dos programas.

No terceiro momento o debate epistemológico caminha para as análises dos pressupostos epistemológicos da produção. Este tem contribuído para uma caracterização da área demonstrando quais os pressupostos predominantes nos balanços

dos programas, periódico, temáticas, grupos de pesquisadores. Na relação entre as áreas temáticas mais pesquisadas, nos modelos de ciências e seus métodos. Esta área vem se consolidando principalmente nos estudo de Gamboa (2010) com o método lógico histórico.

Neste debate a questão do colonialismo epistemológico ainda se torna relevante. Não apenas para vincular às pesquisas do subcampo biodinâmica as ciências naturais, mas também para refletir no subcampo sócio cultural em relação às ciências sociais. Bem destacado por Bracht (2007) e Gamboa (2010) que quando se faz pesquisas com métodos de determinadas ciências (básicas) está se pesquisando para a ciência básica e não a aplicada.

A construção da área da Educação Física enquanto campo acadêmico-científico não se apresenta no debate epistemológico de forma consensual e sim em uma disputa de posições que se configuram de acordo com os diversos contextos em suas determinações externas, como também nas tensões internas do campo. Esta se situa com a Educação Física sendo considerada uma área profissional ou acadêmica, nas concepções de ciência naturais e sociais, básica e aplicada, ciência do esporte, ciências do movimento humano, ciência da motricidade humana e na sua formulação como uma prática pedagógica e mais recentemente na construção das ciências da ação juntamente com a Pedagogia, a Educação Artística, Política e a Ética (SÁNCHEZ GAMBOA, 2010).

Mesmo considerando o avanço deste debate nas perspectivas apontadas. O que se observa é que diante do contexto de produtivismo e da avaliação, os modelos clássicos de ciências se encontram fortalecidos e valorizados, por terem sido exitosos nas disputas de poder simbólico na produção de capital intelectual e científico no campo.

Demonstrando o que Bourdieu apontava que para compreender o Campo, não basta tratar a ciência apenas em sua lógica determinista ou ciência escrava. Aquela que está a serviço dos interesses econômicos e externos, como também não lógica da ciência pura que trata da mudança da ciência no processo de acumulação do conhecimento e busca de um paradigma que será obtido pela consagração e por estagio de consenso. Mas sem demérito ao debate e a contribuição que as formulações científicas trouxeram para a área. Infelizmente ocorreu parafraseando Bracht um debate entre surdos. Há a necessidade de analisar os agentes e suas estratégias nestas disputas e não apenas a sua

produção e seus métodos. Uma das ações comuns é a formação de colégios invisíveis de pesquisadores em determinado subcampo que ignora os demais.

Isto corre tanto nas ciências naturais como nas ciências humanas. Quando eu não concordo com tal posição eu simplesmente ignoro a sua existência e fortaleço na disputa através das citações (impacto) a ciência que pode proporcionar prestígio e capital científico. Mesmo que “teoricamente” não se sustente em outra formulação. Como é o caso das concepções de movimento e corpo que avançaram das perspectivas bio-psico-sociais para as culturais. Entretanto as concepções bio-fisiológicas continuam sendo valorizadas, pois os seus agentes continuam construindo objetos e produzindo conhecimento nesta perspectiva e conseguindo capital simbólico com concepções anacrônicas. Alguns avançam para o social ou o ambiente ou cultura, mas continuam com pressupostos estruturalistas e positivistas consagrados e reconhecidos internacionalmente nas produções de impacto da área.

Em alguns momentos o debate foi polarizado, dicotômico e excludente (Educação Física é ou não ciência, pertence ao campo das ciências naturais versus ciências humanas, campo acadêmico científico ou só de aplicação profissional). O mestrado profissional é uma das consequências desta celeuma e vem crescendo gradativamente.

Furtado (2013), analisando as matrizes epistemológicas da formação do pesquisador em educação física dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física da região Sul avaliados com conceito 5 no triênio de 2010 constata que:

(...) do ponto de vista geral, os programas fundamentam-se em dimensões e eixos teóricos nos quais predominam em ordem de maior incidência o estudo de questões relativas às ciências naturais com discussões sobre saúde, qualidade de vida, treinamento desportivo, prescrição do exercício, fisiologia, biomecânica; ciências humanas com a contribuição da filosofia, sociologia e antropologia para o estudo dos objetos da educação física tais como: esporte, lazer, movimento humano, dança; e por último, fundamentos da ciência com estudo dos referenciais da epistemologia (racionalidade, objetividade, produção do conhecimento) e da pesquisa (métodos-técnicas-instrumentos, e concepções de ciência). (FURTADO, 2013, p.12)

Este estudo demonstra que a formação de capital intelectual ainda traz as marcas do processo de disputas entre as posições apresentadas e que o Campo relativo às denominadas ciências duras continua sendo privilegiado na formação do futuro pesquisador e norteará a produção do campo da Educação Física em construção.

Isto me fez refletir sobre os objetivos da pós-graduação no sentido de formar um pesquisador produtivo que ensina e não mais um professor pesquisador. Pois os relatos que se apresentam pelos coordenadores de programa é de que como o foco maior é a produção e a manutenção dos altos conceitos, os docentes estrategicamente vão investir mais tempo em suas produções do que na formação de novos pesquisadores e a sua titulação não será tão prioritária com a sua produção. Por outro lado nos programas que estão com baixos conceitos, os docentes se esforçam para cumprir os prazos dos bolsistas e na sua titulação para satisfazer as metas e passar a um nível mais alto, mas não têm tempo para uma produção mais intensificada devido às rotinas de orientação e aulas do programa e mantém os baixos conceitos (HORTA, 2009).

Nesta lógica os programas que possuem áreas de concentração que atuam na perspectiva da ciência aplicada, como subáreas e estão inseridos em uma linha metodológica consagrada internacionalmente, com o conceito alto na escala avaliativa da CAPES, estão confortáveis em suas posições produtivas e não têm interesse em mudança. Enquanto as áreas de concentração e linhas do mesmo programa que trabalham na aproximação com as ciências humanas e sociais, na perspectiva denominada sociocultural, que estão em busca de novos referenciais, enfrentam dificuldade de publicação internacional, pois seus problemas de certo modo enfocam situações nacionais e estão em busca de construções teóricas que dêem suporte. Logo, não conseguem ter suas produções em um patamar de excelência e seus programas também deixam de merecer prestígio.

Ao relacionar estas questões internas com as determinações externas e o contexto da sociedade do conhecimento, foi possível verificar que esta disputa sobre estatuto epistemológico, mesmo anacrônica - diante do avanço do debate em torno de novas possibilidades de compreensão da ciência- tem fortalecido o modelo que se ancora na relação entre a ciência básica e aplicada, reforçada pela produtividade.

O interesse que tem norteadas as disputas no campo pela capacidade técnica e poder social é acima de tudo político e pelo prestígio, poder e fama. Existem subáreas que estão se consolidando sendo certificadas e bem avaliadas pelas estruturas dominantes, (biodinâmica do movimento), enquanto outras só têm sido reconhecidas no âmbito nacional em virtude das regras estabelecidas (sociocultural).

Estas regras foram elaboradas no cenário epistemológico da construção do campo da pós-graduação no Brasil e particularmente da Educação Física que teve como destaque nos debates apresentados nas seguintes formulações:

As mudanças que ocorreram em vários campos inclusive o científico - quando os modelos clássicos de ciência foram questionados principalmente na lógica da ciência básica e aplicada bem como nos seus pressupostos epistemológicos - promoveu uma busca de novas formas de compreensão da ciência e de sua utilização para a solução dos desafios que os modelos que apresentam apenas a racionalidade técnica não conseguem atender.

A produção do conhecimento na pós-graduação no Brasil traz várias distorções regionais. Regiões que possuem os programas e produzem com destaque (Sul e Sudeste) e regiões que não produzem por que não tem programas ou tem em número reduzido (Norte, Nordeste e Centro-Oeste)

A inserção do Brasil no cenário internacional ocorre quando se adota o modelo de avaliação que privilegia a produtividade internacional e se criam exigências para os programas de se integrarem no modelo americano de indexação dos periódicos. Esta posição foi inicialmente questionada pelos pesquisadores e atualmente há uma relativa aceitação segundo estudos revisados que indica que os agentes estão se posicionando para manutenção das regras estabelecidas.

Contudo, há duas posições que se mantém no debate: a primeira criticando a adoção deste modelo de publicação de revistas “internacionais” que considera como nacionais e pelo avanço dos países que estão fora deste circuito como os asiáticos demonstra que a ciência avança não apenas nesta certificação sob controle americano. A segunda aponta que este modelo, centrado na produtividade não está de acordo como as novas formas de gestão da pesquisa, nas novas áreas que surgem integradas em redes internacionais de pesquisadores. Estes não centram apenas na produção, mas em novos modos de gestão e estratégia de atuação.

Em síntese, a construção da pós-graduação no Brasil ocorre em fases distintas e em contextos diferenciados a lógica de se desenvolver da ciência e tecnologia está mantida e após 50 anos o sistema se consolida inserindo o Brasil no cenário internacional com uma produção discreta, mas com significativo crescimento. Tal inserção ocorre quando se adota o modelo de avaliação que privilegia a produtividade



internacional e se criam exigências para os programas de se integrarem no modelo americano de indexação dos periódicos.

Neste ínterim, os modelos clássicos de ciência foram questionados inclusive, não apenas na lógica da ciência básica e aplicada bem como nos seus pressupostos epistemológicos. Isto que promoveu uma busca de novas formas de compreensão da ciência e de sua utilização para a solução dos desafios que os modelos que apresentam apenas a racionalidade técnica não conseguem atender.

Neste sentido foi relevante resgatar como vem se dando este cenário de construção e desconstrução do campo da Educação Física, nos principais dilemas apresentados a partir da discussão da educação como ciência, das temáticas tratadas pela produção científica na área, dos pressupostos epistemológicos presentes na produção, e na tensão dos objetivos da pós-graduação em relação à formação acadêmica e profissional para subsidiar a questão que se apresenta na tese sobre a relação entre o capital intelectual e científico no campo da Educação Física no Brasil.

Estas proposições em um diálogo com a perspectiva de Campo de Bourdieu possibilitou a compreensão da produção do conhecimento não apenas na lógica da determinação externa, ou das regras internas da ciência, como também no papel dos agentes, um campo em permanente tensão, não como objeto estático e reprodutor de lógicas imanentes, mas também nas disputas internas do campo, no papel dos agentes e na relativa autonomia para subcampos como os das ciências aplicadas ligadas as ciências naturais. Trazendo para o Campo várias possibilidades de se desenvolver, tanto como um ramo de conhecimento acadêmico científico, como um campo de aplicação profissional reforçando o modelo de ciência aplicada que não se coaduna como as novas exigências dos modelos globalizados de ciência em construção e consolidação. Buscam a aplicação não apenas na especialidade marcada pelo positivismo, mas na complexidade, e nos desafios que as novas relações do mercado exigem, mediadas pela atuação dos agentes no interior dos programas.

Tendo como objetivo maior analisar o cenário epistemológico no qual se configura o Campo da Educação Física no Brasil. Apresento as características gerais do campo da pós-graduação, bem como capital intelectual e científico e em seguida as características da produção de capital intelectual e científico nesse campo.

Dentre as características da pós-graduação brasileira destaco:- crescimento da produção e avaliação indireta da qualidade da produção. Internacionalização da

produção. As distorções regionais. As áreas que tem se fortalecido e enfraquecido diante destes fatores.

A produção do conhecimento no campo da pós-graduação em nosso país se apresenta na lógica da produtividade baseada nos ideais da ciência e tecnologia. Esta lógica tem apresentado uma inserção do Brasil no cenário internacional, com uma participação ainda tímida, mas com expressivo crescimento nos últimos trinta anos.

Ramos e Velho (2013), apontam que a inserção internacional do Brasil na produção do conhecimento se configura sob o enfoque acadêmico e sem uma relação estrutural, contrariando a tendência da produção globalizada, que tem se caracterizado a partir das tecnologias emergentes em gestões compartilhadas e em produção transepistêmicas, diante dos desafios apresentados pelos novos blocos econômicos em disputa por capital científico na lógica da ciência e tecnologia.

Entretanto no processo de disputa do campo científico, diante da agenda avaliativa, reguladora e produtiva que se espelha nos critérios das agências de regulação no Brasil, principalmente das regras externas, os modelos clássicos de ciência e seus critérios de cientificidade estão cada vez mais fortalecidos, e sendo utilizados como paradigmas em uma disputa em que os problemas crônicos da produção do conhecimento vão sendo abandonados e cada vez mais o que importa é ser produtivo, publicar em periódico internacional para ser reconhecido como uma autoridade científica no Campo.

Em relação à caracterização do Campo da Educação Física diante do cenário epistemológico analisado, as fontes investigadas permitiram olhar para a construção do campo não apenas como uma reprodução de determinações externas, da ciência e da tecnologia e da produtividade implícita na atual política da pós-graduação. Como também nas disputas internas do Campo. No papel dos agentes e na relativa autonomia para subcampos como os das ciências aplicadas ligadas as ciências naturais. Essas em grande parte fundamentam as áreas de concentração denominadas de Biodinâmica do movimento humano (USP), Biodinâmica do movimento humano e esporte (UNICAMP), ou temáticas como Movimento Humano saúde e Performance (UFRGS), Estudo Biocomportamentais do Movimento Humano (UDESC).

Esta inter-relação das novas regras externas que trazem a lógica da modernidade, nos cenários iniciais da pós-graduação no Brasil, nos ideais do desenvolvimentismo através da ciência e tecnologia. Esta é consolidada em outro contexto globalizado da

ciência, na lógica da produtividade, sem atentar para as novas tendências que privilegiam não apenas o aspecto acadêmico, mas o profissional, em novas formas de gestão, de acordos com tecnologias emergentes. Nestas as áreas se entrecruzam epistemicamente em equipes multi, inter e transdisciplinares (Ramos e Velho, 2013).

Não no excessivo produtivismo da ciência moderna, privilegiando programas que se consolidaram nos modelos clássicos de ciência e que são potencializados nas publicações científicas americanas, que reinventam sem superar, o paradigma positivista, principalmente nos estudos no campo da saúde onde a área está situada.

Para uma área em que o debate no campo acadêmico ainda é recente como a Educação Física. Com atuação, que esteve fortemente marcada pela aplicação “prática”. Inicialmente como uma atividade física e agora enquanto disciplina acadêmica. Nela o movimento humano é visto, não apenas na perspectiva biopsicossocial, mas cultural. Traz para o Campo várias possibilidades de se desenvolver. Tanto como um Campo de conhecimento acadêmico científico, como um Campo de aplicação profissional.

Reforçando a formulação de que o modelo de ciência aplicada que não se coaduna com as novas exigências dos modelos globalizados de ciência em construção e consolidação. Estes buscam a aplicação não apenas na especialidade marcada pelo positivismo, mas na complexidade, e nos desafios que as novas relações do mercado exigem, mediadas pela atuação dos agentes no interior dos programas.

A produção de capital científico e intelectual na pós-graduação em Educação Física no Brasil se caracteriza pela disputa por capital simbólico norteadas pela produtividade e pelo *habitus* científico que tem sido utilizado pelos agentes. Foi possível verificar que esta é também uma disputa pelo reconhecimento do estatuto epistemológico entre os subcampos: biodinâmica e sociocultural. Mesmo sendo anacrônica - diante do avanço do debate em torno de novas possibilidades de compreensão da ciência - tem fortalecido o subcampo que se ancora nos pressupostos da ciência básica e aplicada. Este se vincula as ciências naturais, reforçados pela legitimidade e oportunidade que localização da área (saúde) possibilita. Alavancando a sua produtividade. Portanto, tendo seus agentes, reconhecidos neste subcampo, como o mais produtivo e consolidado no Campo da Educação Física.

Este será objeto dos próximos capítulos e que tem suas especificidades de acordo com as estratégias adotadas na criação dos mesmos, da estrutura curricular, a lógica da ciência que se encontra predominante e que vão interferir na produção do

conhecimento. Isto é, do capital produzido a partir da formação acadêmica que se transforma em capital científico no cenário da produtividade e da avaliação.

### CAPÍTULO III

#### **A PRODUÇÃO TEÓRICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL**

A finalidade desta parte do estudo se volta para analisar a produção e a importância estratégica do capital intelectual do qual se apoderam os docentes no processo de geração de capital cultural científico por meio da produção de conhecimento.

Para tanto, elaborei a seguinte indagação: De que maneira a qualificação de alto nível das quais se investem os docentes da educação superior titulados com mestrado e doutorado constitui um capital intelectual capaz de gerar e consolidar a produção de capital cultural científico no Campo da área de Educação Física?

O desafio consistiu em descrever analiticamente a constituição do Campo científico no sentido de estabelecer a relação entre capital intelectual (formação de mestres e doutores) e a produção do conhecimento na pós-graduação em Educação Física no Brasil (capital científico). Mediante exame da produção bibliográfica do Campo, para identificar essa importância estratégica, do capital intelectual, que os agentes adquirem na obtenção de capital científico e poder simbólico nesse Campo.

Metodologicamente, procurei analisar a relação entre capital intelectual e científico em dois momentos. O primeiro, na produção bibliográfica, que tratou da pós-graduação, realizado em balanços no Campo da Educação Física. O segundo momento foi a partir dos dados apresentados nos relatórios de avaliação dos programas.

No primeiro momento concentrei no estudo de kokubun em seu balanço de 2003. Nos balanços específicos dos programas utilizei os trabalhos de Martins e Silva 2010, Amadio (2003), Frizo (2010) e Souza (2011). Com o intuito de caracterizar a produção científica da área e verificar como esta produção, estava se comportando antes do período proposto para análise 2003-2013 - quando a lógica que predominava era a formação de capital intelectual com ênfase na formação do professor pesquisador - e o impacto que estes critérios tiveram na formação de capital intelectual no cenário atual do pesquisador produtivo. Período dos balanços realizados, que culminaram no interstício (1998-2003) - alvo de Kokubun (2003) e Martins e Silva (2010) que analisou o período (1979-2003).

No segundo momento analisei os relatórios finais de avaliação da área 21 (documento de área) dos períodos 1998-2000, 2001-2003, período anterior ao proposto da pesquisa como uma necessidade para compreender o balanço de 2003 realizado por Kokubum – que foi realizado apenas neste capítulo – para perceber como a formação de capital intelectual ocorreu antes do período proposto e comparar com o período investigado. Relatório anual de avaliação continuada 2005; cadernos de indicadores da CAPES de 1998 a 2009. Nestes analisei o período disponível (2003-2009), a produção de capital intelectual e científico, as teses defendidas no período e os docentes titulados. Produção registrada nas planilhas das Avaliações Trienais dos períodos 2004-2006 e 2007-2009, disponíveis no site da CAPES <http://www.capes.gov.br/>.

Deste modo neste capítulo, o tempo de investigação sofreu uma alteração em decorrência dos estudos realizados (balanço 2003) e pela indisponibilidade dos dados do último triênio 2010-2012 - que foi analisar a produção do campo desde a criação dos programas até o ano de 2009.

Este fato suscitou também a necessidade de analisar o Campo da Educação Física em todos os programas existentes, em relação a oferta e denominações e produção de capital intelectual. Considerando que apenas quatro programas eram nestes aspectos, insuficientes para demonstrar o embate na pós-graduação em Educação Física.

Entretanto para análise da relação entre a produção do capital intelectual e científico dos programas me ative apenas aos quatro programas escolhidos para análise empírica na construção do objeto de pesquisa. Um de nota 6 (USP), outro de nota 5 (UFRGS), um de nota 4 (UNICAMP) e um classificado com a nota 3 (UDESC-SC).

Mesmo considerando o período definido dentro do novo modelo, este vem ao longo do tempo histórico sofrendo alterações que limitam uma comparação da produção científica do período. Pois entre os triênios utilizados 2004-2006 e 2007-2009, os periódicos sofreram alteração nos critérios avaliativos. Antes era ABC, internacional e nacional para um padrão ABC, com variação de números 1 e 2 para o A, considerado internacional e de 1 a 5 para o B (nacional), e o C (nacional), sem índice numérico. O internacional ficou apenas o A. A publicação em anais de periódicos que é considerada uma tradição na área, aparece segundo os dados da CAPES, apenas no último triênio da série. Este foi o percurso metodológico utilizado, passo agora as considerações iniciais do capítulo.

A pós-graduação em Educação Física se consagrou com a consolidação do sistema de pós-graduação no Brasil. No cenário das exigências de produtividade, no sistema global de ciência pautado pela bibliometria, cientometria, cienciométrica, produção de impacto. A produção de conhecimento vem crescendo tanto no capital intelectual, representado pela formação de mestres e doutores como do capital científico, nos periódicos internacionais, bem como na lógica da ciência e tecnologia.

No Campo da Educação Física, a produção dos programas e as formas de avaliação implantadas a partir das regras de produtividade, produção do conhecimento da área, tem se intensificado principalmente a partir de 2000, com o crescimento dos programas de pós-graduação. Com o reconhecimento e credenciamento dos novos cursos.

O tema da agenda na pós-graduação como visto, é a inserção internacional e a produtividade decorrente dos novos critérios de avaliação implantados a partir de 1998 no Brasil. Estes seguem a lógica do desenvolvimento, através da ciência e tecnologia, que se consolida no país após cinquenta anos de implantação do modelo. Essa produtividade se instaura, em um cenário de incertezas e complexidades, que exigem novos tipos de gestão da ciência globalizada, em tecnologias emergentes.

Entretanto é necessário verificar nessa agenda de inserção internacional dos programas, como tem se dado, a produção de capital intelectual dos docentes - mestres e doutores, representadas no número de teses e dissertações defendidas - a produção discente durante essa formação, para relacionar com a produção de capital científico, publicação em periódicos qualificados, exigida pelos critérios do modelo QUALIS-CAPES.

A formação de mestres e doutores, diante das exigências das novas regras do Campo, vem perdendo a sua importância para a lógica da produtividade. Este fato, que aparece de forma absoluta<sup>32</sup>. Vai, na direção contrária, de uma das dimensões da avaliação que é a produção de capital intelectual. Representado na formação discente, com a publicação de dissertações e teses, bem com demais produtos discentes e docentes.

A apresentação dos dados ficou distribuída em quatro seções: Inicialmente analiso os programas de pós-graduação em Educação Física, para mostrar as

---

<sup>32</sup> Nos dados de avaliação da área com todos os programas, analisados por média de produção entre os pesquisadores esta diminuição não é significativa, como quando se trabalha com números absolutos dos programas sem realizar média.

denominações predominantes, tanto do mestrado como do doutorado. No segundo momento, discuto a produção do Campo da Educação Física segundo estudos realizados, para descrever, a produção geral de todo o Campo. A terceira parte abrange a produção dos programas investigados, em estudos realizados, até o ano de 2003, para analisar, a incidência de capital intelectual e científico nesse Campo. O quarto momento envolve a produção de capital intelectual e científico, na dinâmica dos programas investigados a partir dos relatórios trienais disponíveis, para analisar a importância da produção de capital intelectual na geração de capital científico nos relatórios disponíveis a partir de 2003.

### **3.1 As diversas denominações dos programas de pós-graduação.**

No Campo da Educação Física, considerando as formas de avaliação implantadas a partir das regras de produtividade, a produção do conhecimento tem se intensificado de acordo com o cenário apresentado. Principalmente a partir do ano de 2000, com o crescimento dos programas de pós-graduação da área.

A Educação Física inserida na grande área das ciências da saúde integra a área 21 juntamente com a fisioterapia e a fonoaudiologia e mais recentemente, terapia ocupacional. Tem demonstrado, nos estudos inspecionados e nos indicadores e relatórios de avaliação, uma produção de capital intelectual e científico, atendendo as novas exigências do modelo QUALIS-CAPES, implantado a partir de 1998.

Estas exigências estão no processo de avaliação, que tem como indicadores mais valorizados de análise: a produção intelectual (capital científico) 40%, o corpo discente representando no tempo e número de dissertações e teses defendidas (30%), (capital intelectual), corpo docente (20%) e inserção social (10%). Em relação a produção de teses e dissertações (capital intelectual) a “qualidade” tem o peso de (50%) e na produção intelectual docente (capital científico) (40%).

Esta qualidade é avaliada indiretamente pela publicação no modelo nas diversas modalidades, sendo as mais, valorizadas as publicações de artigos no modelo QUALIS-CAPES em A1, A2, B1, B2. São consideradas de impacto no ISI (JCR). Isto é o critério de avaliação tanto da produção discente com a discente é conseguir a publicação em periódicos que tenham a maior aderência com a área 21. Em uma classificação de varia de EPISTEF 1 A 4. Sendo o quatro, o de maior aderência e fator de impacto e o 1 o de menor aderência ou nenhum impacto. Ou seja, os critérios de qualidade são da ciência



da informação cientometria, bibliometria e cienciometria e não a avaliação de especialistas da área em que a produção é elaborada. Demonstrarei os impactos nas áreas ou subcampo que se fortalecem ou enfraquecem nesta disputa. As estratégias que o *habitus* científico vai produzindo na busca de poder simbólico e prestígio no Campo, nos capítulos IV e V.

No caso dos programas, que conseguem na avaliação o patamar nacional (5), ocorre a disputa pela internacionalização dos programas segundo critérios definidos que possibilitam, o programa conseguir as notas 6 a 7. Estes aspectos da avaliação - apresentados nos relatórios de área a cada triênio - apresentam mais dimensões (internacionalização da área). Estas, ao longo dos anos, vêm sendo aperfeiçoada, buscando soluções para os dilemas apresentados no campo e onde as regras internas do campo são analisadas em seus resultados.

Sem entrar no mérito da questão avaliativa que não é o objeto deste estudo, mas tratando dos impactos que este modelo apresenta, na formação de capital intelectual, no processo de transformação em capital científico. A dimensão, “avaliação do programa” trata da “coerência, consistência, abrangência e atualização das áreas de concentração, linhas de pesquisa e projetos em andamento e proposta curricular”. Esse critério avaliativo, foi o ponto que reacendeu o debate epistemológico sobre a identidade da área apresenta peso (0 %).

Isto demonstra que o centro do processo de avaliação atualmente, não é a consolidação do Campo em relação a uma construção teórico-epistemológica, que defina claramente a(s) concepções de ciências presentes, mas a produtividades dos agentes nos programas. Pois, nos critérios do processo de avaliação, a produção de capital intelectual e científico dos programas tem o peso de (40% e 30%, respectivamente).

Mesmo com este complexo modelo de avaliação, a pós-graduação na área, tem logrado uma expansão de seus programas no cenário da pós-graduação já descrito e que agora vai ser apresentado na especificidade do Campo.

Este processo, que inicia com a criação em 1977 dos primeiros mestrados no Brasil da área de Educação Física, na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi marco inaugural da formação de alto nível no Brasil, como resultados das políticas nacionais da pós-graduação.

Neste momento, só a Universidade de Santa Maria adotava a denominação Ciências do Movimento Humano, que vem da influência americana cujo programa era:

“(...) organizado com um conjunto de subdisciplinas (biomecânica, fisiologia do exercício, aprendizagem motora, crescimento e desenvolvimento, etc.). Nos outros programas, adotou-se o termo Educação Física, e seus cursos eram extensões de disciplinas tradicionais como educação e biologia”. (CARVALHO e MANOEL, 2011, p.5).

Isto demonstra, que desde a criação dos programas de mestrado, a disputa entre os agentes em relação às concepções de Ciência, que nortearam a produção, não se apresentavam consensualmente. Estas traziam as diversas possibilidades já apontadas, que vão se expressar nas denominações, que aparecem e vão se ampliando ou reduzindo, de acordo com as mudanças nas propostas dos programas.

No segundo momento, foram criados os cursos de mestrado na Universidade Gama Filho - UGF (1985), Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1988), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1989), Universidade de Minas Gerais - UFMG (1989), Universidade Estadual de Rio Claro-UNESP-RC (1991), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - SC (1996), Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC - SC (1997). Em 1989, foi criado o primeiro doutorado no Brasil e na América Latina, na USP. Os demais começam a surgir na década de 1990, UNICAMP (1993), UGF (1994), UFRGS (1999).

A expansão da formação de mestres e doutores, no campo da Educação Física no Brasil, ocorre principalmente a partir de 2000. Com o surgimento de mais quatro programas de doutorado: UDESC - SC (2009), UFMG (2008), UCB-DF (2006), UFSC-SC (2006) (CAPES, 2007). Dos atuais 31 programas, a maioria tem a nota 3 e segundo Relatório Final de 2010 da CAPES, estão em plena expansão e consolidação.

Destaco que dos atuais 31 programas reconhecidos e recomendados pela CAPES (2013), no triênio 1998-2000, apenas 10 deles estavam reconhecidos. Dentre estes, seis com mestrado e doutorado e quatro com apenas o mestrado. Neste período (1988-2000) o debate epistemológico sobre o Campo da Educação Física como Ciência ou Ciências da motricidade, Ciência ou Ciências do movimento humano, estava bem equilibrado e se apresentava claramente na denominação dos programas. Com concentração nas regiões Sul e Sudeste. Cinco programas utilizando a denominação Educação Física e cinco utilizando as formulações científicas.

QUADRO 3: CURSOS RECOMENDADOS PELA CAPES (1998- 2000)

PROGRAMA	INSTITUIÇÃO	UF	M	D	F
EDUCAÇÃO FÍSICA	USP	SP	X	X	
	UNICAMP	SP	X	X	
	UGF	RJ	X	X	
	UFMG	MG	X		
	UFSC	SC	X		
CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA	UCB/RJ	RJ	X		
CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE	UNESP/RC	SP	X	X	
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO	UFRGS	RS	X	X	
CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO	UFSM	RS	X	X	
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO	UDESC	SC	X		

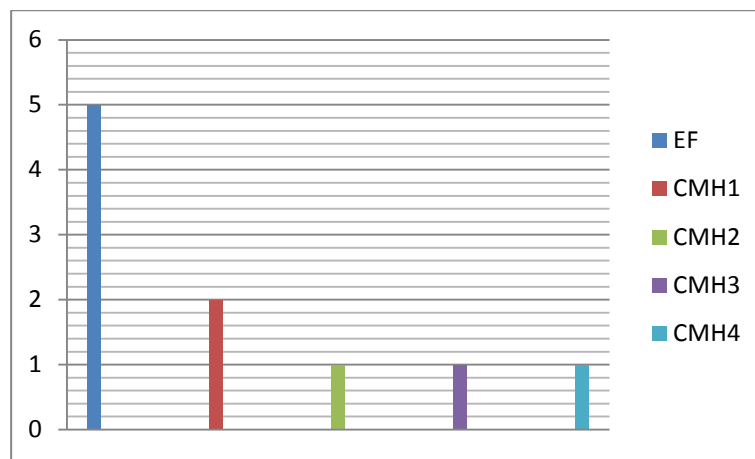
**Fonte:** Documento de área, avaliação do triênio 1998/1999/2000. CAPES.

**Legenda:** M: mestrado, D: doutorado, F: mestrado profissionalizante.

Neste momento, observei que alguns programas já haviam sido descredenciados, como foi o caso da UFRJ e outros agonizavam, segundo o relatório 2001-2003, até serem descredenciados, como ocorreu com o da UFSM e depois o da UCB/RJ. O programa da UFRJ retornou somente em 2009 com o mestrado em Educação Física. Assim como o programa de mestrado da Universidade de Santa Maria, recentemente credenciado (2013).

Destaco a falta de consenso no Campo epistemológico, em se adotar, denominações no singular ou no plural, o que demonstra a disputa entre os agentes dentro dos seus referenciais teóricos. Como foi o caso da Ciência(s) da Motricidade Humana e a Ciência(s) do Movimento Humano como se representa no gráfico abaixo. A denominação Educação Física vai se mantendo na falta de consenso. O modelo americano (Ciências do Movimento Humano) vai prevalecendo e as concepções eurocêntricas vão perdendo a disputa que se dará não apenas nas denominações, mas nas áreas de concentração e linhas de pesquisa.

**GRÁFICOS5: CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
RECOMENDADOS PELA CAPES (1998-2000)**



**Fonte:** Documento de área, avaliação do triênio 1998-2000- CAPES.

**Legenda:** EF: Educação Física; CMH1: Ciências do Movimento Humano; CMH2: Ciência do Movimento Humano; CMH3: Ciências da Motricidade Humana; CMH4: Ciência da Motricidade Humana.

A disputa entre as denominações se mantém nos programas, que possuem mestrado e doutorado, como se observa no quadro 4. Com alguns programas mudando de denominação, como o da UFMG, que adotou a denominação: Ciências do Esporte. O termo Ciências do Movimento Humano é consenso em três programas, enquanto os termos: Ciências do Esporte e Ciências da motricidade são utilizadas apenas por uma vez pelos programas. O termo Educação Física tem sido o mais utilizado.

**QUADRO 4: PROGRAMAS COM MESTRADO E DOUTORADO  
RECOMENDADOS PELA CAPES (2013).**

PROGRAMA	IES	UF	M	D	F
<u>CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE</u>	UNESP/RC	SP	X	X	
	<u>CIÊNCIAS DO ESPORTE</u>	UFMG	MG	X	X
	UFRGS	RS	X	X	
<u>CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO</u>	UDESC	SC	X	X	
	UNICSUL	SP	X	X	
	UNIMEP	SP	X	X	
<u>EDUCAÇÃO FÍSICA</u>	UCB	DF	X	X	
	UFPR	PR	X	X	
	UFSC	SC	X	X	
	UGF	RJ	X	X	
	FUFSE	SE	X	X	
	USP	SP	X	X	
	UNICAMP	SP	X	X	
	USJT	SP	X	X	
	UEL	PR	X	X	

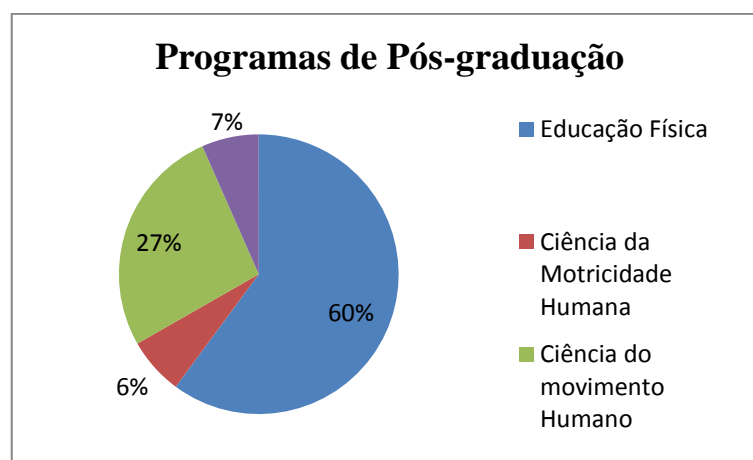
**Fonte:** Adaptado do quadro geral dos programas da área credenciados 2013

**Legenda:** M: mestrado, D: doutorado, F: mestrado profissionalizante.

A Ciência da motricidade humana, tese de Sergio (1989), na década de noventa foi recepcionada principalmente pela UNICAMP, que adotou a denominação na graduação seguindo proposta de Tojal. Nos programas de pós-graduação também foi sendo acolhida, mas com certas resistências. Tendo na Universidade Castelo Branco-RJ<sup>33</sup> uma trincheira em sua defesa. Com o descredenciamento desta instituição, a Ciência da Motricidade Humana, esta denominação desaparece dos programas, permanecendo a da UNESP/RC, de utilização mais ampla com o termo Ciências da Motricidade Humana.

As Ciências do Esporte, que tem espaço em linhas e áreas de concentração nos programas guarda-chuva, que se denominam Educação Física, ganha destaque no programa da UFMG.

**GRÁFICO 6: DEMINAÇÕES DOS PROGRAMAS DE MESTRADO E DOUTORADO RECOMENDADOS PELA CAPES, EM PERCENTUAIS.**



**Fonte:** Programas credenciados da área 2013-CAPES

Nos programas que possuem apenas o curso de mestrado, a denominação - pelo menos na terminologia conceitual - apresenta certo consenso com o termo Educação Física. Principalmente nos cursos que foram criados recentemente, com exceção de um mestrado profissional, que seus agentes optaram em manter outra denominação:

<sup>33</sup>Fui aluno da Castelo Branco-RJ e uma das disciplinas obrigatórias no curso, era denominada Estatuto Epistemológico da Motricidade Humana, onde se buscava que os alunos do curso utilizassem este referencial para o fortalecimento da Educação Física como Ciência da Motricidade Humana. Acabei seguindo outro caminho e não utilizei este referencial teórico na minha dissertação de mestrado.

exercício físico na promoção da saúde. Então a disputa epistemológica, vai se deslocar das denominações dos programas para se intensificar nas áreas de concentração e linhas de pesquisa, conforme se observa no quadro abaixo, com a hegemonia do termo Educação Física.

**QUADRO 5: PROGRAMAS DE MESTRADOS RECONHECIDOS PELA CAPES (2013)**

PROGRAMA	IES	UF	M	D	F
<b>EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	UNB	DF	X		
	UFES	ES	X		
	UFV	MG	X		
	UFTM	MG	X		
	UFMT	MT	X		
	UFRJ	RJ	X		
	UFRN	RN	X		
	UFSM	RS	X		
	UFPEL	RS	X		
	UFSC	SC	X		
	FUFSE	SE	X		
	UNIMEP	SP	X		
	USJT	SP	X		
	UEL	PR	X		
	FESP/UPE	PE	X		
	<b>EXERCÍCIO FÍSICO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE</b>	UNOPAR	PR		

**Fonte:** Adaptado quadro geral dos programas credenciados 2013.

**Legenda:** **M:** mestrado, **D:** doutorado, **F:** mestrado profissionalizante.

O fato inquestionável é o crescimento da pós-graduação da Educação Física no Brasil. Mesmo não havendo consenso na terminologia dos programas, a área apresenta um grande crescimento que precisa ser analisado em relação a sua produção. As disputas ocorrem mais fortes no interior das áreas de concentração que dependem do volume e da qualidade das publicações. Vão norteando, caracterizando e fortalecendo os campos e subcampos mais produtivos. Então, é necessário analisar esta produção dos programas e a relação entre o capital intelectual e científico para aprofundar as concepções de ciência que tem se fortalecido nos mesmos.

No cenário epistemológico que apresentei as diversas propostas de formulação da Educação Física, como Ciência disputavam posições epistemológicas. Estas vêm nortear, a definição da denominação dos programas, em que os agentes participavam com sua produção, em busca de capital científico e intelectual. Dentre elas, vamos destacar 3, que estiveram presente e que vão influenciar fortemente a denominação dos programas como os programas: Ciências do movimento humano, Ciência do movimento

humano, Ciências do Esporte. Ciências da motricidade Humana e Ciência da motricidade humana.

No Brasil, considerando o avanço da pós-graduação e da sua produção, a proposta a que mais prosperou na disputa - ainda não consensual - foi a do modelo americano, quando a Educação Física é defendida como disciplina acadêmica legítima. Com o movimento humano sendo o seu objeto e propondo que seus métodos deveriam ser adaptados dos campos tradicionais como a biologia, psicologia, educação e sociologia. Avançando depois para o denominado movimento disciplinar: fisiologia do exercício, crescimento e desenvolvimento motor, aprendizagem motora, sociologia do esporte, história do esporte. (CARVALHO e MANOEL, 2011).

Estas disputas, ao longo dos anos de produção, se constituem no *habitus* científico, de realizar as disputas de capital simbólico nas áreas de concentração, linhas e projetos de pesquisa. Consolidando consensos possíveis, na formação de subcampos dentro do Campo da Educação Física.

Nos programas investigados temos duas denominações: Educação Física (USP e UNICAMP). Ciência do Movimento Humano (UFRGS e UDESC). Entretanto, relacionando com os demais programas, estas denominações que são o consenso possível nos debates epistemológicos, trazem na maioria dos programas, a denominação de Educação Física, como sendo uma grande área, que em uma espécie de guarda-chuva, abrigaria todas as construções teóricas, ou, em alguns casos, define por uma posição disciplinar ou temática, que também reflete o dilema de localização da Educação Física, segundo os órgãos de financiamento e regulação CAPES-CNPq.

### **3.2 Impactos da formação do capital intelectual no campo no balanço geral de 2003.**

A intensificação da formação de alto nível, com as titulações de mestrado e doutorado. Isto é, a formação de capital intelectual, para a formação de profissionais para atuar como docentes no ensino superior. Atendendo às políticas de pós-graduação no Brasil, mesmo diante das inúmeras distorções em relação aos demais níveis de ensino. Pode ser considerado, um fato inquestionável, através dos balanços da área de (TANI, 2000); (KOKUBUM, 2003, 2006); (SILVA, 2010).

Este crescimento do capital intelectual, também foi acompanhado da evolução do capital científico, resultante do aumento do número de programas. Assim como a

produção do conhecimento e sua veiculação, em eventos e congressos tem se intensificado. Principalmente, após os 25 anos de implantação, da pós-graduação em Educação Física, que ocorreu de 1977 a 2002.

A expansão do sistema de pós-graduação e da comunidade acadêmica não é um fenômeno restrito à educação física. Desde 1974 o número de programas de pós-graduação em todas as áreas no Brasil vem crescendo a uma taxa de 5% e a taxa de produtividade em periódicos internacionais a 12% ao ano, o que torna o Brasil o 18º na classificação mundial em ciência e tecnologia em 2000 (KOKUBUN, 2003, p.10).

Embora o Brasil, tenha avançado na produção do conhecimento, a partir dos novos critérios de avaliação. Na Educação Física a produção de capital científico não estava acompanhado esse crescimento. Pois em 2000, estava muito abaixo da média nacional.

No Brasil e na educação física, 30 e 5% das publicações foram veiculadas internacionalmente. As ciências exatas publicaram 72% em veículos internacionais, ao passo que, nas áreas de ciências sociais aplicadas, humanidades, linguística e artes, essa proporção foi de 11 a 13%, o dobro, portanto, daquela verificada em educação física (KOKUBUN, 2003, p.23).

Esta constatação fortaleceu a implantação de novo modelo de avaliação que priorizou a produtividade dos programas segundo critérios de internacionalização. Além de um esgotamento do próprio modelo de conceito que, segundo aponta o relatório de 2000, já não atendia nem acompanhava o crescimento e diversificação da pós-graduação no Brasil.

Betti et al (2004), se posicionando na disputa pela abordagem sociocultural<sup>34</sup>, questionam os dados quantitativos apresentados por Kokubun (2003), nesse balanço da área. Destacam várias questões dos métodos de comparação entre área e subárea, das premissas utilizadas na análise e reforçam a denúncia que Bourdieu (2003, 2004), fez sobre a internacionalização ou americanização da produção, apresentando dados significativos. Reconhecem as novas demandas sobre as diversas áreas, mas entendem que o mestrado profissional vem legitimar a relação entre ciência básica e aplicada que a abordagem sociocultural e as novas abordagens vêm buscando superar.

Está, é uma das reações dos agentes, que não se sentem contemplados, não só com os critérios e avaliações quantitativas e objetivas, mas também, com o modelo de

---

<sup>34</sup>Esta abordagem está associada aos agentes que defendem o campo da educação física na perspectiva das ciências humanas, porém Betti mesmo propondo a superação das dicotomias, entra no debate devido esta lógica de ciência se encontrar fortalecida nos critérios de avaliação em vigor.



ciência que vem sendo construído e fortalecido nessa disputa, que se formou em torno da produtividade.

Os próprios dados objetivos demonstraram que - logo após a aplicação das novas regras - a preocupação de Tani (2000) na produção de capital científico. Este autor alertava sobre as dificuldades que as áreas em construção encontrariam - se referindo ao Campo Educação Física - para atingir as novas metas de produção do conhecimento e desempenho da área. Como demonstra o balanço realizado no período, que causou a polêmica acima citada.

Neste balanço da pós-graduação em Educação Física, a formação de capital intelectual, sofreu uma redução em 2001. Em taxas que apresentavam uma média de 20 mestres e 3,5 doutores no período de 1996 a 2001. O autor esclarece que, “O motivo para esse arrefecimento na taxa de titulações ainda não está claro, embora uma das hipóteses é que isso seja reflexo do aumento das exigências contidas nos critérios de avaliação de programas, que tem se verificado desde 1998” (KOKUBUM, 2003, p.14).

Nenhuma formação de alto nível, muito menos um Campo em construção, como a Educação Física pode garantir que o agente com título de mestre ou doutor atue no ensino superior ou como docente na pós-graduação. O próprio tipo de formação e produção pode ser um indicador, mas não existem ainda estudos sobre a futura atuação deste agente. Nos programas, segundo Kokubun (2003), vinha ocorrendo um aumento crescente de docentes da pós-graduação - antes das novas exigências da terceira fase (1998) - com ela aconteceu uma diminuição destes quadros, como relata o pesquisador quando de sua atuação na qualidade de representante da área:

O perfil do corpo docente da PG certamente exerce enorme influência nos rumos de sua área, pois contribuirá diretamente com a produção de novos conhecimentos e também de recursos humanos que disseminarão esses conhecimentos. Tal como foi verificado com relação à massa de alunos, o número de docentes que atuam em PG na educação física vem aumentando ao longo dos anos. Nota-se também uma inflexão para baixo na taxa de crescimento de docentes de PG a partir de 1999, que se encontra estabilizada em torno de 180 e daqueles com dedicação integral (NRD6), em 140. Provavelmente essa inflexão, tal como ocorreu com o fluxo de alunos, decorre do aumento na exigência dos critérios de avaliação da Capes (KOKUBUN, 2003, p.15).

Além da redução da formação de mestres e doutores, houve redução do número de docentes dos programas. As mudanças nos critérios de avaliação provocaram impacto na formação de capital intelectual. A qual já vinha sendo questionada quanto à relevância da produção científica a partir das dissertações e teses defendidas.

Uma formação muito restrita as regiões Sudeste e Sul que concentram a maioria dos programas, e que tem apresentado um destaque maior para formação de mestres do que de doutores provocando uma demanda reprimida, a produção de capital intelectual está assim relatada:

Em junho de 2006, havia no Brasil mais de 500 cursos de graduação em Educação Física frente a 17 cursos de mestrado e 7 de doutorado. Esses cursos, no período de 1996 a 2004, receberam 1986 novos alunos e titularam 1537 mestres e 207 doutores com uma taxa de crescimento de 28 mestres e 3,1 doutores ao ano. Segundo essas estimativas, entre 1996 e 2006 a PGEF brasileira deverá formar cerca de 1600 mestres e 300 doutores, provavelmente insuficientes para fazer frente à necessidade de corpo docente qualificado para o ensino superior (KOKUBUN, 2006, p.32).

Mesmo reconhecendo esta demanda de formação de recursos humanos para o ensino superior. O autor aponta a possibilidade de saturação do mestrado acadêmico, para as necessidades do mercado de trabalho. Defende a necessidade do mestrado profissional e a redefinição dos objetivos da pós-graduação de formação para o magistério, como repensa as várias demandas sociais. Pois a tônica agora, vai ser a produtividade, a produção de capital científico, a inserção da produção no cenário internacional que já havia sido apontado a partir do relatório do final dos anos 1990.

Entre 1996 e 2000 a PGEF cresceu a um ritmo similar ao do sistema nacional, embora o mesmo não pudesse ser dito com relação à produção intelectual. O número de cursos de PGEF correspondia a 0,7 % de todos os cursos do mesmo nível no Brasil. Porém, a produção bibliográfica em periódicos internacionais de impacto, reduzira-se de 0,5 % para apenas 0,04 %. Uma constatação mais contundente era que, entre 1998 e 2000, 68 % dos docentes permanentes da PGEF não apresentaram a produção considerada desejável de um trabalho anual na íntegra. Dentre esses, a metade não apresentou qualquer produção (KOKUBUN, 2006, p.31).

Este fato foi, segundo o mesmo autor, após a análise do triênio 2001-2003, superado. Os dados demonstraram que, o número de docentes sem produção reduziu para 5% e a produção internacional aumentou 47%, (Kokubun, 2006).

Os relatórios apontaram que, superando a expectativa de que as novas áreas iriam sofrer uma retração diante das novas exigências, isto não ocorreu. A produção dos programas de áreas de concentração e linhas de pesquisa que se aproximam das ciências naturais, convencionalmente chamadas de biodinâmica do movimento humano, se fortaleceram. Enquanto as linhas e áreas que se aproximam das ciências humanas e sociais, denominada perspectiva sociocultural e pedagógica, ainda caminham em busca de consolidação.

Gradativamente a formação de mestres e doutores, diante das exigências das novas regras do campo, vem perdendo a sua importância para a lógica da produtividade. Em um processo que reduz a produção de capital intelectual na área, o que será demonstrado na produção da maioria dos programas. Em virtude de sua produção estar concentrada mais na produção de capital científico do que em capital intelectual. Este fato, vai na direção contrária, de uma das dimensões da avaliação que é a produção de capital intelectual. Representado na formação discente com a publicação de dissertações e teses.

### **3.3 A produção de capital intelectual nos programas até 2003.**

O Programa de pós-graduação em Educação Física e Esporte - PPGEFE, da Universidade de São Paulo (USP) - instituição pioneira na pós-graduação em Educação Física no Brasil e na América Latina - atualmente é o programa mais consolidado no Brasil (AMADIO, 2003). Obteve no curso de mestrado o conceito A desde 1983, o mesmo ocorreu com o doutorado desde 1992 até 1995. No novo sistema inicia em 1997 com a nota 5 e estava com a nota 6 desde 2007 e atualmente (2013), obteve a nota 7. Um dos maiores conceitos e notas de avaliação pela Capes, na área 21. Nos últimos anos tem contribuído na formação de capital intelectual e na produção do conhecimento científico com inserção internacional em seu programa. O programa promoveu a formação de 241 mestres e 27 doutores desde a sua criação até o final de 2003 (MARTINS e SILVA, 2010).

O programa de pós-graduação em Ciência do movimento humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Iniciou suas atividades em com o mestrado 1989 e doutorado em 2000. Programa que vem se mantendo com boa avaliação nos últimos triênios (2003-2013), mantendo a nota 5. Contribuindo na formação de capital intelectual e científico no Campo, desde o início de sua titulação (1992) até o ano de 2003, formou 273 mestres e 06 doutores (MARTINS e SILVA, 2010).

O programa de pós-graduação em Educação Física – PPGEEF, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição que vem também vem se destacando com a maior produção de capital intelectual na pós-graduação brasileira, apesar de não ser a mais antiga. Vem nos últimos triênios (2003-2013), obtendo a nota 4 pela CAPES. Iniciou suas atividades em 1988, com o mestrado e em 1999 com o doutorado. Formou até o ano de 2003, 263 mestres e 91 doutores (MARTINS e SILVA, 2010).

O programa de pós-graduação em Ciência do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Estadual de Santa Catarina é um dos programas mais recentes. Iniciou suas atividades com o mestrado em 1997 e o doutorado em 2009. Portanto ainda em fase de consolidação, vem com conceito 3, formou até o ano de 2003, 69 mestres (MARTINS e SILVA, 2010).

Estes dados levantados por Martins e Silva (2010), destacam os programas que mais formaram mestres no Brasil até o ano de 2003. Segundo o levantamento realizado, estão UNICAMP (273), UFSM (272) e USP (242). Porém esta assertiva que é verdadeira em termos absolutos se mostra diferente, em dados relativos, quando utilizei outro critério, que não seja apenas a produção geral desde a criação dos programas.

Isto é porque os programas mais antigos, como é óbvio, formam mais capital intelectual, comparado com os novos, devido ao seu tempo de criação. Para lograr uma comparação entre programas e verificar quem mais produziu capital intelectual em dado período. É fundamental usar como critério a produção durante um período em que os programas iniciaram o seu funcionamento e a partir das datas de início das titulações. As análises existentes, não têm observado esta assertiva e estão trabalhando com dados absolutos. Realize uma comparação em relação ao mesmo tempo da formação, tive resultados diferenciados.

Utilizei os próprios dados apresentados por Martins e Silva, tendo como objetivo verificar quem mais produziu mestres até 2003. Adotei como critério o tempo de formação. Neste caso, comparei a USP e UFRGS - que começou a titular mestres no ano de 1992 - 14 anos depois da USP - que começou a titular em 1979. Procedi a análise a partir desta data (1992) até 2003. Então verifiquei que, no programa da UFRGS - criado doze anos depois (1989). A formação realizada foi de 130 mestres enquanto a USP, no mesmo período de titulação da UFRGS. Apresentou a formação de 118 mestres. Isto é, comparando 11 anos de formação das duas instituições, a USP produziu menos capital intelectual que a UFRGS no intervalo de tempo considerado para mensuração.

Aplicando este mesmo critério à UNICAMP. Esta formou de 1992 a 2003, 270 mestres enquanto que a UFRGS formou 130 e a USP, 118. Isto é, a UNICAMP, nos dados apresentados por Silva, corresponde àquela instituição que produziu capital intelectual em proporções muito maiores, em dados relativos ao tempo de criação do

que, quando se analisa a partir de parâmetros da produção geral, em termos absolutos, como realizado no estudo de Martins e Silva (2010).

**QUADRO 6: FORMAÇÃO DE MESTRES 1992-2003 UNICAMP/UFRGS**

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	T
<b>UNICAMP</b>	10	19	13	11	23	16	27	37	23	23	27	41	270
<b>UFRGS</b>	04	01	07	01	07	10	19	19	22	11	15	14	130
<b>USP</b>	09	09	08	06	03	10	06	12	17	16	09	13	118

**Fonte:** Adaptado de Martins e Silva (2010)

Este dado aparentemente não tem muita significação, mas se for considerada a conceituação da USP, conceito A desde 1992, ano do início da comparação por coincidir como o início da formação na UFRGS - já que este programa atingiu a excelência nacional (nota 5) - ver-se-á que esta instituição não tem priorizado historicamente, a formação de capital intelectual em relação a titulação de mestres.

Utilizei o mesmo critério adotado acima para comparar a formação de doutores nas instituições que até 2003 já haviam produzindo esta formação, como a USP e a UNICAMP. A segunda começou a formar em 1995, e têm mantido a nota 4 no novo modelo avaliativo. Para refletir se a formação de capital intelectual foi considerada historicamente uma prioridade na formação de doutores na pós-graduação de dois programas investigados - pois a UFRGS formou a primeira turma em 2003 e a UDESC em ainda não havia doutorado neste ano. Comparei a formação de doutores no período de 1995 a 2003 e verifiquei que a USP titulou somente 26 doutores enquanto a UNICAMP formou 91 doutores no mesmo período. Isto é, o triplo de doutores da USP.

**QUADRO 7: FORMAÇÃO DE DOUTORES 1992-2003 USP/UNICAMP**

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	203	Total
<b>USP</b>	02	03	03	02	04	02	06	02	04	26
<b>UNICAMP</b>	02	01	08	18	11	11	14	12	14	91

**Fonte:** Adaptado de Martins e Silva (2010)

Estes dados que não são o foco de nossa investigação que se concentrou mais a partir do ano de 2003, apresenta um panorama qualificacional intrigante. O programa mais bem avaliado, mais consolidado e que não teve dificuldade de se adaptar as novas regras de produtividade não foi o que realizou a maior produção de capital intelectual

até o ano de 2003, comparando relativamente com a data incidente no início da produção dos demais programas.

Reforçando a tese de que historicamente na pós-graduação em Educação Física, quando se considera a formação de capital intelectual representada na titulação de mestres e doutores, essa preocupação não constitui uma dimensão prioritária nos programas que têm obtido uma avaliação de excelência.

Isto pode indicar que, apesar da formação intelectual ser um dos pilares dos projetos de pós-graduação no Brasil e particularmente na Educação Física. Esta, devido as disputas por capital científico, no cenário da produtividade, a partir do novo marco regulatório de 1998, tem deixado de ter uma importância estratégica. Diante da atuação dos agentes, principalmente nos programas mais consolidados. Em considerar que a produção de capital científico e não a produção de capital intelectual é a melhor estratégia para se projetar no campo. Obter capital simbólico, bem com a consolidação dos subcampos que defendem nesta produção científica realizada.

Após conhecer os dados apresentados pelos balanços nacionais, a partir de agora, deter-me-ei na produção de capital intelectual a partir dos indicadores obtidos nos Relatórios Trienais disponíveis, com ênfase aos programas eleitos e o período de análise nestes relatórios, que é de 2004 a 2009.

### **3.4 A produção de capital intelectual e científico dos programas segundo os relatórios trienais**

De acordo com os objetivos do estudo, descreverei inicialmente os dados da produção de capital intelectual do triênio 2004-2006, para verificar como se comportou a formação de mestres e doutores no período. Inicialmente comparando programas, que possuem o tempo aproximado de criação em relação ao número de docentes, como também na sua produção científica. Com o intuito de verificar a relação entre capital intelectual e científico nas instituições.

Com já anunciei, irei demonstrar a produção de capital intelectual, não apenas nos programas que serão o foco da análises nas demais partes da pesquisa (USP, UNICAMP, UFRGS e UNESP), mas em todos os programas para identificar as tendências gerais do campo nesse aspecto.

Nesse triênio, dos sete programas com mestrado e doutorado apenas 05 apresentaram a formação de doutores: USP, UFRGS, UNICAMP, UNESP e UGF. Os

programas da UFSC e UCB não haviam formado turma por serem criados em 2006. Desses programas, a maioria com conceito 5, exceção UNICAMP, conceito 4, tiveram no referido triênio a produção de 19,03, 28,08 e 28 doutores respectivamente.

Mais uma vez observei - consolidado o novo marco regulatório do Sistema Nacional de Pós-Graduação - que a UNICAMP, ressaltada como a instituição que historicamente vinha produzindo maior capital intelectual no sentido da formação de doutores, continua destacada, como aquela que tem o maior número de doutores formados no período. Acompanhada agora pela UGF (28), USP (19), UNESP (08) e da UFRGS (03).

Um indicador interessante em relação aos docentes, nas instituições que foram bem avaliadas no período. É o número dos mesmos ser maior, que a sua produção de capital intelectual, representada pelos doutores formados no período. Este fato pode ser observado na USP (20 docentes – 19 doutores), UFRGS (14 docentes e 03 doutores), UNESP (20 docentes e 08 doutores).

Relacionando com o número de docentes permanentes das instituições entre a UNICAMP e UGF, que tiveram o mesmo desempenho, o número de docentes da UGF (11), é muito inferior ao da UNICAMP (20), para uma produção de 28 doutores.

Em relação à formação de mestres, os dados são diferentes, até porque o tempo de formação é menor. Entretanto, quando comparei a produção dos programas em relação ao número de docentes. Observei uma característica peculiar: a produção de capital intelectual representado pelo número de mestres formados é maior que a quantidade de docentes. As instituições em alguns casos apresentam mais que o triplo número de seus docentes. Com destaque para a UNIMEP (14 docentes - 104 mestres), UDESC (14 docentes - 68 mestres), UFRGS (14 docentes - 66 mestres), UNESP (20 docentes - 83 mestres).

Desse modo resguardadas as especificidade no tempo de formação. A formação de mestres tem sido privilegiada em relação à de doutores nos programas de Educação Física avaliados no referido período. A formação de doutores está abaixo do número de docentes. Em relação a formação de doutores isso pode indicar que os docentes estão se dedicando mais a produção de capital científico do que a de capital intelectual neste nível, com ocorreu antes de 2003. Demonstrando também que a formação de capital intelectual não tem sido privilegiada em virtude da posição que os agentes tem assumido diante das exigências de produtividade.

**QUADRO 8: FORMAÇÃO DE CAPITAL INTELECTUAL NOS PROGRAMAS 2004-2006.**

INSTITUIÇÃO	INÍCIO		C	Doc Perm	Teses e Dissert.	
	M	D			2004/2006	2004 – 2006
			7		Te / Di	
USP	1977	1989	5	28	19	76
UFRGS	1989	1999	5	14	03	66
UNICAMP	1988	1993	4	20	28	75
UDESC-SC	1997		4	12	-	68
UNESPS/RC	1991	2001	5	20	08	83
UFSC	1996	2006	5	14	-	57
UGF	1985	1994	5	11	28	59
UCB	1999	2006	4	13	-	40
UFPR	2002	-	4	11	-	42
UFMG	1989	-	4	11	-	36
UNIMEP	2000	-	3	14	-	104
UNB	2006	-	3	12	-	-
USJT	2004	-	3	12	-	18
UEL	2006	-	3	11	-	-
UNIVERSO	2006	-	3	10	-	-
UFES	2006	-	3	8	-	-
<b>TOTAL MD</b>				<b>93</b>	<b>36</b>	<b>359</b>
<b>TOTAL M</b>				<b>116</b>		<b>365</b>
<b>TOTAL MD/M</b>				<b>209</b>		<b>724</b>

Fonte: Planilhas CAPES triênio 2004-2006.

A atuação dos docentes nos programas em relação a seu envolvimento com os cursos e ao número de alunos, em proporção aos docentes dos programas é valorizada quando os mesmos integram o de Núcleo de Referência Docente. Este núcleo se refere à parcela do corpo docente com expressivo envolvimento no desenvolvimento dos cursos. Considerando que na área da Educação Física, houve um aumento significativo de docentes NDR6, que era de 118 no biênio 1996-1997, e passou para 240 no biênio 1998-2000. Um dos critérios era o número de alunos por docente que se indicava que ficasse na média de cinco para um docente (5/1). Como padrão máximo aceitável, para que o curso estivesse funcionando, nos limites do recomendável ou desautorizado pela CAPES (Relatório de Área 1988/2000).

Observei que nos cursos consolidados, anualmente ocorrem processos seletivos, com a oferta de novas vagas ocasionada pela formação dos mestres e doutores no último ano. Este critério do NDR6 pode indicar que a produção de capital intelectual se daria no mínimo de 1 aluno por triênio. Então um programa com 10 docentes se tudo ocorrer dentro do prazo. Teria uma produção de capital intelectual de no mínimo 10 alunos titulados no triênio. Ou seja, o mesmo número de docentes.



Entretanto no balanço geral dos programas observei que o número de doutores é menor que o de docentes e o de mestres é o triplo daqueles. Exceção para programas que estão produzindo doutores acima do número de docentes (UNICAMP e UGF) e mestres acima desta média (UNIMEP). Esta produção de mestres acima do número de docentes, acontece mais nos programas que possuem apenas o mestrado reconhecido como a UDESC e UNIMEP. Enquanto que na formação de doutores, com exceção da UNICAMP e UGF, está abaixo do número de docentes permanentes.

**QUADRO 9: CAPITAL INTELECTUAL DE TODOS OS PROGRAMAS (2007-2009)**

INTITUIÇÃO	INÍCIO		C 2 0 1 0	Doc Per m	Teses e Dissert. 2007 – 09	
	M	D			Te	Di
USP	1977	1989	6	38	25	67
UFRGS	1989	1999	5	17	24	87
UNICAMP	1988	1993	4	29	42	82
UDESC-SC	1997	2009	3	21	-	91
UNESPS/RC	1991	2001	6	21	24	84
UFSC	1996	2006	5	18	01	86
UGF	1985	1994	4	10	13	45
UCB	1999	2006	4	13	06	50
UFPR	2002	2007	5	19	-	63
UFMG	1989	2008	4	13	-	56
UNIMEP	2000	-	4	12	-	70
UNB	2006	-	3	14	-	22
USJT	2004	-	4	12	-	59
UEL	2006	-	4	19	-	41
UNIVERSO	2006	-	3	10	-	17
UFES	2006	-	3	11	-	19
UNICSUL	2007	-	4	13	-	16
UFPEL	2007	-	3	16	-	15
UFV	2007	-	3	16	-	16
FESP-UPE	2008	-	3	12	-	-
UFRJ	2009	-	3	11	-	-
<b>Total MD</b>				<b>156</b>	<b>135</b>	<b>501</b>
<b>Total M</b>				<b>199</b>		<b>485</b>
<b>Total MD/M</b>				<b>355</b>		<b>986</b>

Fonte: Planilhas CAPES triênio 2007-2009.

Este fenômeno se repete no triênio 2006-2007. Com os programas com menor número de docentes produzindo o maior capital intelectual. Sendo novamente a proporção de mestres, que tem sido uma constante na produção brasileira revisada, maior que a de doutores. O destaque na produção de doutores continua sendo da UNICAMP (29 docentes - 42 doutores - 82 mestres) e na formação de mestres a UDESC (21 docentes - 91 mestres) supera a UNIMEP (12 docentes - 70 mestres). A menor formação de doutores no período foi observada na USP (38 docentes - 25 doutores - 67 mestres) que continuou formando doutores abaixo do número de docentes

e a produção de mestres, que no triênio anterior foi um pouco acima do dobro de docentes, agora esteve abaixo deste.

Com exceção da UFRGS, que produziu capital intelectual de doutores, acima do número de docentes e da UNICAMP que continuou a apresentar uma produção deste capital acima dos docentes permanentes. A maioria dos novos programas, com mestrado e doutorado, continuou com a sua produção de doutores abaixo do número de docentes e a produção de mestres em média do triplo dessa quantidade. Entretanto, os novos programas criados a partir de 2006, que possuem apenas o curso de mestrado, com exceção de USJT e da UEL, tiveram um destaque na produção de mestres. Os demais apresentaram um desempenho de no máximo o dobro do número de docentes, mas nunca inferior a esses.

**QUADRO 10: PRODUÇÃO DE CAPITAL INTELECTUAL NOS PROGRAMAS INVESTIGADOS COM Mestrado e Doutorado (2004-2006).**

INSTITUIÇÃO	INICIO		C	DP	2004 – 2006	
	M	D			T / D	
USP	1977	1989	5	28	19	76
UFRGS	1989	1999	5	14	03	66
UNICAMP	1988	1993	4	20	28	75
UDESC	1997	-	4	12	-	68
<b>TOTAL</b>				62	50	217

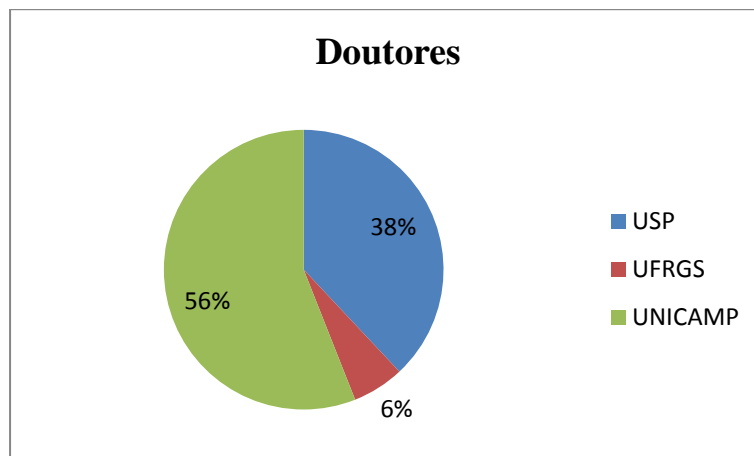
Fonte: Planilhas CAPES triênio 2004-2006

Legenda: C: conceito, DP: docentes permanentes, T: teses, D: dissertações.

Esta tendência de se produzir capital intelectual de doutores abaixo do número de docentes que é uma média da maioria dos programas, quando observei apenas nos programas que são alvo da investigação. Tende a diminuir, já no triênio 2004-2006. Isso se evidencia em um total de: 62 docentes e 50 doutores e 217 mestres.

Isto é, na parcela do Campo foco da pesquisa. Está a tendência de formar doutores abaixo do número dos docentes diminuiu neste triênio (2004-2006). Quando se observa o quadro geral, entretanto na especificidade dos programas, essa tendência se mantém nos programas com maior pontuação. Pois como os mesmos possuem uma produção mais “qualificada”, a formação de capital científico é considerada de maior importância que a produção de capital intelectual principalmente na formação de doutores.

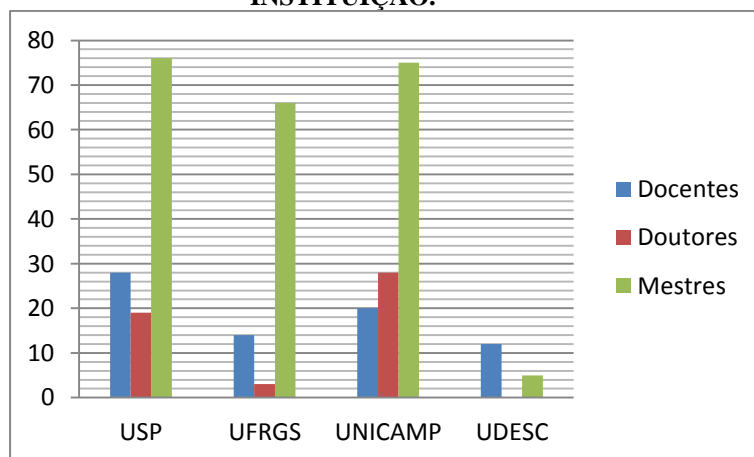
**GRÁFICO7: PERCENTUAL DE CAPITAL INTELECTUAL POR INSTITUIÇÃO INVESTIGADA.**



**Fonte:** Planilhas CAPES, triênio 2004-2006.

Em termos percentuais posso destacar que, das 50 teses defendidas pelas três instituições, 6% foi produzida pela UFRGS, enquanto a USP produziu 38% e a UNICAMP 56% na produção de capital intelectual no triênio 2004-2006. Quadro que irá se modificar consideravelmente no próximo triênio quando a quantidade de doutores passará de 50 para 91, aumento de 91%. Cada instituição aumentará a produção de capital intelectual na formação de alto nível (doutorado).

**GRÁFICO 8: QUANTIDADE DE MESTRES, DOUTORES E DOCENTES POR INSTITUIÇÃO.**



**Fonte:** Planilhas CAPES, triênio 2004-2006

No triênio 2006-2009, esta tendência de formação de doutores abaixo do número de docentes se inverteu. Os dados coletados apresentam uma proporção de doutores

acime da quantidade de docentes enquanto a formação de mestres acompanha a média nacional de formar o triplo do número de docentes.

**QUADRO 11: PRODUÇÃO DE CAPITAL INTELECTUAL NOS PROGRAMAS INVESTIGADOS COM MESTRADO E DOUTORADO**

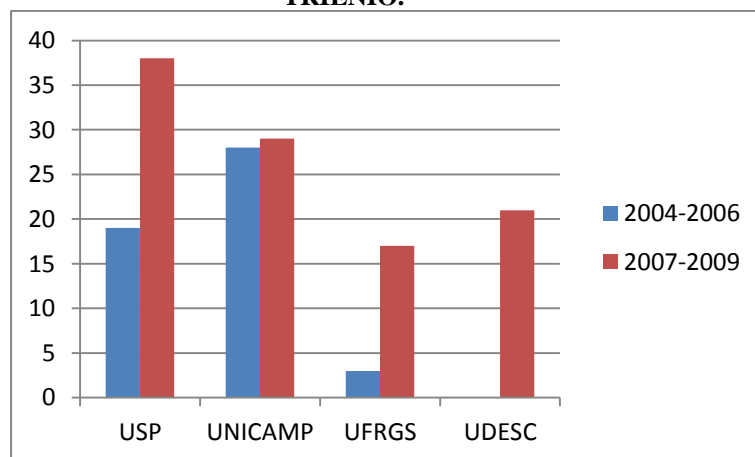
INSTITUIÇÃO	INICIO		C 2010	DP 2006- 09	2007 -2009	
	M	D			T / D	
USP	1977	1989	6	38	25	67
UFRGS	1989	1999	5	17	24	87
UNICAMP	1988	1993	4	29	42	82
UDESC	1997	2009	3	21	-	91
<b>TOTAL</b>				<b>84</b>	<b>91</b>	<b>236</b>

**Fonte:** Planilhas Capes triênio 2007-2009.

**Legenda:** C: Conceito, DP: docentes permanentes, T: teses, D: dissertações

Esta mudança ocorreu em virtude do aumento da produção do programa da UFRGS, que subiu de 03 para 24 teses defendidas, além do pequeno aumento na produção de capital intelectual da USP e da UNICAMP no último triênio. Nesse triênio a produção de capital intelectual em nível de doutorado aumentou significativamente 99%, passando para 91 teses defendidas.

**GRÁFICO 9: AUMENTO DO NÚMERO DE DOUTORES POR PROGRAMA E TRIÊNIO.**



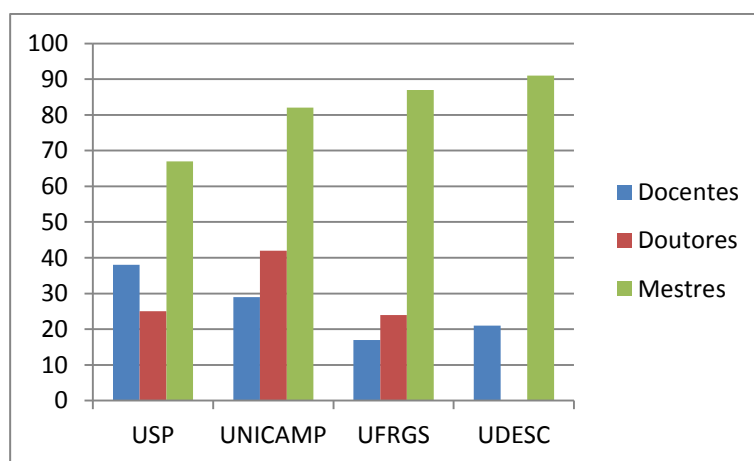
**Fonte:** Planilhas CAPES 2004-2006 E 2007-2009.

Agora tratarei da relação entre a produção do capital intelectual e o capital científico apresentado nos Relatórios Trienais pela publicação nos periódicos indicados

nos dois triênios. Entretanto, como neste momento estou apresentando a produção sem entrar no mérito da mesma, farei uma análise da cada período em virtude das diferenças apontadas nos indicadores examinados.

Parto do pressuposto - apontado no balanço de 2003 - de que a produção de capital intelectual não está acompanhando a produção de capital científico, pois os novos critérios têm a produtividade como um elemento central e não mais a formação de capital intelectual, tal como ocorria nos anos iniciais dos planos.

**GRÁFICO 10: CAPITAL INTELECTUAL DOS PROGRAMAS  
EM COMPARAÇÃO AO NÚMERO DE DOCENTES**



**Fonte:** Planilhas CAPES triênio 2007-2009.

Ao analisar o número de docentes dos programas e a formação de doutores no período, observei que o programa com a melhor avaliação. No caso a USP (conceito 6), esta formação de capital intelectual não é priorizada, e sim a produção científica em periódicos internacionais. Tratarei especificamente dos programas que são foco da investigação, para analisar a relação capital intelectual e científico a partir da produção dos programas.

**QUADRO 12: CAPITAL INTELECTUAL E CIENTIFICO DOS PROGRAMAS  
INVESTIGADOS 2004-2006.**

INSTITUIÇÃO	C 2007	DP	T	Artigos completos publicados em Periódicos técnico-científicos						
				Internacional			Nacional			
				Te / Di	A	B	C	A	B	C
USP	5	28	19	76	55	21	59	12	58	32
UFRGS	5	14	03	66	10	03	57	09	10	13
UNICAMP	4	20	28	75	11	03	41	18	91	94
UDESC-SC	4	12		68	05	-	34	02	78	57

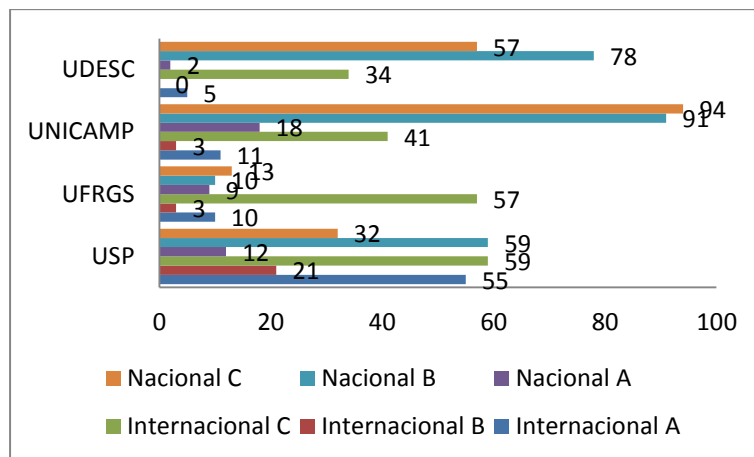
Fonte: Planilhas Capes triênio 2004-2006.

Legenda: C: Conceito, DP: docentes permanentes, T:total.

No triênio 2004-2006, quando observei só a produção científica internacional, da USP que foi de 135 artigos. Notei que, esta se encontra, bem superior ao número de teses e dissertações que foi o de 95. Considerando que dificilmente um artigo de dissertação de mestrado é aceito em publicações internacionais. Então deste modo posso inferir que a produção do conhecimento, está se dando nos programas mais bem avaliados, não apenas proveniente das teses e dissertações defendidas, mas de projetos em linhas de pesquisa realizadas pelos docentes. Estes vão além da produção do capital intelectual e podem estar associadas às novas formas de gestão em projetos interinstitucionais realizados em grupos interdisciplinares. Uma vez que os 135 artigos, publicados em revistas internacionais, estão muito acima do o número de teses defendidas, que foi 19 no triênio.

Isto pode indicar que a produção de capital científico não está diretamente relacionada nos programas bem pontuados com a produção de capital intelectual. Esta não parece ser a estratégia definida para o aumento da produção de capital científico e consequentemente a sua importância é reduzida.

**GRÁFICO 11: CAPITAL CIENTÍFICO DOS PROGRAMAS EM SUA PRODUÇÃO EM PERIÓDICOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS (2004-2006)**

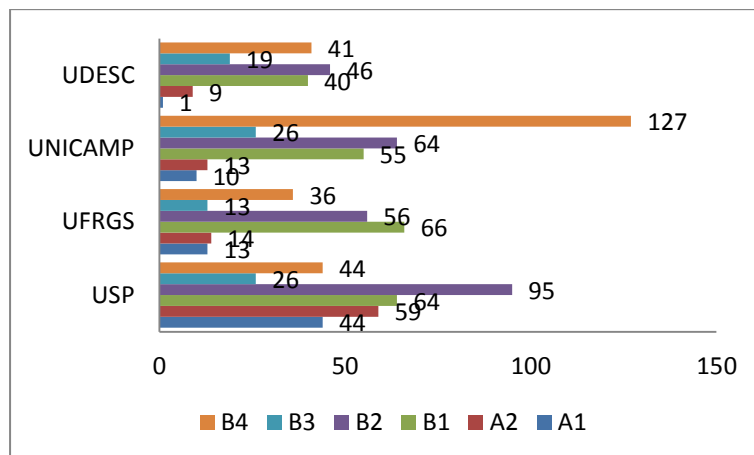


Fonte: Planilhas CAPES 2004-2006.

Este resultado foi questionado principalmente no fórum de pós-graduação no documento de 2006. Apontando as distorções que este modelo apresenta, para pesquisadores que produzem em Campos epistemológicos diversos das publicações aceitas, nos periódicos reconhecidos, à época, nas bases internacionais. Foram apresentadas sugestões de ampliação das bases e acompanhamento dos pares em comissões de especialistas.

A proposta foi derrotada pelo critério de fator de impacto utilizado no triênio 2006-2007 e que vai de A1 a B2. O problema persiste, pois pesquisadores que tratam de temas que se aproximam das ciências humanas e se distanciam da área, não têm periódicos com fator de impacto para publicação, e acabam migrando para programas como a educação, que possuem periódicos mais pontuados. Em outras palavras as regras do jogo estão definidas para fortalecer modelos de ciência hegemônicos e quem não estiver inserido no jogo, dele será excluído ou tem a sua produção classificada em periódicos sem nenhum fator de impacto que são os B3 em diante a tendência é ser afastado do programa, e substituído por um pesquisador “produtivo” dentro dos campos epistemológicos aceitos nos periódicos de alto impacto.

**GRÁFICO 12: CAPITAL CIENTÍFICO DOS PROGRAMAS EM SUA PRODUÇÃO EM PERIÓDICOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS (2007-2009)**



Fonte: Planilhas CAPES 2007-2009.

O retorno do livro agora no padrão QUALIS-CAPES, foi uma demanda apresentada principalmente pelos programas que privilegiam a área sociocultural e no relatório anual de 2010, já se encontra em andamento, ainda sem muito peso como dos periódicos, mas representa um grande avanço na busca de critérios que possam atender a uma área multidisciplinar.

A USP, no triênio 2004-2006, apresentou a maior publicação de livros e abandonou esta estratégia concentrando nos periódicos. No último triênio a produção se inverteu, pois a UNICAMP apresentou maior densidade de publicação, com cento e cinquenta (150) livros enquanto que a USP e UFRGS, ambas com cento e quatro livros (104) publicados no último triênio. Entretanto nos novos critérios, este modo de produção pouco influencia nas novas dimensões criadas na avaliação.

A partir do novo marco regulatório nos programas de pós-graduação em função dos critérios de avaliação implantados no último triênio da década de 1990, os programas procuraram se adequar às novas regras e do modelo de formação do pesquisador professor não mais do professor pesquisador. A formação deixou de ser ampla e passou a se limitar em disciplinas restritas às áreas e linhas de pesquisa. Valorizou-se exacerbadamente a produção do conhecimento, mas não qualquer produção e sim a que tenha aceitação em revistas pontuadas pelo modelo QUALIS-CAPES. O critério de internacionalizar a produção, contudo, não revela o que isto significa para áreas consolidadas e àquelas em formação. Isto é, um jogo em que todos estão convidados a jogar, porém, nem todos estão aptos a participar e, entre os que nele se inserem se desencadeia a antropofagia institucional em torno do capital intelectual e científico.



**QUADRO 13: CAPITAL INTELECTUAL E CIENTIFICO DOS PROGRAMAS  
INVESTIGADOS 2007-2009**

INSTITUIÇÃO	Con ceito 2010	Doc. Perm 2007- 09	T/D		Artigos completos publicados em periódicos técnicos- científicos					
			Te	Di	A 1	A 2	B 1	B2	B3	B4
USP	6	38	25	67	44	59	64	95	26	44
UFRGS	5	17	24	87	13	14	66	56	13	36
UNICAMP	4	29	42	82	10	13	55	64	26	127
UDESC-SC	3	21		71	01	09	40	46	19	41

Fonte: Planilhas Capes triênio, 2007-2009

Atualmente ser produtivo é conseguir publicar em revistas de alto impacto, onde a quantidade dos trabalhos divulgados e as citações são convertidas em um valor que classifica o periódico. As metas são de, no mínimo, uma publicação anual nestes periódicos. Quem não consegue alcançá-la, não contribui para o programa que necessita que 80% dos docentes tenham este perfil.

Uma vez realizada a análise da produção nos programas a partir dos balanços da área, surgiu o desafio de averiguar a produção dos mesmos até o limite definido para o início da pesquisa que foi o ano de 2003. Isto me levou a caracterizar a constituição de todo campo da Educação Física ampliando o estudo da produção de capital intelectual, que a princípio seria apenas dos quatro programas, para todos os programas com mestrado e doutorado para ter uma visão panorâmica do Campo.

Entretanto na análise da qualidade da produção, voltei-me especificamente aos programas propostos e a partir deles segui aos demais objetivos da pesquisa.

Outro aspecto importante entre os programas com diferentes avaliações no período, triênio 2004-2006 como USP (5) e a UNICAMP (4), é de apresentarem a mesma produção de capital intelectual na titulação de mestres, mas exibirem um capital científico diferenciado em relação à produção internacional, tendo a USP maior proeminência. Destaco também, um programa como a da UFRGS, que no período participou com um número tão pequeno de doutores formados, apenas 3, contrastando com 28 da UNICAMP e 19 da USP.

No triênio 2006-2009 foi possível observar a tendência de programas que ainda não conseguiram o padrão de excelência nacional, como a UNICAMP, apresentarem a maior produção de capital intelectual. Principalmente na formação de doutores também

em proporção maior tanto dos programas de nota 5 e 6, no caso da UFRGS e UNICAMP respectivamente.

Percebi que é a inserção internacional que se torna o diferencial, na questão da produção do capital científico, com um crescimento acentuado no programa da USP. A cada relatório de área os principais problemas dos programas monitorados agora pela avaliação continuada anual, vão sendo dirimidos e aperfeiçoados. Chegando ao ponto dos avaliadores ressaltarem que nos aspectos quantitativos o modelo parece ter chegado aos seus limites e que necessita ser aprofundado em sua qualidade.

Uma das estratégias identificadas nos relatórios de área é o credenciamento de docentes com maior produção de capital científico. Consolidando a ideia de que o objetivo primordial da pós-graduação nesta fase é a formação do pesquisador.

Na busca da produtividade, tem se observado que programas com uma grande inserção internacional priorizam a formação de mestres que a de doutores. Enquanto programas que ainda não conseguiram inserção internacional tem uma produção maior de doutores. Este fato tem ocorrido em quase todos os programas com um crescimento muito grande de mestres do que de doutores. Segundo os relatórios dos triênios 1988-2000, 2001-2003, 2007-2009.

A demanda pelo reconhecimento do livro QUALIS, que foi uma das grandes críticas formuladas pelos pesquisadores que se aproximam das áreas de concentração sociocultural, estão sendo observados no último triênio. Sem apresentar muito “impacto” na avaliação geral, porém, este foi um grande avanço no modelo.

Considero que a época atual é permeada por um período de predomínio do produtivismo de impacto, a fim de lograr reconhecimento no cenário internacional. Isso coloca um desafio de se conseguir ser original e produzir anualmente um artigo nos periódicos qualificados nas pontuações estabelecidas pelo padrão QUALIS. A impressão que se tem é que quanto mais se avança no sentido de aprofundar um conhecimento mais se necessita de um consentimento dos pares que compartilham com este conhecimento e legitimam este tipo de pesquisa. No Brasil isto, entretanto nada mais é do que a replicação de estudos já elaborados em outros países com outras demandas e necessidades.

Este argumento fortalece o debate de que a ciência tem que tratar das questões locais e regionais. Neste caso, a internacionalização da produção pode trazer um resultado que não contempla o que é ser produtivo ou não em relação ao atual modelo

vigente nos programas. Existem programas que estabelecem como meta o conceito 5 de excelência nacional, por dificuldades que a área de Educação Física enfrenta em razão de não possuir periódico A nacional, seu padrão de excelência se corporifica atualmente no B nacional.

A formação de recursos humanos para o ensino superior, ampla de qualidade, foi substituída por um “treinamento em métodos e técnicas de pesquisa”, em um curto período de tempo. Isto me faz duvidar se a maioria dos pesquisadores inseridos neste modelo desde a graduação seguindo para o mestrado e doutorado tem domínio sobre as questões epistemológicas dos métodos por ele utilizados ou se são meros replicadores de protocolos certificados por pesquisadores internacionais em outros contextos e validados em publicações de alto impacto para que sejam reconhecidos como produtivos e considerados NDRs. Tal situação decorre dos pressupostos das ciências naturais consolidado, representado nas áreas de concentração e linha de pesquisa consensuado de biodinâmica do movimento (Kokubun, 2006), de base positivista e reconhecido internacionalmente pela ciência experimental e objetiva que prevalece nos periódicos internacionais de alto impacto.

Este cenário me faz refletir sobre a produção do capital intelectual, isto é, da formação de alto nível do mestrado e doutorado dos programas e a produção do conhecimento científico que esta formação possibilitará diante da busca por produtividade, de acordo com o padrão internacional. Este acaba sendo a meta de todos os programas que operam segundo esta lógica da ciência dos periódicos internacionais, enquanto que os programas que disputam outras concepções de ciência se limitam ao padrão nacional, que é o que a sua produção consegue alcançar.

Bourdieu (2004) dizia que cada campo apresenta leis específicas que norteiam as constituições objetivas dos mesmos, situando o papel dos agentes em suas disputas por capital científico. Assim, o desafio é analisar como estas constituições objetivas ocorrem.

Na constituição do Campo da Educação Física, ao analisar a importância estratégica do capital intelectual na geração de capital científico. Constatei que nas disputas por capital simbólico, na produção de capital intelectual e científico o *habitus* que vem sendo construído, contraria as regras externas dos programas que consideram de vital importância a questão da formação de capital intelectual para promover e alavancar o desenvolvimento na lógica da ciência e tecnologia. Os agentes em busca de

produtividade vão subvertendo esta lógica e realizando ações estratégicas para aumentar seu capital científico, que não necessariamente se restringe a formar mestres e doutores. Buscam atingir as publicações internacionais, que é o foco do momento para conseguir capital simbólico e reconhecimento pelos seus pares, como também na disputa de financiamento, como se viu na medida, em que os programas mais bem avaliados têm um leque maior de opções de financiamento.

Então percebi que mesmo para um Campo em construção, como o da Educação Física com relativa autonomia de seus subcampos - mais fortalecidos pelo modelo de publicação da avaliação - O seu poder de refração é ainda incipiente. Este pode ser percebido na medida em que os agentes adotam ações que levam a não considerar o capital intelectual com a importância que foi destacada no início da pós-graduação quando a intenção era formar um professor pesquisador passando pela fase do pesquisador professor, para ir se intensificando na fase do pesquisador produtivo internacionalmente.

Estes dados serão observados com mais acuidade na oportunidade em que tratarei das estratégias de projeção no Campo, utilizadas pelos agentes, bem como a sua produção científica, as linhas de pesquisa das temáticas e abordagens tratadas nas teses e dissertação. Estas serão objeto dos próximos capítulos onde realizei o cruzamento dos dados apresentados neste momento.

## CAPITULO IV

### **O CAPITAL INTELECTUAL DOCENTE SEGUNDO A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E LIDERANÇA EM GRUPOS DE PESQUISAS**

Pretendi com este capítulo identificar e analisar as estratégias adotadas visando projetar no Campo científico os membros do corpo docente vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Educação Física classificados pela CAPES com as notas 3, 4, 5 e 6.

A pergunta que mobilizou minhas reflexões está constituída na seguinte indagação: Como este fenômeno se metamorfoseia nas estratégias e disputas pela produtividade intelectual entre os agentes que compõem o corpo docente que atua no Campo Científico dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física classificados pela CAPES com as notas 3, 4, 5 e 6?

O desafio consistiu em descrever analiticamente a constituição do Campo científico no sentido de estabelecer a relação entre capital intelectual e científico e a produção do conhecimento na pós-graduação em Educação Física no Brasil. Analisar as metamorfoses que o capital intelectual apresenta em sua constituição em capital científico, agora nas estratégias dos agentes a partir do interior dos programas no período proposto.

Na concepção analítica de Bourdieu (2004), o capital científico pode ser de dois tipos: capital científico puro e institucional. No primeiro caso, é aquele obtido através do avanço do conhecimento na produção científica, nos denominados colégios invisíveis, que cada pesquisador vai acumulando, socializando formando novos pesquisadores e expandido seus projetos de pesquisa. Diante das possibilidades que se apresentam, muitas são as estratégias que se pode utilizar de produção de capital científico, nesta ótica da qual ele se reveste puro. Já no segundo caso, se refere ao poder simbólico que o docente ocupa de acordo com a sua atuação em comissões, direções, dentre a burocracia científica que lhe concede uma projeção no Campo.

Os indicadores definidos no sentido de atender aos objetivos do capítulo foram: rede de pesquisadores, participação em associações científicas, estágio pós-doutoral, artigos completos publicados em periódicos, projetos de pesquisa e liderança em grupo de pesquisa. Estes foram definidos no sentido de verificar, a partir das informações

apresentadas no Currículo Lattes, o papel dos agentes no Campo. No sentido de sua atuação estratégica em busca de capital científico, passando também pelo capital intelectual que os mesmos foram submetidos.

A construção do percurso metodológico foi a partir da análise do Currículo Lattes dos docentes dos programas da USP, UNICAMP, UFRGS e UDESC, que foram selecionados. Como lugar de incidência da investigação para o estudo do Campo acadêmico da pós-graduação em Educação Física. Isto é, a fonte utilizada, é onde os próprios agentes registram as formas de sua atuação, posição e participação e interesse no Campo investigado.

A utilização do Currículo Lattes como fonte de pesquisa, já remonta trabalhos na história da educação. Esta apresenta esta ferramenta como uma possibilidade de se perscrutar e explorar os dados apresentados pelos pesquisadores, durante a sua trajetória acadêmico-científica no período de 2003 e 2013. Deste modo, foram analisados os docentes cadastrados nas páginas dos programas. Representaram um total de 125 currículos, registrados na Plataforma Lattes, sendo 45 da USP, 36 da UNICAMP, 25 da UFRGS e 19 da UDESC-SC.

Outra fonte utilizada foi o caderno de indicadores, do banco de dados da avaliação da CAPES. Verificando a atuação anual dos docentes até agora disponíveis, para realizar um cruzamento entre os indicadores escolhidos para estudo. Esta retomada aos relatórios da CAPES, utilizei para preencher lacunas não disponíveis nos currículos, como: período de atuação docente na pós-graduação, atuação nos grupos de pesquisa como pesquisador e líder.

A atuação dos docentes a partir dos indicadores definidos abrangeu o período de 2003 a 2013. A análise da qualidade da produção realizada no segundo capítulo, referentes aos artigos publicados em periódicos, em cada programa, foi comparada com a produção total dos docentes, extraída do Lattes, apenas no período de 2004 a 2009. Em virtude dos dados sobre a qualidade da produção no último triênio ainda não estarem disponíveis no site da CAPES.

A produção docente, inicialmente foi levantada, da lista atual de docentes disponíveis nos sites dos programas. Contudo, tem uma flutuação considerada, no intervalo escolhido. Houve a necessidade, de uma análise mais apurada, para saber, por exemplo, do total de artigos produzidos no período, quem foram estes protagonistas e se atuavam no programa como docentes no momento de sua produção.

O período de docência na pós-graduação, apesar de não ser um indicador eleito, foi investigado, para confirmar a permanência dos docentes nos programas. Em virtude de também ser um indicador não encontrado claramente no Lattes. Esse dado, não demonstrou uma segurança no registro, gerando dúvida se o docente atua ou atuava no programa só como orientador, membro de grupo de pesquisa ou docente. Deste modo, optei por considerar docente do programa os docentes que estão credenciados e ativos nas páginas oficiais dos programas nas datas de setembro de 2013 e os que constam como corpo docente registrados no caderno de indicadores de avaliação da CAPES.

A título de exemplo, existem docentes que estão cadastrados nas páginas oficiais dos programas, exibem uma produção há mais de 10 anos e não atuavam na pós-graduação no período de 2004-2009. Neste caso os seus dados aparecem nos quadros 2003-2013, mas a sua produção e projetos de pesquisa foi excluída do quadro 2004-2009. Por outro lado, existem docentes que atuaram na pós-graduação de 2004-2009, e não constam mais na lista de docentes 2013. Isso foi possível saber após a análise anual do corpo docente dos programas nos relatórios dos cadernos de indicadores. Observei que estes possuem produção e projetos de pesquisa até 2013, mas como não atuavam mais no programa. Nestes casos a sua produção e projetos foi excluída dos dados 2003-2013, a partir do ano de 2009.

Os programas se consolidam e atendem as regras externas, nas exigências do sistema de pós-graduação. Seguem em busca de agentes com qualificação e produtividade nos seus quadros. O número dos programas continua crescendo, se destacando os que conseguem o padrão de excelência nacional, assim como os que se consagram no padrão internacional. A produtividade de capital científico tem sido a marca da constituição do Campo no período investigado, em detrimento da produção de capital intelectual. Estas mitigações, principalmente nos programas mais consolidados e com projeção internacional.

Os agentes que se destacam, adotam estratégias diversas para se projetar no campo. Assim darem visibilidade a sua autoridade científica, em meio às possibilidades que se apresentam. Na disputa no Campo por liderança, em grupos de pesquisa, em projetos de pesquisa, nos artigos em coautoria, na rede de pesquisadores. Como na sua própria continuação da formação de capital intelectual, agora no nível do estágio pós-doutoral.

Estas estratégias foram objeto de análise, se tornando indicadores, examinados à luz dos pressupostos já apresentados de Bourdieu. Principalmente na formulação da teoria do Campo científico, procurando relacionar estas estratégias e a qualidade da produção científica, no intuito de continuar o desafio de compreender analiticamente o campo da Educação Física nos quatro programas investigados.

O conhecimento desta parte da investigação está organizado com a seguinte disposição: Apresentação dos indicadores, que foram destacados para análise. a partir do Currículo Lattes dos docentes, para uma visão panorâmica dos programas e o estado atual em que se encontram. Em seguida cada indicador será apresentado separadamente. No terceiro momento operei um cruzamento entre eles. Para finalizar construí uma síntese das categorias analisadas nas conclusões parciais do capítulo.

#### 4.1. A disposição dos agentes no campo

As estratégias utilizadas pelos pesquisadores, para obter capital científico, prestígio acadêmico, dependem dos interesses, grupo de pesquisa ou da linha de pesquisa. Estas apresentam em alguns casos similaridades e discrepâncias, que se estabelecem de maneira diferenciada em cada programa, dependendo de outros aspectos que, direta ou indiretamente, influenciam no sucesso ou não dessa estratégia.

**QUADRO 14: APRESENTAÇÃO GERAL DOS INDICADORES 2003-2013**

D N°	INSTITUIÇÃO	INDICADORES DA PRODUÇÃO						
		RP	AC	EPD	A	CA	P	LP
45	USP	43	03	16	1.904	1.817	338	11
36	UNICAMP	34	01	03	1.477	1.273	240	03
25	UFRGS	24	03	06	1.139	1.091	331	04
19	UDESC	19	02	-	1.054	1.016	348	-
<b>125</b>		<b>120</b>			<b>5.574</b>	<b>5.197</b>	<b>1257</b>	<b>18</b>

**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

**Legenda:** **D:** Docentes, **A:** Artigos completos produzidos em periódicos, **I:** Instituição, **CA:** Artigos em coautoria, **RP:** Rede de Pesquisadores, **P:** projetos de pesquisa, **AC:** Participação em associações científicas, **LP:** Liderança em grupo de pesquisa, **EPD:** Estágio Pós-doutoral.

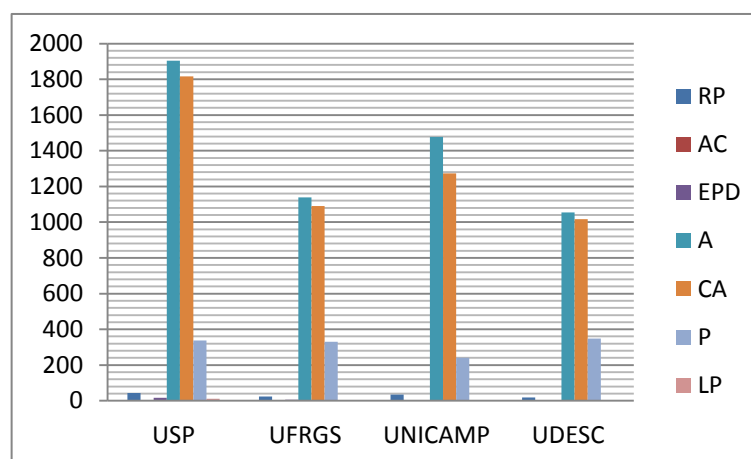
As similaridades se referem à utilização das mesmas estratégias, que a princípio todos os programas adotam. Entretanto quando analisadas isoladamente e em comparação com as demais se distanciam em virtude da autonomia que cada espaço formativo possui. Assim como, de acordo com a trajetória dos agentes e sua vinculação



com as disputas que travam em suas áreas de concentração. Como também por desafios que as regras externas determinam e/ou o seu poder de refração permite.

Os programas novos têm adotado estratégias similares àquelas dos programas mais consolidados, entretanto devido às especificidades do Campo. Essas não têm o mesmo resultado na produção de capital intelectual e científico analisadas. Por outro lado, há programas novos, que não comungam das mesmas estratégias daqueles já consolidados. Isto não influencia a qualidade da sua produção que, resguardadas as proporções e níveis dos programas, é maior que os programas credenciados há mais tempo.

**GRÁFICO 13: APRESENTAÇÃO GERAL DOS INDICADORES 2003-2013**



**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

**Legenda:** CA: Artigos em coautoria; RP: Rede de Pesquisadores; AC: Participação em associações científicas; EPD: Estágio Pós-doutoral; A: Artigos completos publicados em periódicos; CA: Artigos em Coautoria; P: Projetos de Pesquisa; LP: Liderança em grupos de pesquisa.

A partir dos indicadores utilizados, percebi que entre as estratégias que apresentam similaridade de utilização por quase todos os programas e que podem indicar uma nova tendência, ou resultado dos processos que o Campo tem atravessado em busca de produtividade, são: a participação dos pesquisadores em rede e a publicação de artigos em coautoria.

De uma maneira geral a produção dos programas tem sido maior nos últimos quatro anos, assim como a sua qualidade tem aumentado. O diferencial é que alguns programas se situam no patamar nacional de avaliação - que em certos casos é o limite que os próprios periódicos relacionados às suas concepções de ciência permitem-

enquanto outros estão se posicionando no patamar internacional, pois a sua produção científica está sintonizada com as concepções de ciências e os grupos de pesquisa que circulam internacionalmente.

Neste período que foi recortado para comparar os relatórios trienais e a qualidade da produção, destaco que dez (10) docentes foram substituídos nos programas da USP, Unicamp e UDESC, e cinco (5) deles na UFRGS, alguns devido a sua aposentadoria, outros por motivos desconhecidos. Os docentes novos intensificaram a produção e mantiveram a coautoria, na ordem de 92%, já a participação em rede também se manteve no mesmo patamar.

**QUADRO 15: APRESENTAÇÃO GERAL DOS INDICADORES 2004-2009**

D Nº	INSTITUIÇÃO	INDICADORES						
		RP	AC	EPD	A	CA	P	LP
42	USP	40	03	09-	823	765	253	08
35	UNICAMP	34	01	03-	611	542	125	03
25	UFRGS	24	03	01-	597	564	236	03
25	UDESC	24	02	-	425	395	227	
127		<b>122</b>			<b>2.456</b>	<b>2.266</b>	<b>841</b>	<b>14</b>

**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

**Legenda:** CA: Artigos em coautoria; RP: Rede de Pesquisadores; AC: Participação em associações científicas; EPD: Estágio Pós-doutoral; A: Artigos completos publicados em periódicos; CA: Artigos em Coautoria; P: Projetos de Pesquisa; LP: Liderança em grupos de pesquisa.

Neste quadro merecem destaque os indicadores, com pouca alteração em relação ao quadro anterior (2003-2013). Como foi o caso da rede de pesquisadores, participações em associações científicas, estágio pós-doutoral e lideranças em grupo de pesquisa. Entretanto a produtividade em artigos completos e artigos em coautoria era até 2009, aproximadamente a metade da produção em 2013. Ratificando a tese de que a produção de capital científico nos últimos anos tem se intensificado e estes indicadores são os mais utilizados como estratégias de projeção no Campo investigado.

O destaque para os impactos que a utilização desta estratégia, apresentou na qualidade da produção, também será um dos pontos que me dediquei a analisar. Isso ocorreu no momento do cruzamento dos indicadores com a qualidade da produção que será tratada em outra seção.

Esta foi uma apresentação geral do Campo, que, possibilitou construir uma radiografia do mesmo, a partir do currículo lates dos pesquisadores e dos indicadores eleitos. O que permitiu uma visão geral da atuação dos agentes na constituição objetiva

do Campo científico em suas posições e das movimentações na disputa por capital científico.

Agora concentrarei o estudo em cada indicador a partir dos programas, no intuito de analisar as estratégias de projeção no campo, considerando os seguintes aspectos: Rede de pesquisadores, Participação em Associações Científicas, Estágio pós-doutoral, Artigo em coautoria, Artigos completos produzidos em periódicos, Projetos de pesquisa, e a Liderança em grupo de pesquisa.

#### **4.2 Rede de pesquisadores.**

A partir da década de 1990 com a intensificação do desenvolvimento das tecnologias de informação, a internet possibilitou a criação de redes de pesquisadores que inicialmente se tornou uma iniciativa particular e individual e depois institucional de se realizar pesquisas, nas denominadas redes de colaboração. Isto levou muitos programas a adotarem como estratégia a participação em rede de pesquisadores.

Nos programas investigados, observei que a maioria dos docentes atua em rede. O que irá se desdobrar no aumento de sua produtividade em artigos em coautoria. Entretanto o fato é que, quase os docentes que não estão abrigados por elas, têm uma produção individual muito baixa em coautoria, e não conseguem se projetar no Campo. Assim como existem docentes que estão em rede, entretanto, mantêm baixa produção de sua autoria.

Neste sentido, há pesquisadores que adotam a participação em rede e logram aumento de sua produtividade. Contudo, existem aqueles que atuam na pesquisa em rede, sem, contudo, ter sua produtividade elevada. Neste caso, ocorre um distanciamento da mesma por usar uma estratégia que não provoca efeitos benéficos na projeção do Campo.

A participação em rede foi uma estratégia utilizada para se projetar no campo como um dos critérios da avaliação trienal 2001-2003 dos docentes nos programas. Percebi que, esta forma de articulação interinstitucional é buscada no sentido do aumento da produção de capital científico, o que indiretamente leva o pesquisador a atuar em rede para poder cumprir as exigências de publicação.

Desenvolvimento de linhas e **projetos de pesquisa colaborativos e Interinstitucionais**. Existência de intercâmbio interinstitucional em atividades de pesquisa e docência. **Análise qualitativa, verificar o grau de intercâmbio interinstitucional**. Este deverá ser avaliado através das atividades de pesquisa e docência, **traduzidas por programas de cooperação e publicação com grupos parceiros**. (BRASIL, CAPES, Quesitos, indicadores e critérios para a avaliação trienal da Grande área de ciências da saúde – 2001-2003, grifos nossos).

Nos critérios de avaliação docente nos triênios posteriores não observei mais este critério, porém os pesquisadores continuaram intensificando esta estratégia que, hoje se apresenta, em quase totalidade dos docentes investigados, no campo da Educação Física. Internamente nos programas em quase todas as áreas de concentração e linhas de pesquisa.

**QUADRO 16: DOCENTES QUE ATUAM EM REDE DE PESQUISADORES**

INSTITUIÇÃO	AREA DE CONC.	Nº DOC	REDE DE PESQUISADORES	
			PARTICIPA	NÃO PARTICIPA
USP	PEDAGOGIA	18	17	01
	BIODINAMICA	12	12	-
	ESPORTE	15	14	01
UNICAMP	EF ADAPTADA	12	12	-
	BIOD.MOV.E ESP.	13	13	-
UFRGS	EF E ESPORTE	11	09	02
	MH CULT.E ESP.	08	08	-
UDESC	MH SAUDE E PERF	17	16	01
	EST.BIOCOMP. MH	19	19	-
<b>TOTAL</b>	<b>96%</b>	<b>125</b>	<b>120</b>	<b>05</b>

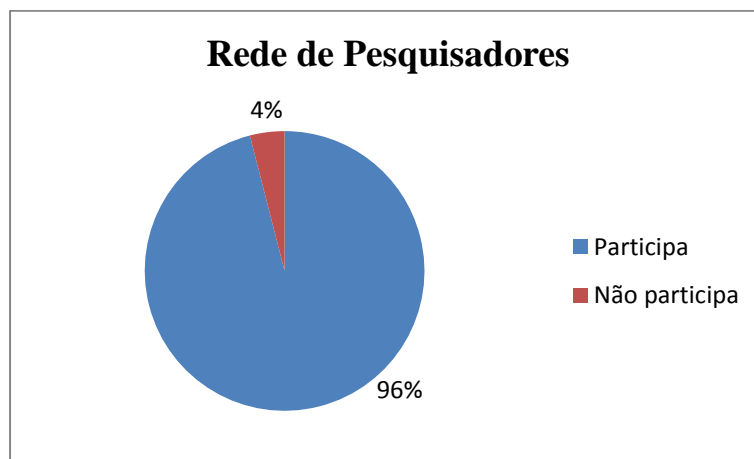
Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br.

Isto pode apontar o início de uma nova perspectiva de pesquisa que rompe um pouco com o modo 1, apontado por Ramos e Velho (2013), um modelo linear de pesquisa, baseado em características marcadamente disciplinar e em outra lógica, que denomina de modo 2, pesquisa em perspectiva interdisciplinar, em áreas transepistêmicas e que atuam em outra lógica da ciência.

Uma das vertentes de análise deste novo paradigma foi elaborada por Gibbons et al (1994), com a introdução do conceito Modo 2 de produção do conhecimento e refere-se à emergência de sistemas de pesquisa altamente interativos e socialmente distribuídos. Enquanto a tradicional produção do conhecimento dava-se primordialmente em instituições científicas e estava estruturada em disciplinas, a nova produção do conhecimento baseia-se em locais, práticas e princípios muito mais heterogêneos. O conhecimento no Modo 2 é produzido no contexto de aplicação, via colaborações transepistêmicas (RAMOS e VELHO, 2013, p.224).

As autoras ao discutir a pós-graduação brasileira, apontam um descompasso entre as novas tendências da ciência internacional, nas suas formas de gestão e atacam a lógica de desenvolvimento via ciência básica e aplicada em sua relação com a ciência e tecnologia. Este tema apresenta uma relação com as estratégias de rede de pesquisadores e com a coautoria, que precisa ser analisado não apenas na lógica da produtividade, mas nas novas possibilidades que esta estratégia pode possibilitar em outras formas de gestão da pós-graduação.

**GRÁFICO 14: PERCENTUAL DE PARTICIPAÇÃO EM REDE DE PESQUISADORES**



**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Diante deste dado posso inferir que esta estratégia, embora marcada por inovação, e não constar nos critérios avaliativos priorizados pela CAPES, vem representando uma unanimidade de inserção dos pesquisadores, nas novas tecnologias de informação e uma integração da pesquisa nacional e internacional. Estas precisam ser analisadas com mais acuidade para que se possa caracterizar esta tendência que se consolida.

Isto significa que muitos docentes vinculados a Programas de Pós-Graduação no campo da Educação Física, estão priorizando estratégias cujos resultados pouco interferirão na ampliação de seu capital científico. Entretanto quando observei a produção de artigos que será tratada no tópico 4.5. Detectei que a participação em rede é características dos subcampos mais consolidados (biodinâmica) trabalhando em coautoria em na produção de artigos. Enquanto subcampos que produzem trabalhos de

própria autoria (sociocultural), não apresentam esta característica de se trabalhar em redes de colaboração.

#### 4.3 Participação em Associações Científicas

A participação em entidades científicas é uma tradição marcante no Campo da Educação Física que durante todo este período tem a característica de produzir e apresentar os resultados das pesquisas em anais de eventos do que submetê-los a Comitê Científico dos periódicos impressos e online.

Entretanto este fato atualmente não tem sido um fator de destaque e registro no Currículo Lattes dos docentes. A participação em entidades é muito pequena e quase inexistente. Os pesquisadores podem estar participando - isto porque a maioria das entidades só aceita participação em seus eventos e periódicos dos seus sócios - mas não registram por não considerar uma prioridade para a avaliação e pontuação.

Desde o no triênio 1998-2000, a CAPES em um de seus critérios de avaliação para os docentes, reconhece a importância de se projetar no Campo e exige que:

O corpo docente deve ser de reconhecida projeção, exemplificada pela sua participação em comitês, comissões e assessoramentos em órgãos de pesquisa e ensino (particularmente a nível nacional ou internacional), participação em corpo editorial de periódicos científicos internacionais e comitês científicos de **congressos e associações** também internacionais (BRASIL, CAPES, CRITERIOS DE AVALIAÇÃO 1998-2000, grifos nossos).

Então no triênio (1998-2000), a participação em entidades científicas foi um critério estabelecido que depois deixou de ser exigido nos demais triênios. Entre os docentes investigados nos programas, destaco dois ex-presidentes do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), dois diretores científicos, além do presidente da Sociedade Brasileira de Motricidade Humana (SBMH). Posso dizer que, atualmente, a participação em entidades científicas, constitui estratégia pouco utilizada para a projeção no campo.

Dos 125 docentes investigados apenas 8, citam a sua participação em direção de entidades científicas nacionais e internacionais. Considerando o total de produção que apresentam, esta menção parece não ter merecido importância aos mesmos por não ser atualmente um critério de avaliação que mereça aumentar sua pontuação na avaliação.

Uma reflexão que pode ser feita, é a partir da constatação de que, nas disputas no Campo pelas diversas possibilidades que a Educação Física apresenta e pela falta de consenso, os agentes criaram entidades restritas em determinadas áreas, subáreas e temas, para possibilitar a divulgação da produção. Com exceção do CBCE, que também passou por este processo e hoje abriga trabalho das mais diversas áreas e temáticas. Percebi que os pesquisadores em virtude da exigência da produção qualificada em periódicos, preferem esta estratégia de produção em contraposição a de publicar em eventos e participar ativamente das direções de associações científicas, tal como ocorreu nas décadas de 1980 e 1990.

**QUADRO 17: PARTICIPAÇÃO DOS DOCENTES EM ENTIDADES CIENTÍFICAS**

	T	TP	AREA CONC.	DE DOC	ENTIDADES CIENTÍFICAS	
					NACIONAIS	INTERNACIONAIS
USP	45	18	PEDAGOGIA			
			BIODINAMICA	01	SBH	
UNICAMP	36	12	ESPORTE	02	ALGED/ABRAG	
			EF ADAPTADA			
			BIOD.MOV.E ESPOR			
UFRGS	25	08	EF E ESPORTE	01	CBCE	F.L.A.E.
			MH CULT EDUC			
			MH SAU. E PERF.	03	CBCE/ASSSOBR EFIR	
UDESC	19	19	EST.BIOCOMP. MH	02	CBCE/SBMH	
	<b>125</b>			<b>08</b>		

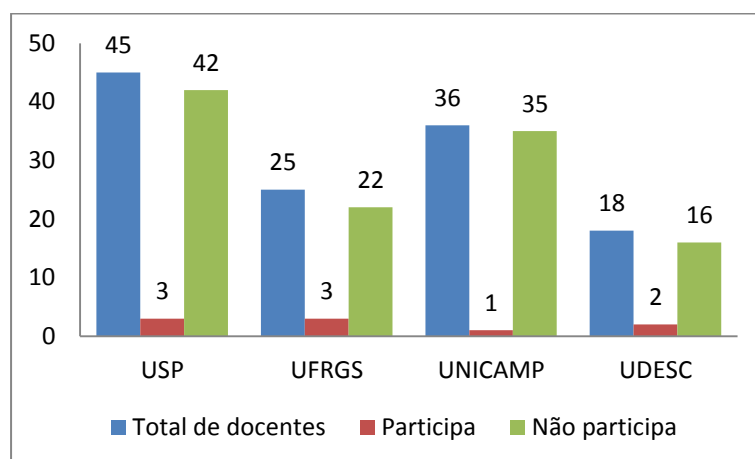
**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

**Legenda:** **SBH:** Sociedade Brasileira de Hipertensão; **ALGED:** Asociación Latino-americana de Gerencia Deportiva; **ABRAGESP:** Associação Brasileira de Gestão do Esporte ;**CBCE:** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; **SBMH:** Sociedade Brasileira de Motricidade Humana; **FLAE:** Foro Mercosur Latino-americano de Educación Física, Deporte y Recreación; **ASSOBREFIR:** Associação Brasileira de Fisioterapia Cardiorrespiratória e Fisioterapia em Terapia Intensiva; **T:** Total de docentes por instituição; **TP:** Total parcial por área de concentração.

Nos periódicos que pertencem a entidades, que exigem para a publicação o credenciamento na qualidade de sócio, bem como o pagamento da anuidade, não observei no Currículo Lattes, o registro destas atividades, que pode estar levando a esvaziamento das entidades. Como exemplo, posso citar os pesquisadores da pós-graduação, como ocorreu no último evento no fórum da pós-graduação criado pelo CBCE (CONBRACE 2013). A participação foi inexpressiva, contrastando com outros eventos dos quais pude presenciar, onde a disputas de posições inclusive na área 21, com a escolha do representante do Campo, eram realizadas no evento.

Então os dados apontam pequena participação em entidades científicas, como estratégia para aumento de produtividade e, por conseguinte, em produção de capital científico. Exceção da UFRGS, que teve o presidente do CBCE, na gestão desta entidade científica. Mas se comparada com a UDESC, que possui um programa recente e em consolidação, não se percebe acentuada diferença no acúmulo da produção científica.

**GRÁFICO 15: PARTICIPAÇÃO DE DOCENTES EM ENTIDADES CIENTÍFICAS.**



**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br.

Deste modo posso inferir que a participação em entidades científicas, não tem sido adotada como uma ação estratégica visando à projeção no Campo. O capital institucional, o poder simbólico que as entidades apresentam parece não mais seduzir os pesquisadores que estão em busca de capital científico, nos programas e nas redes de pesquisadores, em associações “invisíveis” de pesquisadores que atuam segundo suas estratégias de publicação em coautoria.

#### **4.4 Estágio pós-doutoral.**

O estágio pós-doutoral tem sido uma das estratégias utilizadas pela maioria dos programas, principalmente os mais consolidados. Esta alternativa, porém, não tem alcançado o mesmo resultado em relação à produção de capital científico. Isto é, a formação de capital intelectual não tem se convertido em capital científico, na proporção do que necessitam os programas investigados.

Nos programas mais consolidados (USP), o maior número de pós-doutores se situa na área da biodinâmica do movimento humano. Esta tem obtido a maior produção



de capital científico. Porém, em outros casos, os agentes adotaram esta estratégia, como a UNICAMP, que exibe um número considerado de pós-doutores - principalmente na área que abriga os pesquisadores que se posicionam na perspectiva sociocultural - mas não consegue o mesmo desempenho, por fatores já apontados.

No caso da USP, na área de concentração (pedagogia) que abriga os pesquisadores do campo sociocultural. Ocorre uma disputa entre vários campos da ciência, com forte influência da matriz experimental ligada ao positivismo. Deste modo, fortalece a posição de que, para analisar o sucesso de uma estratégia adotada pelos agentes, há necessidade de ser relacionada com outras estratégias e a própria constituição e linha do programa.

Então cabe uma reflexão, sobre esta utilização de estratégia que é sem dúvida um aspecto que aumenta o capital intelectual do programa, não ser um fator decisivo para este capital ser transformado em capital científico.

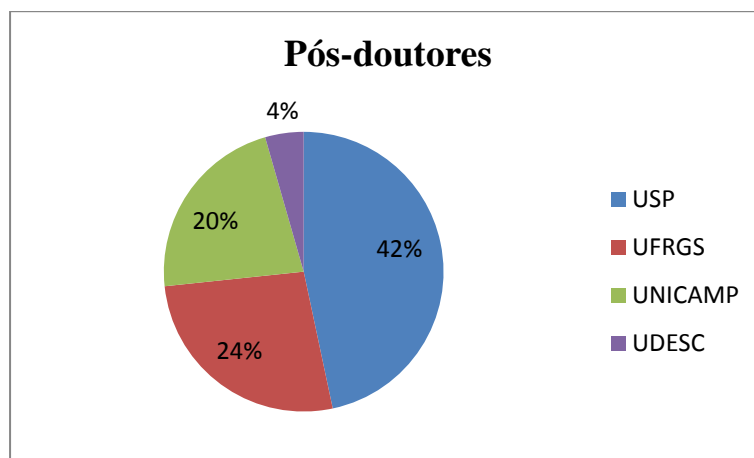
**QUADRO 18: DOCENTES COM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL 2003-1013**

INSTITUIÇÃO	AREA DE C.	Docentes c/ POS-D.	Docentes c/ POS-D
USP	PEDAGOGIA	04	15
	BIODINAMICA	10	04
	ESPORTE	05	10
<b>TOTAL PARC. UNICAMP</b>		19	29
UNICAMP	EF ADAPTADA	01	11
	BIOD MOV.E ESP.	03	12
	EF E ESPORTE	04	10
<b>TOTAL PARC. UFRGS</b>		08	33
UFRGS	MH CULT.E EDUC.	03	05
	MH SAU. E PERFOR.	04	14
<b>TOTAL PARC UDESC</b>		07	19
UDESC	EST.BIOCOMP.MH	-	19
<b>TOTAL</b>		<b>34</b>	<b>100</b>

Fonte: (Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br)

A utilização desta estratégia em termos percentuais aponta os programas mais pontuados na última avaliação com o maior número de pós-doutores. Entretanto, naqueles programas que ainda não atingiram o padrão internacional a utilização desta estratégia parece não ter uma grande aceitação entre os agentes, que não priorizam o estágio pós-doutoral para sua projeção no campo.

**GRÁFICO 16: PERCENTUAL DE DOCENTES COM ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL DO TOTAL POR INSTITUIÇÃO 2003-2013**



Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br.

O mais curioso é que programas novos como da UDESC, que possuía um pós-doutor até 2009, atualmente não tem nenhum, está conseguindo expandir sua produção de capital científico. Vem se mantendo nas avaliações com uma elevada produção, se igualando a programas com pontuação conceitual junto à CAPES superior a sua.

Talvez este desempenho tenha provocado nos últimos anos uma estabilização nessa estratégia dos agentes. Uma vez que tanto os pesquisadores quanto os programas não se preocupam em aumentar o seu efetivo de pós-doutores. Este quadro vem se mantendo desde 2009, com pequenas variações e em alguns casos, como o da UDESC, de redução dos docentes com estágio pós-doutoral.

**QUADRO 19: DOCENTES PÓS-DOCTORES 2004-2009**

INSTITUIÇÃO	AREA DE C.	DOC.COM POS-D.	DOC.SEM POS-D
USP	PEDAGOGIA	04	15
	BIODINAMICA	09	04
	ESPORTE	05	10
<b>TOTAL PARC. UNICAMP</b>		18	29
UNICAMP	EF ADAPTADA		11
	BIOD MOV.E ESP.	03	12
	EF E ESPORTE	02	10
<b>TOTAL PARC. UFRGS</b>		07	33
UFRGS	MH CULT.E EDUC.	02	05
	MH SAL. E PERFOR.	04	14
<b>TOTAL PARC UDESC</b>		06	19
UDESC	EST.BIOCOMP.MH	01	24
<b>TOTAL</b>		<b>32</b>	<b>100</b>

Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Neste caso, ficou evidente que a formação de capital intelectual através do estágio pós-doutoral não tem refletido nos programas novos um aumento de capital científico. Além disso, as áreas que conseguem aumentar sua produção internacional são aquelas já consolidadas nos modelos clássicos de ciência. Ao passo que as que possuem um capital intelectual e se aproximam de campos novos. Essas ainda não expandiram seu capital científico, decorrente da utilização desta estratégia - de aprimoramento profissional dos pesquisadores, vinculados aos programas de pós-graduação.

#### 4.5 Artigos em coautoria.

A publicação de artigos em coautoria apresenta um destaque de estratégia para a projeção no campo. Na análise da publicação destes artigos citados no Currículo Lattes, observei que - de 2003 para 2013 - esta estratégia se intensificou entre a maioria dos pesquisadores, principalmente os mais recentes nos programas, pois estes apresentam suas publicações quase todas em coautoria.

Na mesma estratégia se diferenciam os pesquisadores que mais recorrem a esse modo de alcançar projeção no capital científico, dependendo da área em que atuam. Ficando patente que os agentes vinculados às áreas da biodinâmica do movimento humano, performance, com temáticas ligadas a saúde, são os que mais privilegiam esta disposição em quase todos os programas.

**QUADRO 20: ARTIGOS EM COAUTORIA 2003-2013**

INSTITUIÇÃO	ARTIGOS		
	T	CA	A
<b>USP /AC</b>			
1 P EDAGOGIA	380	335	45
2 BIODINAM	910	891	19
3 ESPORTE	614	587	27
T. PARCIAL	1.904	1.813	91
<b>UNICAMP</b>			
1 EF ADAPTADA	435	434	01
2 BIODIN M. ESP	670	644	26
3 EF E ESPORTE	292	215	77
T. PARCIAL	1.417	1.293	104
<b>UFRGS</b>			
1MH CULT.EDUC,	237	202	35
2 MH SAUD.PER.	902	889	13
T. PARCIAL	1.139	1.091	48
<b>UDESC</b>			
EST.BIOC.M. H	1.054	1.016	38
<b>TOTAL</b>	<b>5.494</b>	<b>5.213</b>	<b>281</b>

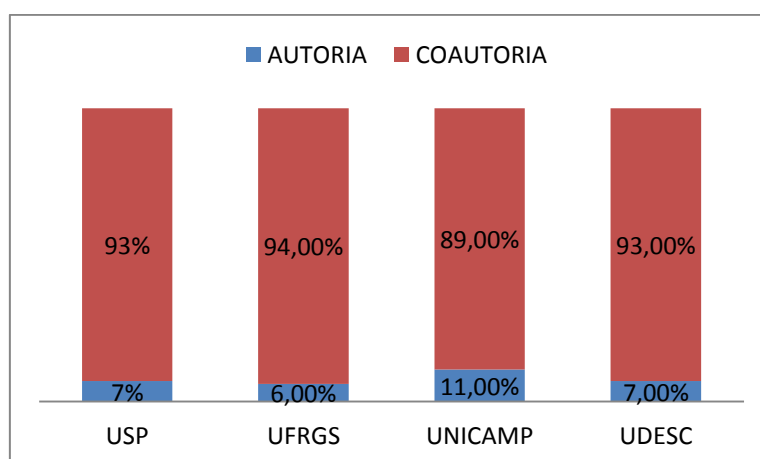
**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

**Legenda:** T: Total; CA: Coautoria; A: Autoria

Outra questão interessante relacionando os artigos e as áreas de concentração, é que os pesquisadores que se situam mais nas linhas de pesquisa e projetos ligados a denominada área sociocultural, apresentam maior volume de artigos de única autoria.

Em termos percentuais os programas mais bem pontuados (USP-UFRGS) e com maior produção de capital científico concentram a maior utilização desta estratégia em termos percentuais. Entretanto entre os programas com a pontuação mais baixa, esta é intensificada nos programas com menor conceito e a maior inserção de capital intelectual (UDESC-UNICAMP).

**GRÁFICO 17: PERCENTUAL DE ARTIGOS CIENTÍFICOS EM AUTORIA E COAUTORIA POR INSTITUIÇÃO 2003-2013**



**Fonte:** Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Esta ação estratégica tem alavancado a produção de alguns agentes com mais de 100 artigos em coautoria nos últimos 10 anos de pesquisa. Ultrapassando bastante a meta da CAPES para os programas. Com isto, é claro que tem diminuído os números de artigos com única autoria que predominaram até década de 1990. Chegando ao extremo de ter pesquisadores sem um único artigo de sua própria autoria. Isto demonstra como esta estratégia se consolidou nos programas de pós-graduação em Educação Física.

Na UDESC não posso aplicar esta formulação em virtude de ser um programa que tem apenas uma área de concentração que abriga as mais diversas linhas de pesquisa. A maioria do quadro docente atual se aproxima mais da biodinâmica do

movimento ligado a performance e a saúde. Até 2009, o quadro era mais diversificado em relação aos pesquisadores, mas foram substituídos, alguns faleceram.

Interessante destacar que a quantidade dos artigos produzidos, no intervalo histórico 2010-2013, foi maior do que a produção até 2009. O ano de 2003, está incluído, com o atenuante de ser um dos anos em que ainda ocorria com relativo destaque aos produtos científicos configurados sob a forma de artigos de única autoria.

Deste modo afirmo que a produção de capital científico se intensificou consideravelmente em quase todos os programas sendo que alguns produzem mais em razão da quantidade maior de docentes a eles vinculados. Entretanto existem os novos que exibem uma performatividade muito acentuada dessa produtividade institucional.

**QUADRO 21: ARTIGOS EM COAUTORIA 2004-2009**

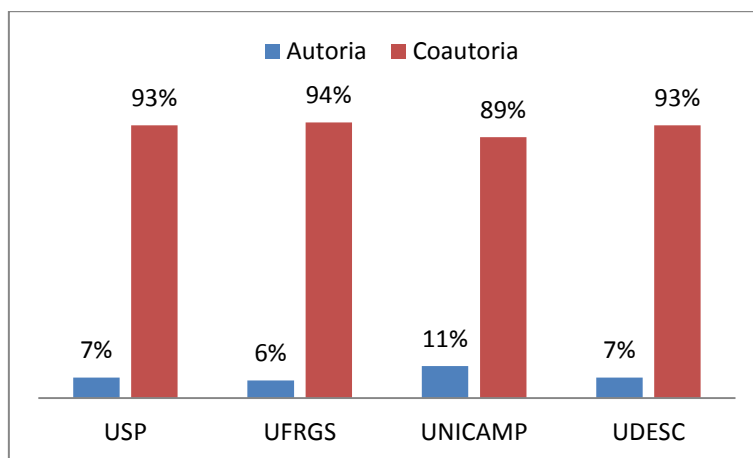
INSTITUIÇÃO	ARTIGOS		
	T	C-A	A
USP /AC			
1 P EDAGOGIA	197	167	30
2 BIODINAM	415	397	18
3 ESPORTE	211	201	10
T. PARCIAL	823	765	58
UNICAMP			
1 EF ADAPTADA	148	147	01
2 BIODIN M. ESP	218	205	13
3 EF E ESPORTE	245	190	55
T. PARCIAL	611	542	69
UFRGS			
1 MH CULT.EDUC,	94	72	22
2 MH SAUD.PER.	503	492	11
T. PARCIAL	597	564	33
UDESC	425	395	30
E.BIOCOMP.DO M. H			
<b>TOTAL</b>	<b>2.456</b>	<b>2.266</b>	<b>190</b>

Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Legenda: T: total; CA: Coautoria; A:Autoria.

A produção de artigos de única autoria no período de 2004-2009, continua sendo de maior predominância nas áreas de concentração ligadas ao subcampo sociocultural e pedagógico. Enquanto que a maior utilização da estratégia de coautoria continua sendo oriunda dos agentes ligados à área biodinâmica do movimento humano. Isto vai alavancando a produção desses agentes, aumentando o seu capital científico e como consequência o reconhecimento e fortalecimento das áreas de concentração que participam. Assim, superam as metas de produtividade estabelecidas pelas atuais regras de avaliação do sistema.

**GRÁFICO 18: PERCENTUAL DE ARTIGOS CIENTÍFICOS EM AUTORIA E COAUTORIA POR INSTITUIÇÃO 2004-2009**



Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br.

Os dados percentuais destes dois triênios (2004-2009) apresentam uma similaridade com o período total investigado (2003-2013), mesmo que nos últimos anos a produtividade tenha sido muito alavancada por esta estratégia de projeção no campo.

Como foi demonstrado, a coautoria vem sendo uma estratégia largamente utilizada no período investigado. No interior dos programas, esta foi mais evidenciada em áreas de concentração denominadas biodinâmica do movimento humano, performance, ligadas a saúde, enquanto que nas áreas que se concentram na perspectiva sociocultural, esta tem sido utilizada em um percentual menor.

Esta produção deste período será analisada posteriormente em relação a sua qualidade segundo critérios da capes que produziu nos relatórios trienais os desempenhos dos docentes que serão comparados com a sua produção total.

#### **4.6 Projeto de pesquisa**

A participação em projetos de pesquisa tem sido uma estratégia também utilizada para projeção no campo científico. Tal como nas demais, cada programa utiliza de forma diferenciada, de acordo com seus interesses e linhas de pesquisa que os configuram. Muitos dos projetos citados não foram identificados se o pesquisador é coordenador ou integrante, neste caso, criei a classificação de não informados.

Os projetos de pesquisa apresentam um número bastante considerado. Em alguns programas se aproxima dos projetos em que o pesquisador é integrante, como no caso

da UNICAMP, UFRGS e UDESC. Em geral estes projetos além de não citarem a coordenação, não apresentavam o detalhamento do mesmo. Isto pode indicar que eles não têm relação com a pós-graduação e com pesquisas consolidadas, e, portanto, desconexos da produção científica dos docentes.

**QUADRO 22: PROJETOS DE PESQUISA 2003-2013**

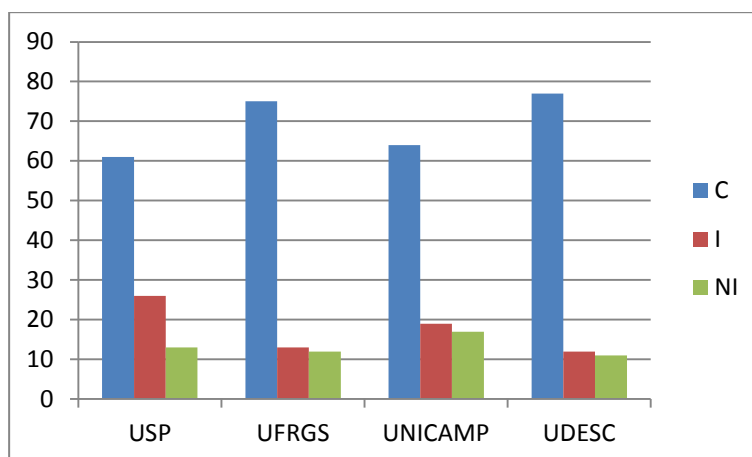
INSTITUIÇÃO	PROJETOS DE PESQUISA			
	T	C	I	NI
<b>USP /AC</b>				
1 PEDAGOGIA	89	60	15	14
2 BIODINAM	244	135	79	30
3 ESPORTE	67	47	09	11
T. PARCIAL	400	242	103	55
<b>UNICAMP</b>				
1 EF ADAPTADA	106	60	26	20
2 BIODIN M. ESP	98	66	18	14
3 EF E ESPORTE	64	45	08	11
T. PARCIAL	268	171	52	45
<b>UFRGS</b>				
1 MH CULT.EDUC,	62	45	07	10
2 MH SAUD.PER.	299	228	39	32
T. PARCIAL	361	273	46	42
<b>UDESC</b>				
EST.BIOC.DO M. H	392	302	47	43
<b>TOTAL</b>	<b>1.421</b>	<b>988</b>	<b>248</b>	<b>185</b>

Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Legenda: T: Total; C: Coordenador; I: Integrante; N.I: Não informado.

Desde os critérios de 2001-2003, que se aponta a necessidade de vinculação das teses e dissertação com as áreas de concentração e as linhas e projetos de pesquisa. Assim, causa estranheza notar um grande número de projetos registrado no Currículo Lattes, nos quais o docente não aparece como coordenador ou integrante.

Ao analisar os percentuais de atuação nos projetos, percebi que o maior índice de coordenação de projetos está concentrado naquele programa mais recente dos analisados (UDESC). Destaco, também, que o programa que possui o maior conceito (USP), apresenta na coordenação de projetos de pesquisa, um valor menor que os demais programas. Isto pode ser uma das consequências da inserção internacional em redes e da estratégia de coautoria, em projetos em que a coordenação não se encontra na instituição e sob o controle dos respectivos pesquisadores.

**GRAFICO 19: PERCENTUAL DE ATUAÇÃO EM PROJETOS DE PESQUISA 2003-2013**

Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Legenda: C: Coordenador, I: Integrante, NI: Não informado.

Neste gráfico, destaco que o número de projetos que são citados nos Lattes e se enquadram na categoria de não informados por não apresentar o pesquisador nem como coordenador como também como integrante em três instituições este percentual é semelhante ao percentual de projetos em que o mesmo é integrante. Entretanto um percentual significativo de projetos os pesquisadores estão em sua coordenação, que representa um dado significativo de reflexão sobre o capital científico institucional que os pesquisadores conquistaram.

A participação em projetos de pesquisa tem sido uma estratégia que, associada à coordenação dos mesmos, se apresenta como sendo uma forma de almejar e conseguir o capital científico institucional nas burocracias científicas e, por conseguinte com relativo controle sobre a sua produção. Isto se destaca principalmente nos programas mais recentes, porém, também se observa nos consolidados. Entretanto a ausência de detalhamento nos projetos considerados não informados foi um fator que demonstrou também que há necessidade de se associar os mesmo à produção de conhecimento dos programas para conseguir a tão almejada aderência dos projetos de pesquisas as áreas de conhecimento dos mesmos.

#### 4.7 Liderança e coordenação em grupo de pesquisa

A liderança e coordenação em grupos de pesquisa foi um indicador que ficou um pouco prejudicado em analisar devido a imprecisão de seu registro no Currículo Lattes. A dificuldade principal na tabulação desta estratégia está no lançamento do registro de



coordenador do laboratório de pesquisa, citado por muitos pesquisadores sem precisar o período de sua gestão e a sua atuação no laboratório (se na qualidade de líder de um grupo de pesquisa ou atuando enquanto coordenador de todas as pesquisas no referido laboratório).

Adotando como exemplo um dos grupos de pesquisa mais citados na USP, onde muitos pesquisadores informaram sua participação. Em alguns momentos indicam o coordenador, mas este não refere essa qualidade em seu Currículo Lattes. Esse é um dos casos que se destaca, por este ser um pesquisador de projeção no campo e talvez, não veja a necessidade de registrar.

Deste modo optei em adotar o registro dos grupos de pesquisa no CNPQ que se encontram nos campos iniciais do Lattes para identificar os líderes do grupo, mas considere também aqueles que citaram em seu Lattes que coordenam grupo de pesquisa e não estão como líderes registrados no CNPQ.

**QUADRO 23: LIDERANÇA EM GRUPOS DE PESQUISA**

INSTITUIÇÃO	PP	GP
<b>USP /AC</b>		
1 P EDAGOGIA	89	03
2 BIODINAM	244	05
3 ESPORTE	67	03
T. PARCIAL	400	11
<b>UNICAMP</b>		
1 EF ADAPTADA	106	01
2 BIODIN M. ESP	98	02
3 EF E ESPORTE	64	01
T. PARCIAL	268	04
<b>UFRGS</b>		
1 MH CULT.EDUC,	62	02
2 MH SAUD.PER.	299	02
T. PARCIAL	361	04
<b>UDESC</b>	392	-
<b>EST.BIOCOMP.DO M. H</b>		
<b>TOTAL</b>	<b>1.421</b>	<b>23</b>

Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

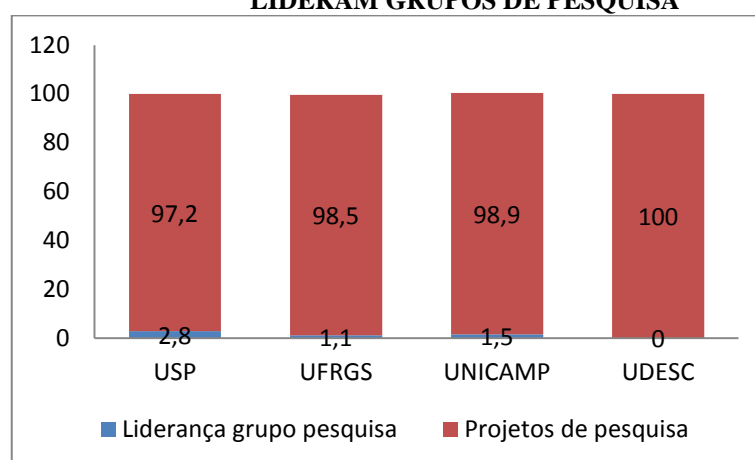
Legenda: PP: Projeto de pesquisa; GP: Grupo de pesquisa.

Nos artigos analisados, observei que a citação em coautoria de muitos pesquisadores do referido laboratório sem que o coordenador apresentasse algum projeto de pesquisa. Então estimo que, para o coordenador do laboratório toda a produção do mesmo, deve expressar o nome do seu coordenador. Caso esta seja uma condição, então é muito estratégico ser coordenador de um laboratório, pois esta dinâmica pode alavancar artificialmente sua produção científica. A não ser que muitos

projetos e artigos produzidos tenham uma coordenação colegiada, como um conselho e esteja atuando mais virtualmente que nos modelos tradicionais de pesquisa presencial.

Quando analisei o percentual de pesquisadores que lideram e coordenam grupo de pesquisas, observei um percentual muito baixo de agentes usando esta estratégia: USP- 2,8%, UFRGS, 1,1%, UNICAMP 1,5% e UDESC sem coordenador de grupo de pesquisa. Isto demonstra que esta estratégia não tem sido utilizada de acordo com os dados obtido para se projetar no campo científico da Educação Física

**GRAFICO 20: PERCENTUAL DE DOCENTES QUE COORDENAM E LIDERAM GRUPOS DE PESQUISA**



Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

A liderança e coordenação dos grupos de pesquisa, não se apresenta como um destaque - apesar do número considerável de projetos e coordenação dos mesmos - de uma estratégia de projeção no Campo. Este índice necessita de maior acuidade para atualização dos atuais líderes, mas que demonstram o estágio de constituição de um campo ainda em formação. Este dado pode indicar que mesmo coordenando a maioria dos projetos, os pesquisadores não estão liderando os respectivos grupos de pesquisa no campo da Educação Física investigado neste recorte, o qual é constituído - com exceção da UDESC - por programas consolidados, ainda está em fase embrionária diante do novo contexto de produtividade.

#### 4.8 Artigos e projetos

Ao relacionar a produção de artigos com os projetos, percebi no geral que a produção de projetos representa em média 34 % da produção de artigos em todo o campo acadêmico da Educação Física. Estes indicadores quando vistos na perspectiva de cada programa, fica assimétrico e com peculiaridade que serão destacadas nas análises desta seção.

**QUADRO 24: ARTIGOS E PROJETOS DE PESQUISA**

INSTITUIÇÃO	ARTIGOS			PROJETOS DE PESQUISA			
	T	C-A	A	T	C.	I	N.I.
USP T. PARCIAL	823	765	58	253	147	47	59
UNICAMP T. PARCIAL	611	542	69	125	83	14	28
UFRGS T. PARCIAL	597	564	33	236	170	39	27
UDESC	425	395	30	227	166	36	25
<b>TOTAL</b>	<b>2.456</b>	<b>2.266</b>	<b>190</b>	<b>841</b>	<b>566</b>	<b>136</b>	<b>139</b>

Fonte: Currículo Lattes/www.lattes.cnpq.br

Legenda: T:Total, C-A:Coautoria, A:autoria, C:Coordenador, I:Integrante, NI: Não Informado

Os programas com maior índice das publicações qualificadas de padrão internacional são os que apresentam menor número de projetos, enquanto os que possuem uma produção qualificada inserção nacional, mas com predominância em periódicos de baixo impacto, são aqueles com maior número de projetos.

Isto a princípio pode indicar que não há necessidade de avolumar a quantidade de projetos de pesquisa para aumentarmos a produção, pois, o que importa é continuar produzindo naquele tema e consolidar a produção do Campo científico. Este está sendo construído, sobretudo articulando a escrita de trabalhos em coautoria com os orientandos de mestrado e doutorado ou com pesquisadores experientes.

Esta talvez seja a estratégia subjacente a esta posição dos agentes. Concentrar a produção em projetos específicos a fim de avançar o conhecimento em determinados campos de investigação, em formulações teóricas, consensuais, e se inserindo na produção internacional. Por outro lado, os agentes que estão se aproximando de Campos “novos”, buscam o maior número de projetos para atuar em vários campos em áreas interdisciplinares, nas disputas de novos referenciais teóricos e projeção no Campo científico.

#### 4.9 Artigos e qualidade da produção

Realizei um cruzamento das informações coletadas no Currículo Lattes apresentadas no indicador publicação de artigos em periódicos, com os relatórios trienais de 2004-2009, em que me detive no exame da qualidade da produção de capital intelectual dos docentes comparando o total da produção no período em relação ao número de artigos publicados nos periódicos internacionais e nacionais.

Inicialmente constatei que da produção geral dos docentes nos quatro programas que acumulou 2.456 artigos, apenas 1.825, desses produtos conseguiram a publicação em periódicos qualificados, representando 74,30% do total. Isto, a princípio, expressa um resultado relativamente satisfatório. No entanto, se a análise considerar os valores alcançados em cada programa, a média geral não representa o que ocorre internamente nos mesmos.

Os programas que alcançaram maior produção em periódicos internacionais, também estão representados com a maior quantidade de artigos que não foram publicados em veículos qualificados. Por outro lado, os programas caracterizados com a menor publicação em periódicos internacionais são aqueles com maior número de artigos publicados em periódicos qualificados. Entretanto existem programas que se encontram em uma situação inusitada, não possuem muita publicação qualificada, visto que sua produção circula em periódicos de baixa pontuação ou sem classificação no QUALIS-CAPEs.

O Campo da Educação Física tem se apresentado com uma produtividade muito acentuada, com a melhoria nas posições de qualificação internacional e nacional, bem como, tem formado capital intelectual não como uma prioridade da maneira ocorrida até a década de 1990. Ratificando os dados apresentados no capítulo anterior, demonstrando os avanços alcançados em busca de uma autonomia, que diminua a sua dependência da lógica externa e aumente o seu poder de refração.

Esta condição de constituição objetiva do Campo depende, em grande parte, do papel dos agentes, das suas posições, das suas ações e estratégias adotadas para viabilizar os Projetos Pedagógicos que orientam a funcionalidade dos programas.

Entretanto, esta lógica não se apresenta de forma consensual, linear e constante, mas com várias oscilações e fluxos de descontinuidade, que são entrecruzados por interesses que se instauram na tensão não apenas entre capital intelectual e capital

científico, nos tipos de capital científico, mas nas diferentes estratégias adotadas pelos programas. Isso acarreta elevado grau de assimetria entre os programas, com alguns conseguindo se projetar e se manter em posições confortáveis a cada triênio de incidência da avaliação CAPES. Enquanto outros exibem produção de capital intelectual e científico, também considerada elevada. Entretanto não conseguem sucesso nas suas estratégias e reconhecimento nos processos avaliativos. Há também, programas que estão se consolidando, contudo, apresentam uma produção qualificada e já estão nos patamares nacionais de avaliação, mesmo adotando caminhos estratégicos diferentes.

Existem estratégias consensuais que quase todos os programas adotam, entretanto, em alguns deles os resultados são melhores que outros, utilizando a mesma estratégia. Isto talvez se explique não apenas pela estratégia isolada, mas nas suas relações com as demais, com as constituições e o tipo de programa em relação a sua concepção de ciência, nas especificidades e nas configurações das áreas de concentração que disputam posições agentes do mesmo Campo científico e que atuam em áreas denominadas novas, com concepções de ciência consolidadas e, portanto, detendo produtividade reconhecida e tempo de atuação do pesquisador.

Em outros programas as estratégias são específicas, como a continuação da formação de capital intelectual dos docentes em estágio pós-doutoral. O programa que tem o maior número de pós-doutores é o que possui o conceito mais elevado inclusive com inserção internacional. Por outro lado, há programas, com um quadro razoável de pós-doutores e a sua produção e conceituação não o situam nem nos limites do padrão nacional. Assim como existem programas que não possuem nenhum pós-doutor e se situam no patamar de produção de capital científico de programas com como o conceito 5. Isto faz suspeitar da eficácia dessa estratégia, ou se ela é atingida por outros fatores que alavancam a produção e a projeção dos docentes.

Dentre as estratégias consensuais temos a participação em rede de pesquisadores e a coautoria como sendo marca emblemática de todos os programas investigados. Esta ação dos agentes tem contribuído com a ampliação no quantitativo do capital científico de alguns agentes, revelando-se enquanto estratégia mais eficaz no período investigado.

A produção dos programas tem sido maior nos últimos quatro anos, assim como a sua qualidade tem sido aprimorada, com o diferencial que alguns programas estão consolidados com o padrão nacional de seus produtos científicos, enquanto outros

acentuam sua produção naquele grupo de periódicos classificados como de padrão internacional.

## CAPÍTULO V

### **A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA, DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS COMO EXPRESSÃO DO CAPITAL INTELECTUAL E CAPITAL CULTURAL CIENTÍFICO.**

Pretendi neste capítulo, analisar as metamorfoses do capital intelectual produzidas pelo corpo discente a fim de que este se converta em capital cultural científico com repercussões na produção do conhecimento neste Campo.

A pergunta norteadora que direcionou minha análise foi: De que forma o capital intelectual adquirido com a formação de alto nível se transfigura em capital científico capaz de potencializar a geração de conhecimento neste Campo.

Descrevi analiticamente a constituição do Campo científico no sentido de estabelecer a relação entre capital intelectual e capital científico na produção do conhecimento na pós-graduação em Educação Física no Brasil. A análise que no capítulo anterior se centrou nos docentes dos programas, neste capítulo ocorreu nos discentes formados em doutores nos referidos programas no período de 2003 a 2012.

A produção de capital intelectual – formação de alto nível- doutorado, ocorreu através da defesa de teses no período analisado. Nessa pesquisa foi considerada, em relação a sua produção científica (capital científico), procurando constituir o processo de formação do Campo agora a partir dos agentes que foram qualificados. Alguns atuando inclusive como docentes dos programas, outros em seus programas de origens. Assim como aqueles que não seguiram a carreira acadêmica e trabalham de forma autônoma, ou em assessorias e consultorias.

“É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem ou não fazer. Ou mais precisamente é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente sua tomada de posição. Isto significa que só compreendemos, o que diz ou faz um agente engajado num campo (um economista, um escritor, um artista etc.) se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo (...). Essa estrutura é, grosso modo determinada pela distribuição de capital científico num dado momento. Em outras palavras, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção do seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é de todo o espaço. Mas contrariamente cada agente age sob pressão da estrutura do espaço que se impõe a ele tanto mais brutalmente quanto seu peso relativo seja mais frágil. Essa pressão estrutural não assume necessariamente, a forma de uma imposição direta que se exerceria na interação (ordem, “influência” etc.) (BORDIEU,2004, p.23 e 24).

O Campo da Educação Física, que como se viu é muito recente. Este vem se constituindo como um Campo acadêmico-científico em processo de construção. Essa construção ocorre, de acordo com a posição assumida pelos agentes, na elaboração de seus objetos de pesquisa, da formação de capital intelectual da área, das escolhas de atuação após a sua formação que, em muitos casos, não é a acadêmica. Estes elementos foram escrutinados neste capítulo a partir dos indicadores, que retratam a produção dos diversos tipos de capital científico que os agentes adquiriram até o momento no período investigado.

Os indicadores definidos no sentido de atender os objetivos do capítulo foram delimitados em: projetos de pesquisa, produção de livros, capítulos de livros, artigos científicos, trabalhos completos publicados em anais de congresso e consultorias e assessorias.

A escolha destes indicadores no período proposto permitiu analisar a produção do conhecimento na maioria dos anos do período proposto, na produção bibliográfica dos discentes dos programas durante e após a sua formação com titulação de doutor.

A construção do percurso metodológico também foi a partir dos dados registrados nos cadernos de indicadores de avaliação dos programas (CAPES) e os dados registrados pelos agentes em seus Currículos Lattes disponível na plataforma (LATTES/CNPq) e foram obtidos em junho de 2014. A redução de um ano do período fixado 2003-2013 para 2003-2012 ocorreu para que se pudesse analisar a sua produção bibliográfica de pelo menos um ano após a conclusão de sua tese de doutorado.

O levantamento inicial dos doutores ano a ano dos programas foi feito a partir do caderno de indicadores da capes, disponível no link avaliação dos programas. A partir do levantamento das teses, o segundo passo foi a identificação dos nomes completos para em seguida ir a plataforma Lattes na busca de seus currículos. Foram analisados 263 currículos: 74 da USP, 131 da UNICAMP e 58 da UFRGS, como a UDESC no período obteve a formação de apenas 2 doutores, esta última não foi analisada.

Após a identificação da tese, obtida no caderno de indicadores por instituição e ano de defesa, não foi possível a identificação do nome completo de alguns pesquisadores, principalmente os que não exercem a liderança de grupos de pesquisa, tem baixa produção o que dificultou o acesso ao Lattes dos mesmos. Nestes casos realizei pesquisa da tese completa nas bibliotecas virtuais das instituições, com muito êxito na maioria dos casos, em outros da sua indisponibilidade. Então partí para uma



pesquisa no Google [https://www.google.com.br/em busca da tese](https://www.google.com.br/em_busca_da_tese). No final não foi possível o acesso ao Lattes de 09 pesquisadores, sendo 02 da USP, 04 DA UNICAMP, 03 da UFRGS e 01 DA UDESC.

Seguida a identificação dos Lattes, iniciei a análise dos mesmos, primeiramente pela presença e ausência dos indicadores, em seguida a quantidade da produção bibliográfica e posteriormente os percentuais de produção que constituem a média entre os pesquisadores por instituição para a construção de um quadro geral da configuração do campo nas instituições envolvidas na pesquisa, assim como as predominâncias de produção em determinadas faixa de produção 1-10, 11-21, 22-50, 51- em diante.

A produção de capital científico, que até o momento foi tratada de forma distinta do capital intelectual. A partir deste momento essas categorias de se entrecruzam, em virtude de haver produção de capital científico antes e durante a formação como demonstrarei na constituição e posicionamento dos agentes no campo da Educação Física.

Com exceção da UDESC que está em fase de consolidação de seu programa e no período proposto para análise formou apenas 2 doutores, não se apresentando uma amostra significativa, esta não será apresentada.

A análise do capital intelectual até o momento havia se situado em mestres e doutores formados. Entretanto em virtude da quantidade de currículos a serem analisados: 263 representar mais do que o dobro do número da analisada no quarto capítulo com os docentes 125 dos programas e o pelo reduzido tempo para realização da pesquisa, optei em estudar apenas os doutores formados neste período. Isto é parte do capital intelectual produzido.

O capítulo está organizado da seguinte maneira. Inicialmente apresento uma visão geral da constituição do Campo da Educação Física no quadro de doutores investigado. A seguir apresento cada indicador investigado em blocos: projetos de pesquisa e grupo de pesquisa, livros e capítulos de livros publicados, artigos e publicação em anais de congresso, assessoria e consultoria. Na última seção realizei os cruzamentos para a análise da constituição do Campo em relação a seu poder de refração, dos tipos de capital científico produzidos no debate das metamorfoses do capital intelectual na constituição do Campo.

### **5.1- A constituição do campo na produção de capital intelectual e científico**

Antes de explorar o Campo a partir dos indicadores definidos, apresento em breve olhar, as temáticas e sua relação com as áreas de concentração dos programas para a produção segundo as áreas de concentração do Campo e os orientadores que dela participam.

Esta tarefa muito árdua em virtude das disputas já apontadas não só na denominação das áreas - que não se mostram clara e conceitualmente definidas - como também em razão das estratégias assumidas pelos agentes, ao atuar em áreas com denominações diferentes de suas abordagens, mas continuar disputando e desenvolvendo pesquisa dentro do Campo em que se associa.

As áreas de concentração, apresentam denominações em critérios diferenciados. Ora por ramo de conhecimento científico, por temas da Educação Física, como esporte, ou, por especificidades de atuação do Campo. Em relação àquelas que adotam as denominações associadas à ciência, há definição a partir das disputas ciências naturais/humanas – que se denominam: biodinâmica do movimento humano (USP) - biodinâmica do movimento humano e esporte (UNICAMP) - movimento humano saúde e performance (UFRGS). Estes agentes assumem claramente sua posição e se dedicam a construir os seus objetos de pesquisa e têm conseguido avançar na consolidação dos seus programas e da produção de capital intelectual e científico a qual se propõem a disputar.

Pedagogia do movimento humano, Estudos do Esporte (USP), Educação Física Adaptada (UNICAMP), são áreas que em seus descritores existem possibilidades de se trabalhar tanto no paradigma da aptidão física como nas abordagens da cultura corporal e cultura do movimento humano. Como exemplo, basta indicar as teses que adotam o tema do desenvolvimento motor, apresentam a mesma possibilidade dentro da área biodinâmica do movimento humano assim como na área de concentração pedagogia do movimento, apenas com o diferencial de se associar a escola.

Educação Física Sociedade (UNICAMP), Movimento Humano, Sociedade, Cultura e Educação, que são áreas de concentração que nos descritores de suas ementas apontam a possibilidade de diálogo com a filosofia, humanidades – (sociologia, antropologia, história, psicologia), educação e cultura. Todavia, também tem sido palco de disputas na construção de seus objetos, com a ampliação do lugar de incidência das

pesquisas, do treinamento, da academia, terapia, do esporte, para a escola, lazer, currículo, em concepções diversas de ciência adotadas pelos agentes. Caracterizei a produção do Campo por área de concentração em sua quantidade e percentual de participação na construção do Campo.

**QUADRO25: PRODUÇÃO DAS TESES POR  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO 2003-2012**

	BMH	PMH	EE	EFA	BME	EFS	MHSP	MHCE
USP	24	23	27					
UNICAMP				39	40	52		
UFRGS							44	14

Fonte: própria pesquisa

**Legenda:** **BMH:** Biodinâmica do movimento humano; **PMH:** Pedagogia do movimento humano; **EE:** Estudos do Esporte; **EFA:** Educação Física Adaptada; **BME:** Biodinâmica do movimento e esporte; **EFS:** Educação Física e Sociedade; **MHSP:** Movimento Humano saúde e performance; **MHCE:** Movimento Humano cultura e educação.

Em muitos casos, muda a temática, mas os referenciais teóricos continuam os mesmos, e as disputas permanecem acirradas. É como se a área biodinâmica do movimento entrasse como uma linha de pesquisa dentro das humanidades e nas diversas temáticas, pois falar em Educação Física escolar não significa a mudança de abordagem paradigmática para novos referenciais.

Feitas estas ressalvas, mostrarei as áreas que concentram a maior produção, mas não necessariamente significa que é esta a matriz predominante no campo diante das advertências apresentadas.

**QUADRO 26: PRODUÇÃO DO CAMPO POR ÁREA DE CONCENTRAÇÃO**

Área de concentração	Produção de tese	%
BMH/BME/MHSP/ EFS/MHSC/	108	41%
EFA	39	15%
EE	27	10%
PMH	23	9%

Fonte: Própria pesquisa

**Legenda:** **BMH:** Biodinâmica do movimento humano; **PMH:** Pedagogia do movimento humano; **EE:** Estudos do Esporte; **EFA:** Educação Física Adaptada; **BME:** Biodinâmica do movimento e esporte; **EFS:** Educação Física e Sociedade; **MHSP:** Movimento Humano saúde e performance; **HCE:** Movimento Humano cultura e educação.

A constituição do Campo se processa a partir dos interesses que os agentes vêm desenvolvendo ao longo de suas pesquisas, buscando fortalecer determinados referenciais e métodos. Associando-se a seus grupos de pesquisa, mesmo em áreas de

concentração com temáticas aparentemente diversas, mas com a hegemonia e tendo o centro de construção do objeto associado aos aspectos da biodinâmica do movimento humano em suas diversas denominações, esta predominância varia entre os programas.

Os objetos relacionados a estas áreas de concentração se associam aos pressupostos teóricos das ciências naturais, conceber o movimento como atividade física, compartimentalizado, visto sobe a forma mecânica, fisiológica, biomecânica, neurológica, motora, psicomotora, psicológica, com métodos experimentais de matriz positivista, relação causa-efeito, controle de variáveis, com objetivos que variam sua ênfase na saúde, tratamento terapêutico, e performance. Posturas epistemológicas que tem se caracterizado pela dissociação da relação sujeito objeto. Comprovação empírica, controle de variáveis e neutralidade científica. A projeção que faço é de 70% da produção neste subcampo, considerando a sua participação em outras áreas temáticas.

Inicialmente, avançando nas temáticas o Campo se expandiu com o crescimento dos programas. A posição dos agentes em construir outros objetos de pesquisa, principalmente com as demandas sociais, de atuação em diversas áreas profissionais. A formação de quadros em outras áreas, como a educação abriu possibilidades de diálogo com as humanidades. Esta aos poucos vai crescendo e se apresenta nas áreas de concentração que discutem a Educação Física relacionada à educação, cultura e sociedade, com pressupostos teóricos metodológicos que se situam da fenomenologia, a dialética (em suas várias vertentes) e em novas abordagens como a teoria da complexidade, paradigma ecológico, estudos culturais.

Os agentes que nesta disputa, se associam, concebem o movimento humano em perspectiva mais ampla defendem o corpo em uma visão de totalidade. A dimensão cultural, nas suas distintas denominações tem sido construída, também, em várias denominações de acordo com matriz teórica: corporeidade, corporalidade, cultura corporal, cultura corporal do movimento, que se situa em um percentual de 30%, resguardadas as observações de disputas já anunciadas.

Doravante passo a concentrar as análises na constituição do campo a partir dos indicadores extraídos do Currículo Lattes e que se apresentam como a transformação da formação do capital intelectual produzido a partir das teses defendidas e a formação de doutores e a produção de capital científico desses agentes que ocorre ainda na sua formação e continua ou não de acordo com a sua atuação acadêmica e profissional.

Na constituição do campo da Educação Física no período investigado apresenta a produção de capital intelectual de 10 anos analisados. Os cinco primeiros foram capitaneados pela UNICAMP que produziu o dobro de doutores das demais instituições (USP-UFRGS). Em uma visão panorâmica da produção, os anos que apresentam o maior equilíbrio nos indicadores institucionais foram 2009-2011 e 2012.

Estes dados reforçam as análises já apresentadas de produção de capital intelectual a partir dos relatórios trienais 2004-2009, os quais indicavam que a priorização do Campo era a produção do capital científico e não mais o capital intelectual. A UNICAMP foi a instituição que apresentou a maior formação de capital intelectual.

**QUADRO 27: TESES DEFENDIDAS POR ANO/INSTITUIÇÃO (2003-2012)**

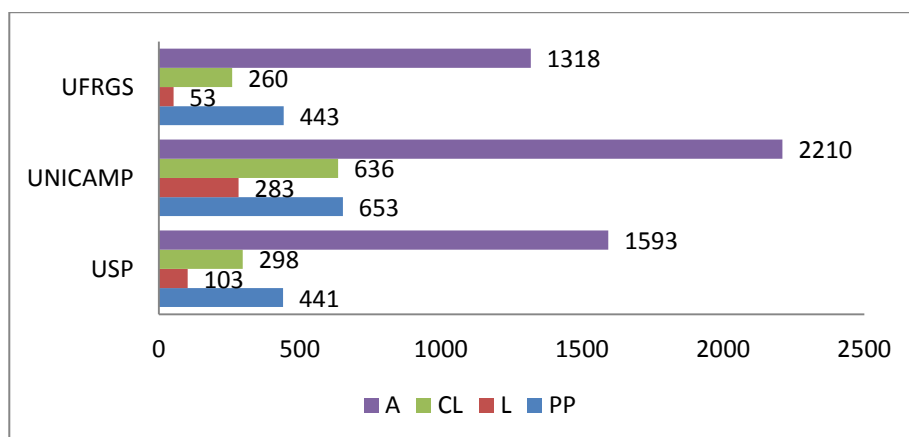
ANO INST.	T	2003	2004	2005	206	2007	2008	2009	2010	2011	2012
USP	74	04	02	05	13	07	05	13	11	09	17
UNICAMP	131	14	12	15	16	08	20	14	12	15	12
UFRGS	58	06	03	-	01	04	08	11	06	09	13
UDESC	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02
<b>TOTAL</b>	<b>265</b>	<b>24</b>	<b>17</b>	<b>20</b>	<b>30</b>	<b>19</b>	<b>33</b>	<b>38</b>	<b>29</b>	<b>27</b>	<b>44</b>

Fonte: Própria pesquisa

As demais instituições (USP e UFRGS) apresentam um número de doutores que se aproxima e ao mesmo tempo se distancia da quantidade do capital intelectual formado da UNICAMP. Esta produziu o que as duas acumularam juntas, entretanto a sua produção bibliográfica - capital científico - resguardadas as devidas proporções, se apresenta muito similar.

Nos quatro primeiros anos investigados a formação de capital intelectual é bem menor que nos últimos seis anos, inclusive com o ano de 2005 sem produção na UFRGS e no caso da UDESC com já anunciado, foi desprezada por formar dois doutores apenas em 2012.

A formação de capital científico dos discentes que se tornaram novos doutores inicia antes, durante e depois da formação. Em alguns casos só foi possível a verificação da produção depois de sua formação, como foi o caso dos docentes formados em 2003, e em outros casos com os titulados em 2012, só foi possível a análise de um ano de produção que incidiu em 2013.

**GRÁFICO 21: PRODUÇÃO CAPITAL CIENTIFICO POR INSTITUIÇÃO**

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: A: Artigos; CL: Capítulos de livros; L: Livros; PP: Projetos de pesquisa.

A UNICAMP continua sendo a instituição que, comparada com as demais, apresenta uma produção de capital científico acima das demais. Entretanto quando estabeleci média entre os pesquisadores, sua produção se tornou similar em relação a projetos de pesquisa, livros e capítulos de livros, mas inferior em relação à proporção dos artigos científicos e produção de capital científico por pesquisador das instituições que apresentaram uma produção de capital intelectual.

Cito como exemplo na produção de artigos científicos, na média de produção por pesquisador da UNICAMP apresenta a menor incidência, 18 artigos para um pesquisador, enquanto a USP e a UFRGS acumularam 22 artigos para um pesquisador.

**QUADRO 28: QUANTIDADE PRODUÇÃO DE CAPITAL CIENTÍFICO/INSTITUIÇÃO E PESQUISADOR 2003-2012.**

INSTITUIÇÃO	PP		L		CL		A	
	P	M	P	M	P	M	P	M
USP	441	1-7	103	1-6	298	1-5	1593	1-22
UNICAMP	653	1-7	284	1-4	636	1-7	2210	1-8
UFRGS	443	1-8	53	1-2	260	1-6	1318	1-22

Fonte: própria pesquisa

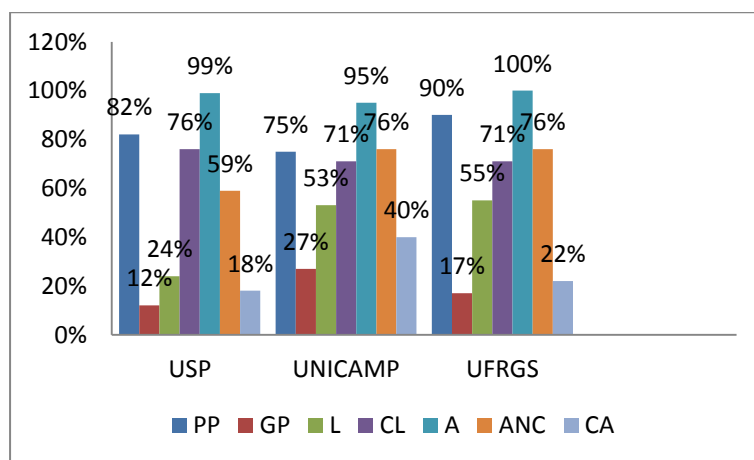
Legenda: PP: Projeto de pesquisa; L: Livros; CL: Capítulos de livros; A: Artigos científicos publicados em periódicos; P: produção de artigos; M: Média por pesquisador.

Isto pode indicar que a produção de capital intelectual não constitui um fator primordial para a produção de capital científico, na medida em que os agentes estão

apresentando a mesma média de produção e em alguns anos superando seus pares. Em outras palavras a elevação de capital intelectual não significa necessariamente um aumento de capital científico. Isto demonstra que a lógica da produtividade imposta a partir das regras externas, impactou o Campo e redefiniu o papel que os agentes assumem. Na medida em que a sua maior dedicação será para atender as metas de produtividade e não se concentrar tanto na formação de capital intelectual, e sim na intensificação da produção de capital científico.

Outro aspecto de caracterização do Campo que mereceu atenção foi quando analisei a presença e ausência dos pesquisadores nos indicadores. A presença dos pesquisadores é mais destacada, em quase sua totalidade na produção de artigos e, em segundo plano temos a participação em projetos de pesquisa, trabalhos completos em anais de congresso seguida dos capítulos de livros, e a menor frequência ocorreu em produção de livros e grupos de pesquisa.

**GRÁFICO 22: PERCENTUAL DE PRESENÇA DE TODOS OS INDICADORES POR INSTITUIÇÃO**



**Fonte:** própria pesquisa

**Legenda:** **PP:** Projeto de pesquisa; **GP:** Grupo de pesquisa; **L:** livro; **CL:** Capítulos de livros; **A:** Artigos publicados em periódicos; **ANC:** Trabalhos completos publicados em anais de congresso; **CA:** Consultoria e assessoria.

O Campo vai se constituindo com a participação dos agentes atuando de forma a se destacar em relação a sua produção de capital científico - aqueles que adotam esta posição decorrente da sua formação. Por outro lado, têm pesquisadores que não se dedicam ao Campo acadêmico, estão fora dos programas de pós-graduação. Atuando em assessoria e consultorias, de forma autônoma, em um percentual pequeno, porém

significativo, fazendo com a média de produção cair bastante em relação ao total de pesquisadores.

A média de produção esconde as especificidades do Campo, de existirem pesquisadores que se situam com uma produção na faixa de 100 artigos, por exemplo, enquanto outros somam 4 artigos publicados. Na média dos nove anos, detectei a produção de 6 a 10 artigos por pesquisador. Houve também casos de pesquisadores que após obterem o título, não produziram mais nada, nem divulgando a sua tese. Por outro lado, temos doutores que, por seu destaque e intensa produção, integram o quadro docente dos programas e alguns possuem bolsa produtividade da CAPES.

## 5.2 Projetos de pesquisa e grupo de pesquisa

O Campo vai se constituindo em sua produção, de acordo com a participação do pesquisador em formação, em projetos de pesquisa. Isso ocorre ainda no processo de orientação da tese, sua inserção em grupos de pesquisa, que irá depois se desdobrar na correspondente produção de capital científico.

Ao analisar a constituição do Campo, na questão presença e ausência a partir de projetos de pesquisa das três instituições investigadas, a participação dos discentes nestes indicadores que obtiveram o título de doutor durante os 10 anos foi bastante destacada, variando de 75 a 90% do número total de doutores que tiveram no período de 2003-2012.

Este fato se inverteu quando analisei a participação dos pesquisadores com líderes de seus grupos de pesquisa. O resultado demonstrou que um percentual bem pequeno de doutores atua como líder de grupo de pesquisa de 12 a 27%. Isto significa que a maioria dos pesquisadores não conseguiu capital científico suficiente para assumir a liderança de pesquisas e estão participando apenas como pesquisadores integrantes dos grupos.

**QUADRO 29: PERCENTUAL DE PRESENÇA E AUSÊNCIA DE PESQUISADORES EM PROJETOS DE PESQUISA E GRUPO DE PESQUISA**

INSTITUIÇÃO	P/A	PP	GP
USP	SIM	82%	12%
USP	NÃO	18%	88%
UNICAMP	SIM	75%	27%
UNICAMP	NÃO	25%	73%
UFRGS	SIM	90%	17%
UFRGS	NÃO	10%	83%

Fonte: Própria pesquisa



**Legenda:** **P:** Presença de pesquisadores neste indicador; **PP:** Projetos de pesquisa; **GP:** Grupos de pesquisa.

A média da participação em projetos de pesquisa foi de 7 projetos por 1 pesquisador. Esta média, a princípio pode ser considerada significativa de um potencial de transformação de capital intelectual em científico, na medida em que os pesquisadores com a obtenção do título podem gerenciar projetos científicos, contudo quando analisada com mais acuidade, demonstra quanto estes pesquisadores estão produzindo.

Esta média esconde o número acentuado de doutores que, segundo o seu Currículo Lattes, não possui projeto de pesquisa de 2003-2012, que na UNICAMP corresponde a 25%, na USP 18% e na UFRGS 10%.

#### QUADRO 30: PRODUÇÃO DE PROJETO POR INSTITUIÇÃO MEDIA POR PESQUISADOR

INSTITUIÇÃO	PP	
	P	M
USP	441	1-7
UNICAMP	653	1-7
UFRGS	443	1-8

Fonte: Própria pesquisa

**Legenda:** **PP:** Projeto de pesquisa; **P:** Produção de projetos; **M:** Média por pesquisador

Na maioria dos casos o pesquisador que não possui projeto, também não lidera grupo de pesquisa e não publicou nenhum livro e tem uma produção baixa de capítulos de livro, artigos, e anais de congressos. Entre as três instituições citadas têm 263 doutores formados até 2012, porém, cerca de 43 deles não possuem projetos e 209 que não lideram grupos de pesquisa, 16 e 79% respectivamente.

#### QUADRO 31: PRESENÇA E AUSENCIA DE PESQUISADORES EM PROJETOS DE PESQUISA E GRUPO DE PESQUISA

INSTITUIÇÃO	Total	PP		GP	
		P	A	P	A
USP	74	60	14	09	65
UNICAMP	131	98	33	35	96
UFRGS	58	52	06	10	48
<b>TOTAL</b>	<b>263</b>	<b>221</b>	<b>43</b>	<b>54</b>	<b>209</b>

Fonte: própria pesquisa

**Legenda:** **PP:** Projeto de pesquisa; **GP:** Grupo de pesquisa; **P:** Presença; **A:** Ausência.

Isto pode representar um estágio em que os pesquisadores estariam ainda em processo de constituição e consolidação de seu capital científico. Por isto, não conseguiram a produção necessária para o reconhecimento de seus pares e assim possam assumir a direção de seus grupos. Por outro lado, há exigência do CNPq para que os grupos sejam registrados pela via institucional e como nem todos os doutorandos estabelecem vínculo efetivo com universidades, centros institutos, faculdades, também gera empecilho. Isto pode ser observado quando constatei que a maioria destes pesquisadores 63% (166) produziu no período de 1 a 10 projetos de pesquisa. No polo oposto, apenas 3% (9) que se apresentou na faixa de 21 a 50 projetos de pesquisa.

**QUADRO 32:PRODUÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA 2003-2012**

	PP	1-10	11-20	21-50
<b>INSTITUIÇÃO</b>				
<b>USP</b>		44	10	04
<b>UNICAMP</b>		80	14	05
<b>UFRGS</b>		42	11	02
<b>TOTAL</b>		166	35	09

**Fonte:** Própria pesquisa.

**Legenda:** PP: Projeto de Pesquisa.

O perfil destes pesquisadores com baixa produção bibliográfica é de não atuar no ensino superior e seguir sua carreira como profissional autônomo no ramo de assessorias e consultorias. Isto significa que a formação de capital intelectual destes agentes não se transformou em capital científico capaz de potencializar a produção do conhecimento no campo da Educação Física.

Por outro lado temos pesquisadores que, pela sua grande produção de conhecimento científico, possuem e reconhecimento dos seus pares e estão credenciados nos programas de pós-graduação em que obtiveram o título. Outros em suas instituições de origem, e possuem bolsa produtividade do CNPq e se situam em uma produção de mais de 100 artigos no período.

São poucos em média dois por instituição, mas que conseguem alavancar a produtividade junto com os seus orientadores, mantendo relações em pesquisas e projetos que iniciaram ainda na formação e prosperaram após a conclusão de suas teses.

### **5.3- Publicação de livro e capítulos de livros.**

Ao analisar a participação de pesquisadores na produção de livros e capítulos de livros, pode-se afirmar que a produção capítulos de livros tem sido priorizada, pois é onde os pesquisadores centram a maior participação se comparada com a organização e publicação de livros. Os indicadores apontam que no campo investigado 71% dos docentes das três instituições tem tido a participação em publicações de capítulos de livros enquanto que na organização e publicação de livros o percentual cai para 44%.

**QUADRO 33: PRESENÇA E AUSENCIA DE PESQUISADORES DO CAMPO EM PUBLICAÇÃO DE LIVROS E CAPITULOS DE LIVROS**

INSTITUIÇÃO	Total	L		CL	
		P	A	P	A
USP	74	20	54	54	20
UNICAMP	131	69	62	93	38
UFRGS	58	29	29	41	17
<b>TOTAL</b>	<b>263</b>	<b>117</b>	<b>146</b>	<b>188</b>	<b>75</b>
		<b>44%</b>	<b>56%</b>	<b>71%</b>	<b>29%</b>

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: L: Livros; CL: Capítulos de livros; P: Presença; A: ausência.

Este fato se encontra internamente no Campo de maneira diferenciada em relação às três instituições investigadas. Observei que a instituição que se encontra mais bem posicionada no ranking de avaliação, no caso a USP, é a que não tem priorizado a publicação em livro, enquanto a demais se encontram com publicação de formação de maneira mais equilibrada. Isto pode ser explicado pelo fato da publicação de livro ser uma característica da produção do subcampo sócio cultural e pedagógico. Este não é hegemônico, pois a USP, desde sua criação vem com a biodinâmica sendo o seu principal foco.

**QUADRO 34: PERCENTUAL DE PRESENÇA E AUSENCIA DE PESQUISADORES/INSTITUIÇÃO**

INSTITUIÇÃO	P	L	CL
USP	SIM	27%	76%
USP	NÃO	73%	24%
UNICAMP	SIM	53%	71%
UNICAMP	NÃO	47%	29%
UFRGS	SIM	55%	71%
UFRGS	NÃO	45%	29%

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: P: Presença; L: Livros; CL: Capítulos de livros

A posição assumida pelos agentes e durante a sua formação e após, no período investigado indica que estes adotam a estratégia de publicação de artigos científicos em

relação a produção de livros e capítulos de livros, seguindo as regras externas que tem prevalecido nos últimos anos. Interessante destacar que entre as instituições que se situam no patamar nacional de avaliação, a produção de livros esteve na faixa dos 50%, bem acima da USP. Uma das explicações da maior produção de livro nestes programas era em virtude da característica de publicação de área de concentração que contemplavam a abordagem sócio cultural. Isto requer um maior aprofundamento neste indicador para analisar estas diferenças de posição entre os agentes. Entretanto quando se compara a produção de capítulo de livros observei que a participação dos pesquisadores se situou na faixa de 71 % em todo o campo, já demonstrada no quadro 33.

**QUADRO 35: PRODUÇÃO DE LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS**

I	P	L		CL	
		TP	M	TPCL	M
USP	20	102	1-5	298	1-5
UNICAMP	69	284	1-4	636	1-7
UFRGS	29	56	1-2	260	1-6
<b>TOTAL</b>	<b>117</b>	<b>442</b>	<b>1-4</b>	<b>1194</b>	<b>1-10</b>

**Fonte:** Própria pesquisa

**Legenda:** I: Instituição; P: Presença; L: Livro; CL: Capítulo de livro; TP: Total parcial; M: Média por pesquisador.

Considerando o indicador livros produzidos, observei que 117 pesquisadores produziram um total de 442 títulos organizados e publicados o que nos dá a média de um livro para quatro pesquisadores. Deste modo, durante os 10 anos investigados, os pesquisadores produziram um volume significativo de livros, mas muito abaixo da produção de capítulos de livros, que foi quase o dobro da de livros e a média de um capítulo para 10 pesquisadores.

Esta média não destaca que em alguns anos a produção foi inexistente ou deixou de ser registrada. Mas pelos menos produziram livros comparados com a maioria 146 (56%) dos pesquisadores que não realizaram esta produção durante os 10 anos inspecionados em todo o campo.

O destaque para a UNICAMP na publicação de livros que além de número significativo de presença de agentes adotando esta modalidade de publicação (284). A produção dos mesmos representou o triplo das demais – USP e UFRGS. A menor presença na produção de livros foi da USP (102), quando se observa a média da produção entre os pesquisadores, elas se aproximam, variando de 1-5, 1-4, 1-2, levando a média do campo no período de quatro livros para um pesquisador.

Em relação a produção de capítulos de livros a produção total do campo que foi de um mil cento e noventa e quatro ocorrências, quando estabelecida a média com os 188 agentes que participaram desta produção. Destaco que foi produzido e publicado um capítulo de livro por ano por pesquisador. Mas a contradição de não publicação continua presente em 29% dos pesquisadores que não publicou capítulo de livro, representando 75 agentes que não adotaram este instrumento de divulgação de seus trabalhos nos últimos dez anos.

#### 5.4- Relação entre artigos científicos e publicações em anais de congressos.

A publicação em artigos em periódicos e trabalhos completos em anais de congressos, foi o indicador que a maioria dos agentes mais adotou como estratégia de projeção no campo como também de obtenção de capital científico para atuar de acordo com as regras externas e internas de produtividade.

**QUADRO 36: PRESENÇA E AUSENCIA DE PESQUISADORES EM ARTIGOS E TRABALHOS COMPLETOS EM ANAIS DE CONGRESSOS**

INSTITUIÇÃO	Total	A		ANC	
		P	A	P	A
USP	74	73	01	73	01
UNICAMP	131	125	06	124	07
UFRGS	58	58	-	58	-
TOTAL	263	256	07	255	08

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: A: Artigos científicos; ANC: Anais de congressos P: presença A: ausência.

Quando analisei a presença por instituição neste indicador, o destaque foi para a UFRGS em que todos os seus agentes publicaram artigos em periódicos e trabalhos completos em anais de congresso. Por outro lado a UNICAMP foi o programa que apresentou o maior percentual de ausência 5 e 6% respectivamente. A USP apresentou apenas 1% de ausência nos referidos indicadores, como demonstra o quadro abaixo.

**QUADRO 37: PERCENTUAL DE PRESENÇA E AUSENCIA DE ARTIGOS E TRABALHOS COMPLETOS EM ANAIS DE CONGRESSO**

INSTITUIÇÃO	P	A	ANC
USP	SIM	99%	99%
USP	NÃO	01%	01%
UNICAMP	SIM	95%	94%
UNICAMP	NÃO	05%	06%
UFRGS	SIM	100%	100%
UFRGS	NÃO	-	-

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: P: Presença; A: Artigos; ANC: Anais de congressos.

A publicação de artigos em periódicos e trabalhos completos em anais de congressos foi praticamente uma unanimidade acima de 95% no Campo. Representando como a produção em artigos se tornou um *habitus* acadêmico consolidado pela lógica da produtividade.

A qualidade desta produção já foi objeto de análise no capítulo anterior, quando identifiquei que a diferença se estabelecia na publicação internacional com destaque para a USP, que possuía a maior produção quantitativa e qualitativamente no período 2004-2009. Neste período 2003-2013, a maior produção de artigos foi da UNICAMP, mas a qualidade de produção continua sendo da USP, a qual, inclusive, conseguiu a elevação de sua nota no último triênio de 6 para 7.

Este aumento de capital científico da UNICAMP - que em grande parte ocorreu em virtude desta instituição ter produzido o maior capital intelectual dos que as demais - pode ser um indicador para refletir sobre as transformação de capital intelectual em científico, na medida em que a instituição que aumentou sua produção de capital intelectual com o consequente aumento de seu capital científico, não conseguiu elevar sua produção de acordo com as exigências de produtividade e se manteve na última avaliação com a nota 4.

Esse fato pode ter ocorrido em virtude dos agentes desta instituição estarem com a maioria da sua produção sendo veiculada nos periódicos de menor impacto, além das demais dimensões da avaliação não estarem sendo atendidas. Isto demonstra que não é consenso entre os agentes do Campo aceitarem a lógica do produtivismo e apresentarem certa resistência aos modelos de ciência hegemônico e diversos dos quais se associam

#### QUADRO 38: PRODUÇÃO DE ARTIGOS EM PERIÓDICOS E TRABALHOS COMPLETOS EM ANAIS DE CONGRESSO

INSTITUIÇÃO	A		
	ACP	P	M
USP	1593	73	1-22
UNICAMP	2210	125	1-18
UFRGS	1318	65	1-23
	5121	263	1-20

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: A: Artigos; ACP: Artigos completos em periódicos P: Pesquisadores M: média de artigos por pesquisador.

Em relação a produção de capital científico deste indicador, observei um número considerável sendo capitaneado pela UNICAMP, seguido pela USP e depois a UFRGS, entretanto, quando estabelecida a média por doutorando/pesquisador, a USP e UFRGS

apresentaram a maior proporção 22 artigos por pesquisador e a UNICAMP de 18 artigos por pesquisador.

Ao considerar toda a produção do Campo foi estabelecida uma média nos dez anos por pesquisador, detectei que a proporção de 20 artigos por pesquisador, o que daria dois produtos por ano. Isto a princípio deveria ser um bom indicador se estas publicações fossem em periódicos internacionais como é a exigência, mas isto não acontece. Assim, como esta média só se torna possível em razão da existência de pesquisadores com produção muito alta. Estes acabam elevando esta média que não apresenta o quadro de diferenças, desequilíbrios nesta produção. Isto é, essa produção não é homogênea e nem constante, quando observadas as faixas de produção destes artigos.

Como a produção de artigos foi o indicador que apresentou quase a totalidade da presença dos pesquisadores, destaco alguns dados desta produção que a média obscurece para observar melhor esta flutuação e desequilíbrio.

Ao analisar a produção de capital científico por faixas de produção percebi que a maioria dos pesquisadores, 68% produz nas duas faixas 1 a 9 e 10 a 21 artigos. Demonstrando o que já havia apontado que grande parte dos pesquisadores produz no máximo dois artigos por ano, equivalente a 32% e 36% do total de doutorandos/pesquisadores do campo que produzem menos de um artigo ao ano como demonstrado no quadro abaixo.

**QUADRO 39: PERCENTUAL DE PRODUÇÃO DE ARTIGOS POR FAIXA DE PRODUÇÃO**

FAIXA	USP	UNICAMP	UFRGS	Total	%
<b>1-9</b>	22	61	10	93	36
<b>10-21</b>	24	29	30	83	32
<b>22-50</b>	19	25	14	58	22
<b>51 OU +</b>	08	10	4	22	9

Fonte: Própria pesquisa

A publicação de artigos completos em periódicos e em anais de congresso foi a estratégia que se intensificou nos últimos anos e tem sido a mais utilizada em todo o período investigado 2003-2013 como ação de projeção no campo científico da área. Esta produção ao longo dos 10 anos não ocorreu de forma constante e linear, mas flutuante e com desequilíbrios em sua produção. Poucos pesquisadores produzem muito (mais de 50 artigos na década) e a maioria produziu 20 artigos atingindo a média de 02 ao ano. A avaliação desta produção vem consagrar programas que já estavam em

posição confortável e melhoraram o seu desempenho e programas que aumentaram o seu capital científico, mas não atingindo o patamar exigido foram mantidos em suas posições anteriores.

### 5.5- Assessoria e consultoria

Este indicador se destaca como sendo aquele em que os pesquisadores decidem, após a sua formação acadêmica, integrar ou não os programas de pós-graduação, bem como sua vinculação ao ensino universitário. A maioria deles é de áreas afins, como a medicina, fisioterapia psicologia e optam por se dedicar em atividades de consultoria e assessoria em trabalhos autônomos ou institucionais. Entretanto, temos profissionais do campo da Educação Física que exibem como perfil uma produção mínima e, às vezes, inexistente, com o currículo desatualizado que estão fora do meio acadêmico e se dedicam, também, a estas funções.

**QUADRO 40: PRESENÇA E AUSENCIA EM CONSULTORIA E ASSESSORIA**

INSTITUIÇÃO	Total	CA	
		P	A
USP	74	13	61
UNICAMP	131	52	79
UFRGS	58	13	45
<b>TOTAL</b>	<b>263</b>	<b>78</b>	<b>185</b>

Fonte: Própria pesquisa

Legenda: P: Presença; A: Ausência.

De uma maneira geral o agente produtivo, lidera grupo de pesquisa e atua não só na pós-graduação como na graduação, salvo raras exceções, não participa de assessoria e consultoria, e quando o faz, tem um vínculo institucional em relação aos programas ou projetos de pesquisa a ele vinculados.

A média de participação neste indicador varia de instituição para instituição, tendo a USP o menor percentual 18%, seguida da UFRGS 22% e a UNICAMP 40%, ficando a média do campo situada em 30% dos pesquisadores que atuam neste segmento.

**QUADRO 41: PERCENTUAL DE PRESENÇA E AUSÊNCIA EM CONSULTORIAS**

INSTITUIÇÃO	P	CA
USP	SIM	18%
USP	NÃO	82%
UNICAMP	SIM	40%
UNICAMP	NÃO	60%
UFRGS	SIM	22%
UFRGS	NÃO	78%

Fonte: Própria pesquisa



**Legenda:** P: Presença; CA: Consultoria e Assessoria.

Entretanto temos pesquisadores que atuam na pós-graduação e graduação, acumulam uma média ou pequena produção e atuaram com baixa frequência em consultorias. Mas não fazem dela a sua principal ocupação, posto que estão inseridos e produzindo no meio acadêmico. Este dado merece uma maior investigação para analisar os tipos de consultoria e assessoria. Pois a princípio pode indicar que os doutores que optam por esta atuação não estão inseridos no meio acadêmico. Entretanto temos doutores que estão no meio acadêmico e com produção regular com também atuando em consultorias e assessoria.

### **5.6- As transformações de capital intelectual em capital científico**

A constituição do Campo investigado no recorte temporal e tendo como objeto os discentes dos programas apresenta, a partir do conjunto de indicadores analisados, uma produção de capital científico durante a formação dos pesquisadores<sup>35</sup>. Esta se intensifica nos últimos cinco anos, se constituindo em parte de capital científico puro institucional. Isso ocorre como resultado das estratégias assumidas pelos docentes durante a formação dos seus discentes. Oscila após esta formação de acordo com a posição assumida pelo agente. Esta tem sido variada, heterogênea e sem uma constância na produção de capital científico.

A média de 80% de ausência de pesquisadores na liderança de grupos de pesquisa é um indicador que demonstra que no Campo, só a formação de capital intelectual não garante que o pesquisador, mesmo produtivo, tenha o reconhecimento de seus pares em disputas nas burocracias, logre reconhecimento para liderança do grupo e destaque em sua área.

A maioria dos líderes de pesquisa identificados não tem grande produção na área, mas conseguiu disputar e obter um capital institucional que permitiu galgar para postos de liderança. Por outro lado, pesquisadores com bolsa produtividade e com produção de mais de 50 artigos científicos durante os 10 anos, não lideram grupos de pesquisa por ele frequentados.

---

<sup>35</sup>Aqui estou me referindo aos discentes que mesmo em processo de formação estão atuando em grupos de pesquisa e produzindo com seus orientadores.

Muitos doutorandos/pesquisadores mantêm relação com o seu antigo orientador e atuam o grupo de pesquisa da sua formação. Outros criam seus grupos em suas instituições e estão em processo de constituição e consolidação de suas pesquisas.

A participação em projetos de pesquisa - que seria um potencial para uma transformação e consolidação de capital intelectual em científico na divulgação e publicação de trabalhos - não vem sendo acompanhada na produção de livros, de maneira tímida na de capítulos de livros e com maior destaque na produção de artigos em periódicos e em trabalhos completos em anais de congressos.

Esta produção de artigos que evidenciaria a presumível consolidação do capital científico decorrente da formação de alto nível se encontra ainda, em um patamar assimétrico. Variando anualmente, oscilando de pesquisadores com 100 artigos e outros agentes sem nenhum registro de artigo em periódico.

Um percentual de aproximadamente 30% do campo produziu menos de um artigo no ano. Outros 30% produziram de 11 a 21 artigos, que daria 2 por ano, como nem sempre a qualidade do artigo corresponde ao padrão internacional. Tem-se uma produção que, ainda não logrou o reconhecimento pelas atuais regras externas, mantendo as instituições mais “produtivas” em manutenção de suas avaliações. Enquanto as instituições com produção menor, porém, mais qualificada, têm mantido o padrão internacional e elevado a sua pontuação nas avaliações trienais aplicadas pela CAPES.

## CONCLUSÕES

Na pesquisa que realizei o grande desafio foi, a partir do cenário epistemológico no qual se encontra a construção do campo da Educação Física no Brasil, pensar a problemática construída a partir da relação entre a produção de capital intelectual e científico.

Em relação a questão inicial: como se configura e caracteriza o capital intelectual e científico na produção oriunda do campo da Educação Física no Brasil? A análise realizada permitiu perceber que a construção da pós-graduação no Brasil ocorre em fases distintas e em cenários diferenciados. A lógica de se desenvolver através da ciência e tecnologia está mantida após 50 anos. Este sistema se consolida inserindo o Brasil no cenário internacional com uma produção discreta, mas com significativo crescimento.

Este crescimento ocorreu em virtude de redefinição do plano nacional de pós-graduação, de ajustes nos processos de avaliação do sistema QUALIS-CAPES, que redefiniu metas mais avançadas. Algumas áreas tiveram uma adaptação rápida e não tiveram dificuldade de atender os novos critérios de produtividade, principalmente as mais consolidadas e ligadas às ciências da natureza. A Educação Física como um Campo em construção, se apresentou com certas dificuldades apontadas nos balanços da área (TANI, 2000, KOKUBUN, 2003).

A construção do Campo da Educação Física ocorre não apenas como uma reprodução de determinações externas, da ciência, da tecnologia e da produtividade implícita na atual política da pós-graduação, mas também nas disputas internas do campo, no papel dos agentes e na relativa autonomia para subcampos como os das ciências aplicadas ligadas às ciências naturais. Trazendo para o Campo várias possibilidades de se desenvolver, tanto como um ramo de conhecimento acadêmico científico, como um campo de aplicação profissional, reforçando o modelo de ciência aplicada que não se coaduna com as novas exigências dos modelos globalizados de ciência em construção e consolidação. Estes buscam a aplicação não apenas na especialidade marcada pelo positivismo, mas na complexidade e nos desafios que as novas relações do mercado exigem, mediadas pela atuação dos agentes no interior dos programas.

A busca de produtividade e de inserção do Brasil no cenário internacional de produção do conhecimento, mesmo sendo considerado um grande avanço, pode - por conta das regras estabelecidas no modelo QUALIS/CAPES, associada à posição adotada pelos agentes na constituição do Campo da Educação Física - fortalecer os modelos de ciência que atuam na lógica da ciência básica e aplicada. Estas se aproximam das ciências naturais e conseguem sua inserção e publicação em periódicos internacionais em áreas consolidadas. Utilizando como estratégia a publicação da produção de artigos em periódicos.

Isto pode dificultar como apontavam Bracht (2006) e Lovisolo (2007), o desenvolvimento de áreas ou subáreas que disputam posições em outros campos e modelos de ciências e se aproximam das ciências sociais, estudos culturais e demais campos. Estas mesmo que, tenham produção de alto nível não encontram periódicos internacionais no Brasil e no exterior no Campo da Educação Física para a sua publicação. Assim esta parte do Campo tende a enfraquecer ou migrar para outras áreas como a educação que permitem uma maior mobilidade na divulgação de sua produção.

Deste modo nesta disputa têm prevalecido os modelos clássicos de ciência reinventados com as novas tecnologias, na obtenção de dados objetivos, mensuráveis pelo impacto de sua citação e que reforçam as posições dos agentes na disputa de autoridade no campo. Fortalecendo as regras externas, e demonstrando quem detém maior prestígio para obtenção do fomento aos seus projetos de pesquisa. Enquanto os demais que produzem, mas não nesta lógica científica, dos agentes internacionais são execrados do campo, afastados de suas funções docentes. Pois agora o importante é formar o pesquisador professor e não o professor pesquisador.

Neste cenário de construção e desconstrução do Campo da Educação Física, nos principais dilemas apresentados, das temáticas tratadas pela produção científica na área, dos pressupostos epistemológicos dos programas, e na tensão dos objetivos da pós-graduação, houve um recorte neste debate a partir dos autores selecionados com apresentação sintética dos pressupostos epistemológicos da produção dos mesmos.

Mesmo assim considero que para os limites desta pesquisa e o objetivo proposto para o capítulo - que foi o de perscrutar sobre a configuração e características apresentadas pelo capital intelectual e científico originário da produção acadêmica que circula no Campo da Educação Física no Brasil - a questão está suficientemente esclarecida e pode ser objeto de análises mais específicas sobre as abordagens

epistemológicas da Educação Física, presentes nas obras dos autores que debatem este Campo.

Ao adentrar na questão, de que maneira a qualificação de alto nível da qual se investem os docentes e discentes da educação superior titulados com mestrado e doutorado constitui um capital intelectual capaz de gerar e consolidar a produção de capital cultural científico do campo da área da Educação Física? A qualificação no Brasil no Campo da Educação Física tem ocorrido a partir dos programas da área criados no final da década de 1970, inicialmente com os cursos de mestrado e depois com o doutorado. O crescimento da pós-graduação da Educação Física no Brasil, que até o final de 2000, era de apenas 10 programas para os 31 atualmente (2013). É uma constatação da expansão do campo. Mesmo não havendo consenso na terminologia dos programas, que predomina com a denominação de Educação Física. Este tem sido utilizado como um guarda-chuva para abrigar as mais diversas abordagens. Existem os programas em que seus agentes optam em denominar ciências do movimento humano, ciência da motricidade humana e ciências do esporte.

Este crescimento foi analisado em relação a sua produção a partir dos balanços realizados e dos relatórios e planilhas de avaliação. As disputas ocorrem mais fortes no interior das áreas de concentração que dependem do volume e da qualidade das publicações. Estas vão norteando, caracterizando e fortalecendo os campos e subcampos mais produtivos. Então, foi necessário analisar nesta produção dos programas a relação entre o capital intelectual e científico e identificar qual destas produções tem se fortalecido nos mesmos.

Ao proceder à análise das informações adquiridas, percebi que, gradativamente a formação de mestres e doutores, diante das exigências das novas regras do campo, vem perdendo a sua importância para a lógica da produtividade. Em um processo que reduz a produção de capital intelectual na área. O que foi demonstrado na produção da maioria dos programas em virtude de sua produção estar concentrada, mais no capital científico do que em capital intelectual.

Logo, restou comprovado, que a formação de alto nível em mestrado e doutorado na Educação Física, por si só não garante que esta se converta em produção do conhecimento, capital científico. Pois mesmo com a redução da produção de capital intelectual aumentou a incidência de capital científico nos programas investigados.

Ao analisar a produção dos programas da área, observei que é a inserção internacional que se torna o diferencial na questão da produção do capital científico. Na busca da produtividade, constatei que programas com uma grande inserção internacional priorizam a formação de mestres do que a de doutores. Enquanto os programas que estão no patamar nacional têm formado mais doutores. Como consequência tem ocorrido em quase todos os programas maior titulação de mestres do que de doutores.

Os programas considerados de excelência nacional, no período, apresentam a mesma produção de capital intelectual dos programas de inserção internacional, porém o seu capital científico é diferenciado em relação à produção internacional. Foi possível observar a tendência de programas que ainda não conseguiram o padrão de excelência nacional, apresentarem a maior produção de capital intelectual.

Reforçando a tese de que historicamente - antes de 2003- na pós-graduação em Educação Física, quando se considera a formação de capital intelectual representada na titulação de mestres e doutores, essa preocupação não constitui uma dimensão prioritária nos programas que têm obtido uma avaliação de excelência perante a CAPES.

Uma das estratégias identificadas nos relatórios de área é o credenciamento de docentes com maior produção de capital científico. Consolidando a ideia de que o objetivo primordial da pós-graduação nesta fase é a formação do pesquisador. Conseqüentemente ocorre o descredenciamento de pesquisadores que não conseguem atingir as metas mínimas de produtividade.

A utilização do livro QUALIS em virtude das demandas apresentadas. Pode significar um grande avanço, principalmente para os agentes que atuam em áreas em que o conhecimento, leva certo tempo para ser superado (BRACHT, 2006).

Neste caso os agentes que disputam neste subcampo alegam que a produção de conhecimento em questões locais e regionais, tem dificuldade de participar e se inserir internacionalização do atual modelo vigente nos programas. Existem programas que possuem uma produção significativa, mas restrita a periódicos nacionais e de baixo impacto.

Este cenário me fez refletir sobre a produção do capital intelectual e a produção de capital científico que esta formação possibilitará diante da busca por produtividade, de acordo com o padrão internacional. Bem como os modelos de ciência que se

fortalecem e se enfraquecem, pois a geração e manutenção da produção científica, não se restringe a formação de capital intelectual, como também pelo poder de refração do Campo de acordo com a maneira dos agentes se posicionam neste cenário para a obtenção do disputado capital científico.

Pois como se viu, a relação que se estabelece entre a produção de capital intelectual e científico em certos programas se apresenta de forma excludente. A ênfase que se adota é quase exclusiva na produtividade internacional seguindo as exigências do modelo. Enquanto em outros programas, ele ainda não se dá de forma acentuada, com uma produção de capital científico internacional reduzida, mas com significativa produção nacional e de capital intelectual.

Considero que para os desafios da questão apresentada, a análise evidenciou uma visão inicial e caracterizada do Campo como um todo. Isto possibilitou a percepção de como está se dando a relação entre capital intelectual e científico.

Ao verificar como este fenômeno se metamorforseia nas estratégias e disputas pela produtividade intelectual entre os sujeitos que compõem o corpo docente que atua no Campo científico dos programas de pós-graduação em Educação Física classificados pela capes com as notas 3,4,5 e 6? O Campo da Educação Física, como demonstrei, tem um cenário de crescimento e aumento da produtividade muito acentuada nos últimos anos. Com projeção nacional e internacional, assim como tem formado capital intelectual não como uma prioridade, em relação à produção de capital científico - ratificando os dados apresentados no capítulo anterior - Demonstrando os avanços alcançados, em busca de uma relativa autonomia, que diminua a sua dependência da lógica externa e aumente o seu poder de refração.

A constituição do Campo da Educação Física, se apresenta nas relações objetivas que se estabelecem nos programas através do interesse, e das definições de estratégias. Estas são utilizadas visando à projeção no campo, a constituição de capital científico puro e institucional com resultado destas atuações dos agentes que constituem o Campo investigado.

De uma maneira geral posso dizer que a produção dos programas tem sido maior nos últimos quatro anos, assim como a sua qualidade tem aprimorado. O diferencial é que alguns deles se situam na questão de avaliação no patamar nacional - que em certos casos é o limite que os próprios periódicos relacionados às suas concepções de ciência permitem - enquanto outros, estão se posicionando no patamar internacional. Pois a sua

produção científica, está sintonizada com as concepções de ciências e os grupos de pesquisa que circulam internacionalmente.

As estratégias utilizadas para obter capital científico, de acordo com os interesses dos agentes, apresentam em alguns casos similaridades e discrepâncias, em cada programa. As similaridades se referem à utilização das mesmas estratégias, que a princípio todos os programas adotam, como a participação em rede de pesquisadores e a coautoria em artigos publicados em periódicos. As estratégias menos acionadas que apresentaram maior discrepância são a participação em entidades científicas, o estágio pós-doutoral e a participação em liderança de grupos de pesquisa.

Esta posição dos agentes reflete o cenário epistemológico de produtividade esboçado a partir das novas regras de produtividade. Por isto a publicação em coautoria e a participação em rede de pesquisadores são ações que podem alavancar a produção de agentes que já sinalizaram a publicação de 100 artigos nos últimos dez anos. Entretanto detectei também pesquisadores com 10 artigos publicados ao longo do período.

As estratégias de similaridades nem sempre alcançam o mesmo resultado em todos os programas. Estas quando analisadas isoladamente e em comparação com as demais se distanciam em virtude da autonomia que cada espaço formativo possui. Decorrente das trajetórias dos agentes e sua vinculação com as disputas que travam em suas áreas de concentração e demais desafios que as regras externas determinam e/ou o seu poder de refração permite.

Nos programas investigados, observei que, a maioria dos docentes atua em rede. Na maioria dos casos ocorre aumento de sua produtividade em artigos em coautoria com pesquisadores da rede. Enquanto isso, docentes que não estão abrigados por elas, têm uma produção individual considerável de sua autoria e muito baixa em coautoria, não conseguindo se projetar no campo. Assim como existem docentes que estão em rede, entretanto, têm boa produção em coautoria, porém mantêm baixa produção em artigos de sua própria autoria. Por outro lado, existem aqueles que atuam na pesquisa em rede sem, contudo, ter sua produtividade elevada mesmo em coautoria. Neste caso, um distanciamento por usar uma estratégia que não provoca efeitos na projeção do Campo.

As fontes permitiram uma visão geral da atuação dos docentes, e focalizada dos programas em relação às estratégias. Entretanto, com certas limitações, decorrentes da falta de registro de alguns indicadores que me obrigaram a recorrer a informações de



produção, principalmente na liderança de grupos de pesquisa. Posto que alguns pesquisadores não informaram claramente nos respectivos Currículos Lattes<sup>36</sup>. A atuação docente nos programas, participação em associações científicas que também é registrada precariamente. Assim como os projetos de pesquisa em que o índice não informado se o pesquisador era coordenador ou integrante foi significativo. Muitas destas foram recuperadas a partir dos indicadores de produção registrados na capes, outras analisadas de acordo com o registro extraído do Lattes.

Mesmo com estas limitações os objetivos foram alcançados a partir do esquema metodológico proposto de se realizar um estudo analítico-descritivo do campo da Educação Física na pós-graduação, a partir dos programas selecionados para compor a amostra representacional.

Ao analisar de que forma o capital intelectual adquirido com a formação de alto nível se transfigura em capital cultural científico capaz de potencializar a geração de conhecimento nesse Campo? Observei que as metamorfoses do capital intelectual dos programas em relação aos discentes que obtiveram a formação de alto nível no doutorado e a sua transformação em capital científico - através da produção bibliográfica dos mesmos registrados em seu Currículo Lattes, a partir dos indicadores definidos para análise - no Campo da Educação Física foi sendo demarcado. Devido à posição assumida pelos agentes, desde o período da sua formação e após a defesa de suas teses.

Estas posições têm demonstrado que nas temáticas das teses defendidas as áreas de concentração que se associam a biodinâmica do movimento humano se encontram em predominância em relação às demais. Mesmo com as disputas que ocorrem em áreas temáticas, esta abordagem tem prevalecido nos modelos de ciência utilizados por este subcampo e se consolida como uma posição que vem contribuindo fortemente na constituição do campo da Educação Física se situando em torno de 70%. Entretanto, as áreas que apresentam em seus descritores um diálogo com as humanidades se encontram em ascensão, mas com participação minoritária em torno de 30%. A contribuição para o fortalecimento dos novos campos dos conhecimentos ainda é tímida está inserida neste percentual que precisa ser mais investigado na medida em que os

---

<sup>36</sup>No caso da liderança em grupo de pesquisa o critério adotado para os que não informaram foi o banco de dados do CNPq na página inicial do Lattes.

agentes que atuam nestas novas possibilidades não aceitam esta polarização da modernidade.

A produção de capital intelectual tem sido uma característica que prevaleceu em programas que se apresentam em um patamar nacional de avaliação. O que reforçou a tendência já identificada que no cenário da produtividade estabelecido pelas regras externas. O Campo apresenta pouco poder de refração e assim a sua posição tem sido de uma adaptação com pouca autonomia.

A maioria dos agentes participa ativamente de projetos de pesquisa capítulos de livros e produção de artigos e trabalhos completos em anais de congresso, com uma produção que se situa, em sua maioria, nas faixas de um a dois artigos ao ano. Uma produção ainda muito baixa diante das exigências.

A participação reduzida de pesquisadores na direção de grupos de pesquisas pode representar um estágio desses pesquisadores em sua consolidação e busca de capital científico atender critérios que possibilitem assumir estes postos.

A produção de artigos científicos foi o indicador que apresentou o maior percentual de participação e uma produção que estabeleceu uma média de 20 artigos por pesquisador. Contudo, nas análises anuais e por programas, observei que existem pesquisadores que obtiveram o título e não produziram artigos publicados em periódicos. No extremo oposto, outros pesquisadores apresentam uma produção de mais de 100 artigos durante 10 anos.

Isto reforça a posição de que a produção de capital científico que ocorreu no período investigado se deu de forma oscilante, assimétrica e em alguns casos não ocorreu. Em virtude da posição de alguns agentes, em não atuar após a sua formação, no meio acadêmico e em programas de pós-graduação. “Optar” - por não ser aprovado (a) em concursos e mesmo quando aprovado se restringir a graduação por não atingir critérios para credenciamento no programas - em trabalhar com atividades de assessorias e consultorias, representando um percentual de 20% de incidência no Campo. Indicando que a formação de capital intelectual não gera, necessariamente, produção de capital científico.

Logo, o Campo se apresentou em uma fase que pode ser considerada ainda de constituição. Inicialmente pelos dilemas que precisam ser superados nas disputas epistemológicas de construção dos objetos e temas de pesquisa. Segundo por possuir pouco poder de refração às regras externas e a posição assumida pelos agentes

demonstrar que a sua produção ainda se encontra em um processo de constituição. O que muito do que se comemora de avanço na área é o resultado de estratégias utilizadas pelos agentes. A fim de se projetar no Campo e ter visibilidade nos seus programas. Esses estão concentrados no sul e sudeste.

Tal situação pode levar algumas instituições, a priorizar a ênfase na produção de capital científico do que de capital intelectual em virtude das regras externas e internas do Campo se colidirem. Pois apesar da produção de capital intelectual (teses e dissertações) ser um dos itens de avaliação a produção de capital científico e a internacionalização da produção tem levado os agentes em certos programas a priorizar o mais critério de maior peso, no caso a publicações em periódicos. A produção de capital científico perpassa a formação do capital intelectual, porém não depende exclusivamente dela, e sim da posição assumidas pelos agentes nas disputas e no percurso da produção de capital científico. Esta ocorre ainda na formação dos mesmos e se consolida, de acordo como os tipos de capital científico produzidos, bem como no estágio em que o Campo da Educação Física investigado, se encontra.

O referencial teórico de Bourdieu na noção de Campo científico, capital social, capital cultura, *habitus*, capital científico, capital intelectual, foi pertinente na elaboração desta tese principalmente na perspectiva relacional de indissociação da teoria e prática como pressuposto teórico metodológico e epistemológico proposta pelo referido autor e que nos limites dessa pesquisa procurei utilizar.

A noção de Campo científico foi fundamental, para analisar as categorias de capital intelectual e capital científico, do interesse, autonomia e das atuações e produções dos agentes no processo de constituição do Campo da Educação Física. O *habitus* científico dos mesmos se apresentou diante dos indicadores analisados, bem como das demais fontes averiguadas.

Nos capítulos II e III, as formulações de analisar o Campo não apenas a partir das determinações externas foi um eixo que norteou a análise do cenário epistemológico e a produção de capital intelectual na pós-graduação no Brasil e na Educação Física em seu processo de disputas epistemológicas. Caracterizando e situando como tem ocorrido o debate e a as tendências que predominaram antes do período proposto de análise com também dos relatórios e planilhas de avaliação utilizados.

Na análise apresentadas nos capítulo IV e V, os tipos de capital científico, bem como o próprio *habitus* científico, possibilitou a descrição analítica do campo a partir da

posição dos agentes em suas estratégias de atuação. Bem como da forma como o capital intelectual representado na formação, se transmuta em capital científico na produção dos mesmos. Possibilitando a partir dos indicadores definidos e extraídos das informações registradas em seus currículos Lattes. Estes foram ampliados com os cadernos de indicadores, do banco de dados da CAPES. Indicando o estágio em que o recorte do Campo investigado se encontra no atual contexto de produtividade atual.

As fontes bibliográficas e documentais artigos, livros e relatórios e planilhas da área utilizadas, possibilitaram apresentar o debate atual no Campo da pós-graduação no Brasil e particularmente na Educação Física. Demonstrando as posições convergentes e divergentes bem como o atual estágio que a área em tela se encontra. Esse debate foi de fundamental importância às análises que se realizaram a partir das demais fontes (currículo Lattes e cadernos de indicadores). Estes serviram de fonte aos relatórios da área possibilitaram informações pertinentes para a realização e concretização da tese. Inclusive como informações sobre os demais programas que não estavam previstos quando se procurou caracterizar o Campo. Neste caso se estendeu a análise de produção de capital intelectual de todos os programas e não apenas dos definidos e circunscritos ao objeto de estudo. Entretanto, destacam-se as seguintes ressalvas.

Mesmo sendo definido como objeto de análise um programa de nota 3, UDESC, em virtude deste se encontrar em consolidação e nos relatórios mais utilizados que foram 2004-2009, a sua produção principalmente de doutores ainda não ter se concretizado este foi pouco explorado na tese, prevalecendo os demais programas elegidos (USP, UNICAMP e UFRGS).

Impossibilidade de atualizar os dados do último triênio a partir dos relatórios dos programas em virtude da plataforma sucupira não tornar acessível como estavam na antiga plataforma. Então para sanar esta dificuldade, concentrei análise no currículo Lattes e nas informações disponíveis nos programas e demais bancos de dados de produção da área.

Outro elemento de inovação no último relatório de área (2013) que dificultou a comparação dos dados do Lattes como os referidos documentos, foi o fato da área (21) ser analisada como um todo. Trazendo poucas informações específicas sobre as subáreas (Educação Física), como foram características dos demais relatórios na antiga plataforma.

Em relação aos dados da plataforma Lattes, as dificuldades foram com os agentes que não estão atuando academicamente e que não estão com o seu Lattes atualizado e aqueles que mesmo atualizados não informam claramente os dados. Mas o percentual destas dificuldades foi quase insignificante diante da maioria dos agentes, que estão com suas informações claras e atualizadas.

O tempo histórico da pesquisa que a princípio parecia pequeno 2003-20013, se tornou grandioso diante da extensa produção dos programas. O período anterior a 2003, mesmo, não sendo objeto de estudo, foi focado diante dos balanços da área ocorrido até 2003. O que se tornou fundamental para comparar como estava se dando a produção de capital intelectual e científico antes do período definido para análise.

Mesmo considerando estas limitações e dificuldades encontradas. A tese se apresenta de forma redimensionada na medida em que as fontes foram analisadas nas seguintes questões: expansão do capital intelectual e assimetria em relação ao capital científico, características do cenário epistemológico, relação entre capital intelectual e científico e em relação às estratégias dos agentes.

Inicialmente em relação a expansão do capital intelectual, que na formulação inicial apresentei a hipótese de que este se encontrava expandindo. Principalmente diante dos balanços da área utilizados. Durante a elaboração do projeto na análise dos relatórios de avaliação dos indicadores de produção, nas demais fontes inclusive a partir das informações disponíveis. Esta evidência apresentada nos balanços da área, foi constatada no Campo como um todo e nos programas investigados. Entretanto diante das novas análises, observei que a formação de capital intelectual não está em franca expansão, diante da ênfase atribuída pelos agentes à produtividade. Levando a maioria dos programas a privilegiar a produção de capital científico do que a de capital intelectual. Este fato foi ratificado quando a fonte se estendeu ao currículo Lattes.

Em relação a assimetria nos programas de patamar nacional de avaliação em que a produção de capital intelectual antes de 2003 era alta esta se manteve durante o período proposto. Deste modo reformulo a questão da seguinte maneira: a produção de capital intelectual e científico se encontra de forma assimétrica entre os programas investigados de patamar internacional, com aqueles que se encontram no padrão nacional. Estes apresentam uma produção de capital científico mais acentuada, dos que conseguiram a internacionalização na sua produção. Isto implica outra constatação: a assimetria que se apontava entre capital intelectual e científico ocorreu nos programas

em que o capital intelectual se expandiu que são os de padrão nacional. Nos programas de padrão internacional a assimetria não só se confirmou como foi intensificada.

O segundo aspecto de redimensionamento da tese foi em relação às características do Campo que diante do cenário epistemológico apresentado decorrente dos debates. Houve a necessidade de apresentar a disputa epistemológica na denominação dos programas como um todo para depois situarmos os programas definidos anteriormente para análise. Isto foi fundamental para resgatar a “identidade” epistemológica do Campo a partir dos consensos possíveis. O que me levou a observar que nos programas que se denominam Educação Física, a disputa vai ocorrer nas áreas de concentração e linhas de pesquisa. Este fato serviu, para enriquecer a análise que seria feita posteriormente na produção, identificando que as áreas mais produtivas são aquelas da tradição da área ligada as ciências da natureza. Portanto, mesmo diante do grande avanço epistemológico da área, das denominações científicas dos programas e produção científica brasileira. Os subcampos que se fortalecem diante do atual cenário e das regras estabelecidas, é aquela ligada às ciências da natureza. Isto levou a constatação, de que o Campo ainda se encontra em constituição, com pouco poder de refração. Neste os agentes estão atuando mais no sentido de adaptação e fortalecimento do modelo do que de resistência e sua transformação.

A terceira questão que se apresenta é na relação entre capital intelectual e científico. A princípio em alguns momentos da pesquisa se apresentou de maneira dicotômica e excludente. Incompatível com o próprio referencial teórico utilizado que tenta fugir de posições estruturalistas. Estas formas, não só se entrecruzam com em alguns momentos o capital científico, principalmente dos discentes se confunde com o capital intelectual que os docentes estão formando. Por outro lado quando os discentes se transformam em docentes, o seu capital científico foi registrado novamente. Podendo em alguns momentos se pensar, que é outra produção, quando é a mesma que foi analisada pelos docentes e depois quando este era discente. De maneira que esta polarização entre as duas formas é apenas didática.

O quarto e último redimensionamento é em relação as estratégias dos agentes que apresentei a hipótese que estas eram diferentes. O estudo demonstrou que estas se aproximam e se distanciam. As que se aproximam são as estratégias mais utilizadas por todos os programas investigados que são a produção de artigos em periódicos e

participação em rede de pesquisadores. Enquanto as que se distanciam são as menos utilizadas, participação em entidades científicas e o estágio pós-doutoral.

Então deste modo reformulo esta questão da seguinte maneira: os agentes para se projetarem no Campo apresentam estratégias que se aproximam no sentido de serem idêntica e se distanciam no sentido de em alguns programas obterem êxito de projeção no campo e em outros não, mas também temos estratégias pouco utilizadas por todos, mas que conseguem aumentar a sua projeção no Campo.

Enfim considero que a tese foi comprovada com os redimensionamentos apresentados. Estes serão aprofundados, e aperfeiçoados em novos estudos nos demais programas, em outras regiões. Principalmente, nos programas que não são do Campo. Pois, neles existem pesquisadores da área atuando como nos programas em Educação, Sociologia, Antropologia, Filosofia, dentre outros, em estudo mais abrangentes.

Diante dos efeitos que a tese atingiu e atendendo recomendações da banca, esta pesquisa será enviada formalmente para as instituições investigadas. Como forma de um retorno social do pesquisador às fontes que permitiram a sua realização. Bem como para contribuir, na consolidação e reflexão sobre as questões examinadas na mesma.

## REFERÊNCIAS

AMADIO, Carlos Alberto. Trajetória da pós-graduação stricto Sensu na escola de educação física e Esporte da universidade de são Paulo Após 25 anos de produção acadêmica. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas: v. 24, n. 2, 2003.

BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. **Revista Motus Corporis**, Rio Claro v.3, n.2.p.73-127, dez,1996.

\_\_\_\_\_. et al. A avaliação da Educação Física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. **Revista Brasileira de Pós- Graduação**, v. 1, n. 2, p. 183-194, nov. 2004.

BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. A produção do conhecimento e a pós-graduação em educação física: dialogando com o programa de pós-graduação em Educação Física da UFRN. **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Porto Alegre.11 a 16 de novembro 2011.

BIANCHETTI, Lucídio, SGUISSARD, Valdemar. **Dilemas da Pós-graduação: gestão e avaliação**. Campinas: Autores Associados, 2009. cap. 2, p.101-131.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_: **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_: **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomás. 12ªed.Rio de janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_: **As Regras da Arte: a gênese e estrutura do campo literário**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da letras,1996.

\_\_\_\_\_: **Razoes Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. 9ª.ed. Campinas: Papyrus, 2008.

\_\_\_\_\_: O capital social: notas provisórias, In: NOGUEIRA, Maria Alice. CATANI, Afrânio(Orgs). **Escritos da educação**. Petropolis RJ: Ed.Vozes, 2007.



\_\_\_\_\_: Os três estados do capital social. In: NOGUEIRA, Maria Alice. CATANI, Afrânio(Orgs.). **Escritos da educação**. Petropolis RJ: Ed.Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre, CHANBOREDON, Jean Claude, PASSERON, Jean Claude. **A profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 3. ed.: Ijuí: Unijuí, 2007.parte I, p. 15-25.

\_\_\_\_\_.**Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 3. ed. ,Ijuí:Unijuí, 2007.Parte II, p. 57-74.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007. Parte I p. 27-40.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007. Parte III, p. 117-128.

\_\_\_\_\_. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007. Parte III, p. 129-147.

\_\_\_\_\_. **Por uma política científica para a educação física com ênfase na pós-graduação**. In: Fórum Nacional Permanente De Pós-Graduação Em Educação Física, 2006, Campinas. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/>,> acesso: 10 abril 2013.

\_\_\_\_\_.Educação Física e ciências do esporte: que ciência é essa? **Revista Brasileira de ciências do esporte**. V.14, n.3, maio 1993.

CANFIELD, J. T. (1988): Pesquisas e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, Solange. C.E. (org.). **Educação Física e esportes na Universidade**. Brasília, MEC 1988.p.405-418.

CARDOSO, Dalva Rodrigues. Capital Intelectual: um diferencial das organizações. **Revista Universo Acadêmico**,vol. Faculdade Capixaba de Nova Venécia,19, n.1, pg.05-16, jan/junho 2011.

CARMO, Apolônio Abadio do: Estatuto epistemológico da Educação Física. **Caderno pedagógico de educação física**. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação do Paraná, 1987.

CARVALHO, Yara, LINHALES, Meily Assbú. **Política científica e produção do conhecimento em Educação Física**. Goiania: CBCE, 2007.

CHAVES-GAMBOA, Marcia, SANCHES, Silvio Sanches. Produção do Conhecimento e Pós-Graduação em Educação Física no nordeste brasileiro: teses, hipóteses e desafios. In: GAMBOA, Silvio Sanches. **Epistemologia em Educação Física: as inter-relações necessárias**, 2ª ed. Maceió: Ed UFAL, 2010. p. 175-200.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – Capes. **Avaliação**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/capes/portal/>>. Acesso em: 20 de abril. 2013.

\_\_\_\_\_. Avaliação da Pós-Graduação (Documento de Área/Educação). Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 20 abril, 2013.

\_\_\_\_\_. Avaliação da Pós-Graduação (Documento de Área/Educação Física). Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 20 abril, 2013.

\_\_\_\_\_. Relatório da avaliação trienal. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/Avaliação>>. Acesso em: 20 abril. 2013.

\_\_\_\_\_. Critérios de classificação do Qualis. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>>. Acesso em: 20 abril 2013.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO- CNPq- disponível em <[www.cnpq.br](http://www.cnpq.br)> **plataforma lattes** disponível em <[lattes/cnpq.br](http://lattes/cnpq.br)> Acesso em: junho 2013 e maio de 2014.

CORRÊA. Paulo Sérgio de Almeida. História e historiografia educacional na Amazônia: uma radiografia da produção do conhecimento nos Programas de Pós-Graduação na Região Norte do Brasil. **Revista HISTEDBR** online v.1, p. 193-204, 2011. <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/>> acesso em: janeiro 2013.

\_\_\_\_\_. Pesquisa e Pós-Graduação em educação: avanços e consolidação na Amazônia. **Revista Cocar** (UEPA), V.5p. 15-24, 2011. <<http://www.uepa.br/>>. Acesso em janeiro de 2013.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Institucionais de Avaliação adotados pela capes e a formação dos Arquipélagos de Excelência nos Programas de Pós-Graduação em Educação. **VI Jornada HISTEDBR**, CD-ROM, Belém, 2010.

\_\_\_\_\_. Fragmentação do investimento público e o colapso na formação dos cientistas brasileiros. (In) ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Educação Ciência e desenvolvimento social**. Belém: Editora universitária, 2006.

COUTINHO, Renato Xavier et al. Análise da produção de conhecimento da Educação Física brasileira sobre o cotidiano escolar. **RBPG**, v. 9, n. 17, p. 491 - 516, julho de Brasília-DF, 2012.

DACOSTA, Lamartine Pereira. O Debate Epistemológico da Educação Física no âmbito dos cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu Reinterpretado por contribuições da teoria da complexidade de Morin. **Revista Brasileira de ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 147-159, jan. 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papirus, 1998.

DESCARTES, Rene. **O discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes 2001.

EAGLETON. Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. A produção do conhecimento em Educação Física brasileira e a necessidade de diálogos com os movimentos da cultura popular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.29, n.1, p.143-161, set. 2007.

FARIA JUNIOR, ALFREDO GOMES DE. **Produção científica brasileira em educação física: dissertações de mestrado, listagem e resumos**. UFF/UTL, Rio de Janeiro/Lisboa, 1986.

FRANÇA, Indira Alves. A gestão da pós-graduação no Brasil através de seus planos nacionais: o desafio dos gestores de cursos. **Revista GUAL**, Florianópolis, v.5, n.4, p.43-47, edição especial 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** 7ªed. São Paulo: Cortez, 2006.

FURTADO, Heitor Luiz. Formação do Pesquisador em Educação Física: análises epistemológicas. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 02 a 07 de agosto, Brasília-DF, 2013.

GAYA, Adroaldo. Mas afinal, o que é Educação Física? **Revista Movimento**, UFRGS, edição especial.1994.

\_\_\_\_\_. O importante é publicar. A (re) produção do conhecimento de Educação Física e ciências do desporto em países de língua Portuguesa. **Revista Portuguesa de ciências do desporto.** 10 (01),p.200-206, 2010.

GAMBOA, Silvio Sanches. **Epistemologia em Educação Física: as inter-relações necessárias**, cap. I p. 27-43, 2ª. Edição Ed UFAL, 2010.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia em Educação Física: as inter-relações necessárias**, cap. II, p. 45-65, 2ª. Edição Ed UFAL, 2010.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia em Educação Física: as inter-relações necessárias**, cap. VI, p. 119-148, 2ª. Edição Ed UFAL, 2010.

\_\_\_\_\_.et al. **A produção do conhecimento em educação física: impacto do sistema de pós-graduação das regiões Sul e Sudestes do Brasil na formação e produção de mestres e doutores que atuam nas instituições de ensino superior da região Nordeste.** Projeto Temático. FAPESP. UNICAMP, 2011.

GOUVEA, Fernando Cezar. A institucionalização da pós-graduação no Brasil: o primeiro decênio da Capes 1951-1961. **Revista Brasileira de Pós-Graduação.** V. 9, n.17, p.373,2012.

HORTA, José Silvério Bahia, MORAES, Maria Cecília Marcondes. O Sistema CAPES e a Avaliação da Pós-Graduação: da área da educação à grande área das ciências humanas. (In) BIANCHETTI, Lucídio, SGUISSARD, Valdemar. **Dilemas da Pós-graduação: gestão e avaliação.** Autores Associados, p.207-241, Campinas-SP, 2009.

\_\_\_\_\_. Avaliação da pós-graduação: com a palavra os coordenadores de Programas. (In) BIANCHETTI, Lucídio, SGUISSARD (Orgs), Valdemar. **Dilemas da Pós-graduação: gestão e avaliação**. Autores Associados, p.101-131, Campinas-SP, 2009.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1975.

KOKUBUN, Eduardo. Pós-graduação no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.24,n.2,p.9-26, jan, Campinas,SP,2003.

\_\_\_\_\_. Pós-graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.20, p.31-33, set. Suplemento n.5. São Paulo, 2006.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Os Planos Nacionais de Pós-Graduação e sua repercussão na Pós-Graduação brasileira. **Perspectiva**, v.4.n.1, Florianópolis-SC, 2006.

LOVISOLO, Hugo. Mas afinal o que é Educação Física? A favor da mediação e contra os radicalismos. **Revista Movimento**, UFRGES, ano 2, n.2, jun. 1995.

\_\_\_\_\_. “Levantando o sarrafo ou dando um tiro no pé”: critérios de avaliação e qualis nos programas de Pós-Graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 29. n.1, p.23-33, Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_. A política de pesquisa e a mediocridade possível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n. 2, p. 97-114, jan, 2003.

\_\_\_\_\_. Pós-graduações em Educação Física: paradoxos tensões e diálogos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 20, n. 1, set, Florianópolis,SC,1998.

\_\_\_\_\_. **Educação Física como arte da mediação**. Sprint, Rio de Janeiro 1995.  
LYOTARD, Jean François. **O pós-moderno**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 3ª. ed. Rio de Janeiro: editora José Olímpio, 1988.

MARCHELLI, Paulo Sergio. Formação de Doutores no Brasil e no mundo: algumas comparações. **Revista Brasileira de Pós-graduação**, v.2,n.3,mar, 2005.

MARTINS, Núbia Rosa. SILVA, Rossana Valéria Souza. **Pesquisas brasileiras em educação física e esportes: tendências das teses e dissertações**. Nuteses, UFU, 2010.

MOLINA NETO, Vicente et al. Reflexões sobre a produção do conhecimento em Educação física e Ciências do Esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.

NEIRA, Marcos Garcia. Contribuição dos estudos culturais para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.33, n.3, 2011.

ORIQUES, Nildo. Ciência e pós-graduação na universidade brasileira. In: RAMPINELLI, Waldir, José; ORIQUES, Nildo (Org.). **Crítica à razão acadêmica**. Florianópolis: Editora Insular, 2011.

ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003.

PAIVA, Fernanda. **Ciência e poder simbólico: no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos/UFES, 1994.

KOKUBUN, Eduardo. Pós-graduação em Educação Física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.2, p.9-26, 2003.

KUENZER, Acácia z. MORAES, Maria Célia Marcondes de. Temas e tramas na pós-graduação em educação. (In) BIANCHETTI, Lucídio, SGUISSARD (Orgs), Valdemar. **Dilemas da Pós-graduação: gestão e avaliação**. Campinas: Autores Associados 2009. cap. IV, p.101-131.

RAMOS, Mylena Yumi. VELHO, Lea. Formação de doutores no Brasil: O esgotamento do modelo vigente frente aos desafios colocados pela emergência do sistema global de ciência. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 219-246, mar. 2013.

RAMOS, Nogueira Ramos. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação**. São Paulo: Cortez, 2006.

ROSA, Suely Pereira. **O campo do conhecimento da Educação Física: uma abordagem cientométrica**. Tese de doutorado, UFRJ, 2010.

SACARDO, Micheli Silva. Reflexões acerca da avaliação da pós-graduação em Educação Física: impactos desta política na área da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.1, p.75-88, 2007.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo; KOBASHI, Nair Yumiro. Bibliometria, Cientometria, Infometria: Conceitos e aplicações. **Pesquisa Brasileira de Ciência da Informação**, V.2, n.1, p.155-157, jan/dez, Brasília 2009.

SERGIO, Manuel. **Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana**. Papirus, Campinas, SP, 1989.

SILVA, Rossana Valéria Souza. **Mestrados em Educação física no Brasil: pesquisando suas pesquisas**. Dissertação de mestrado, Universidade de Santa Maria. 1990.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Educação Física: determinações históricas e implicações epistemológicas**. Tese de doutorado, UNICAMP 1997.

\_\_\_\_\_. As ciências do esporte nos últimos 20 anos no Brasil: contribuição da Pós-Graduação *Stritu Sensu*. **Revista Brasileira de ciências do Esporte no Brasil**, número especial, 20 anos set 1998.

SOUZA, Julia Paula Mota. Epistemologia da Educação Física: análise de produção do programa de pós-graduação em Educação Física da Unicamp (1991-2008). **Revista Motrivivência** Ano XXIII, Nº 36, P. 247-267 Jun./2011.

STEWART, Thomas, A. **Capital Intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. 11 ed. Rio de Janeiro Campinas, 1988.

TANI, Go. Os desafios da Pós-Graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, V.22, n.1, p79-90, 2000.

\_\_\_\_\_. 20 anos de ciência do esporte: um transatlântico sem rumo. **Revista Brasileira de ciências do Esporte no Brasil**, número especial, 20 anos set 1998.

PIRES, Vlademir. **Economia da Educação: Para além do capital humano**. Ed. Cortez, São Paulo, 2005.

## ANEXOS A: QUADRO 42: ARTIGOS QUE TRATAM DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

AUTOR	TITULO	OBJETIVO	Site e endereço de busca
<b>Valter Bracht</b>	Educação Física/Ciências do Esporte:que ciência é esta?	Avaliar na produção do conhecimento da Educação Física/Ciências do Esporte nas três últimas décadas, o estágio de desenvolvimento e as limitações científicas da área.	<a href="http://www.cbce.org.br.conferencia">www.cbce.org.br.conferencia</a> de abertura do VII Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte.1993
	Cenas de um casamento infeliz	Balanço das reflexões epistemológicas da Educação Física	<a href="http://www.cbce.org.br">www.cbce.org.br</a> . <a href="http://www.rcbce.org.br">www.rcbce.org.br</a> edição especial 20 anos set 1998
	Um pouco de história para fazer história	O papel do cbce na construção do campo da Educação Física / Ciências do Esporte no Brasil.	Idem
<b>ElenorKunz</b>	Limitações no fazer ciência em Educação Física e esporte:CBCE 20 anos auxiliando na superação	Refletir sobre a Educação Física a partir da temática do movimento humano na perspectiva fenomenológica.	Idem
<b>Go Tani</b>	20 anos de ciências do esporte:transatlântico sem rumo	Realizar um balanço da produção que trata da identidade acadêmica e profissional da Educação Física	Idem
<b>Cely NelzaZulque Taffarel.</b>	CBCE:Referencia Ética e Política	Refletir sobre o papel do CBCE como referencia ética e política, na produção do conhecimento e no estado capitalista observando os interesses da ordem econômica e sua reprodução interna na entidade.	<a href="http://www.cbce.org.br/recbce/Ed.es">www.cbce.org.br/recbce/Ed.es</a> pecial 20 anos.
<b>Paulo Evaldo Fensterseifer</b>	A crise da racionalidade moderna e a educação física	Discutir as implicações para o campo da Educação física da crise pela qual passa o pensamento moderno.	<a href="http://www.cbce.org.br/rbce">www.cbce.org.br/rbce</a> ,v.22,n.1 ,2000
<b>Mauro Betti</b>	Por uma teoria da prática	Debater com autores brasileiros as perspectivas epistemológicas das teorias da educação física e propor com base em Bordieu uma proposta.	Revista MotusCorporis, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2. dez. 1996

## ARTIGOS QUE TRATAM DO CAMPO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

AUTOR	TITULO	OBJETIVO	SITE E ENDEREÇO DE BUSCA
<b>Go Tani</b>	Os desafios da pós-graduação em educação física	Trazer a discussão alguns aspectos que se caracterizam com importantes desafios para a pós-graduação em educação física no nosso País.	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE</a> .2000
<b>RossanaValéria de Souza e Silva</b>	As ciências do esporte nos ultimo vinte anos no Brasil: contribuição da pós-graduação strito senso	Apresentar as características e tendências da produção no mestrados em educação física no Brasil ao longo dos últimos vinte anos	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE</a> .1998
<b>Rossana Valéria de Souza e Silva</b>	Pesquisas brasileiras em educação física e esportes: tendências das teses e dissertações	a) analisar as principais alterações ocorridas nas dissertações defendidas no período de 1995 a 2003, nos Mestrados em Educação Física, no Brasil, quando comparadas àquelas defendidas entre 1979 a 1994, já investigadas por Silva (1990, 1997); b) analisar as características, tendências e perfil epistemológico, das teses defendidas nos doutorados da área da Educação Física no período de 1989 a 2003 e c) conhecer o ritmo de crescimento da produção científica da área.	<a href="http://www.nuteses.ufu.br/trabalho_2.pdf">http://www.nuteses.ufu.br/trabalho_2.pdf</a> .2010
<b>Michele Silva</b>	Análise da produção científica em educação física na interface a partir da perspectiva bibliométrica e	Produzir indicadores bibliométricos da produção científica em Educação Física e verificar as tendências epistemológicas e bibliométricas das pesquisas em Educação	<a href="http://www.cbce.org.br/">http://www.cbce.org.br/</a> anais do XVIIconbrace e IV CONICE. 2011



<b>Sacardo e Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi.</b>	epistemológica	Física desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Física da região centro-oeste do Brasil.	.
<b>João Derli de Souza Santos Silvío Sánchez Gamboa</b>	A produção do conhecimento em educação física: um estudo sobre as dissertações e teses dos programas de pós-graduação em educação física das universidades públicas da região sul	Realizar uma análise epistemológica da pesquisa em Educação Física nas Universidades Públicas da Região Sul, com o propósito preliminar de mapear as características e principais tendências da produção ao longo dos últimos 11 (onze anos).	Idem
<b>Hudson Pablo de Oliveira Bezerra Maria Isabel Brandão de Souza Mendes</b>	A produção do conhecimento e a pós-graduação em educação física: dialogando com o programa de pós-graduação em educação física da ufrn	Refletir sobre a relação da produção do conhecimento e a pós-graduação na Educação Física brasileira, estabelecendo diálogos com a implantação do Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, para pensarmos nossa realidade.	Idem
<b>Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues</b>	Publicar mais, ou melhor? O tamanduá olímpico	Discutir critérios que os órgãos financiadores da pesquisa utilizam para escolher os projetos contemplados nas ciências do esporte, aumento da produtividade científica, as graves distorções de comportamento entre os cientistas, o sentido do fazer científico e o futuro da ciência no Brasil em uma comparação entre o tamanduá e a ciência produzida pelos brasileiros.	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE</a> .2007
<b>Adroaldo Gaya</b>	O importante é publicar. A (re)produção do conhecimento em educação física e ciências do desporto nos países de língua Portuguesa.	Refletir sobre os objetivos da ciência diante dos desafios da internacionalização de nossa comunidade científica de ciências do desporto e educação física de língua portuguesa.	2010. <a href="http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=1645-0523&amp;script=sci_serial">http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=1645-0523&amp;script=sci_serial</a> .Revista Portuguesa de ciências do desporto
<b>Eduardo Kokubun</b>	Pós-Graduação em Educação Física	Refletir sobre os desafios do crescimento dos programas de pós-graduação no Brasil	<a href="http://cev.org.br/eventos/xi-congresso-ciencias-desporto-ef-dos-paises-lingua-portuguesa.2006">http://cev.org.br/eventos/xi-congresso-ciencias-desporto-ef-dos-paises-lingua-portuguesa.2006</a>
	A avaliação da Educação Física em debate: Esclarecimentos	Responder ao artigo “Avaliação da Educação Física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural”, Apresentar uma síntese do trabalho comentado pelos autores, contestar algumas das análises feitas e traz esclarecimentos que podem subsidiar os debates sobre a pós-graduação em Educação Física.	<a href="http://www2.capes.gov.br/rbpg/2004">http://www2.capes.gov.br/rbpg/2004</a>
	Pós-graduação em educação física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas.	Analisar indicadores objetivos da demanda e oferta por titulados da PGEF no Brasil com Informações disponíveis nas bases de dados da pós-graduação da Capes de 1996 a 2001 e no sistema nacional de pesquisa do CNPq, sobre a demanda e a oferta de pós-graduação; O perfil do corpo docente atuante na pós-graduação; a capacidade instalada de pesquisa para a oferta da pós-graduação; a qualidade da produção intelectual, em particular da pós-graduação no Brasil.	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE</a> .2003.
<b>Ivone Job</b>	Análise bibliométrica das teses de uma Comunidade científica em Educação Física com uso do método indiciário	Analisar as características das fontes de informações utilizadas pelos doutores do PPGCMH da UFRGS, expressas nas citações das teses defendidas no programa até 2004.	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE</a> .2006
<b>Joelma de Oliveira Ibuquerque Benedito Carlos Libório Caíres</b>	Produção do conhecimento da educação física no estado de alagoas: balanço crítico e possibilidades para a formação profissional.	Consolidar o banco de dados já existente e identificar os pesquisadores (mestres e doutores) que atuam na região, realizar balanços da produção valendo-se de matrizes científicas já desenvolvidas no campo da epistemologia e história da ciência, identificar tendências temáticas e teórico-metodológicas, o impacto do sistema de pós-graduação	<a href="http://www.cbce.org.br/Anais">www.cbce.org.br/Anais</a> do V Colóquio de Epistemologia da Educação Física, Maceió-AL, Brasil, 22 e 23 de outubro de 2010 .

<b>Araújo</b> <b>Carlos</b> <b>Eduardo</b> <b>Costa</b>		nacional, concentrado na região sudeste na produção dos Estados nordestino, e a partir daí, identificar as contribuições dessa produção na formação profissional nas condições da região.	
<b>Hugo</b> <b>Rodolfo</b> <b>Lovisoló</b>	“Levantando o sarrafo Ou dando tiro no pé”: Critérios de avaliação e qualis das Pós-graduações em educação física	Refletir sobre o desenvolvimento da área da educação física no campo da pós-graduação e pesquisa em suas relações com a política científica nacional que orienta o fazer a partir da constituição de organismos altamente significativos: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e as fundações estaduais de pesquisa, entre as quais se destaca como liderança a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2007">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2007</a>
	A política de pesquisa e a mediocridade possível	Analisar a política de pesquisa implementada nas últimas décadas, especialmente seu vínculo entre pesquisa e pós-graduação, seus objetivos de contribuição ao desenvolvimento e de retornos em termos de produtos e processos tecnológicos. a forma de avaliação, implementada pela Capes,	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2003">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2003</a> .
<b>Márcia</b> <b>Silveirakroeff</b> <b>Markus</b> <b>Vinicius</b> <b>Nahas</b>	Ações governamentais e formação de pesquisadores em Educação física no Brasil	Analisar a produção científica dos professores doutores da área de educação física, no Brasil. Ampliar o conhecimento a respeito dos próprios programas de pós-graduação em que atuavam esses pesquisadores.	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2003">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2003</a> .
<b>Mauro Betti</b> <b>Yara Maria</b> <b>de Carvalho</b> <b>JocimarDaolio</b> <b>Giovani De</b> <b>Lorenzi</b> <b>Pires</b>	A avaliação da Educação Física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural	Fornecer elementos para o debate a respeito dos critérios utilizados pela Capes para a avaliação dos programas de pós-graduação em Educação Física e suas conseqüências, especialmente para os que privilegiam enfoques pedagógicos e socioculturais.	<a href="http://www2.capes.gov.br/rbpg/2004">http://www2.capes.gov.br/rbpg/2004</a>
<b>Yara M. de</b> <b>Carvalho</b> <b>Edson de J.</b> <b>Manoel</b>	O livro como indicador da produção intelectual na grande área da saúde	Defender o livro na avaliação da produção intelectual no atual modelos qualis.	<a href="http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2007">http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE.2007</a> .

**ANEXO B- Lista dos docentes investigados e respectivos lattes.****USP**

1. ALBERTO CARLOS AMÁDIO

<http://lattes.cnpq.br/0634221030546752>

2. ALEXANDRE MOREIRA Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

<http://lattes.cnpq.br/5655930868903498>

3. CRISTINA ZIMMERMAN

<http://lattes.cnpq.br/9176730729451504ANA>

4. ANDREIA MICHELE FREUDNHEIM

<http://lattes.cnpq.br/8056907048303597>

5. ANTONIO CARLOS MANSOLDO

<http://lattes.cnpq.br/9335491249453522>

6. ANTONIO CARLOS SIMOES

<http://lattes.cnpq.br/9866165858199311>

7. ANTONIO HERBERT LANCHÁ JUNIOR

<http://lattes.cnpq.br/8422671953715132>

8. ARY JOSÉ ROCCO JUNIOR

<http://lattes.cnpq.br/6368172108000961>

9. BENEDITO PEREIRA

<http://lattes.cnpq.br/6176315905021673>

10. BRUNO GUALANO Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

<http://lattes.cnpq.br/1709968253015428>

11. CAMILA TORRIANI-PASIN

<http://lattes.cnpq.br/4437947315163588>

12. CARLOS EDUARDO NEGRÃO Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1<sup>a</sup> <http://lattes.cnpq.br/4714777431340503>

13. CARLOS UGRINOWITSCH Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A <http://lattes.cnpq.br/3666476073749268>

14. CLAUDIA LUCIA DE MORAES FORJAZ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1C <http://lattes.cnpq.br/5131656525467473>

15. EDILAMAR MENEZES DE OLIVEIRA Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D <http://lattes.cnpq.br/0764729178520349>
16. EDISON DE JESUS MANOEL  
<http://lattes.cnpq.br/1732682414878070>
17. ELISABETH DE MATTOS  
<http://lattes.cnpq.br/1798567321152436>
18. EMERSON FRANCHINI Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B <http://lattes.cnpq.br/0076640418969266>
19. FLAVIA DE CUNHA BASTOS  
<http://lattes.cnpq.br/4818247631174215>
20. FLAVIO HENRIQUE BASTOS  
<http://lattes.cnpq.br/1159369285771275>
21. GO TANI Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B  
<http://lattes.cnpq.br/0577522303896168>
22. HAMILTON ROSCHEL Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2  
: <http://lattes.cnpq.br/8590499566979006>
23. JORGE ALBERTO DE OLIVEIRA  
<http://lattes.cnpq.br/0569975652661092>
24. JOSÉ ALBERTO AGUILAR CORTEZ  
<http://lattes.cnpq.br/4469808907541285>
25. JÚLIO CERCA SERRÃO  
<http://lattes.cnpq.br/9124685212860479>
26. KATIA RUBIO Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0941910739814664>
27. LUCIANO BASSO  
<http://lattes.cnpq.br/7953995903257137>
28. LUIS AUGUSTO TEIXEIRA Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/3456193961124925>
29. LUIZ EDUARDO PINTO BASTOS TOURINHO DANTAS  
<http://lattes.cnpq.br/4608745426431369>
30. LUZIMAR RAIMUNDO TEIXEIRA  
<http://lattes.cnpq.br/3493298376571379>

31.MARIA AUGUSTA PEDUTI DAL’MOLIN

<http://lattes.cnpq.br/4312541518273680>

32.MARIA TEREZA SILVEIRA BOHME Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/1248964939945120>

33.MARIA URBANA PINTO BRANDÃO RONDON Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/3562032767127153>

34.MONICA YURI TAKITO Bolsista de Pós-doutorado no Exterior do CNPq

<http://lattes.cnpq.br/2166718443063665>

35.OSVALDO LUIZ FERRAZ

<http://lattes.cnpq.br/4060802439463452>

36.PATRICIA CHAKUR BRUM Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A: <http://lattes.cnpq.br/1756505387785131>

37.PAULO RIZZO RAMIRES

<http://lattes.cnpq.br/0431115821660961>

38.RÔMULO CÁSSIO DE MORAES BERTUZZI

<http://lattes.cnpq.br/6471278386232940>

39.SORAIA CHUNG SAURA

<http://lattes.cnpq.br/3190982691700175>

40.SUELY SANTOS

<http://lattes.cnpq.br/3490406204457686>

41.TAÍS TINUCCI

<http://lattes.cnpq.br/9810353999214630>

42.UMBERTO CESAR CORRÊA Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D: <http://lattes.cnpq.br/9814671278428889>

43.VALDIR JOSE BARBANTI

<http://lattes.cnpq.br/8232225170798462>

44.VALMOR ALBERTO AUGUSTO TRICOLI Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D <http://lattes.cnpq.br/2310936382086654>

45.WALTER ROBERTO CORREIA

<http://lattes.cnpq.br/6519061214331606>

46.YARA MARIA DE CARVALHO

<http://lattes.cnpq.br/6408965810119789>

**UNICAMP**

1.ADEMIR DE MARCO

<http://lattes.cnpq.br/7189706800797724>

2.ALCIDES JOSÉ SCAGLIA

<http://lattes.cnpq.br/6052868681786447>

3.EDIVALDO GÓIS JUNIOR

<http://lattes.cnpq.br/3126832317253330>

4. ELAINE PRODÓCIMO

<http://lattes.cnpq.br/0911069054007202>

5. HELENA ALTMANN

<http://lattes.cnpq.br/5864710654350240>

6.HELOISA HELENA BALDY DOS REIS

<http://lattes.cnpq.br/2179062333507857>

7.JOCIMAR DAOLIO

<http://lattes.cnpq.br/1288013765327520>

8. ODILON JOSÉ ROBLE

<http://lattes.cnpq.br/1778627834013870>

9.MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO

<http://lattes.cnpq.br/8517706988302686>

10.SILVIA CRISTINA FRANCO AMARAL

<http://lattes.cnpq.br/6047872599542482>

11. LINO CASTALLANI FILHO

<http://lattes.cnpq.br/9594368005634895>

12.ANTONIO CARLOS DE MORAES

<http://lattes.cnpq.br/1397802458642937>

13.CLAUDIO ALEXANDRE GOBATTO Bolsista de Produtividade em Pesquisa do  
CNPq - Nível 1A <http://lattes.cnpq.br/9084555099307288>

14. DENISE VAZ DE MACEDO Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq -  
Nível 2: <http://lattes.cnpq.br/2382109571274737>

15. FÚLVIA DE BARROS MANCHADO GOBATTO:

<http://lattes.cnpq.br/7328955786748955>

16. JOÃO PAULO BORIN

<http://lattes.cnpq.br/4831980080200951>

17. LUIZ EDUARDO BARRETO MARTINS

<http://lattes.cnpq.br/9451145806487792>

18. MIGUEL DE ARRUDA

<http://lattes.cnpq.br/2167390274478345>

19. ORIVAL ANDRIES JUNIOR

<http://lattes.cnpq.br/7160987663685143>

20. PAULO CESAR MONTAGNER

<http://lattes.cnpq.br/5260809428528760>

21. RENÉ BREZIKOFER

<http://lattes.cnpq.br/6066495991200962>

22. RICARDO MACHADO LEITE DE BARROS Bolsista de Produtividade em  
Pesquisa do CNPq - Nível 1B: <http://lattes.cnpq.br/8591713065074932>

23. ROBERTO RODRIGUES PAES

<http://lattes.cnpq.br/8646834864326813>

24. SERGIO AUGUSTO CUNHA

<http://lattes.cnpq.br/5171760483641368>

25. CLAUDIA REGINA CAVAGLIERI

<http://lattes.cnpq.br/933098988478983>

26. CLEITON AUGUSTO LIBARDI

<http://lattes.cnpq.br/8953409094842074>

27. EDISON DUARTE

<http://lattes.cnpq.br/8953409094842074>

28. GUSTAVO LUÍS GUTIERREZ

<http://lattes.cnpq.br/4451395683181282>

29. JOSE IRINEU GORLA

<http://lattes.cnpq.br/4345051116071444>

30. JOSE JULIO GAVIAO DE ALMEIDA

<http://lattes.cnpq.br/3305850814681567>

31. MARA PATRÍCIA TRAINA CHACON MIKAHIL Bolsista de Produtividade em  
Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/8879367891903864>

32. MARCO CARLOS UCHIDA

<http://lattes.cnpq.br/0145101376800521>

33. MARIA DA CONSOLAÇÃO GOMES CUNHA FERNANDES TAVARES

<http://lattes.cnpq.br/7230966078220536>

34. PAULA TEIXEIRA FERNANDES

<http://lattes.cnpq.br/2303287809731627>

36. PAULO FERREIRA DE ARAÚJO

<http://lattes.cnpq.br/703844612726828>

36. ROBERTO VILARTA <http://lattes.cnpq.br/2009352099420401>

## **UFRGS**

1. ADRIANE VIEIRA

<http://lattes.cnpq.br/9959982484216408>

2. ADROALDO GAYA CEZAR ARAUJO GAYA Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D: <http://lattes.cnpq.br/4555502637063821>

3. ALBERTO REINALDO REPORT FILHO

<http://lattes.cnpq.br/1473692434258851>

4. ALEX BRANCO FRAGA

<http://lattes.cnpq.br/0637002618453894>

5. ALEXANDRE SIMOES DIAS

<http://lattes.cnpq.br/8568317210953367>

6. ALVARO REISCHAK DE OLIVEIRA. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/0641735531407998>

7. CLAUDIA SILVEIRA LIMA

<http://lattes.cnpq.br/4620443354496222>

8. CARLOS ADELA ABAIDE BALBINOTTI

<http://lattes.cnpq.br/4339843006767242>

9. CARLOS BOLLI MOTA Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2:

<http://lattes.cnpq.br/5319954295407481>

10. CLAUDIA TARRAGÔ CANDOTTI

<http://lattes.cnpq.br/4694549111336499>



11. ELIZANDRO SCHULTZ WITTIZORECKI

<http://lattes.cnpq.br/2732121599274507>

12.FABIANO BOSSLE

<http://lattes.cnpq.br/5973186167388983>

13.FLAVIA MEYER Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2:

<http://lattes.cnpq.br/4402586609843344>

14.FLAVIO ANTONIO DE S. CASTRO

<http://lattes.cnpq.br/7358099699936458>

15.GACIELE SBRUZZI

<http://lattes.cnpq.br/6188227398831347>

16. JANICE ZARPELLON MAZO

<http://lattes.cnpq.br/7818878255873591>

17.JEFERSON FAGUNDES LOSS Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq -  
Nível 2: <http://lattes.cnpq.br/6622799236125103>

18.LEONARDO ALEANDRE P. TARTARUGA

<http://lattes.cnpq.br/6799014309725419>

19.LUIS FERNANDO MARTINS KRUEL Bolsista de Produtividade em Pesquisa do  
CNPq - Nível 1D: <http://lattes.cnpq.br/6358314856065806>

20.MARCO AURÉLIO VAZ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível  
1D: <http://lattes.cnpq.br/2093718148536940>

21.MARCO PAULO STIGER <http://lattes.cnpq.br/7261480376345413>

22.NADIA CRISTINA VALENTINI <http://lattes.cnpq.br/3458947518634904>

23.PAULO IVO DE B JUNIOR Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq -  
Nível 1D: <http://lattes.cnpq.br/0700137809969252>

24.RICARDO DEMETRIO DE S. PETERSON <http://lattes.cnpq.br/3596998439321335>

25.RONEI SILVEIRA PINTO. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível  
2: <http://lattes.cnpq.br/9814042363730369>

26.SILVANA VILODRE GOELNER. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq  
- Nível 1C: <http://lattes.cnpq.br/2260335592246715>

27.VICENTE MOLINA NETO. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq -  
Nível 2 (\*\*\*): <http://lattes.cnpq.br/1481370037047711>

**UDESC**

1. ADRIANA COUTINHO DE AZEVEDO  
GUIMARÃES <http://lattes.cnpq.br/9121095386287157>
2. ALEXANDRE ANDRADE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2: <http://lattes.cnpq.br/5577164706111568>
3. ANDREIA PELEGRINI  
<http://lattes.cnpq.br/9584333142925581>
4. ERICO FELDEM FERREIRA  
<http://lattes.cnpq.br/2012985891000201>
5. FABRICIO CAPUTO. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2: <http://lattes.cnpq.br/1979184454848109>
6. FERNANDO LUIS CARDOSO  
<http://lattes.cnpq.br/3652915478113832>
7. FRANCISCO ROSA NETO  
<http://lattes.cnpq.br/2070247575633445>
8. GIOVANA ZARPELLON MAZO. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2: <http://lattes.cnpq.br/3218844421449745>
9. HELIO ROESLER  
<http://lattes.cnpq.br/5213215120624402>
10. MAGNUS BENETTI  
<http://lattes.cnpq.br/3160622889968282>
11. MONIQUE DA SILVA GEVAERD  
<http://lattes.cnpq.br/6756746048993853>
12. NOE GOME BORGES JUNIOR  
<http://lattes.cnpq.br/8594683492160324>
13. RUDINEY DA SILVA  
<http://lattes.cnpq.br/3052547005851342>
14. SEBASTIAO IBERES LOPES MELO  
<http://lattes.cnpq.br/9825268070753521>
15. STELLA MARIS MICHAELSON  
<http://lattes.cnpq.br/4677451735703751>

16.SUSANA CRISTINA DOMENECH

<http://lattes.cnpq.br/2566960557953714>

17.SUZANA MATHEUS PEREIRA

<http://lattes.cnpq.br/8052282455749270>

18.TALES DE CARVALHO

<http://lattes.cnpq.br/4943923383326861>

19.THAIS SILVA BELTRAME

<http://lattes.cnpq.br/5160735016279480>

**ANEXO C: Lista dos discentes investigados: instituição atual e ano conclusão doutorado, endereço do lattes.**

**USP**

1.HERBERT UGRINOWIST /UFMG – 2003-DBolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2: <http://lattes.cnpq.br/2376380229261807>

2.INARA MARQUES /UEL – 2003-D

<http://lattes.cnpq.br/8263460931782940>

3.JOÃO FERNANDO LAURITO GAGLIARDI /FEO – 2003-D:

<http://lattes.cnpq.br/3918812065080580>

4.LUIZ CLÁUDIO REEBERG STANGANELLI / UEL – 2003-

[Dhttp://lattes.cnpq.br/6059206292504518](http://lattes.cnpq.br/6059206292504518)

5.ULYSSES FERNANDES ERVILHA / USP 2004-D:

<http://lattes.cnpq.br/8008452405280965>

6.VALFREDO RIBEIRO DÓREA / UEB 2004-D:

<http://lattes.cnpq.br/8659325936073161>

7.ANA FORTI BARELA / UCS 2005-D

<http://lattes.cnpq.br/248112802254227>

8.CASSIO DE MIRANDA MEIRA JUNIOR / EACH-USP 2005-D

<http://lattes.cnpq.br/6480946823626895>

9.MARCIA GREGOL / UEL 2005-D

<http://lattes.cnpq.br/7268537126311037>

10. NEWTON NUNES / ICB-USP 2005-D

[lattes.cnpq.br/3427982209308252](http://lattes.cnpq.br/3427982209308252)

11.SANDRA MARIA S. F. DE FREITAS / UICID 2005-D

<http://lattes.cnpq.br/3409388796171608>

12. ABDALLAH ACHOUR JUNIOR / UEL 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/015401427195698>

13.ALAERCIO PEROTTI JÚNIOR / PML/ CUHO 2006-

[Dhttp://lattes.cnpq.br/536596867434629](http://lattes.cnpq.br/536596867434629)

14.ALESSANDRA MEDEIROS/ UFSP-BS 2006-

[Dhttp://lattes.cnpq.br/0071198026371230](http://lattes.cnpq.br/0071198026371230)

15. ALEXANDRE DIAS LOPES / UNICID 2006-D:  
<http://lattes.cnpq.br/2634381371004831>
16. CLAUDIA SILVEIRA LIMA / UFRGS 2006-  
D<http://lattes.cnpq.br/4620443354496222>
17. EMILSON COLANTONIO / UFSP-BS / UNIFESP 2006-  
D<http://lattes.cnpq.br/9840076091240222>
18. ERNANI XAVIER FILHO / UEL 2006-D  
<http://lattes.cnpq.br/7839591550195214>
19. JORGE ALBERTO DE OLIVEIRA / USP 2006-  
D<http://lattes.cnpq.br/0569975652661092>
20. LUIZ EDUARDO PINTO BASTOS TOURINHO DANTAS / USP 2006-D:  
<http://lattes.cnpq.br/4608745426431>
21. LUIZ ROBERTO RIGOLIN DA SILVA / UGF 2006-D:  
<http://lattes.cnpq.br/915836220551544>
22. MARCELO MASSA / CNPQ 2006-D  
<http://lattes.cnpq.br/5626706946578999>
23. ROBERTO GIMENEZ / UNICID 2006-D  
<http://lattes.cnpq.br/8332381356826516>
24. SÉRGIO ALENCAR PARRA / UEL 2006-D  
<http://lattes.cnpq.br/436029666553207>
25. ALESSANDRO HERVALDO NICOLAI RÉ / EACH-USP 2007-D  
<http://lattes.cnpq.br/7867709528880946>
26. FABIO MICOLIS AZEVEDO / UNESP-PP 2007-  
D<http://lattes.cnpq.br/8632504024617088>
27. FERNANDA BAEZA SCAGLIUS / FSP-USP 2007-D Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/1149729469091651>
28. HELIO SERRASSUELO JUNIOR / UEL-UEM 2007-  
D<http://lattes.cnpq.br/4234360237099660>
29. MARIA TEREZA CARUZO / UEP-UEPB 2007-  
D<http://lattes.cnpq.br/9733224936509206>
30. NATALE PINHEIRO L ROLIM – NÃO ENCONTRADO
31. RENATO JOSE SOARES / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO ATUAL 2007-D  
<http://lattes.cnpq.br/2585110775568503>

32. EURICO FUINI / EEFÉ- RP (USP) 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/3186272072890807>
33. JOSE ROBERTO AGUILAR CORTEZ /CONSULTOR USP 2008-  
D<http://lattes.cnpq.br/4469808907541285>
34. LUDGERO BRAGA NETO / NI 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/92608544337800>
35. ROMULO CASSIO BERTUSI /EEFE-USP 2008-D Bolsista de Produtividade em  
Pesquisa do CNPq - Nível 2 <http://lattes.cnpq.br/6471278386232940>
36. SILVIA REGINA DECHAMPS / AUTÔNOMA: PSICÓLOGA E COACH 2008-  
D<http://lattes.cnpq.br/49749882140233>
37. ADRIANO EDUARDO L DA SILVA / 2008 a 2013(UFAL)2014.UFPE-DE 2009-  
D<http://lattes.cnpq.br/0458762470614776>
38. ANA LUCIA PADRAO DOS SANTOS / E EFE- USP 2009-  
D<http://lattes.cnpq.br/4411724921375329>
39. ANDRE DOS SANTOS COSTA /DEF) 2009-  
D<http://lattes.cnpq.br/9846819271734920>
40. CRIVALDO GOMES JUNIOR / UEL. 2009-  
D<http://lattes.cnpq.br/658111562750470>
41. DALMO ROBERTO LOPES / EEFÉ- RP – USP 2009-  
D<http://lattes.cnpq.br/963632339707210>
42. GUSTAVO ANDRE BORGES / UEOP 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/845069716124402>
43. HAMILTON AUGUSTO ROSCHEL DA SILVAEEFE-USP 2009-DBolsista de  
Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2  
<http://lattes.cnpq.br/8590499566979006>
44. JULIO CEZAR BATISTA FERREIRA – NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO  
ATUAL 2009-D<http://lattes.cnpq.br/727180996384626>
45. KATIA BRANDINA / UGF / EEFJ 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/9318168809205855>
46. MARCOS AUGUSTO ROCHA UEL 2009-  
D<http://lattes.cnpq.br/2442896962581321>
47. PAULO FELIZ MARCELINO CONCEIÇÃO / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO  
ATUAL 2009-D <http://lattes.cnpq.br/9223854032668507>

48. PAULO HERIQUE MARQUETTI / UNIMEP 2009-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/25932138313860
49. VICTOR HUGO ALVES OKAZAKI /UEL 2009-D:  
http://lattes.cnpq.br/6001623592355733
50. CAMILA TORRIANE –PASIN /- EEFÉ-USP 2010-D  
http://lattes.cnpq.br/4437947315163588
51. FERNANDA ROBERTA ROQUE REDONDO / NÃO INFORMOU  
INSTITUIÇÃO ATUAL 2010-D/lattes.cnpq.br/2124429710903532
52. FLAVIO DE OLIVEIRA PIRES /GEPsE- CNPq),2010-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/1256465247257763
53. FLAVIO HERIQUE BASTOS / EEF-USP 2010-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/1159369285771275
54. GILBERTO CANDIDO /NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2010-D:  
http://lattes.cnpq.br/5180093008579104
55. LUCIANO BASSO /EEFE-USP,2010-D  
http://lattes.cnpq.br/7953995903257137
56. MAURO ALEXANDRE BENITES BATISTA / UNIP 2010-D:  
http://lattes.cnpq.br/253250301981031
57. MEICO FUGITA / PROFESSOR MUNICIPAL 1080-20102010-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/5400811879403301
58. BRUNO GUALAMO / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2010-D :  
http://lattes.cnpq.br/1709968253015428
59. RAONI PERRUCCI / UFL-MG 2010-D  
http://lattes.cnpq.br/6203459556139097
60. SERGIO ROBERTO OLIVEIRA / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2010-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/2538870314384927
61. ALEXANDRE VELLY NUNES / UFRGS 2011-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/2319591021614752
62. CLEVERTON JOSE FARIAS DE SOUZA/ UFAM 2011-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/1333241542378574
- 63.FABIA HELENA CHIORBOLI ANTUNESC P. 2011-  
Dhttp://lattes.cnpq.br/3270850077848818

64. FABIANA BRAGA BENATTI / EEF-USP 2011-D:  
<http://lattes.cnpq.br/0227991715057814>
65. FLAVIO CASTRO MAGALHAES / UFVJM 2011-  
D<http://lattes.cnpq.br/6808683355117720>
66. FLAVIO SOARES ALVES / UNESP-RC 2011-  
D<http://lattes.cnpq.br/0847878711211793>
67. NELO EIDY ZANCHI / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2011-  
D<http://lattes.cnpq.br/2360408543467916>
68. NILO MASSARU OKUNO / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2011-  
D<http://lattes.cnpq.br/4921169330181659>
69. SERGIO RICADO DE S OLIVEIRA Q NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2011-  
D/[lattes.cnpq.br/5755569745226185](http://lattes.cnpq.br/5755569745226185)
70. ALINE FAQUIN / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2012-  
D<http://lattes.cnpq.br/193125881332728>
71. FABIANA FERNANDES DE FREITAS/NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO 2012-  
D: <http://lattes.cnpq.br/0896630180000577>
72. GUILHERME GIANNINI ARTIOLI / EEF- USP 2012-  
D<http://lattes.cnpq.br/7797827593708315>
73. LEONARDO LAMAS LEANDRO RIBEIRO: NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO  
2012-D<http://lattes.cnpq.br/9122582351005452>
74. LUIS ROBERTO GRASSMANN BECHARA / NÃO INFORMOU INSTITUIÇÃO  
2012-D<http://lattes.cnpq.br/2214391087625817>
75. MARIANA HARUMICRUZ TSUKAMOTO / EACH-USP 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/9523207351290596>
76. MICHELI VIVIENI CARBINATTO / EEF-USP 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/812144515301713>

## **UNICAMP**

1. ALCIDES JOSÉ SCAGLIA/ UNICAMP,2003-  
D<http://lattes.cnpq.br/6052868681786447>
2. CAMILA COELHO GRECO /UNESP-DE2003-D  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível  
1D<http://lattes.cnpq.br/7416129894680689>



3. CONSTANTINO O JUNIOR / UEPG 2003-D  
<http://lattes.cnpq.br/7934725111247478>
4. ELIANA LUCIA FERREIRA / UFJF 2003-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/7220418694683125>
5. JEANE BARCELOS SORIANO / UEL 2003-DV:  
<http://lattes.cnpq.br/853564677001506>
6. JOSE ANTONIO STRUMENDO BARBOSA / UNIP 2003-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/6182552681978079>
7. MARCOS MORAES / NÃO INFORMOU INTITUIÇÃO 2003-D:  
<http://lattes.cnpq.br/4835863291869239>
8. MARILIA VELARDI/ EACH-USP 2003-D<http://lattes.cnpq.br/3899581671566950>
9. RITA MARIA DOS SANTOS PUGA BARBOSA FEFF-UFAM. 2003-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/074504321656175>
10. RITA DE C GARCIA VERENGEUR / UPM 2003-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/0802538412669084>
11. SANDOVAL MONTEIRO / NÃO INFORMOU INSTTUIÇÃO 2003-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/4490112934998173>
12. SILVIA AMARAL / UNCAMP2003-D  
<http://lattes.cnpq.br/6047872599542482>
13. SIMONE RECHIA / UFP 2003-D  
<http://lattes.cnpq.br/5265139315424802>
14. VAGNER BERGAMO/ PUC-CAMPINAS 2003-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/4611138031518190>
15. ELAINE M. B. COSTA / UEPB 2004-D  
: <http://lattes.cnpq.br/6585812032940319>
16. EVALDO BECHARA UERJ 2004-D  
<http://lattes.cnpq.br/6123600312587019>
17. EVANDRO R.ROMAN / NÃO INFORMADO 2004-  
<Dhttp://lattes.cnpq.br/1865863319189592>
18. FREDERICO DELOROSO / UFU 2004-D  
<http://lattes.cnpq.br/7940626824255655>
19. GUANIS DE BARROS/ UNIMEP 2004-D  
<http://lattes.cnpq.br/9565184547775807>

20. JOSE IRINEU GORLA2004-D  
<http://lattes.cnpq.br/4345051116071444>
21. LUIS ANTONIO S.CAMPOS UFTM 2004-D:  
<http://lattes.cnpq.br/5364849248453335>
22. MARIA CECILIA / FE-LIM 2004-D  
: <http://lattes.cnpq.br/1551608827937781>
- 23.MARINA VINHA /UFGD.2004-D  
<http://lattes.cnpq.br/1240287048254463>
- 24.MEY DE ABREU VAN MUNSTER UFSC 2004-  
D<http://lattes.cnpq.br/7861049737421476>
- 25.PEDRO PAULODEPRA / UEM 2004-D  
: <http://lattes.cnpq.br/1068980185495185>
26. RUTH EUGENIA AMARANTE CIDADE / UFPR 2004-  
D<http://lattes.cnpq.br/392686581756527>
27. ADILSON SIQUEIRA /UFSJ 2005 D  
: <http://lattes.cnpq.br/0140391284870531>
28. ANA ELVIRA WUO / NÃO INFORMADO 2005-  
D<http://lattes.cnpq.br/0861896066422077>
29. CARLOS ALEXANDRE /UNIP 2005-D  
: <http://lattes.cnpq.br/3357632901736816>
30. CARMEN BRADL / UFOPR 2005-D  
<http://lattes.cnpq.br/9799932668144959>
31. EDMUR STOPPA / EACH- USP 2005-D  
<http://lattes.cnpq.br/1303396760085915>
32. FERNANDO MASCARENHAS / UNB 2005-  
D<http://lattes.cnpq.br/0192944139535494>
33. GILMAR DE CARVALHO CRUZ / UECOPR 2005-D:  
<http://lattes.cnpq.br/2305518769010186>
34. HERMES FERREIRA BALBINO /UNIMEP-PIRACICABA 2005-D  
<http://lattes.cnpq.br/5859240421942647>
- 35.IEDA PARRA /UEM 2005-D  
<http://lattes.cnpq.br/8875226890794702>
36. LUCIANE FERNANDA / UFTM 2005-D

<http://lattes.cnpq.br/1908326132192216>

37. LUIS FERNANDO / UFPEL 2005-D

<http://lattes.cnpq.br/6971218275582379>

38. MARGARETH ANDERAOS / NÃO INFORMADO 2005-D:

<http://lattes.cnpq.br/5020652184474703>

39. SOLON JOSE / UFPB 2005-D

[lattes.cnpq.br/8132074751519382](http://lattes.cnpq.br/8132074751519382)

40. SONIA MARIA / UEM 2005-D

: <http://lattes.cnpq.br/5215973671022198>

41. TACITO PESSOA / UFPR 2005-D

: <http://lattes.cnpq.br/8008156127351506>

42. ADEMIR SCHIMIDT / NÃO INFORMADA 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/4873502830926445>

43. ALCYANE MARINHO / UDESC 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/7175741856017621>

**44. ALEXANDRE MOREIRA / EEFÉ-USP 2006-D**

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível

2 <http://lattes.cnpq.br/5655930868903498>

45. CIRO WINCLER DE O. FILHO / UNIFESP 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/2067947156482139>

46. ERNESTO MARQUEZ FILHO / NÃO INFORMADO 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/8688732728512357>

47. GIULIANO G. DE A. PIMENTEL / UEM/UEL 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/5074388036246808>

48. GLAUCIA G; MANTELLINI / UB-SUIÇA 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/5604042219664944>

49. JOSE CARLOS DE A MORENO / UNIFEB, 2006-D

: <http://lattes.cnpq.br/5955834789223802>

50. JOSE RONALDO M. FASSHEBER / UECOPR 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/6484810469192211>

51- JULIANA MARTUSKELI DAS. PRADO / CEPE-AUTONOMA 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/6459840688762159>

52. LEONARO G. DAS. NETO / NÃO INFORMADO 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/2349868259726870>

53. MARCUS VINICIU M.DE ALMEIDA / UFRJ 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/6393289558414593>

54. MARIA CAROLINA PEREIRA RODRIGUES / NÃO INFORMADO 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/1026263931402762>

55. JOSE CARLOS DE FREITAS BATISTA /NÃO ENCONTRADO2006-D

56.NELSON PRUDENCIO. UFSC 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/4962987176417964>

57. RENATO GARIBALDI MAURI /UNASP 2006-D

<http://lattes.cnpq.br/1087063095361940>

58. ALEXANDRE J.DRIGO / UNIP 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/1601803897923830>

59. KARINE JACON SARRO /UFES 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/1443196356181154>

60. MINEIA C RODRIGUES / UFMT 2007-D

: <http://lattes.cnpq.br/3438650012489760>

61. MOREIRA E. C. / NÃO ENCONTRADO 2007-D

62. NILTON MUNHOZ GOMES ? 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/4146880572096811>

62. NILVA PESSOA DA SILVA / UFG 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/0602612029382047>

63. TATIANA PASSOS ZILBERBERG /UFC 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/0984604132813403>

64. VALDOMIRO DE OLIVEIRA / UFPR 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/6294139982602854>

65. ADALBERTO DOS SANTOS SOUZA /UFESP 2008-D

<http://lattes.cnpq.br/9266351809713996>

66. ALEXANDRE IDEKI OKANO / UFRN 2008

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 (\*\*\*)

<http://lattes.cnpq.br/9586370984131426>

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

67. CINTIA LOPES DA SILVA /UNIMEP 2008-D

<http://lattes.cnpq.br/5208944598940957>

68. EDSON MARCELO HUNGARO / UNB 2008-D  
: <http://lattes.cnpq.br/1385612484699042>
69. ENIO RICARDO V.ROQUE / UEL E UEM/UEL 2008-D  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível  
<http://lattes.cnpq.br/3612754707916354>
70. FABRICIO B.D.VECCHIOFEF/UNICAMP,2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/4479595583234972>
71. GLAUCIO C.G.DE MATOS / UFAM 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/3029233831909914>
72. HELENA BRANDÃO VIANA / NÃO INFORMADO 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/0493494212541998>
73. JEFFERSON EHESPANHOL / PUC-CAMPINAS 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/2838547400204502>
- 74.LEANDRO R. ALTIMARI / UEL/UEM 2008-D  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível  
[2http://lattes.cnpq.br/7986038717117704](http://lattes.cnpq.br/7986038717117704)
75. LIANA A. ROMERA / UFES 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/8157972720636940>
76. LUIS ALBERTO LINZMAYER GUTIERREZ2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/0123928424406416>
- 77.MARCO A.B.DE ALMEIDA / USP 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/7182630037303885>
78. MONICA CALDAS HEREMBERG / FEUSP).2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/3991784226921700>
- 79.PAULO CEZAR MARINHONÃO ENCONTRADO2008-D
80. ROSANE BELTRAO DA CUNHA CARVALHO/ NÃO INFORMADO 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/7562812554226522>
81. SILVIA PAVESI SBORQUIA / NÃO INFORMADO 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/1534979791179976>
- 82.TEUMARIS REGINA BUONO LUIZ / NÃO INFORMADO 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/4343557509928316>
83. VAGNER R MARCELINO / UNISO,2008-D  
: <http://lattes.cnpq.br/5761999546155451>

84. WILTON C DE SANTANA / UEL2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/6653242661785836>
85. AYLTON J F JUNIOR / USJT 2009-D  
: <http://lattes.cnpq.br/1107427417348652>
86. CARLOS APARECIDO ZAMAI / NÃO INFORMADO 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/9404435103152489>
87. CLAUDINEI FERREIRA DOS SANTOS / UENPR 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/3714147530384082>
88. EMERSON LUIS VELOSO / UNCOPR 2009-D  
: <http://lattes.cnpq.br/6228700231927300>
89. LAURITA M SCHIAVON / UNESP/RC 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/9214608426553939>
90. MILTON SHOIT MIUTA / FCA- UNICAMP - Limeira.2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/8816732984323088>
91. RACHEL P B FLORENCE / NÃO INFORMADO 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/8900176699629024>
92. RENATA CRISINA DI GRAZIA / UNICAMP E UNIP 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/2510994841896280>
93. RITA DE FATIMA DA SILVA / NÃO INFORMADO 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/4696703886385634>
94. RODRIGO APARECIDO A LEITAO / UFGF 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/3067533886314474>
95. SERGIO RICARDO PASETTI / NÃO INFORMADO 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/4309115874809782>
96. VAGNER SERGIO CUSTODIO / UNESP 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/0520917673964692>
97. VALBER LAZARONAZARETH / MA-AFA 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/2646021202178861>
98. VANESSA HELENA SANTANA DALLA DÉA /UFG 2009  
<http://lattes.cnpq.br/4747115499551611>
99. AUGUSTO C. BARBOSA / NÃO INFORMADO 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/2303487440500839>
100. CHARLES RICARDO LOPES / UNIMEP 2010

- : <http://lattes.cnpq.br/3316410060835556>
101. DECIO ROBERTO CALEGARI / UEM 2010-D  
: <http://lattes.cnpq.br/3194666192909430>
102. JOSIAS FERREIRA DA SILVA / UERR 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/8790975990989937>
103. LARISSA RAFAELA GALATI / CDS-UFSC.2010-D  
: <http://lattes.cnpq.br/3409947437523352>
104. MARIO HEBLING CAMPOS / UFG 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/7453152742646125>
104. DIAS C.A.G. NÃO ENCONTRADO 2010-D
105. RENATO F.R. MARQUES / USP-RP 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/4801504303151999>
106. ROGERIO CRUZ DE OLIVEIRA / UNIFESP-BS 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/5847188428462650>
107. RUBENS VENDITTI JUNIOR / UNESP-CB 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/5024374872735878>
108. SABRINA TOFFOLI LEITE / UFG 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/6351645870630235>
109. ALETHA SILVA CAETANO / NÃO ENCONTRADO 2011-D  
: <http://lattes.cnpq.br/4171573715274578>
110. ANDRESA DE SOUZA UGAYA / UNIP 2011-D  
: <http://lattes.cnpq.br/4952020883947768>
111. ANGELA NOGUEIRA N.B. CAMPANA / NÃO ENCONTRADO 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/4721384280570656>
112. ANGELICA LODOVICO / AO ENCONTRADO 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/1531644499164694>
113. CLEITON A. LIBARDI / UFSCar 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/8953409094842074>
114. DENIS MARCELO MODENEZE / NÃO ENCONTRADO 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/9937651395195369>
115. EDUARDO BODNARIUC FONTES / UCB 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/5147519104600801>
116. ESTELA MARIANA. BOCCALETTO / NÃO ENCONTRADO 2011-D

: <http://lattes.cnpq.br/1097650424139706>

117.FELIPE ARRUDA MOURA /UEL 2011-D

: <http://lattes.cnpq.br/3281585283454985>

118.JOSIANE FUGISAWA F. DE FREITAS / NÃO ENCONTRADO 2011-D

<http://lattes.cnpq.br/5144788653014954>

119.JULIANA CESANA /UNIFEB2011-D

<http://lattes.cnpq.br/4740421668001236>

120.MARCO ANTONIO COSSIO-BOLAÑOS / NÃO ENCONTRADO 2011-D

<http://lattes.cnpq.br/1690438035201545>

121. RAFAEL POMBO MENEZES /NÃO ENCONTRADO 2011-D

<http://lattes.cnpq.br/8335701518600636>

122.THIAGO GUEDES RUSSOMANNO / UNB 2011-D

<http://lattes.cnpq.br/8482869045896469>

123.UBIRATAN SILVA ALVES / DOCENTE ENSINO SUPERIOR 2011-D

<http://lattes.cnpq.br/3660864010905086>

124.ALFREDO CEZAR ANTUNES / UEPG 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/0960979160330230>

125.ANA PAULA C PEREIRA / UNIFOA 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/4361070051135118>

126. FERNANDA DE ARAGAO E RAMIREZ2012-D

<http://lattes.cnpq.br/0909169067000773>

127.JAQUELINE GIRNOS SONATI / NÃO INFORMADO 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/4220027227510686>

128. JOSE CARLOS RODRIGUES JUNIOR/ NÃO INFORMADO 2012-D

: <http://lattes.cnpq.br/0495906141690947>

129.LUCILENE FERREIRA / FEFBB 2012 D

<http://lattes.cnpq.br/7032253177836837>

130.LUCINAR J.F.FLORES / UNIOESTE 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/9155115767080843>

131.LUIZ SEABRA JUNIOR /UNPINHAL 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/5292743578317159>

132.MARCIO PEREIRA MORATO /EEFERP-USP.2012-D

<http://lattes.cnpq.br/9994250103393100>



133. RAFAEL CARVALHO DE MORAES NÃO ENCONTRADO 2012-D

134. OLIVIA CRISTINA FERREIRA RIBEIRO / NÃO INFORMADO 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/8387738817946304>

134. TANIA LEANDRA BANDEIRA / NÃO INFORMADO 2012-D

<http://lattes.cnpq.br/4585922691491247>

### **UFRGS**

1. ATOS PRINZ FALKEMBACH / UNIVATES, 2003-D

<http://lattes.cnpq.br/6713403242965776>

2. CLAUDIA TARRAGÔ CANDOTI / UFRGS 2003-D

<http://lattes.cnpq.br/4694549111336499>

3. IVAN PACHECO / AUTONOMO –MÉDICO 2003-D

<http://lattes.cnpq.br/1864242503085031>

4. LISIANE TORRES E CARDOSO / UFRGS 2003-D

<http://lattes.cnpq.br/7619637945388545>

5. MARCIO ALVES DE OLIVEIRA / UM-USA 2003-D

<http://lattes.cnpq.br/2861675665932071>

6. MÉRÍ ROSANE S. DA SILVA / UFRGS, 2003-D

: <http://lattes.cnpq.br/7853698790212265>

7. ADRIANE VIEIRA / UFRGS 2004

<http://lattes.cnpq.br/9959982484216408>

8. CLAUDIA RODRIGUES DE FREITAS / NEPIE/FACED/UFRGS 2004-D

<http://lattes.cnpq.br/5266827280052272>

9. MAURO VIRGILIO G. DE BARROS UNIPE 2004-D

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

<http://lattes.cnpq.br/4011800687498916>

10. MARIA CECILIA G GÜNTHER / UFSM 2006-D

: <http://lattes.cnpq.br/6651158378681076>

11. ALEXANDRE RAMOS LAZZAROTO / CULS 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/3160565425445420>

12. ANTONIO CARLOS DOURADO / UEL 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/9090435510558813>

13. CLAUDIA DORNELES SCHNEIDER / UFCS 2007-D

<http://lattes.cnpq.br/3307163061803100>

14. FLAVIO ANTONIO DE SOUZA CASTRO / 2007-D  
<http://lattes.cnpq.br/7358099699936458>
15. JERRI LUIZ RIBEIRO / CUM 2007-D  
<http://lattes.cnpq.br/5909161642669202>
16. ADRIANA BERLEZE / UFRGS 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/2066070786940845>
17. ADRIANA MORÉ PACHECO / UFRGS 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/9777098147311699>
18. ALEXANDRE C. MARQUES / UFPEL 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/0583626591829141>
19. ANA CLARA BONINI ROCHA / UNB 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/2116511872790806>
20. ANNELIESE SCHONHORST /-NAO ENCONTRADO 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/6499458024334571>
21. FABIANO BOSSLE /UFRGS 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/5973186167388983>
22. LEONARDO ALEXANDRE P. TARTARUGA / UFRGS 2008-D  
<http://lattes.cnpq.br/6799014309725419>
23. SODRE M.L.M.F - NÃO ENCONTRADO 2008-D
24. ALEXANDRE LUIS DA S. RITTER / NÃO INFORMADO 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/7110652165765444>
25. ANGELICA ALICE JAEGUER /UFSM 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/0333589846842920>
26. CINTIA MUSSI A STOCHERO / IFCTRGS 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/2978187630584295>
27. ELISANDRO SCHULTZ WITTIZORECKI /UFRGS 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/2732121599274507>
28. FELIPE PIVETTA CARPES / UNIFPAMPA E UFSM 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/4752530725363240>
29. FERNANDO AMANCIO ARAGAO/ UNIOESTE, 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/0787409249587716>
30. FERNANDO DIEFENTHAELER 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/2959942304916445>

31. GABRIEL GUSTAVO BERGMANN / UNIFPAMPA 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/7751701952514459>
32. MARCELO FARIA SILVA / UFCSPA 2009-D  
<http://lattes.cnpq.br/4210992123202641>
33. MAURICIO DA SILVA KRAUSE - ENCONTRADO 2009-D  
Bolsista de Atração de Jovens Talentos do CNPq  
<http://lattes.cnpq.br/7989040959035699>
34. SILVA E.R. NÃO ENCONTRADO 2009-D
35. CARLA SKILHAN DE ALMEIDA / UFRGS 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/0930308800858893>
36. CLAUDIA ALTIMAYER PERRONE / NÃO INFORMADO 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/1628945409900759>
37. FERNANDO JAIME GONZALES / URNRGS 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/2914978770769541>
38. LUIS EDUARDO C THOMASSIM / UFPR – GRADUAÇÃO 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/0668015745469201>
39. OLANDO LAITANO L NETO / UFVFSF 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/0271060398254573>
40. SIOMARA APARECIDA DA SILVA / UFOP. 2010-D  
<http://lattes.cnpq.br/8239101448086758>
41. CRISTINE LIMA ALBERTON ESEF/UFPEL -RS. 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/2775060719288282>
42. DANIEL CARLOS GARLIPP/ NÃO INFORMADO 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/6300249681535312>
43. EDMILSON SANTOS DOS SANTOS / UFVFSF 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/3343812582438699>
44. GIOVANI DOS SANTOS CUNHA. / IFECTF 2011-D  
: <http://lattes.cnpq.br/2542175588640674>
45. GUILHERME GARCIA HOLDERBAUN / FACVEST E CEO-ESEF-UFRGS.  
2011-D <http://lattes.cnpq.br/8814259479208375>
46. MARCUS LEVI L. BARBOSA / CNPQ 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/3070406698521610>
47. VIVEIROS J.P. - NÃO ENCONTRADO 2011-D

48. RAFAEL REIMANN BATISTA/ PU RS 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/3050041150325700>
49. THIAGO GOMES HECK /UNIJUI 2011-D  
<http://lattes.cnpq.br/1807845200526002>
- 50.ADRIANO TORRES DE LEMOS /UFCSPA.2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/1277233719178877>
- 51.ANDRE LUIZ DOS S. SILVA /NOA INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/1108349688580038>
- 52.ANDREIA SILVEIRA DA FONTOURA / ULB 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/9189823702239306>
53. BARBARA COIRO SPESSATO / NÃO INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/3023247002778588>
- 54.BRUNO MANFREDINI BARONI /UFCSPA 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/0753700791326765>
- 55.EDUARDO LUSA CADORE / NÃO INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/3081925668583886>
56. GIOVANI FELIPE E.FRIZO/NÃO INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/2344138672288053>
57. ILEANA VENETZ / NAO INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/2590401305796612>
- 58.JOELLY MAHNIC DE TOLEDO/ NAO INFORMADO2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/1593904512148903>
59. LISANDRA OLIVEIRA E SILVA/ NÃO INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/4441928217102748>
- 60.MAURO MISKIW / UNIOESTE 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/3089650179595241>
61. DIAS C.P. -NÃO ENCONTRADO2012-D
- 62.RICARDO PEDROSO SALDANHA / NÃO ENCONTRADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/5527394540187848>

**UDESC**

- 1.RICARDO BRANDT/ NÃO INFORMADO 2012-D  
<http://lattes.cnpq.br/0444897614413339>
2. MARTINS A.C.V. – NÃO ENCONTRADO 2012-D